



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO (CTC)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA E GESTÃO DO
CONHECIMENTO

Bobiquins Estêvão de Mello

Ontologia do Monoteísmo

Florianópolis, SC
2021

Bobiquins Estêvão de Mello

Ontologia do Monoteísmo

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento.

Orientador: Prof. Francisco Antonio P. Fialho, Dr.

Coorientador: Prof. José Leomar Todesco, Dr.

Florianópolis, SC

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Mello, Bobiquins Estêvão de
Ontologia do Monoteísmo / Bobiquins Estêvão de Mello ;
orientador, Francisco Antonio Pereira Fialho,
coorientador, José Leomar Todesco, 2021.
261 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em
Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Engenharia e Gestão do Conhecimento. 2. Ontologia.
3. Monoteísmo. 4. Hermenêutica. 5. Ética. I. Fialho,
Francisco Antonio Pereira. II. Todesco, José Leomar. III.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. IV. Título.

Bobiquins Estêvão de Mello

Ontologia do Monoteísmo

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Roberto C. S. Pacheco, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Rogério Cid Bastos, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Gilbraz de Souza Aragão, Dr.
Universidade Católica de Pernambuco

Prof. Giancarlo Guizzardi, Dr.
Universidade de Twente, Países Baixos

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento.

Coordenação do Programa de
Pós-Graduação

Prof. Francisco Antonio P. Fialho, Dr.
Orientador

Prof. José Leomar Todesco, Dr.
Coorientador

Florianópolis, SC, 2021.

Esta tese é dedicada a quem trabalha pela paz no seu mundo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos durante o período de meu doutoramento, bem como à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que me acolheu no seu Centro Tecnológico (CTC) para a consecução do mestrado e do doutorado.

Meu agradecimento ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia, Gestão e Mídia do Conhecimento (PPGEGC), às servidoras e servidores, professoras e professores, alunas e alunos que, com o respeitoso convívio, tornaram-se amigas e amigos.

Meu muito obrigado ao Departamento de Informática da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), que permitiu um período de estágio doutoral nas dependências do Núcleo de Modelagem Conceitual e Ontologias (NEMO), e aos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, que aceitaram minha matrícula para participar de disciplinas isoladas.

Agradeço aos meus familiares, tias e tios, primas e primos, às amigas e aos amigos que tornaram minha infância e adolescência em Faxinal do Soturno, RS, períodos virtuosos e alegres, especialmente durante a ocorrência do Grupo Escoteiro Campo do Meio com os chefes Bric e Gica, ocasião em que grande parte da forja de meu caráter aconteceu. Às minhas afilhadas Carolina, Catherina, Júlia, Alexandra, Raiane, Stefana e Milena, e aos meus afilhados Diogo, Rodrigo, Henrique, Eduardo, Francisco e Gabriel, alguns recebidos pelos sacramentos da tradição católica, outros, pelo meu coração, declaro minha admiração e meu amor.

Tivemos, eu e Rose, anjos guardiães ao nosso lado que tiveram de atuar durante este período de doutoramento. Minha gratidão à Dra. Tarcila Dal Pont, à Dra. Anne Calbusch Schmitz e à Dra. Maria Luiza Nagel. Todas elas, ao lado de suas equipes, com muito carinho e competência, possibilitaram que a vida prosseguisse e que esta tese fosse finalizada.

Agradeço a Deus que permitiu que eu chegasse até aqui, aos meus avós Achilles e Helena, e Prudêncio e Selma, à minha irmã Lili Marlene e aos meus pais Marli e Antônio, que permitiram minha vida e escreveram em minh'alma os princípios morais fundamentais.

Gratidão aos mestres e professores em minha jornada terrena, que modelaram as minhas capacidades e tendências, corrigindo-as na direção do bem pensar, do bem agir e do conhecimento verdadeiro.

Sou muito grato às amigas e amigos que convivem comigo nos dias de hoje, irmãs e irmãos de caminhada que não deixam que a solidão se instale dentro de mim.

Gratidão especial à Roseleine, minha esposa amada, que está sempre ao meu lado iluminando os meus dias e preenchendo meu horizonte de esperança.

Não há conhecimento sem conhecimento do conhecimento.
(MORIN, 2012a)

As cartas de Paulo não são menos dirigidas a mim do que aos Romanos, aos Gálatas, aos Coríntios e aos Efésios.
(RICOEUR, 1987)

*Age unicamente de acordo com a máxima tal que possas querer que **não seja** o que **não deveria ser**, a saber, o mal.*
(RICOEUR, 2014)

Não haverá paz entre as nações sem paz entre as religiões.
(KÜNG, 1993)

O fundamental é a minha decisão ético-política, minha vontade nada piegas de intervir no mundo.
(FREIRE, 2013)

Deus é um singleton.
(FALBO, 2019)

O que é odioso para ti, não o faças ao teu próximo; isto é toda a Torá.
(HILLEL, s.d. apud LENHARDT; COLLIN, 1997)

Assim, tudo quanto quereis que os homens vos façam, assim também fazei vós a eles, pois esta é a Lei e os Profetas.
(JESUS, s.d. apud MATEUS, 2013)

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque fechais o reino dos céus diante dos homens; pois vós não entraís, nem deixais entrar os que estão entrando!
(JESUS, s.d. apud MATEUS, 1993)

Não tomes a ninguém como teu modelo. O companheiro mais esclarecido e dedicado é tão frágil e falível quanto o és tu mesmo.
(FRANCO; ÂNGELIS, 2014)

A ignorância é a fonte comum do desequilíbrio. E se esse ou aquele grupo de criaturas busca impedir as manifestações do bem, é que desconhece, por enquanto, as bênçãos do Céu.
(EMMANUEL; XAVIER, F. C., 2013)

RESUMO

Por que as religiões causam violência e sofrimento? foi a aflição que motivou esta pesquisa e que resultou na *Ontologia do Monoteísmo* (OntoM). As religiões mais influentes do mundo — Judaísmo, Cristianismo e Islamismo — foram reunidas, pelos seus textos fundamentais, num artefato tecnológico que poderá servir de base para futuros experimentos e aplicações de apoio à interpretação e compreensão das *Escrituras*. Trata-se de uma pesquisa inter e transdisciplinar que reúne um objeto da área de Ciência da Religião e Teologia com o tratamento de metodologias da Filosofia e da Engenharia do Conhecimento. O desenvolvimento da tese explicitou problema da interpretação no domínio dos textos monoteístas que ocasiona problema do conhecimento entre os adeptos das religiões, o que gerou a questão de pesquisa: *como apoiar a interpretação do conhecimento religioso monoteísta?* Oferecemos como resultado desta tese uma ontologia de referência, um modelo conceitual do domínio do Monoteísmo, que pode ser o primeiro passo para o desenvolvimento de *softwares* dedicados para sistemas de conhecimento e hermenêutica. A **OntoM** modela o conhecimento religioso em nível de realidade espiritual projetada pelo texto, e conecta esses conceitos com os da realidade material através da constituição do ser humano na *Hermenêutica da Faticidade* de Martin Heidegger, da *Hermenêutica Filosófica* de Paul Ricoeur, e da *Ética Global* de Edgar Morin e de Hans Küng. Concluímos que os conceitos do Tanakh, da Bíblia, do Alcorão e do Pentateuco Kardeciano podem ser representados em conjunto em um artefato computacional com vistas ao processamento de linguagem natural com finalidade hermenêutica.

Palavras-chave: ontologia. monoteísmo. judaísmo. cristianismo. islamismo. espiritismo. complexidade. transdisciplinaridade. hermenêutica. ética. tanakh. bíblia. alcorão. kardec.

ABSTRACT

Why religions cause violence and suffering? was the affliction that motivated this research which resulted in the *Ontology of Monotheism* (OntoM), a tech artifact which uses the concepts from foundational texts of Monotheism to unite the most influential religions of the world — Judaism, Christianity, and Islam —, aiming for future experiments and software applications to support *Scripture's* interpretation and understanding. Our thesis is an inter and transdisciplinary research which joins an object from Study of Religion and Theology field, with methodologies from Philosophy and Knowledge Engineering. We have found interpretation matter in the domain that causes knowledge issues among religious believers. This finding leads to our research question: *how to support the interpretation of monotheistic religious knowledge?* The result of the thesis is a reference ontology, a conceptual model of Monotheism's domain, which can be the first step to the development of dedicated software in knowledge and hermeneutics systems. The [OntoM](#) models the religious knowledge in the level of the spiritual reality projected by the text and connects these concepts with material reality through the human being structure from the categories of Heidegger's *Hermeneutics of Facticity*, besides the Ricoeur's *Philosophical Hermeneutics* and the *Global Ethics* from Edgar Morin and Hans Küng. We conclude that the concepts of the Tanakh, the Bible, the Quran and the Kardecian Pentateuch can be represented together in a computational artifact for processing in natural language systems with hermeneutical purposes.

Keywords: ontology. monotheism. judaism. christianity. islam. spiritism. complexity. transdisciplinarity. hermeneutics. ethics. tanakh. bible. quran. kardec.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Experimento t-SNE.	63
Figura 2 – Fluxograma do projeto OntoM.	66
Figura 3 – Pentagrama de Morin: o jogo do mundo; cada termo em complementaridade e antagonismo com os demais.	84
Figura 4 – Autoética: vencendo a barbárie interior.	88
Figura 5 – Ética planetária: ética perante a espécie humana e o planeta.	91
Figura 6 – Estratégia de Interações efetivas Transaberes (EslneT).	98
Figura 7 – Estratégias de pesquisa.	102
Figura 8 – Ontologias quanto ao nível de generalidade.	133
Figura 9 – Fragmento da UFO.	134
Figura 10 – Dimensões do processo cognitivo e do conhecimento na taxonomia de Bloom revisada.	137
Figura 11 – Processos da abordagem SABiO.	144
Figura 12 – Diferentes níveis de realidade: interconexão pelo ser humano.	147
Figura 13 – Modelo conceitual: interconexão pelo ser humano.	149
Figura 14 – Diferentes níveis de realidade: interconexão pela hermenêutica.	151
Figura 15 – Modelo conceitual: interconexão pela hermenêutica.	152
Figura 16 – Diferentes níveis de realidade: interconexão pela ética.	154
Figura 17 – Modelo conceitual: interconexão pela ética.	155
Figura 18 – Conceitos comuns no domínio monoteísta.	159
Figura 19 – Modelo conceitual do Monoteísmo (McM).	161
Figura 20 – Arquitetura da Ontologia do Monoteísmo.	180
Figura 21 – Caso 1: discurso em gênero profético.	182
Figura 22 – Caso 2: discurso em gênero narrativo.	185
Figura 23 – Caso 3: objeto ético contemporâneo.	188
Figura 24 – Objetivos e implicações da Ontologia do Monoteísmo.	199

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Teses (T) e dissertações (D) afins sobre ontologias, processamento de linguagem natural e <i>corpus</i>	37
Tabela 2 – Revisão da literatura 2021.	40
Tabela 3 – Revisão da literatura 2018.	40
Tabela 4 – Publicações do autor.	49
Tabela 5 – Diferentes traduções e versões de livros religiosos sobre reservar um dia por semana para Deus.	54
Tabela 6 – Relação semântico-contextual entre Bíblia e Alcorão.	60
Tabela 7 – Questões de Competência: complexas (QCc).	144
Tabela 8 – Questões de Competência: básicas do ser (QCb-ser).	147
Tabela 9 – Classes da interconexão pelo ser humano.	148
Tabela 10 – Questões de Competência: básicas da hermenêutica (QCb-hm). . .	150
Tabela 11 – Questões de Competência: básicas da ética (QCb-et).	153
Tabela 12 – Questões de Competência: básicas do Monoteísmo (QCb-mnt). . .	156
Tabela 13 – Classes estruturais da sub-ontologia MNT (Monoteísmo).	157
Tabela 14 – Conceitos da sub-ontologia MNT (Monoteísmo).	158

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- BERT** *Bidirectional Encoder Representations from Transformers*, p. 38, 49, 58, 59, 62, 187, 198
- CPN** Ciência Pós-normal, p. 101–103
- EC** Engenharia do Conhecimento, p. 35, 36, 38, 47, 131, 135
- e.g.** *exempli gratia* (por exemplo), p. 36, 42, 44, 45, 52, 53, 57, 62, 94, 95, 107, 108, 115, 123, 125, 127, 135, 137, 146, 148, 159, 168, 179, 194
- EGC** Engenharia e Gestão do Conhecimento [curso de], p. 35, 38, 39
- EsIneT** Estratégia de Interações efetivas Transaberes, p. 97, 98, 101, 105, 198
- FOAF** *Friend of a Friend Vocabulary Specification*, p. 47, 145, 147, 163, 181, 202
- GC** Gestão do Conhecimento, p. 35, 36, 45, 47, 53, 131
- HF** Hermenêutica da Faticidade (*Hermeneutics of Facticity*), p. 146–148, 181
- IA** Inteligência Artificial, p. 49, 187, 198
- ID** Interdisciplinaridade, p. 94–96
- i.e.** *id est* (isto é; ou seja), p. 41, 42, 44, 46, 48, 53, 95, 97, 133, 143, 154, 172, 178
- iff** *if and only if* (se e somente se), p. 173
- M2PC** Modo 2 de Produção de Conhecimento, p. 101, 103–105
- MC** Mídia do Conhecimento, p. 35
- McM** Modelo conceitual do Monoteísmo, p. 38, 135, 161
- ML** *Machine Learning*, p. 41, 42
- MNT** Monoteísmo (sub-ontologia, *Monotheism*), p. 148, 157
- NEMO** Núcleo de Estudos em Modelagem Conceitual e Ontologias, p. 38
- NLP** *Natural Language Processing*, p. 37, 41, 42, 49, 59
- OntoM** Ontologia do Monoteísmo, *Ontology of Monotheism*, p. 11, 13, 36, 38, 47, 49, 53, 55, 58, 59, 92, 96, 99, 123, 125, 131, 133, 135, 143, 145, 149, 152, 157, 159, 162, 163, 167, 175, 197, 202
- PP** Princípio Pluralista, p. 101–103
- PPGEGC** Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, p. 35–39, 45, 77, 105, 143
- PSC** Proximidade semântico-contextual, p. 58–62, 187
- SABiO** *Systematic Approach for Building Ontologies*, p. 47, 144–147, 159, 161, 197
- SiM** Sistema de ideias do Monoteísmo, p. 82
- TD** Transdisciplinaridade, p. 93–95, 106
- tiM** Textos institucionais do Monoteísmo, p. 35, 69, 76, 79, 145, 149, 153, 155–157, 166, 176, 183, 186, 187, 197, 198, 202, 203
- UFES** Universidade Federal do Espírito Santo, p. 38, 39, 145
- UFO** *Unified Foundational Ontology*, p. 47, 145, 147, 148, 153, 181, 202
- UFSC** Universidade Federal de Santa Catarina, p. 35

SUMÁRIO

	Lista de figuras	15
	Lista de tabelas	17
	Lista de abreviaturas e siglas	19
	INTRODUÇÃO	25
I	APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	33
1	DAS ALEGAÇÕES	35
1.1	ADERÊNCIA AO PPGE GC	35
1.2	REVISÃO DA LITERATURA	39
1.3	MOTIVAÇÃO	44
1.4	JUSTIFICATIVAS	46
1.5	PUBLICAÇÕES DO AUTOR	49
2	DO OBJETO	51
2.1	CONHECIMENTO MONOTEÍSTA COMO OBJETO	52
2.2	A QUESTÃO DAS TRADUÇÕES	53
2.3	A ESCOLHA DO PENTATEUCO KARDECIANO	55
2.4	A ESCOLHA DO ALCORÃO	58
2.4.1	Experimento BERT	59
2.4.2	Experimento t-SNE	62
3	DOS OBJETIVOS	65
3.1	ESCOPO E DELIMITAÇÃO	65
3.2	PROBLEMA DE PESQUISA	67
3.2.1	Questão de pesquisa	71
3.2.2	Objetivo geral	71
3.2.3	Objetivos específicos	71
II	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	73
4	COMPLEXIDADE E CONHECIMENTO	75
4.1	NATUREZA	75
4.2	VIDA	76
4.2.1	Ecologia das ideias	76
4.2.2	A complexidade viva	76
4.3	CONHECIMENTO	77
4.3.1	Ciência, Filosofia e Religião	77
4.3.2	Método e metodologia	78
4.3.3	Princípios da inteligibilidade	79

4.4	IDEIAS	80
4.4.1	Sistema de ideias	81
4.4.2	Paradigma	82
4.5	HUMANIDADE	83
4.5.1	O pentagrama de Morin	84
4.6	ÉTICA	85
4.6.1	Ética individual (ou <i>Moral</i>)	87
4.6.2	Ética social (ou <i>Ética na comunidade</i>)	88
4.6.3	Ética planetária (ou <i>Ética universalista</i>)	91
5	TRANSDISCIPLINARIDADE	93
5.1	INTERDISCIPLINARIDADE	94
5.2	ESTRATÉGIAS TRANSDISCIPLINARES	97
5.2.1	Estratégia de Interações efetivas Transaberes (EslneT)	97
5.2.1.1	Aplicações da Ontologia do Monoteísmo	99
5.3	AÇÕES TRANSDISCIPLINARES	105
6	RELIGIÃO E HUMANIDADES	107
6.1	MONOTEÍSMO	107
6.1.1	Espiritismo	109
6.1.2	Islamismo	112
6.1.3	Cristianismo	113
6.1.4	Judaísmo	114
6.2	CIÊNCIA(S) DA RELIGIÃO E TEOLOGIA	116
6.3	FILOSOFIA	118
6.3.1	Fenomenologia	119
6.3.2	Ontologia Fundamental	120
6.3.3	Hermenêutica da faticidade	121
6.4	HERMENÊUTICA	122
6.4.1	A hermenêutica bíblica	125
6.4.2	O problema da interpretação	126
7	ENGENHARIA DO CONHECIMENTO	131
7.1	ONTOLOGIA	131
7.1.1	Nível de fundamentação	133
7.2	O PROBLEMA DO CONHECIMENTO	135
III	PROCEDIMENTOS	141
8	METODOLOGIA	143
8.1	<i>SYSTEMATIC APPROACH FOR BUILDING ONTOLOGIES</i>	143
8.1.1	Interconexão de diferentes realidades pelo ser humano	145
8.1.2	Interconexão de diferentes realidades pela hermenêutica	149

8.1.3	Interconexão de diferentes realidades pela ética	152
8.1.4	Conceitos comuns do Monoteísmo	155
9	ONTOLOGIA DO MONOTEÍSMO	161
9.1	CONCEITOS DA ONTOM	162
9.2	ARQUITETURA DA ONTOM	180
9.3	CASOS DE USO	181
IV	EPÍLOGO	191
10	REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO	193
11	TRABALHOS FUTUROS	197
	CONCLUSÃO	201
	REFERÊNCIAS	207
	GLOSSÁRIO	239
	ANEXO A – DIÁLOGO COM UM PADRE	243
	Índice remissivo	261

INTRODUÇÃO

Por que as religiões causam violência e sofrimento?

Esta pergunta sempre me inquietou intelectualmente. Causou mais desconforto, desta vez moral, quando passei para a condição de religioso praticante. A inquietação vinha da flagrante contradição entre a mensagem religiosa — de amor, paz e fraternidade — e as ações promovidas pelas instituições como, por exemplo, o caso da Inquisição da Igreja Católica. Ou, para ficar nos dias atuais, o da revivescência dos *vendilhões do templo* em algumas denominações evangélicas brasileiras. O desconforto veio de estar participando do sistema; ou sistemas, já que estive adepto de pelo menos duas denominações religiosas. Não considero, nesta conta, a minha origem cristão-católica no período compreendido entre meu nascimento, em 1964, e a adolescência, embora tenha participado de vários *sacramentos* da Igreja, os rituais que marcam a vida do fiel desde sua tenra infância: o Batismo, a Eucaristia ou Primeira Comunhão, e a Crisma ou Confirmação. Convivi por anos, eu e minha irmã Lili, com a rotina de Penitência ou Reconciliação — o ato de confessar os pecados ao padre Osvaldo Cremonese, da paróquia de Faxinal do Soturno, no interior do Rio Grande do Sul. Apesar da insipidez espiritual (o ápice da minha experiência religiosa eram os festejos comemorativos ao padroeiro São Roque) sinto gratidão pelo Catolicismo, pois ali foi plantada a semente da minha fé. Embora em idade de inconsciência, ainda imaturo na compreensão, as ideias de *Deus*, de *Jesus Cristo* e de *Maria de Nazaré* ficaram em estado de latência para posterior germinação e desenvolvimento. À adolescência, seguiu-se período de afastamento religioso, num estado de quase ateísmo, quando as idas às igrejas eram eventos sociais — batismos, casamentos, funerais etc.

O retorno à religiosidade aconteceu em 1994, já com o diploma de Engenheiro Eletricista sob o braço, quando encontrei Rose, minha esposa. Adepta do Espiritismo, doutrina cristã iniciada na França do século 19, ela participava das atividades de um dos centros espíritas de Passo Fundo. A casa religiosa era o único lugar onde eu podia encontrá-la e foi a opção para iniciar o namoro. Embora atraídos pela vida no mundo espiritual que era detalhada na obra de Allan Kardec, não permanecemos ligados a qualquer instituição específica. Escolhemos Florianópolis como morada e começamos a experimentar doutrinas esotéricas e outras práticas espiritualistas. Fui tarólogo, reikiano e caminhei 800 quilômetros no Caminho Aragonês à Santiago de Compostela; imiscuí-me no Zen Budismo, mais pelo encanto de Rose do que por minha própria atração.

O mais próximo que estive de me perder no caminho do mal foi quando conheci a comunidade Palmeira¹, numa cidade ao sul de Minas Gerais. Amplamente fundamentada em livros do líder da seita, já falecido, eu e Rose nos ligamos ao pequeno

¹ O nome foi alterado para não constranger os membros da comunidade, que ainda está em funcionamento.

grupo de seguidores que havia, à época, na capital catarinense. Em menos de um ano eu era coordenador do grupo. Passávamos temporadas na comunidade dita alternativa, em áreas rurais, realizando trabalhos voluntários. Havia cerca de 300 residentes no local, naqueles dias, número que podia se elevar a dois mil nos encontros gerais. Grande parte dos residentes eram pessoas que deixaram suas vidas urbanas, doaram seus bens à comunidade e viviam a rotina ditada pelos dirigentes. Quando o grupo de Florianópolis viajava para Minas Gerais, ficávamos na *Fazenda 3*, também conhecida como *Área Silêncio*, onde morava o líder da comunidade. O verniz de espiritualidade pura e fraternidade não resistiu ao olhar mais atento de quem estava em posição privilegiada como observador, hospedado por semanas no mesmo local do dirigente religioso, testemunhando suas atitudes no cotidiano, longe da exposição pública. Esta etapa principiou a finalizar quando fomos convidados a residir em Palmeira: eu seria o coordenador de projetos e minha esposa, coordenadora de informática. Declinamos do convite. Pouco tempo depois, quando as evidências das intenções ocultas se acumularam e as contradições morais e éticas ficaram evidentes, expus os fatos ao grupo de Florianópolis. Fui expulso da seita por uma carta manuscrita, enviada pelos Correios. Escrevi um livro, publicado em 2010, sob o pseudônimo de *Stephen Play*, chamado *ERAS — Despertar*, contando esta experiência e as situações que presenciei, no qual transcrevi a missiva final, *ipsis litteris*.

O efeito colateral mais danoso de minha experiência em Palmeira foi o blecaute cognitivo-espiritual que seguiu. Por quase dois anos, experimentei o sentimento ateu-niilista em profundidade, resultado da doutrinação baseada em desinformação, condicionamento mental e idolatria. Havia sabedoria e conhecimento útil nos livros oferecidos pela comunidade que eram, contudo, recheados de desvios e sofismas. Cito alguns poucos, para não entediar a leitora ou o leitor: os nomes de Jesus e Maria eram alterados sob a alegação de que “já haviam evoluído e estavam em outro estágio”, assim como eram introduzidas outras entidades que deviam ser veneradas com mantras ininteligíveis; era ensinada uma pseudociência, desenvolvida e implantada por alguns dirigentes, que incluía alimentos, terapias e medicamentos duvidosos.

Quando as ideias de Deus, Jesus e Maria estavam quase apagadas, tanto em mim quanto em Rose, um sinal de alerta nos despertou. Retornamos lentamente ao convívio com a Espiritualidade. Tal como calouros de um curso básico, recomeçamos a estudar o Cristianismo pelo olhar da Doutrina Espírita. O ano era 2011. Iniciamos, então, um ciclo de aprendizagem virtuoso em duas casas espíritas. Na primeira, centro espírita tradicional da cidade, estive nas experiências de monitor de cursos e diretor de departamento — gestor ligado à presidência. Na outra, casa recém-fundada, fui coordenador de grupo mediúnicos de 2017 a 2019, também intitulado *esclarecedor, dialogador ou doutrinador* no meio espírita. Após esta experiência, desliguei-me para me dedicar à conclusão desta tese.

O desconforto, referido no início deste introito, esteve presente em todas as experiências que narrei, em maior ou menor grau. Pertencer ao sistema, como me expressei, significa estar ligado a uma instituição religiosa e ser, de certa maneira, corresponsável pelas ações institucionais — boas ou não, corretas ou equivocadas. Reiterando minha gratidão a todas elas pelo conhecimento adquirido, incluindo a comunidade mineira, tracei duas hipóteses — não excludentes, mas complementares — que sinalizam um norte à angústia que abriu meu texto: por que as religiões causam violência e sofrimento?

Nossa² primeira hipótese é que há *problema da interpretação* do conhecimento religioso, e sustenta-se nas obras de Paul Ricoeur, Pierre Lenhardt e Matthieu Collin, principalmente, que dissertaram sobre os conflitos, erros e deficiências nas exegeses judaica e cristã. Em havendo problema da interpretação dos textos religiosos — no recorte do objeto desta pesquisa, os textos institucionais do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo —, a consequência inexorável é o problema de *utilização do conhecimento*, aqui entendido como problema na compreensão e na aplicação do conhecimento religioso; ou seja, em sendo verdadeira, esta hipótese suscita a seguinte.

A segunda hipótese é que há *problema do conhecimento*, subentendendo-se aqui o ponto de vista da Gestão do Conhecimento. Sucintamente, podemos apontar a questão do *compartilhamento* deficiente do conhecimento, quando um recurso é transmitido de uma fonte a um recipiente de maneira incompleta ou equivocada, além da já citada utilização do conhecimento. Refiro-me ao compartilhamento e utilização do conhecimento na cadeia de agentes religiosos que vai do adepto ao teólogo, do indivíduo que segue e memoriza orientações religiosas, ao que produz exegeses. Estas hipóteses serão objeto de aprofundamento no [Capítulo 6](#) e no [Capítulo 7](#).

Consideradas procedentes essas causas, os efeitos colocam-se ao alcance do entendimento. Violência e sofrimento ocasionados por guerras e conflitos de origem religiosa podem ter sua gênese, parcial ou completa, na má gestão e na interpretação imprópria do conhecimento explicitado na Bíblia hebraica, na Bíblia cristã, no Alcorão e no Pentateuco Espírita, conjunto de livros que é o objeto da presente tese.

O conhecimento é o objeto do *Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento*, o que abre flancos de pesquisa em muitas direções dentro da problematização apresentada, complexa em vários aspectos. Nossa linha investigativa foi para *apoiar a interpretação do conhecimento religioso monoteísta*, usando os

² Por vezes, utilizaremos em nosso texto o plural majestático em detrimento da forma impessoal. Somos, desta forma, coerente com a orientação de Edgar Morin que, ao sintetizar *complexidade* em sete princípios, reintroduziu o sujeito do conhecimento em todo o conhecimento (MORIN, 2014a, p. 96) (MORIN, 2012a, p. 30). Parafrazeando Morin, no texto desta tese eu passo do *eu* ao *nós*, e do *nós* ao *eu*. O *eu* não é de pretensão, é tomada de responsabilidade do discurso. O *nós* não é de majestade, é de reconhecimento aos *Outros* e às *Outras* que carrego dentro de mim (MORIN, 2013, p. 46). *Outros* e *Outras* são as professoras e os professores que tive, mestres em minha vida, a quem presto sincera homenagem. Todas e todos são coautores ocultos desta tese.

métodos e recursos da Engenharia do Conhecimento, associados às metodologias próprias das Humanidades, nas suas áreas de Ciência da Religião e Teologia, e Filosofia, como relatamos no [Capítulo 3](#). Tal empreitada não poderia, por conseguinte, ter caráter apenas disciplinar. Atentos para a complexidade do problema e para o transbordo entre as fronteiras dos saberes citados, abraçamos a *Teoria da Complexidade*, ampliada no [Capítulo 4](#), de Edgar Morin e suas diretrizes gerais sobre *Transdisciplinaridade*. Falo diretrizes gerais porque Morin, junto a Basarab Nicolescu e outros pensadores, teorizou longamente sobre o tema, definindo conceituações em alto nível, usando aqui a linguagem da Engenharia de Software, quando temos conceitos amplos e genéricos, como o rigor, a tolerância e a abertura em relação aos mitos e às religiões, bem como o reconhecimento da existência de diferentes níveis de realidade, regidos por lógicas diferentes, definindo premissas para a pesquisa transdisciplinar. Foi, e continua sendo, nosso guia primeiro, o qual podemos denominar *escola europeia de transdisciplinaridade*.

Temos, contudo, o foco da Engenharia do Conhecimento de produzir um artefato tecnológico. Nesta condição, bebemos na fonte da *escola americana de transdisciplinaridade*, conforme proposta por Robert Frodeman, Julie Thompson Klein e Roberto C. S. Pacheco, especialmente no que diz respeito à priorização em solução de problemas. Esta linha de direcionamento intersecciona com a *Ciência Pós-Normal* e com o *Modo 2 de Produção de Conhecimento*, conceitos que apresentam convergência com o *Princípio Pluralista*, formulação teológica apresentada por Claudio de Oliveira Ribeiro que não só transcende como também transgride a ortodoxia religiosa vigente, abrindo espaço para os *entre-lugares* das crenças e para a *decolonialidade*. O detalhamento sobre transdisciplinaridade, os conceitos e as teorias próprios das Ciências Humanas estão no [Capítulo 5](#) e no [Capítulo 6](#).

Assumindo essas proposições, desenvolvemos a Estratégia de Interações efetivas Transaberes (EsIneT), uma estratégia dialógica de interações entre os *agentes do saber*, focada na solução de problemas complexos, descrita em artigo publicado no corrente ano na Paralellus, Revista de Estudos da Religião da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Este artigo foi resultado de minha participação na disciplina de *Diálogo Inter-religioso*, em 2020, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG. A EsIneT, descrita na [Seção 5.2.1](#), é o ponto de partida de nossa pesquisa e, por consequência, desta tese de doutorado — a *Ontologia do Monoteísmo* (OntoM).

Minha inquietação e meu desconforto encontraram referência em Hans Küng, cujo trabalho, até o final de sua vida, em abril deste ano, foi encontrar valores comuns às religiões do mundo — não violência, justiça, veracidade, por exemplo — e conectar a teoria religiosa com o tema da *ética*. Fazemos coro à sua relação de causa e efeito de *paz entre as religiões* e *paz entre as nações*, a segunda dependente da primeira.

Sendo verdadeira, é afirmação preocupante, na medida em que oitenta por cento das quinze mil guerras registradas na história recente da Humanidade têm origem religiosa, segundo o Espírito Manoel Philomeno de Miranda, psicografado por Divaldo Pereira Franco. Eventualmente faremos uso e referenciaremos autores que não tinham corpo físico na ocasião da redação dos textos, e que a realizaram através de um *médium*, para usar a terminologia dos textos do domínio monoteísta, que é o nosso objeto de estudo. Estamos, assim, coerente com os princípios da Transdisciplinaridade e com o resultado da pesquisa, a OntoM, que contempla os conceitos de *Espírito*, *Agente Espiritual* e *Pessoa* para compor o aspecto trino do ser humano. Buscamos, acima de tudo, não contraditar a minha própria observação da *realidade espiritual*, que coexiste com a *realidade material*, durante as vivências religiosas que tive, especialmente nas reuniões mediúnicas quando, literalmente, eu conversava com os “mortos” todas as quartas-feiras à noite.

A questão da formação trinitária dos seres humanos tem papel central na Ontologia do Monoteísmo. Mencionada desde os primeiros textos monoteístas, a teoria dos renascimentos sucessivos dos seres humanos só teve sua definição e detalhamento nos livros de Allan Kardec, no século 19. O Espírito imortal, criado por Deus, tem um Agente Espiritual que atua encarnado ou desencarnado. O processo de encarnação se dá concomitante com a gestação de um bebê, que inicia uma vida no mundo físico. Este ser humano (re)nasce e irá morrer, eventualmente, e o Agente Espiritual retorna para nova etapa de vida no mundo espiritual, preparando-se para novo (re)nascimento; e assim sucessivamente. Este axioma — do ser trino — permite representar os conceitos e as relações do domínio monoteísta, assim como instanciar, exemplificar, as classes da ontologia.

Os conceitos da realidade material, contudo, são distantes dos da realidade espiritual, como você pode ter percebido ao ler os parágrafos anteriores. Falamos do distanciamento entre Ciência e Religião, especificamente. Houve tempos em que os Saberes da Humanidade estavam sob o jugo e o comando da religião institucionalizada e de seus dirigentes. As *Sagradas Escrituras* continham as leis para a sociedade e as respostas às indagações humanas; das questões de fé às dúvidas sobre fenômenos da natureza, tudo se explicava com base nos textos religiosos. A curiosidade e o empenho das mulheres e dos homens foi, parcimoniosamente, impondo o método científico sobre os dogmas religiosos, redefinindo um novo campo do saber — a Ciência, independente da Religião. Independência significou separação em dois polos, a ponto de a balança estar, no momento em que vivemos, na marca oposta, ou seja, tudo é técnica e tecnologia, o cientificismo impera e, o que não passa pelo seu crivo, inexistente ou é quimérico. Um conceito como “Espírito” é inarredável no saber religioso e causa espécie no científico; “evolucionismo darwiniano” é conceito pacificado na Ciência, mas repellido na Religião.

Atentos a esse cenário de polarização ainda não mitigado, concebemos a *rede de ontologias* que forma a OntoM: um nível de fundamentação, com conceitos mais abrangentes que representam a realidade material; um nível de domínio, com conceitos específicos do mundo religioso, segundo a doutrina monoteísta; e um nível intermediário, um *núcleo* que faz a interface entre fundamentação e domínio. Buscamos na Filosofia o conhecimento necessário para criar este núcleo, especificamente nos trabalhos de Martin Heidegger e de Paul Ricoeur. As categorias elaboradas pelo filósofo alemão para a sua *Ontologia Fundamental*, no subprojeto da *Hermenêutica da Faticidade*, serviram para a concepção deste nível, assim como a *Hermenêutica Filosófica* do pensador francês. Religião e Ciência intermediadas pela Filosofia, como demonstraremos no [Capítulo 8](#).

O nível de fundamentação foi resolvido com o reuso do vocabulário *Friend of a Friend* (FOAF) e da *Unified Foundational Ontology* (UFO), sendo esta mantida por um grupo de cientistas baseados na Universidade Federal do Espírito Santo. Em 2019, realizei estágio doutoral no NEMO — Núcleo de Estudos em Modelagem Conceitual e Ontologias — da UFES. Inserido no laboratório, em contato diário com alunas e alunos, tive o privilégio da orientação da professora Monalessa Perini Barcellos e dos professores Vítor Estêvão Silva Souza, João Paulo A. Almeida e Ricardo de Almeida Falbo³. Ricardo, de saudosa memória, também é responsável pelo desenvolvimento do SABiO, *Systematic Approach for Building Ontologies*, que incluímos em nossos procedimentos. Não haveria *Modelo conceitual do Monoteísmo* no estágio de maturidade que apresentamos no [Capítulo 9](#) sem a participação das pessoas do NEMO; a todas e todos dirijo meu sincero agradecimento.

A Ontologia do Monoteísmo não é um fim em si mesma, mas sim o início de um processo para se chegar a um sistema de conhecimento que possa *auxiliar* no cruzamento entre o *mundo do texto* e o *mundo do leitor*, na aproximação do polo do texto com o polo da interpretação, nas palavras de Paul Ricoeur.

Reiteramos nosso objetivo, a ação de apoiar a interpretação do conhecimento religioso monoteísta com a tecnologia científica disponível, sem nos comprometer em firmar julgamento à veracidade ou não dos textos em questão, mas sim reconhecer a imensa influência que as escrituras monoteístas exercem sobre a maioria da população da Terra, e a necessidade de ações transdisciplinares que favoreçam a compreensão e a aplicação benéfica dos ensinamentos religiosos.

Foi com esse intuito que buscamos a parceria do Professor Bernardo Pereira Nunes da *Australian National University*, que atua no *College of Engineering and Computer Science* e no *College of Arts and Social Sciences*, a quem estendemos nossa gratidão. Iniciamos uma pesquisa com o Google BERT — *Bidirectional Encoder Representations from Transformers* — fazendo o processamento do *corpus* monoteísta, inici-

³ *In memoriam.*

almente da Bíblia e do Alcorão, cujos textos estão semiestruturados em base aberta. Os resultados⁴ foram animadores, já que o BERT é um modelo de aprendizagem de linguagem natural e consegue identificar afinidades semânticas e contextuais entre os textos que estão sendo estudados. Uma parte desta pesquisa justifica algumas escolhas que fiz para esta tese e está detalhada no [Capítulo 2](#). Entretanto, este é um cenário que diz respeito ao prosseguimento da pesquisa da Ontologia do Monoteísmo após a etapa de doutoramento; são trabalhos futuros que dissertamos no [Capítulo 11](#).

Nosso fito com esta prolixa *Introdução* foi proporcionar entendimento também à pessoa leiga em pesquisa acadêmica. Procuramos favorecer a legibilidade do texto mitigando as distrações inevitáveis das referências bibliográficas e do excesso de notas de rodapé. Minha expectativa é de que a leitura tenha sido agradável e interessante até aqui, e que aconteça o ímpeto em ir adiante. Se não seguir, fique com meu agradecimento pelo tempo e interesse dispensados, além da certeza de que você já sabe, resumidamente, do que trata minha pesquisa.

A partir deste parágrafo, iremos atender ao formalismo científico que demanda uma tese de doutorado, buscando suprir as exigências do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (PPGEGC), além de estar em conformidade com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), especificamente com a norma NBR 14724:2011: Informação e documentação — Trabalhos acadêmicos. Esta tese foi editada em ambiente *LaTeX Overleaf* usando *abnTeX2: Modelo de Trabalho Acadêmico (tese de doutorado)* da equipe de Lauro César Araujo, com as customizações realizadas por Alisson Lopes Furlani para a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), segundo as orientações da Biblioteca Universitária (BU).

⁴ Disponíveis em <https://github.com/estevaomello/OntoM>; o *site* oficial da tese é <https://ontom.org/>; a gravação da defesa desta tese, realizada em 13 de outubro, 2021, pode ser vista em <https://www.youtube.com/watch?v=bSgVx0yFVg>.

Parte I

Apresentação da pesquisa

1 DAS ALEGAÇÕES

Este capítulo contém os argumentos e evidências sobre o posicionamento da presente tese no [PPGEGC](#), do qual fazemos parte desde 2016. Expomos, também, a nossa trajetória dentro do programa, as escolhas que fizemos, a motivação para abordar o tema do Monoteísmo, bem como as justificativas que sustentam a elaboração de uma tese.

1.1 ADERÊNCIA AO PPGEGC

O Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento ([EGC/UFSC](#)) iniciou em seis de julho de 2004 na área básica de Engenharia, Tecnologia e Gestão, com área de avaliação Interdisciplinar. A nota do curso, o conceito CAPES, tanto para mestrado quanto para doutorado, é seis, sendo sete a nota máxima da escala ([CAPES, 2016](#)). As áreas de concentração são Engenharia do Conhecimento ([EC](#)), Gestão do Conhecimento ([GC](#)) e Mídia do Conhecimento ([MC](#)), que buscam abranger as visões de mundo cognitivista, autopoietica e connexionista, respectivamente ([PPGEGC; SETIC-UFSC, 2021a](#)).

O objeto de estudo desta tese é o conjunto de textos fundamentais da doutrina monoteísta, os quais nominamos *textos institucionais do Monoteísmo* ([tiM](#)) por ser o *corpora* que embasa o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo, tendo como objetivo apoiar a interpretação desses textos (ver [Seção 3.2.2](#)). Trata-se da base teórica escrita das referidas religiões, o *conhecimento monoteísta* que os adeptos religiosos têm como referência. Concretamente, nosso objeto de pesquisa está contido em oito livros, nas suas edições¹ mais costumeiras: o Tanakh (também conhecido como Bíblia hebraica), do Judaísmo; a Bíblia cristã e o Pentateuco Kardeciano (ou Codificação Espírita), do Cristianismo; e o Alcorão (ou Corão), do Islamismo.

Nossa pesquisa está inserida na área de [EC](#), na linha de pesquisa de *Modelagem e Representação do Conhecimento*, que “estuda abordagens da Engenharia do Conhecimento para a modelagem e representação do conhecimento” ([PPGEGC; SETIC-UFSC, 2021b](#)). Participo do Núcleo de Estudos e Desenvolvimentos em Conhecimento e Consciência ([PPGEGC, 2021c](#)), liderado pelo meu orientador, o Professor Francisco Fialho, e do Laboratório de Engenharia do Conhecimento ([PPGEGC, 2021b](#)), liderado pelo meu coorientador, Professor José Leomar Todesco. Nesta tese, usamos métodos e técnicas da [EC](#), tais como o OntoKEM ([LABORATÓRIO DE ENGENHARIA DO CONHECIMENTO \(LEC\), 2019](#)) e o *Systematic approach for building ontologies* —

¹ A Torá, que faz parte do Tanakh, pode ser encontrada em edição separada, assim como o Novo Testamento, que é parte da Bíblia cristã. A Codificação Espírita é composta por cinco compêndios: *O Livro dos Espíritos*, *O Livros dos Médiuns*, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*, que também podem ser encontrados em volume único.

SABiO (FALBO, 2014), *e.g.*, para propor a Ontologia do Monoteísmo (OntoM), artefato tecnológico que oferecemos à sociedade.

Embora alinhados prioritariamente com a EC, esta pesquisa tem intercâmbio com os sistemas da *Gestão do Conhecimento*, considerando CONHECIMENTO como “conteúdo ou processo efetivado por agentes humanos ou artificiais em atividades de geração de valor científico, econômico, social ou cultural” (PACHECO, 2016), e entendendo que o conteúdo de fundamentação do Monoteísmo foi efetivado por agentes humanos em atividades de geração de valor social e cultural, principalmente, e que perduram até hoje. Andrea Steil propôs sete subsistemas da GC, os quais fizemos uso para organizar os textos religiosos nos termos da Engenharia e Gestão do Conhecimento, como, por exemplo, a tarefa de DISTRIBUIÇÃO DO CONHECIMENTO, o papel exercido pelos profetas, profetisas e médiuns através de discursos e proclamações a seguidores, adeptos ou estudiosos. Foram esses últimos que efetivaram a CODIFICAÇÃO DO CONHECIMENTO, o armazenamento ou “representação do conhecimento existente de modo que ele possa ser acessado e transferido” (STEIL, 2007).

Esta tese incorpora as três visões do conhecimento — cognitiva, conexcionista e autopoietica — de forma integrada, como proposto por Machado, Fialho e Moussa: uma dimensão integral do conhecimento (MACHADO *et al.*, 2016). O olhar que lançamos ao domínio monoteísta necessita do olhar cognitivo sobre o simbólico, os conceitos religiosos que são representados na OntoM. “O símbolo dá o que pensar”, postula Ricoeur (2016, p. 134–142), e um símbolo suscita uma compreensão, que está, a um só tempo, *no* símbolo e *além* do símbolo, o que demanda a visão conexcionista. A tradição oral gerou as escrituras religiosas², que foram interpretadas; essas interpretações foram verbalizadas e codificadas, gerando mais escrituras. E assim por diante, numa espiral de produção de conhecimento que cresce cada vez que a leitora, o leitor ou ouvinte encontra o texto ou o discurso³, ou seja, uma autoprodução contínua e autônoma que requer a visão autopoietica.

É o amplo acervo de teorias, métodos e técnicas do PPGECC, programa interdisciplinar em sua origem, que permitiu a consecução desta tese. Nosso objeto de pesquisa está na área de Ciência da Religião e Teologia. As metodologias de interpretação de textos religiosos estão na disciplina de Hermenêutica, que é também associada à área de Filosofia. Não haveria como realizar nossa pesquisa em um programa disciplinar como os citados anteriormente porque nossa pesquisa se posiciona como inter e transdisciplinar, razões que ficarão explícitas no Capítulo 5, dedicado às estratégias transdisciplinares que adotamos. Mesmo na situação de haver a modalidade multi ou interdisciplinar em algum programa de pós-graduação de Ciência da Religião, Teologia ou Filosofia, nosso objetivo permanece conectado, acima de tudo,

² A respeito disso, ver no Capítulo 6 as referências ao trabalho de Pierre Lenhardt e Matthieu Collin.

³ Paul Ricoeur (2010) usa as expressões “mundo do ouvinte ou leitor” e “mundo do texto” para caracterizar essa intersecção em sua *mimesis* III; sobre isso, ver Seção 6.4.

ao CONHECIMENTO como “unidade de análise para a compreensão” (NONAKA *et al.*, 2016, p. 169) do domínio monoteísta, retirando de nosso horizonte eventuais obstáculos à díade *explicação-compreensão*⁴ que possam surgir por vias dogmáticas ou de pureza disciplinar. Compreendo, hoje, que nossa pesquisa não teria seguimento em outro programa que estivesse ligado mais intimamente ao tema de nosso objeto — o Monoteísmo e sua interpretação. De certa forma, o PPGEGC, ao nos acolher, nos protege dessas potenciais interferências na medida em que o objeto do programa é o puro conhecimento. Enquanto pesquisador, decidimos abraçar a *ética transdisciplinar*, que

recusa toda e qualquer atitude que rejeite o diálogo e a discussão, qualquer que seja a sua origem — de ordem ideológica, científica, religiosa, econômica, política, filosófica. O saber compartilhado deve levar a uma compreensão compartilhada, fundamentada no respeito absoluto às alteridades unidas pela vida comum numa só e mesma Terra (CIRET, 2020, art. 13).

Esta pesquisa soma-se às oito teses e nove dissertações, parte⁵ delas relacionada na Tabela 1, realizadas no Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento nas temáticas de ontologias e processamento de linguagem natural (NLP), algumas em *corpus* (coleção de documentos de determinado domínio).

Tabela 1 – Teses (T) e dissertações (D) afins sobre ontologias, processamento de linguagem natural e *corpus*.

Autor (ano)	Título	Orientador/Coorient.	T/D
Faraco (2020)	Modelo de conhecimento baseado em tópicos de acórdãos para suporte à análise de petições iniciais	José Leomar Toledo/Alexandre Leopoldo Gonçalves	D
Ceci (2015)	Um Modelo Baseado em Casos e Ontologia para Apoio a Tarefa Intensiva em Conhecimento de Classificação com Foco na Análise de Sentimentos	Alexandre L. Gonçalves/Roberto C. S. Pacheco	T
Rotta (2013)	Modelagem do Conhecimento Legal Necessário na Elaboração de Sentenças em Processos na Área de Defesa do Consumidor	Aires José Rover /Denilson Sell	D
Ramos Jr. (2008)	Uma ontologia para representação do conhecimento jurídico-penal no contexto dos delitos informáticos	Aires José Rover	D
Beppler (2008)	Um modelo para recuperação e busca de informação baseado em ontologia e no círculo hermenêutico	Roberto C. S. Pacheco/Frederico T. Fonseca	T

Fonte: Elaborada pelo autor (PPGEGC, 2021a).

⁴ Edgar Morin e Paul Ricoeur trabalham esta relação, que será ampliada no Capítulo 4 e no Capítulo 6.

⁵ Relacionamos os trabalhos que tem mais afinidade com a presente tese, ou seja, as que interseccionam com ontologia, NLP e *corpus*.

Propor ou desenvolver uma ontologia de domínio faz parte dos objetivos de onze desses trabalhos, sendo o domínio jurídico o mais contemplado, com três trabalhos na área, (RAMOS JÚNIOR, 2008; ROTTA, 2013; FARACO, 2020), com os quais nossa tese tem maior afinidade em termos de objetivo, qual seja o de apoiar o entendimento sobre o conhecimento de um domínio complexo por parte dos usuários e agentes do mesmo. A presente pesquisa tem identidade de métodos com o trabalho de Beppler (2008), que utiliza o conceito de círculo hermenêutico, apropriado da Filosofia, para propor um *framework*⁶. Foram seis os trabalhos que utilizaram alguma técnica de processamento de linguagem natural — (SILVA, T. d. N. d., 2015; FARACO, 2020; TAXWEILER, 2016; CECI, 2015; WOSZEZENKI, 2016; ANDRADE, R., 2011) — sobre *corpus* estruturados e não-estruturados de texto. As metodologias e ferramentas mais citadas são Methontology, Ontology Development 101, Protegé e OntoKEM. Esta pesquisa foi realizada em julho de 2021.

Diferenciais da tese

Nossa pesquisa se diferencia das citadas no acervo do EGC em relação ao objeto de estudo — os textos religiosos do Monoteísmo —, algo inédito no âmbito do programa. A pesquisa no Banco de Teses e Dissertações do EGC (2021) com as palavras *religião, religiosidade, monoteísmo, judaísmo, cristianismo, islamismo, cristão, bíblia e alcorão* não teve retorno. A busca com as palavras *espírito e espiritualidade* mostraram trabalhos sem afinidade com a presente tese. Utilizamos a ferramenta OntoKEM (LABORATÓRIO DE ENGENHARIA DO CONHECIMENTO (LEC), 2019), produzida na EC do PPGECC, e trazemos uma abordagem nova para compor a metodologia de elaboração da OntoM: SABiO — *Systematic Approach for Building Ontologies*, sugestão do Professor João Paulo A. Almeida, acolhida em nosso estágio doutoral no NEMO (UFES). SABiO foi elaborada por Ricardo de Almeida Falbo (2014), que também nos orientou na ocasião. O McM foi elaborado em *Astah Professional* (CHANGEVISION, INC., 2021), uma ferramenta de modelagem UML que pode gerar código a partir de diagramas e vice-versa. O objetivo de nossa tese é APOIAR A INTERPRETAÇÃO do conhecimento religioso monoteísta, algo que a Ciência tornou viável, por exemplo, com o BERT — *Bidirectional Encoder Representations from Transformers* —, um algoritmo aberto de Inteligência Artificial do Google, que tem a capacidade de identificar o *contexto* da narrativa, o encadeamento do discurso expresso pelas frases, o que contribui para determinar o significado da palavra, o seu conteúdo *semântico* (NAYAK, 2019). Utilizamos o BERT nesta tese para demonstrar a relação entre os textos da Bíblia e do Alcorão.

⁶ Um *framework* identifica os elementos e suas relações entre os elementos a fim de nortear a análise, por exemplo, dos tipos de arranjos organizacionais (sistemas de comunicação, coordenação, controle e aprendizado) (CARVALHO, 2013, p. 313).

Planejamento estratégico

Nas rubricas de missão e visão, o **PPGEGC** propõe-se a promover o ensino, a pesquisa e a extensão sobre o conhecimento como elemento agregador de valor para a sociedade, tornando-se referência nacional e internacional nas suas áreas de atuação, objetivos detalhados no Mapa Estratégico do programa (**PPGEGC; SETIC-UFSC, 2021c**).

Temos a convicção de que o resultado desta tese é apenas o ponto de partida de uma pesquisa inter e transdisciplinar de longo percurso. Estabelecemos, assim, uma rede acadêmica colaborativa para dar suporte e longevidade à proposta que inclui cientistas da religião e teólogos dos programas de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, da Universidade Metodista de São Paulo, da Universidade Católica de Pernambuco e da Universidade Federal de Juiz de Fora, que também nos dá apoio com seu Departamento de Filosofia. No já citado estágio doutoral que realizamos em 2019, na Universidade Federal do Espírito Santo (**UFES**), estabelecemos relações com um grupo de engenheiros de ontologias. No âmbito internacional, estreitamos laços com o *Centro per le Scienze Religiose* (**FBK, 2021**), em Trento, na Itália, e com o *3A Institute*, sediado no *College of Engineering and Computer Science*, na *Australian National University* (**3A INSTITUTE, 2021**), especificamente com um dos laboratórios de pesquisa em Inteligência Artificial, o *Knowledge Representation & Reasoning* (**ANU COLLEGE OF ENGINEERING AND COMPUTER SCIENCE, 2019**).

Existe, portanto, a ambição de prosseguir esta pesquisa após o doutoramento, nos engajando nas metas do **PPGEGC** de consolidar a internacionalização do programa com uma forte rede de colaboração científica, contribuindo para tornar o **EGC** reconhecido nacional e internacionalmente.

1.2 REVISÃO DA LITERATURA

Atualizamos a revisão apresentada em novembro de 2018 (favor ver **Tabela 3**) aos membros da banca de qualificação. Mantivemos os mesmos critérios, excetuando uma nova chave de busca: o item 6 da **Tabela 2**. As buscas foram feitas com as mesmas palavras-chave nas bases selecionadas, diferenciadas em critérios próprios de cada plataforma. A pesquisa na Scopus (**2021**) buscou no título do documento, no resumo e na lista de palavras-chave, limitando às áreas de Ciência da Computação, Engenharia e Multidisciplinar, quando existirem⁷. Esta escolha se justifica pela intenção em rastreamos documentos que tiveram como objetivo a teorização ou implementação de uma ontologia a ser formalizada como artefato tecnológico da Engenharia do Conhecimento.

⁷ A contagem foi zerada nos casos de não haver publicações em nenhuma das três áreas.

Tabela 2 – Revisão da literatura 2021.

Busca	Palavras-chave	Scopus	ScienceDirect
1	ontolog* AND (quran OR alcorão OR corão)	89	29
2	ontolog* AND (bible OR bíblia)	7	72
3	ontolog* AND (torah OR torá)	2	10
4	ontolog* AND kardec	0	0
5	ontolog* AND (monotheis* OR monoteís*)	5	5
6	ontolog* AND “monotheistic religion”	1	0

Fonte: Elaborada pelo autor; pesquisa feita de 20–23 de julho, 2021.

Tabela 3 – Revisão da literatura 2018.

Busca	Palavras-chave	Scopus	ProQuest	BDTD
1	ontolog* AND (quran OR alcorão OR corão)	69	33	2
2	ontolog* AND (bible OR bíblia)	4	0	7
3	ontolog* AND (torah OR torá)	0	0	5
4	ontolog* AND kardec	0	0	0
5	ontolog* AND (monotheis* OR monoteís*)	3	0	0

Fonte: Elaborada pelo autor; informações de outubro, 2018.

As buscas na ProQuest (2021) e na BDTD (2021) usando os critérios de 2018 foram inconclusivas, na medida em que apresentaram resultados inferiores aos da busca anterior, o que pode indicar mudanças na base de dados ou nos métodos de busca das plataformas. Substituímos ambas pela ScienceDirect (2021), que foi incluída na Tabela 2. Esta plataforma não aceita caracteres genéricos⁸, de forma que *ontolog**, *monotheis** e *monoteís** foram substituídas por *ontology*, *monotheism* e *monoteísmo*. Limitamos as buscas às áreas de *Computer Science* e *Engineering*, pelas razões supracitadas.

O resultado das pesquisas foi exportado para arquivo de texto único e feita a exclusão manual por tipo de documento (ex.: retiramos anais, erratas, sumários etc.) e palavras-chave. Os documentos que não tivessem relação com a tecnologia de ontologia ou com o objeto de nossa pesquisa, os textos institucionais do Monoteísmo, foram desconsiderados. Feitas as devidas exclusões, restaram 76 documentos na Busca 1 (referência à primeira coluna da Tabela 2), dois documentos na Busca 2, e a mesma quantidade na Busca 3⁹ e na Busca 5, totalizando 82. A Busca 5 originalmente

⁸ São os chamados *wildcards* ou curingas, caracteres que são colocados nas chaves de busca e podem representar qualquer outro caractere. Ex.: o símbolo de asterisco (*) pode ser substituído por nenhum ou vários caracteres.

⁹ Um artigo se refere à Bíblia Hebraica, que inclui a Torá; o outro se relaciona ao *Midrash de Hagadá*, a exegese das sagradas escrituras do Judaísmo para o ensino teológico e espiritual (LENHARDT; COLLIN, 1997, p. 17–18).

apontava apenas um documento de nossa própria lavra (DE MELLO *et al.*, 2018). Incluímos nos critérios da *Busca 5* o artigo de Varghese e Punithavalli (2019) por ele tratar de um objeto similar ao da nossa pesquisa, embora não use a classificação relacionada ao domínio do monoteísmo. Esta foi a pesquisa com mais proximidade à nossa por utilizar os textos do Tanakh, da Bíblia e do Alcorão, propondo-se a realizar análise semântica e lexical usando aprendizagem de máquina (ML) e processamento de linguagem natural (NLP). O artigo entrega uma boa revisão das técnicas tradicionais de *Extração de Informação*¹⁰, as quais são aplicadas no *corpora* de textos religiosos, que tem relevância secundária na referida pesquisa. Apesar de citar outros trabalhos que usaram ontologias, esta tecnologia não é usada pelos autores, que reforçam as dificuldades encontradas por serem textos não estruturados; concluem que os métodos existentes não são suficientes para extrair “*meaningful insights*” (VARGHESE; PUNITHAVALLI, 2019, p. 3140) dos livros sagrados.

Entre as referências deste artigo, encontramos uma dissertação que propôs um *framework* para a detecção automática de similaridade entre textos sagrados usando mineração de texto e técnicas estatísticas que avaliam palavras e expressões por proximidade, similaridade e distância. O autor coloca questões interessantes, as quais também foram feitas durante a nossa pesquisa: os textos fundamentais das religiões abraâmicas¹¹ são realmente muito diferentes entre si? Qual a similaridade entre os textos bíblicos e os islâmicos? Como no artigo de Varghese e Punithavalli, foram usadas técnicas tradicionais de processamento de texto aplicadas sobre *capítulos*. A unidade de comparação utilizada pelo autor foi, em realidade, seções do Alcorão e de cinco livros da Bíblia (Gênesis, Êxodo, Deuteronômio, Isaías e Jeremias), porções normalizados pelo tamanho¹² para formarem blocos homogêneos que pudessem ser comparados. Como resultado, o pesquisador afirma a interseção entre o livro de Deuteronômio, da Bíblia, e quatro partes do Alcorão (*Juz* 1, 3, 14 e 26), concluindo a fraca relação entre os textos da Bíblia e do Alcorão, e a forte relação interna, *i.e.*, textos da Bíblia entre si e do Alcorão entre si (QAHL, 2014).

As demais 80 pesquisas são *intrarreligiosas*, trabalhando apenas sobre os textos de cada religião, com predominância do domínio islâmico. Esse é um primeiro aspecto que chama a atenção nesta revisão de literatura: o empenho dos pesquisadores em aplicar tecnologia sobre o texto do Alcorão e às demais escrituras do Islamismo, em posição muito além das pesquisas feitas com os textos do Judaísmo e do Cristianismo.

¹⁰ São as técnicas de pré-processamento de texto, e.g. *tokenization*, *tagging*, *lemmatization*, de classificação, de similaridade e de clusterização, entre outras.

¹¹ Terminologia relacionada ao Patriarca Abraão, que “é apresentado como mito fundacional dos três monoteísmos predominantes (Judaísmo, Cristianismo, Islamismo), cuja delimitação é convencional e arbitrária, pois não podem ser entendidos sem a sua relação mútua” (FUNARI, 2019).

¹² Recortes de texto de 30–32 kB (kilobytes), cerca de 30 mil caracteres, quantidade de texto equivalente aos capítulos um a nove do Evangelho de Mateus, um dos livros do Novo Testamento que integra a Bíblia.

Outro aspecto é o baixo crescimento das publicações científicas quando se observa os resultados da plataforma Scopus na [Tabela 3](#) e na [Tabela 2](#). Os números parecem indicar pouco interesse ou incentivo nos casos do Tanakh/Torá e da Bíblia, e exaustão técnica-tecnológica no caso do Alcorão.

Considerando que o nosso objeto de pesquisa é diferenciado, focalizamos a análise na abordagem tecnológica e nos métodos empregados por alguns autores, usando critério similar ao da [Tabela 1](#), quais sejam: trabalhos que envolvem processamento de linguagem natural, *corpus* e ontologias de domínio. Esta decisão é resultado do direcionamento que demos à pesquisa com a adoção da Hermenêutica em substituição da Linguística, disciplina que empregamos até a qualificação deste doutorado. Ao optarmos por análise hermenêutica, os artigos científicos que utilizam métodos de extração de informação usando unidades menores que a frase (palavras, morfemas, semas, *e.g.*) afastam-se do objetivo e da metodologia desta tese.

Coeckelbergs e Van Hooland (2016) usaram NLP para incrementar o processo de anotações semânticas na Bíblia Hebraica, o Tanakh. Ismail e colegas (2015) apontaram a incompletude e a demora na conclusão de uma ontologia do Alcorão para propor o uso de abordagens baseadas em NLP e ML para o desenvolvimento automático ou semi-automático da referida ontologia. A pesquisa teve seguimento alguns anos depois, com o uso de padrões como *Regular Expressions* (RegEx) para a extração de conceitos e formulação da *Hajj Ontology* (ISMAIL *et al.*, 2018). Alqahtani e Atwell (2016) fazem uma revisão das técnicas de busca desenvolvidas para o texto do Alcorão, e propõem uma abordagem semântica baseada nas ontologias existentes. Já Alshammeri, Atwell e Alsalka (2021) vetorizaram os versos do Alcorão para, usando a técnica de *cosine similarity*¹³, investigar semelhanças e relações entre eles.

AlMaayah, Sawalha e Abushariah (2016) e Mohamed e Shokry (2020), assim como nós, utilizaram similaridade por cosseno em suas pesquisas: os primeiros propuseram um modelo de extração automática de sinônimos que teria o objetivo de desenvolver uma WordNet árabe do Alcorão, denominada QAWN, enquanto os segundos desenvolveram uma ferramenta de busca baseada em conceitos (QSST) para o texto fundamental do Islamismo.

Hacohen-Kerner e Nissan (2014) propuseram uma ambiciosa aplicação computacional para fornecer ao usuário uma explicação clara e explícita sobre as interpretações homiléticas do *corpus* do Judaísmo na forma de perguntas e respostas. Nesta mesma linha de ação, aplicações para sistemas de resposta a questões semânticas, foi a pesquisa de Utomo, Suryana e Azmi (2019) que buscou formular novos métodos de classificação de instâncias para pequenos *corpus* de treinamento, caso do Alcorão. Os *Question Answering Systems* (QAS) também estão no escopo de Putra e colegas

¹³ Técnica também usada na presente tese que leva em conta o valor do cosseno do ângulo entre dois vetores; duas frases vetorizadas, *e.g.*, que apontam na mesma direção tem ângulo zero grau entre si, *i.e.*, sendo o $\text{cosseno}(0)=1$, portanto, as frases têm conteúdo semântico idêntico.

(2016), que criaram uma ontologia para a tradução em indonésio do Alcorão e usaram um método de vetor ponderado para cada conceito do livro.

Bentrcia, Zidat e Marir (2018) buscaram extrair relações semânticas do *corpus* árabe do Alcorão, visando a construção automática de uma ontologia, mesmo fito de Yong e colegas (2011), que propuseram um método para extrair ontologias do texto do Alcorão.

Mohd Yunus e demais pesquisadores (2017) desenvolveram uma ontologia do conhecimento extraído do *corpus* islâmico destinada a servir a um sistema de visualização de informações baseado em diálogo para o texto do Alcorão, pesquisa similar à de Bendjamaa e Nora (2020), que teve como finalidade facilitar o acesso às informações do Alcorão por meio de consultas.

Alromima e demais pesquisadores (2016) publicaram uma revisão das abordagens de Engenharia de Ontologias aplicadas ao Alcorão. No mesmo ano, o grupo propôs um modelo baseado em ontologia para o vocabulário da língua árabe associado a nomes de lugares que são citados no Alcorão (ALROMIMA *et al.*, 2016b).

Noordin e colegas (2016) apresentaram dois modelos de representação do conhecimento para avaliação de desempenho na recuperação de informações nos textos do Alcorão em idioma inglês, objeto também abordado por Petiwala e Siva Sathya (2011), que propõem um sistema de múltiplos agentes para construir uma ontologia das traduções para o inglês dos conceitos do livro sagrado do Islã.

Al-Sanasleh e Hammo (2017) apresentaram uma ontologia de domínio sobre profetas e mensageiros no Islã a partir dos textos fundamentais do Islamismo. Uma ontologia de domínio do Alcorão foi a base do trabalho de Yahya e colegas (2013) para propor um método para eliminar a ambiguidade da tradução nas consultas.

Saad e colegas (2011) apresentaram uma discussão sobre o processo de desenvolvimento de ontologias no domínio do conhecimento islâmico, enquanto Popa, Goga e Goga (2019) fizeram uma comparação entre o Antigo e o Novo Testamento em termos de extração de conhecimento e aprendizado de ontologias usando a metodologia *Text2Onto*.

Ontologias em produção

Esta seção descreve algumas ontologias que estão publicadas na *web*. A pesquisa foi realizada com o buscador do Google com os termos de busca *torah*, *tanakh*, *bible*, *quran*, *kardec* e *ontology online*.

Havia, em 2018, duas ontologias publicadas e funcionais. Destas, apenas o site *The Quranic Arabic Corpus* (UNIVERSITY OF LEEDS (LRG), 2017) continua acessível e recebendo manutenção, sem progressos ou alterações desde a versão 2017. É um recurso linguístico de gramática, sintaxe e morfologia do Alcorão. Permite a navegação visual pelos conceitos, classes e instâncias da ontologia, numa estrutura

bem organizada. A *Quran Ontology* (HAKKOU, 2021) não está mais em manutenção e oferece os recursos e os dados para *download*. Karim Ouda (2015) colocou em produção uma aplicação de respostas para perguntas sobre o Alcorão, ainda funcional; porém, ainda consta como sendo uma versão de teste.

Toda *corpora* monoteísta utilizada como objeto nesta pesquisa está publicada *on-line* e aberta para consultas gratuitamente. Não sabemos se os textos estão baseados em ontologias, taxonomias ou tesouros, dado que o objetivo comum — facilitar o acesso organizado ao texto — pode ser atingido usando qualquer uma dessas tecnologias. Utilizamos alguns desses *sites* em referências nesta tese para consulta ao Tanakh (CHABAD-LUBAVITCH MEDIA CENTER, 2021b), à Bíblia (BIBLICA, 2021), ao Alcorão (QURAN.COM, 2021) e ao Pentateuco Kardeciano (IDEAK, 2021b).

Podemos afirmar, com base na revisão até aqui relatada, que a abordagem desta tese continua inédita em termos de objeto e propósito, em um campo de pesquisa ainda inexplorado. Esta é a lacuna na pesquisa acadêmica que tentamos preencher, e que cria um fator que também nos motiva — não exclusivamente —, como veremos a seguir.

1.3 MOTIVAÇÃO

Por que as religiões causam violência e sofrimento? é a afligente pergunta que reitero ao longo deste documento. Se, como diz a teóloga Maria Clara Bingemer, o Deus monoteísta é um Deus desarmado “e convida o homem a desarmar-se” (BINGEMER, 2010, p. 57), como explicar as Cruzadas (PETERSEN, 2019), por exemplo, entre outros conflitos de origem religiosa, os quais representam 80% das guerras registradas em nossa história (FRANCO; MIRANDA, 2015, p. 208)? Como justificar a violência do genocídio cultural (BBC NEWS, 2021) no seio do Catolicismo, *e.g.*, ou o sofrimento causado pela pedofilia (DOMÍNGUEZ, 2019) mesmo após o Papa clamar por uma purificação na “Igreja inteira, que quis recordar as infidelidades de muitos dos seus filhos que ao longo da história obscureceram o seu rosto de Esposa de Cristo” (PAPA JOÃO PAULO II, 2001)?

Esses são casos que repercutiram na mídia pelo fator de escala, *i.e.*, atingiram ou atingem muitas pessoas. Eu não vivenciei¹⁴ proximamente nenhum deles, embora reconheça os aspectos culturais e emocionais que permanecem no tecido social. O que presenciei, em minhas experiências imerso em instituições religiosas, foi a violência velada que causa sofrimento, na prática da intolerância, da discriminação, da coação e dos desvios de conduta na busca de objetivos pessoais, sejam eles o poder, o dinheiro, o sexo, a fama. Na maioria das situações, os protagonistas *diziam-se amparados pela*

¹⁴ Conforme narrei na *Introdução*, fui educado dentro da Igreja Católica. Minhas experiências religiosas relevantes foram numa seita esotérica em Minas Gerais e no Espiritismo, especialmente em dois centros espíritas de Florianópolis.

base teórica religiosa daquela instituição, ou melhor dizendo, pela *interpretação* que faziam dos textos institucionais que fundamentam as religiões em cada caso. Essa interpretação equivocada se multiplica no interior das instituições quando o agente humano que a engendra é colocado em posição de influenciar os demais adeptos, seja como instrutor em cursos ou como redator de apostilas e manuais. O *Programa II de Mediunidade: estudo e prática* da Federação Espírita Brasileira, *e.g.*, coloca restrições à “fala de pretos velhos, de índios, caboclos etc.” (MOURA, M. A. O., 2015, p. 191) nas reuniões mediúnicas, generalizando a questão da mistificação por parte dos Espíritos, fato que pode acontecer em qualquer manifestação, independentemente de como os mesmos se apresentam ou se identificam¹⁵.

O trecho de Apocalipse 21:8¹⁶ é outro exemplo, registrado em a *Tradução do Novo Mundo da Bíblia Sagrada*, identificada como uma obra educativa, que é distribuída gratuitamente pela denominação¹⁷ cristã das Testemunhas de Jeová:

Mas os covardes, os que não têm fé, e os que são repugnantes na sua sujeira, os assassinos, os que praticam imoralidade sexual, os que praticam ocultismo**, os idólatras e todos os mentirosos terão a sua parte no lago que queima com fogo e enxofre. Esse representa a segunda morte. (TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, 2018, p. 1719).

Na mesma página citada, nas notas de rodapé, consta o esclarecimento para o termo “ocultismo”: **feitiçaria; espiritismo. Ou seja, o compêndio aponta para adeptos do Espiritismo a adjetivação de ocultistas (e, por derivação, as demais adjetivações, já que terão o mesmo destino, queimar com fogo e enxofre) do versículo recebido pelo Apóstolo João, autor do Apocalipse. Não é novidade incitar fiéis a atacarem outras denominações religiosas, e esta motivação pode estar registrada no livro que embasa a religião, ou ser um discurso ministrado no culto semanal (O DIA, 2021).

Trata-se de um problema causado pela utilização equivocada do conhecimento, sendo que UTILIZAÇÃO, para a GC, é o “resultado da compreensão e da aplicação do conhecimento” (STEIL, 2007), realizada em boa ou má-fé, acrescento. Conectamos este entendimento com o de COMPREENSÃO segundo Paul Ricoeur (2006, p. 290), que considera essencial a relação mundo do texto—mundo do leitor, por ser este “o mundo efetivo em que a ação real é desenvolvida no meio de uma rede de relações”.

Nossa motivação consolidou-se no momento em que a *causa* fica definida junto ao *efeito* — violência e sofrimento que persistem ao longo dos séculos. Esperamos, ao longo desta tese, demonstrar que o *conhecimento*, objeto primeiro do PPGEGC, pode

¹⁵ A recomendação é contrária ao procedimento do próprio Allan Kardec que relatou, no periódico *Revista espírita*, a manifestação de um Espírito com a característica de *preto velho*, entidade espiritual popularizada pelos cultos religiosos afro-brasileiros. O codificador da Doutrina Espírita solicitou a São Luís, dirigente da reunião: “Teríeis a bondade de dizer se podemos invocar o preto Pai César, a quem acabamos de nos referir?” (KARDEC, 1859), ao que foi atendido.

¹⁶ Refere-se ao livro final da Bíblia, o Apocalipse, capítulo 21, versículo 8.

¹⁷ Usamos o termo *denominação* para indicar as linhas, ramificações ou divisões pertencentes às religiões judaica, cristã e islâmica.

auxiliar na mitigação dos efeitos agindo na causa — a interpretação do conhecimento religioso monoteísta — campo de pesquisa pouco explorado até o momento.

1.4 JUSTIFICATIVAS

A motivação expressa na seção anterior emergiu intuitivamente ao longo de minhas experiências de vida, e não deve ser entendida como esforço de denunciamento ou revolta vazia. Ambicionamos, antes de tudo, contribuir para a redução da violência e do sofrimento que tenham raiz religiosa. Sou convicto de que os textos monoteístas que são o objeto desta tese guardam valores e princípios que podem ajudar a sociedade no processo civilizatório, *desde que os valores e princípios evoluam para normas éticas* que sejam seguidas.

Apresento alguns autores que foram escolhidos para dar fundamentação a esta pesquisa e irão nos acompanhar até o ponto final do presente documento. Buscamos em EDGAR MORIN (2011, p. 15) a definição de *ética* como “um ponto de vista supra ou metaindividual”, *i.e.*, a ética é relacionada ao nível coletivo, da sociedade, enquanto a *moral* está no âmbito “da decisão e da ação dos indivíduos”. O pensador francês, além de ser referência em *Teoria da Complexidade*, embasa o direcionamento *transdisciplinar* de nossa pesquisa, junto a ROBERT FRODEMAN, JULIE THOMPSON KLEIN e ROBERTO PACHECO, que professam uma transdisciplinaridade pragmática, muito apropriada quando se necessita priorizar a solução de problemas complexos (KLEIN, 2017, p. 30).

O teólogo HANS KÜNG (1993) fez a conexão de seu trabalho junto às religiões com o alvo ético, afirmando que “a ética deve vir a ser novamente um *propósito público de primeira grandeza*”, premissa que está alinhada com suas conclusões de que “não haverá coexistência humana sem uma ética mundial por parte das nações, e não haverá paz entre as nações sem paz entre as religiões”. Foi Küng que propôs um “projeto ecumênico de pesquisa”, que pudesse superar preconceitos científicos e dogmáticos, a partir da mais antiga religião profética, o Judaísmo, com objetividade, com participação espiritual e simpatia.¹⁸

O Judaísmo, porém, não será analisado de forma isolada como costuma acontecer nos livros, introduções e histórias usuais, mas será apresentado no contexto de uma pesquisa abrangente das três religiões proféticas. Será confrontado com as outras religiões abraâmicas, sobretudo com o *Cristianismo*, mas também com o *Islamismo* (KÜNG, 1993, p. 150).

A presente tese, portanto, está em sintonia com o exposto, e nos levou a es-

¹⁸ As ideias e proposições de Hans Küng, explicitadas no início dos anos 1990, foram concretizadas na *Global Ethic Foundation*, à qual se dedicou até seu falecimento, em seis de abril, 2021 (KÜNG, 2020).

colher as tecnologias de *modelagem conceitual e ontologia*¹⁹ para esta pesquisa. Segundo Guizzardi (2018, pos. 24 min), uma das principais aplicações de uma ontologia “é o esclarecimento conceitual e a harmonização de interpretações diferentes”, ou seja, tecnologia apropriada para a investigação no *corpora* das religiões monoteístas — Judaísmo, Cristianismo e Islamismo — textos que, usualmente, são tratados individualmente, de maneira estanque. Fizemos o reuso do vocabulário FOAF (*Friend of a Friend Vocabulary Specification*) (BRICKLEY; MILLER, 2014), e da ontologia de fundamentação UFO (*Unified Foundational Ontology*) (GUIZZARDI, 2005) para montar a rede de ontologias que resultou na OntoM, desenvolvida pela mercê de RICARDO DE ALMEIDA FALBO (2014), que assina o principal método desta tese, SABiO. Havia, contudo, uma lacuna entre os conceitos de FOAF e UFO, dedicados à representação do mundo material, da dimensão concreta e empírica da realidade, e os conceitos do mundo espiritual, supranatural, projetado pelos textos religiosos. A solução veio pela apropriação das categorias da *Hermenêutica da Faticidade* de MARTIN HEIDEGGER (2015) que, partindo da premissa da insuficiência das dez categorias aristotélicas para “cobrir toda a extensão do campo do ser [...] organiza o seu quadro de categorias em função da teoria, não menos venerável, dos transcendentais” (MAC_DOWELL, 1993, p. 48–49). Foi em PAUL RICOEUR, especialmente em sua *Hermenêutica Filosófica*, que encontramos um caminho para a articulação em torno do polo do texto e o da interpretação do texto, o cruzamento entre o *mundo do texto* e o *mundo do leitor* (RICOEUR, 2006, p. 25), que nos conduziu na direção da dialógica explicação–compreensão. Ricoeur (2016, p. 141–150) afirma que é ao interpretar que podemos compreender, denotando a importância da hermenêutica nesta tese, dado que é a questão da *compreensão* que fecha o ciclo com a GC, especificamente na dimensão de utilização do conhecimento, conforme já descrito na *Seção 1.3*.

Parafraseando Morin (MORIN, 2014b, p. 19), foi essa constelação de estrelas-guias que norteou minha pesquisa até seu termo. Foram mestres do meu pensamento — o qual não cedeu posse exclusiva — junto de Humberto Maturana, Francisco Varela, Américo Sommerman, João Mac Dowell, Oswaldo Giacoia Jr., Marco Antonio Casanova, Maria Clara Bingemer, Claudio de Oliveira Ribeiro, Heronides Moura, Richard Perassi de Sousa, Davi Schicht, Elizabeth Specialski, João Bosco da Mota Alves, além dos onipresentes Platão, Blaise Pascal, René Descartes, Karl Popper e Auguste Comte, entre outras e outros.

Relevância

A relevância acadêmica me parece repousar sobre a natureza transversal da pesquisa, ao estabelecer uma ponte entre as Ciências Humanas e as Ciências Exatas.

¹⁹ A EC usa ontologias como ferramenta para a representação de conhecimento; não confundir com o conceito do constructo homônimo das Humanidades (ver *Capítulo 7*).

Os textos institucionais do Monoteísmo sendo abordados por ferramentas tecnológicas da Engenharia e Gestão do Conhecimento, com o objetivo de apoio à interpretação, compõe um desafio que é, a um só tempo, científico, filosófico e religioso.

A relevância social, contudo, emerge como principal. Os adeptos do Monoteísmo — pessoas que seguem o Judaísmo, o Cristianismo ou o Islamismo — contam aproximadamente quatro bilhões e meio, 57% da população mundial. Este contingente tem como base cultural, religiosa e moral a *Escritura* e a *Tradição* de cada religião²⁰, sendo a primeira o registro codificado nos livros, e a segunda a oralidade que antecedeu o registro e o sucede, na forma de interpretações, exegeses (LENHARDT; COLLIN, 1997). Na medida em que os escritos originais têm pouca ou quase nenhuma alteração, sendo as mais notáveis as questões de tradução, é no campo da hermenêutica que há dinamismo, *i.e.*, novas interpretações são constantemente criadas e, levadas ao limite, surge uma nova “interpretação aplicada a cada vez a um texto particular” (RICOEUR, 2016, p. 144) quando a leitora e o leitor acessam o texto. É para auxiliar esses leitores e essas leitoras que esta tese se posiciona, não para converter ou estabelecer crença, mas para facilitar a compreensão do conhecimento religioso monoteísta.

Originalidade e ineditismo

A revisão que realizamos e que está relatada na [Seção 1.2](#) indica a originalidade de nosso tema. A abordagem de uma base de textos religiosos, intermediada por uma conceitualização filosófica, através de ferramentas tecnológicas é um desses aspectos originais. Outro diz respeito à escolha do objeto de pesquisa. Allan Kardec (2013) fez a conexão entre as revelações judaica, cristã e espírita; nosso trabalho inclui uma quarta revelação, a islâmica, completando o cenário monoteísta predominante.

Esta tese é inédita quanto ao PROPÓSITO DA PESQUISA. Não encontramos trabalhos que tenham como finalidade apoiar a interpretação de textos religiosos monoteístas — ou de qualquer outra religião. Trata-se do uso do estado da arte dos métodos da Inteligência Artificial aplicada ao Processamento de Linguagem Natural.

Viabilidade

A presente tese mostra que há possibilidade de formulação de uma ontologia, ou seja, de uma “especificação formal e explícita de uma conceitualização compartilhada” (STUDER *et al.*, 1998, p. 184) do domínio monoteísta. Há ocorrência de conceitos — *tipos ou classes*, na terminologia de Engenharia de Ontologias — de mesmo significado como, por exemplo, *Profeta*, *Profecia* e *Deus*, bem como indivíduos (instâncias) que se repetem, como os Patriarcas do Monoteísmo Abraão, Isaac e Jacob.

²⁰ Não de maneira exclusiva, já que existem outras causas modeladoras do comportamento humano.

Já afirmamos que a [OntoM](#) é o ponto de partida de projetos de pesquisa de médio e longo prazo. Os mais promissores, em nossa opinião, serão aqueles que utilizarem estratégias de processamento de linguagem natural ([NLP](#)). O resultado que obtivemos usando o algoritmo de [IA](#) do Google, o [BERT](#), nos dá a segurança para afirmar que é possível o desenvolvimento de sistemas de conhecimento focados no apoio à interpretação de textos religiosos como, por exemplo, uma aplicação de *Hermenêutica Assistida por Computador*.

1.5 PUBLICAÇÕES DO AUTOR

A [Tabela 4](#) lista as publicações durante o curso de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Nossa pesquisa transdisciplinar encontrou obstáculos à publicação desde a gênese do trabalho, seja no âmbito interno do programa, seja nas comissões avaliadoras de congressos e periódicos. Tornou-se recorrente recebermos avaliação de cunho religioso em eventos de tecnologia como argumento para negar a publicação, bem como pareceres negativos de periódicos de Ciência da Religião e Teologia argumentando que não havia interesse em artigos tecnológicos.

Tabela 4 – Publicações do autor.

Título	Periódico/conferência	Editora/Local	Data
Ontologia da linguagem e matriz de conhecimento em sistemas hipermédia adaptativos	Revista Memorare	UNISUL, SC	(2016)
Método para a construção de uma ontologia no domínio dos textos institucionais do monoteísmo	VII Congresso Internacional de Conhecimento e Inovação ciKi 2017	Foz do Iguaçu, PR	(2017)
Ontology of Monotheism - Road map to reach the OntoM	XI Seminário de Pesquisa em Ontologias do Brasil - Onto-bras 2018	São Paulo, SP	(2018)
Interação comunicativa entre agentes humanos e artificiais	Revista A Palavrada	UFPA Bragança	(2018)
Metodologia para sistema baseado em conhecimento de livro autopoiético	VIII Congreso Internacional de Conocimiento e Innovación ciKi 2018	Guadalajara, México	(2018)
Estratégia de Interações efetivas Transaberes: uma análise com base na Ciência Pós-Normal e no Princípio Pluralista	Paralellus Revista de Estudos de Religião	UNICAP, PE	(2021)

Fonte: Elaborada pelo autor; dados de julho, 2021.

2 DO OBJETO

Nosso objeto de pesquisa é o conhecimento monoteísta expresso nos textos institucionais do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo. Consideramos, para fins da pesquisa, o Tanakh¹ do Judaísmo, a Bíblia e o Pentateuco Kardeciano do Cristianismo, e o Alcorão do Islamismo. O TANAKH é um compêndio que pode ser descrito em três partes: *Torá ou Pentateuco*, com cinco livros (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio), *Profetas*, com 21 livros (Josué, Juízes, Isaías etc.), e *Escrituras*, com 14 livros, Salmos, Provérbios, Jó, entre outros (CHABAD-LUBAVITCH MEDIA CENTER, 2021b).

A BÍBLIA cristã tem duas partes principais: o Antigo e o Novo Testamento. O Antigo Testamento tem por base o texto do Tanakh, iniciando com o *Pentateuco*, composto pelos mesmos cinco livros do Judaísmo, os *Históricos*, que vão de Josué à Macabeus, os *Poéticos e sapienciais*, Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sabedoria de Salomão e Eclesiástico, e os *Proféticos*, do profeta Isaías até o profeta Malaquias, totalizando 46 livros. O Novo Testamento inicia com os *Evangelhos*, segundo Mateus, Marcos, Lucas e João, segue com o livro de Atos dos Apóstolos e as *Epístolas ou Cartas* de Paulo, Tiago, Pedro, João e Judas, para encerrar com o livro de Apocalipse, somando 27 livros (ÉCOLE BIBLIQUE DE JÉRUSALEM, 2010). O *corpus* do Tanakh e o da Bíblia têm a mesma estrutura hierárquica: os volumes são compostos por vários livros que são organizados em capítulos, que são composições de versículos, a menor unidade de indexação desses textos.

Seguindo a linha temporal, o ALCORÃO é o livro sagrado do Islamismo, dividido em 30 partes, seções ou *Juz*, que são apenas numeradas sequencialmente. A divisão mais utilizada é a da *sura*², o equivalente ao capítulo que, por sua vez, é composta de *āyāt*, que são os sinais ou versículos. As suras, 114 no total, são numeradas e nomeadas, como por exemplo, a nona, que é denominada (9) *Sūratu At-Taubah* (A Sura do Arrependimento) (AL-MADINAH AL-MUNAUARAH K.S.A., 1999).

O PENTATEUCO KARDECIANO é composto de cinco volumes e não há homogeneidade na estrutura textual entre os compêndios. *O Livro dos Espíritos* é dividido em quatro livros — Livro Primeiro, Segundo etc. — que são organizados em capítulos que, por sua vez, são numerados a partir do primeiro a cada início de livro. O formato textual é o de perguntas e respostas, que totalizam 1.019, sendo esta a indexação mais conhecida e a usada neste compêndio — as questões referidas pela sua numeração sequencial (KARDEC, 2013d). *O Livro dos Médiuns* é dividido em duas partes, sendo a *Primeira* composta por quatro capítulos, e a *Segunda*, por 32. Os capítulos são organizados em *itens* numerados sequencialmente de 1 a 349, sendo alguns escritos

¹ O Tanakh (ou Tanah, Tanach) é também referido como Bíblia Hebraica.

² Ou *sūratu*, *sūra*, que significa degrau ou fase de ascensão a Deus (AL-MADINAH AL-MUNAUARAH K.S.A., 1999, p. 1).

em forma narrativa, e outros na forma de perguntas e respostas, como no volume anterior (KARDEC, 2013e). A terceira publicação foi *O Evangelho segundo o Espiritismo*, com 28 capítulos compostos por itens numerados do primeiro em diante a cada novo capítulo (KARDEC, 2013c). Seguiram os volumes *O Céu e o Inferno*, com uma *Primeira Parte* de onze capítulos e uma *Segunda Parte* com oito (KARDEC, 2013b), e *A Gênese* (KARDEC, 2013a), com 18 capítulos divididos em três blocos, *Gênese*, *Milagres* e *Predições*; a organização por itens sequenciais a cada capítulo acontece nos dois volumes.

Apesar de apresentarmos esta defesa de tese, com argumentação e exemplos na língua pátria, os resultados desta pesquisa, bem como os experimentos computacionais, foram realizados em idioma inglês. Esta escolha tem por fundamento a maior divulgação da pesquisa no meio científico, além da disponibilidade de maior arsenal de ferramentas tecnológicas em inglês para métodos de processamento de linguagem natural.

2.1 CONHECIMENTO MONOTEÍSTA COMO OBJETO

Pierre Lenhardt e Matthieu Collin definiram o conhecimento religioso judaico como *Escritura*, indicando a parte que foi registrada em textos e atravessou os séculos até nós, e *Tradição*, apontando a oralidade que precede a “escrituralidade” (LENHARDT; COLLIN, 1997, p. 13–21). As escrituras são interpretadas gerando nova oralidade na forma de discursos, palestras, aulas etc. que são, por sua vez, registradas por escrito, num ciclo incessante de Tradição–Escritura–Hermenêutica³. Embora os autores façam um estudo hermenêutico sobre os cinco livros da Torá, considero que a premissa se mantém verdadeira ao longo das *revelações*⁴ monoteístas até o último livro do objeto que esta tese aborda, *A Gênese* de Allan Kardec, quando *médiuns*⁵ ditavam ao *Codificador*⁶ os textos ou respondiam às perguntas do educador francês.

As revelações são etapas de recebimento e registro dos textos religiosos — conhecimento monoteísta —, quando aconteceu a CRIAÇÃO DO CONHECIMENTO que se deu, segundo os livros, em origem supranatural (ou no plano espiritual), atribuída a Deus (caso prevalente no Tanakh, *e.g.*), aos Anjos (caso de Gabriel ditando o Al-

³ Usamos o termo *Hermenêutica* no sentido clássico expresso por Hans-Georg Gadamer (2007, p. 94-95), como sendo “a doutrina da compreensão e a arte da interpretação daquilo que é assim compreendido”, enquanto reservamos à expressão *exegese* o significado dicionarizado de ser o ato de interpretar uma obra ou o resultado desta ação (HOUAISS; VILLAR, 2009).

⁴ Kardec (2013, p. 33) afirma que a primeira revelação foi a do Judaísmo, personificada em Moisés, a segunda revelação foi a do Cristianismo, que teve como personagem central Jesus Cristo, sendo o Espiritismo a terceira das revelações monoteístas, esta sem algum indivíduo a personificá-la, mas uma coletividade de Espíritos. Esta tese inclui a revelação que originou o Islamismo, personificada no profeta Maomé, completando o espectro monoteísta com as três religiões mais influentes.

⁵ O conceito será ampliado no Capítulo 6.

⁶ Alcinha dada a Hippolyte Léon Denizard Rivail por ser o autor da Codificação Espírita sob o pseudônimo de Allan Kardec.

corão ao Profeta Maomé, *e.g.*), ou aos Espíritos, na quase totalidade da codificação kardeciana. À criação sucedeu a CODIFICAÇÃO DO CONHECIMENTO, com a finalidade de que fosse “acessado e transferido [de modo a] organizar a informação existente [para que] esteja disponível a todos que necessitem dela”, e possam compreendê-lo e aplicá-lo, *i.e.*, fazer a UTILIZAÇÃO DO CONHECIMENTO (STEIL, 2007). As revelações monoteístas se inserem nos subsistemas de GC, o que fortalece nossa escolha de objeto de pesquisa.

2.2 A QUESTÃO DAS TRADUÇÕES

A codificação espírita foi publicada em francês, de 1857 a 1868. Redigida em língua moderna, latina como o português, com os originais manuscritos por Allan Kardec acessíveis, mas, mesmo assim não está blindada de dúvidas em relação aos originais, edições, adulterações (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA FEB, 2018, 2020) e traduções (ALMEIDA, 2015). Dado este cenário relativo a livros de pouco mais de 150 anos de publicação, é natural que haja, também, dúvida em relação a textos milenares, escritos em línguas arcaicas como o aramaico, por exemplo, com originais pouco acessíveis, quando existentes. A Torá, livro que inaugurou o movimento monoteísta e deu impulso inicial ao Judaísmo, ao Cristianismo e ao Islamismo, foi, segundo David José Pérez, em prefácio de 1962,

Escrito em várias épocas, apresenta arcaísmos às vezes tão obscuros no seu contexto que têm dado margem até a interpretações cerebrinas, provocando sérias controvérsias.[...] Como todas as línguas, o hebraico sofreu ao longo dos séculos modificações semânticas de tal porte que, em certos trechos, seria um contra-senso traduzi-las pelo seu sentido da época da redação definitiva do livro (TEMPLO ISRAELITA BRASILEIRO OHEL YAACOV, 2001).

Essa posição é reforçada por Emanuel Araújo, em *A construção do livro*, quando disserta sobre os problemas de tradução.

Não menos complicado, porém mais delicado, devido à tradição judaico-cristã, é a tradução do hebraico para as línguas modernas, ou, em outras palavras, a tradução de onomásticos consignados na Bíblia, a começar pelo nome, ou nomes, da própria divindade: Jeová, Javé, Adonai, Eloim (ARAÚJO, 2008, p. 206).

Nossa pesquisa não aborda ou verifica a questão das traduções, o mesmo para originais e edições, aos quais não determinamos legitimidade ou não, veracidade ou a falta dela. Os textos religiosos são a base de dados da *OntoM*, e a base de dados é independente da ontologia; em outras palavras, a ontologia que propomos é compatível com as traduções disponíveis do Tanakh, da Bíblia, do Alcorão e do Pentateuco Kardeciano enquanto esses compêndios mantiverem a estrutura de organização em livros, partes, capítulos, suras, versículos e itens. A título de exemplo, transcrevemos na [Tabela 5](#)

algumas instâncias relativas a um dos mandamentos, aquele que conclama os fiéis a guardar um dia de adoração a Deus.

Tabela 5 – Diferentes traduções e versões de livros religiosos sobre reservar um dia por semana para Deus.

Religião	Livro	Texto
Judaísmo	Deuteronômio Torá/Tanakh	Guardarás o dia do Shabat [sábado] para santificá-lo, como te ordenou o Eterno, teu Deus (TEMPLO ISRAELITA BRASILEIRO OHEL YAACOV, 2001 , Dt 5:12).
Judaísmo	Deuteronômio Torá/Tanakh	<i>Keep the Sabbath day to sanctify it, as the Lord your God commanded you</i> (CHABAD-LUBAVITCH MEDIA CENTER, 2021b , Dt 5:12).
Cristianismo	Deuteronômio Bíblia	Guardarás o dia do sábado e o santificarás, como te ordenou o Senhor, teu Deus (CENTRO BÍBLICO CATÓLICO, 1980 , Dt 5:12).
Cristianismo	Deuteronômio Bíblia	Guardarás do dia de sábado para santificá-lo, conforme ordenou lahweh teu Deus (ÉCOLE BIBLIQUE DE JÉRUSALEM, 2010 , Dt 5:12).
Islamismo	Alcorão	Ó vós que credes! Quando se chama à oração da Sexta-feira, ide, depressa, para a lembrança de Allah, e deixai a venda. Isto vos é melhor. Se soubésseis! (AL-MADINAH AL-MUNAUARAH K.S.A., 1999 , Su 62:9).
Islamismo	Alcorão	Ó fiéis, quando fordes convocados, para a Oração da Sexta-feira, recorrei à recordação de Deus e abandonai os vossos negócios; isso será preferível, se quereis saber (EL HAYEK, 1994 , Su 62:9).
Cristianismo	A Gênese Kardec	Jesus como que fazia questão de operar suas curas em dia de sábado, para ter ensejo de protestar contra o rigorismo dos fariseus no tocante à guarda desse dia. Queria mostrar-lhes que a verdadeira piedade não consiste na observância das práticas exteriores e das formalidades; que a piedade está nos sentimentos do coração. Justificava-se, declarando: “Meu Pai não cessa de obrar até ao presente e eu também obro incessantemente.” Quer dizer: Deus não interrompe suas obras, nem sua ação sobre as coisas da Natureza, em dia de sábado. Ele não deixa de fazer que se produza tudo quanto é necessário à vossa alimentação e à vossa saúde; eu lhe sigo o exemplo (IDEAK, 2021b , XV:23).
Cristianismo	A Gênese Kardec	Jesus fazia questão de operar suas curas em dia de sábado, para ter ensejo de protestar contra o rigorismo dos fariseus no tocante à guarda desse dia. Queria mostrar-lhes que a verdadeira piedade não consiste na observância das práticas exteriores e das formalidades; que a piedade está nos sentimentos do coração. Justificava-se, declarando: “Meu Pai trabalha até hoje e eu trabalho também.” Quer dizer: Deus não interrompe suas obras, nem sua ação sobre as coisas da natureza, em dia de sábado. Continua a produzir tudo quanto é necessário à vossa alimentação e à vossa saúde, e eu lhe sigo o exemplo. (KARDEC, 2013a , XV:23).

Fonte: Elaborada pelo autor.

A instância que fica registrada na ontologia é o identificador do texto, na sua menor unidade de indexação — a frase, que é o versículo ou item —, e não o texto

em si. Caso a instância fosse o texto, teríamos de eleger tradução, edição, versão etc., o que limitaria a utilidade da *OntoM*. Basta-nos, portanto, estabelecer um sistema identificador que reúna as informações sobre o texto institucional, livro ou parte, capítulo ou sura, e verso ou item, como será detalhado no [Capítulo 9](#). Em outras palavras, tomando o versículo da Bíblia na [Tabela 5](#) como exemplo:

- Bíblia é o segundo texto institucional monoteísta: 02
- Deuteronômio é o quinto livro da Bíblia: 05
- Capítulo 5: 005
- Versículo 12: 0012

Unindo as informações teríamos o identificador 02050050012 que seria a instância armazenada na ontologia e apontaria para o mesmo conteúdo nas traduções de Bíblia para um mesmo idioma e nas diversas línguas para as quais foram feitas versões, com o uso de técnicas de mapeamento da base de dados. O mesmo raciocínio para os demais textos institucionais.

2.3 A ESCOLHA DO PENTATEUCO KARDECIANO

O Espiritismo se apresentou através de Allan Kardec como doutrina cristã, desprovido da intenção de ser uma nova denominação a competir por fiéis na vasta seara do Cristianismo, ou mesmo de redefinir ensinamentos das religiões que o antecederam na longa jornada do Monoteísmo. José Herculano Pires (1914–1979), jornalista, filósofo e educador brasileiro, definiu em *O Espírito e o Tempo*:

O Espiritismo, doutrina livre, dinâmica, sem dogmas de fé, sem intenções exclusivistas ou pretensões salvacionistas, corresponde precisamente à fase de esclarecimento do horizonte espiritual. Por isso é que ele se apresenta como desenvolvimento natural do Cristianismo, sequência inevitável do processo histórico, enfrentando o problema da salvação em termos de evolução, e procurando explicar as alegorias do passado à luz da compreensão racional (PIRES, 1991, p. 70).

As religiões monoteístas — Judaísmo, Cristianismo e Islamismo — são também consideradas proféticas (KÜNG, 1993, p. 80), já que foi com a pregação dos profetas que se chegou a uma definição filosófica do Monoteísmo (ÉCOLE BIBLIQUE DE JÉRUSALEM, 2010, p. 1234). Adotamos nesta pesquisa o entendimento de Jorge Aguiar (2013) do *profeta como gerador de inovações*. Citando o sociólogo Otto Maduro, Aguiar define o movimento profético como

uma mobilização de forças questionadoras do modo de produção religiosa dominante [que necessita de um profeta para] articular em seu discurso e na sua prática aquela condição social que torne possível tal movimento [, além

de ser] capaz de formular nos discursos e nos atos um conjunto de procuras religiosas insatisfeitas (AGUIAR, 2013, p. 8).

Rodrigo Sousa cita, em contraexemplo, o conceito de profecia no “seu aspecto extático e de previsão sobrenatural do futuro, característico do uso mais primitivo do termo” (SOUSA, 2017, p. 931), que é muito próximo ao significado dicionarizado⁷, a qual contém uma mensagem que

refere-se ao presente e ao futuro. O profeta é enviado a seus contemporâneos, transmite-lhes as ordens divinas [que podem] ultrapassar as circunstâncias em que foi pronunciada e até mesmo a consciência do profeta, permanecendo envolta em mistério até que o futuro a explicita realizando-a (ÉCOLE BIBLIQUE DE JÉRUSALEM, 2010, Introdução aos profetas, p. 1231–1232).

Nossa pesquisa se afasta, desta forma, do uso metafórico do conceito de profecia como forma de engajamento aos problemas contemporâneos, sem desmerecer o trabalho de pesquisa que busca alguma contribuição acadêmica para a atualidade no “resgate da ênfase profética sobre a justiça social, da relação entre profecia e política, e a tentativa de compreender de forma mais ampla as possíveis implicações da ética dos profetas para a reflexão atual” (SOUSA, 2017, p. 933).

O livro do profeta Isaías relata, no Tanakh e na Bíblia, movimentos de contestação da ordem religiosa vigente⁸ e as profecias⁹ da vinda do Messias, como no capítulo 7, versículo 14: “Eis pois que o Eterno, Ele mesmo, vos dará um sinal: eis que a moça grávida dará à luz um filho e o chamará Imanuel (‘Deus está conosco’)” (GORODOVITS; FRIDLIN, 2012, Is 7:14). São as profecias que estabelecem os elos de ligação entre os textos religiosos e, por óbvio, o elo se consolida na realização do que foi profetizado, em interpretação realizada *a posteriori*. Sendo assim, as profecias codificadas no Tanakh têm seu cumprimento, sua realização na Bíblia cristã, especificamente no Novo Testamento, estabelecendo mais um degrau na escada monoteísta e acrescentando páginas ao conhecimento religioso da doutrina do Deus único.

⁷ Profecia, segundo o dicionário Houaiss (2009), é “predição do futuro, que se crê de inspiração divina; vaticínio”.

⁸ “Escutai a palavra do Eterno, ó dirigentes de Sodoma; atentai à Torá do nosso Deus, ó vós, habitantes de Gomorra! Para que servem os múltiplos sacrifícios que Me ofereceis? — diz o Eterno. — Estou farto de vossas oferendas de carneiros e da queima de gordos bois; tampouco tenho satisfação por derramardes o sangue de novilhos, cordeiros e cabritos” (GORODOVITS; FRIDLIN, 2012, Is 1:10–11), por exemplo.

⁹ São consideradas profecias que anunciam a vinda do Messias registradas no livro de Isaías, entre outras: 2:1–5; 7:10–17; 9:1–6; 11:1–9; 28:16–17. O último livro da Torá, o Deuteronômio, também relata a fala de Deus a Moisés comunicando a vinda de Jesus de Nazaré, o Cristo (ÉCOLE BIBLIQUE DE JÉRUSALEM, 2010, p. 1238, 1834): “Profeta farei surgir do meio de seus irmãos, como tu és; e porei as Minhas palavras em sua boca e ele lhes falará tudo o que Eu lhe ordenar. E qualquer homem que não ouvir as Minhas palavras, que ele falar em Meu nome, Eu lhe pedirei contas” (GORODOVITS; FRIDLIN, 2012, Dt 18:18–19).

O Novo Testamento registra a vinda do Messias predito — Jesus Cristo —, além de outros eventos¹⁰, e estabelece novas profecias, como o envio do *Paráclito*, *Espírito de verdade*, *Espírito Santo*¹¹, “a fim de recordar e de completar o ensinamento de Cristo (Jo 14:25–26)” (ÉCOLE BIBLIQUE DE JÉRUSALEM, 2010, p. 1880).

A codificação espírita feita por Allan Kardec coloca-se, já nos prolegômenos de *O Livro dos Espíritos*, como a realização da profecia explicitada no Evangelho segundo São João.

As comunicações entre o mundo espiritual e o mundo corpóreo fazem parte da natureza das coisas e não constituem nenhum fato sobrenatural, razão pela qual encontramos seus vestígios entre todos os povos e em todas as épocas. [...] Este livro é o repositório de seus ensinamentos. Foi escrito por ordem e sob o ditado de Espíritos superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, isenta dos preconceitos do espírito de sistema. (KARDEC, 2013d, p. 47–49).

Assinam o texto o Espírito de Verdade¹², João Evangelista, Santo Agostinho, entre outros. Kardec irá reiterar a conexão da revelação espírita com o conhecimento monoteísta recebido na primeira revelação, através de Moisés, e na segunda, através de Jesus Cristo, em *A Gênese*, conforme supracitado na *Nota de rodapé 4*, formando um domínio de conhecimento judaico—cristão, estabelecendo elo entre o Tanakh, a Bíblia e o Pentateuco Kardeciano. Reconheço o estranhamento que a inclusão dos livros do Espiritismo no *data set* do Monoteísmo pode causar. O argumento que reforçamos é o de que uma profecia-promessa feita por Jesus Cristo deveria se cumprir em algum momento, como outras o foram na longa espiral do conhecimento histórico monoteísta. Não encontrei outros textos religiosos sérios que reivindicassem a marca do cumprimento da profecia do Consolador, além da codificação feita no Pentateuco Kardeciano. Allan Kardec explicitou a proximidade entre a doutrina espírita e a cristã ao afirmar que

o Espiritismo repousa em princípios independentes da questão dogmática. Suas consequências morais são todas no sentido do Cristianismo, porque de todas as doutrinas é esta a mais esclarecida e pura, razão pela qual, de todas as seitas religiosas do mundo, os cristãos são os mais aptos para compreendê-lo em sua verdadeira essência. [...] Certamente, cada um pode formar de suas opiniões uma religião e interpretar à vontade as religiões conhecidas, mas daí a constituir nova Igreja, a distância é grande (KARDEC, 2013f, p. 69–70).

A citação acima foi retirada de um livro pouco divulgado mesmo no Movimento Espírita, *O que é o Espiritismo*, onde Kardec dialoga com um padre; este texto está

¹⁰ Como, *e.g.*, o precursor de Jesus, João Batista, predito pelo profeta Malaquias (MI 3:1, 23) (ÉCOLE BIBLIQUE DE JÉRUSALEM, 2010, p. 1251).

¹¹ O Espírito de Verdade também é referido como o *Consolador* em (PELETEIRO FENTANES JR, 2020; SOCIEDADE BIBLICA BRITANNICA E ESTRANGEIRA, 1955).

¹² Através da exegese sobre os textos da codificação kardeciana, o Espírito de Verdade é aceito atualmente no Movimento Espírita como sendo o próprio Jesus “que voltou para cumprir a promessa de enviar o Consolador Prometido, de forma que Ele cuidou diretamente da vinda do Espiritismo à Terra” (VIEIRA DE PAULA, 2015, p. 39).

transcrito em sua íntegra no [Anexo A](#). Na presente pesquisa está, também, o texto do Alcorão, base do Islamismo, o que torna a [OntoM](#) mais abrangente e inclusiva.

2.4 A ESCOLHA DO ALCORÃO

A inserção do texto islâmico em nosso objeto de pesquisa talvez seja a mais desprovida de base acadêmica e a menos consensual. A escolha do Pentateuco Kardeciano também gera controvérsias, porém, é um *corpus* explicitamente alinhado com o Cristianismo e faz referências frequentes¹³ aos textos do Antigo Testamento que têm, por sua vez, base nos textos do Judaísmo. Kardec não estabelece ligação das revelações judaica, cristã e espírita com a revelação islâmica, e pouco comenta sobre os textos do Alcorão. Uma das raras relações que faz entre as três religiões monoteístas está no livro *O Céu e o Inferno*, quando fala sobre a origem da crença nos demônios.¹⁴

Nosso primeiro argumento para tentar dirimir possíveis objeções é relacionado ao que expressei na [Seção 1.3](#), muito alinhado às ideias de Hans Küng sintetizadas na [Seção 1.4](#). A meta de apoiar a interpretação do conhecimento religioso monoteísta não seria alcançável com a exclusão do contingente muçulmano. O Islã é a religião que mais cresce em adeptos no planeta a uma taxa média anual de 1,92% ([ZURLO et al., 2021](#), p. 21).

O segundo argumento é inédito e foi desenvolvido em parceria com o Professor Bernardo Pereira Nunes, da *Australian National University*, num contexto de produção de um artigo científico. Utilizamos [BERT](#) ([DEVLIN et al., 2019](#)), um método de representação contextual de linguagem desenvolvido pelo Google, com base em um extenso *corpora* formado pela Wikipédia da língua inglesa e o *BookCorpus*¹⁵ para o pré-treinamento do modelo que irá analisar os textos monoteístas, o que é feito com representações bidirecionais, ou seja, cada frase é avaliada no contexto da esquerda para a direita e em sentido inverso. Nossa intenção foi identificar a proximidade semântico-contextual ([PSC](#)) entre os textos da Bíblia e do Alcorão, obtidos dos conjuntos de dados (*data set*) Kaggle ([HARTONO, 2017](#); [USMANI, 2017](#)), que contém os textos semiestruturados em linhas e colunas, com acesso livre. Escolhemos a versão *King James* da Bíblia e a tradução em inglês do Alcorão. No total, a Bíblia e o Alco-

¹³ Como em *O Livro dos Espíritos*, na citação ao livro de *Eclesiastes* na questão 560, e no *Evangelho segundo o Espiritismo*, na citação ao livro do *Êxodo* no capítulo XIV.

¹⁴ “O duplo princípio do bem e do mal foi, durante longos séculos e sob diferentes nomes, a base de todas as crenças religiosas. Foi personificado sob os nomes de Oromaz e de Arimã entre os persas, de Jeová e de Satã entre os hebreus. Mas, como todo soberano deve ter ministros, todas as religiões admiram poderes secundários, gênios bons ou maus. [...] Os cristãos e os muçulmanos receberam dos hebreus os anjos e os demônios ([KARDEC, 2013b](#), 1P, cap. IX, it. 5).

¹⁵ A base de dados *BookCorpus* contém 11.038 livros de 16 gêneros diferentes (romance, história, aventura etc.), e cerca de 2,5 bilhões de palavras de trechos da *English Wikipedia* ([WOLFRAM RESEARCH INC., 2021](#)).

rão contêm 31.003 e 6.236 versículos¹⁶, respectivamente, com cada um contendo 26 palavras em média.

O diferencial do BERT está em preservar a semântica em nível de palavras e frases através da criação de incorporações (*embeddings*) contextuais, uma representação vetorial que captura os diferentes usos das palavras em diferentes contextos, codificando o conhecimento de uma língua (LIU *et al.*, 2020). Nosso propósito na utilização desse método é *vetorizar*¹⁷ os versículos dos livros institucionais e comparar a relação semântico-contextual entre eles no nível da frase para demonstrar a similaridade — ou não — entre o texto cristão e o islâmico, e justificar o seu uso como objeto da OntoM.

Usamos o modelo pré-treinado de BERT (L=24, H=1024, A=16)¹⁸ com um total de 340 milhões de parâmetros, e codificamos cada versículo dos livros, Bíblia e Alcorão. Trata-se de um processo que demanda alta capacidade computacional, e foi realizado por um supercomputador¹⁹. A codificação e o processamento da Bíblia foram de aproximadamente quatro horas, enquanto o Alcorão foi de uma. Para reprodutibilidade, os *scripts* e os arquivos gerados estão disponíveis no repositório GitHub²⁰.

A proximidade semântico-contextual entre os versículos foi calculada usando a técnica da similaridade pelo cosseno²¹ entre os vetores, lembrando que cada vetor representa um versículo dos livros.

2.4.1 Experimento BERT

Para o primeiro experimento, fizemos a comparação semântico-contextual de todos os versículos do livro-referência (o que aparece em primeiro lugar na coluna “Livros” da Tabela 6) com os versículos mais próximos do outro livro, sendo que 43,92% dos versículos do Alcorão foram considerados com mais proximidade aos versículos da Bíblia e 8,82% dos versículos da Bíblia foram considerados mais próximos aos versículos do Alcorão, sempre do ponto de vista semântico e contextual. A Tabela 6 mostra os resultados obtidos, considerando que o valor 1.0 indica proximidade semântico-contextual (PSC) máxima (vetores apontam na mesma direção, o ângulo entre eles é zero graus, logo, $\cos=1$). Tanto na opção da Bíblia como referência, quanto na do Alcorão, os versículos apresentam, em média, PSC superior a 0,92 com um baixo

¹⁶ Os arquivos, em formato .csv (valores separados por vírgulas), têm o tamanho digital de 4,6 MB para a Bíblia e 1 MB para o Alcorão.

¹⁷ Expressão usada na Tecnologia da Informação com o significado de codificar na forma de vetor, de maneira a permitir comparações e operações matemáticas.

¹⁸ Onde L=número de camadas (*Layers*), H=dimensões ocultas (*Hidden size*) e A=quantidade de processos paralelos (*Attention heads*) (KULSHRESTHA, 2020).

¹⁹ Configuração do equipamento: NVIDIA DGX Station, Intel Xeon E5-2698 v4 2,2 GHz (20-Core), 256 GB RDIMM DDR4, 128 GB de memória GPU, 500 TFlops, 2.560 NVIDIA Tensor Cores.

²⁰ <https://github.com/estevaomello/OntoM>

²¹ A similaridade por cosseno é uma métrica para calcular a similaridade entre documentos de texto, independentemente do tamanho deles, no âmbito de NLP (KANANI, 2019).

desvio padrão (DP). Os versículos com a menor proximidade foi de 0,697, tendo a Bíblia como referência, e de 0,82, com o Alcorão. A maior proximidade encontrada foi de 0,965.

Tabela 6 – Relação semântico-contextual entre Bíblia e Alcorão.

Livros	média	DP	mínima	máxima
Bíblia e Alcorão	0.921	0.019	0.697	0.965
Alcorão e Bíblia	0.928	0.016	0.820	0.965

Fonte: Elaborada pelo autor e Bernardo Pereira Nunes.

Para ilustrar a proximidade semântico-contextual calculada pelo modelo de linguagem BERT, listamos como exemplos os seguintes pares de versos extraídos do arquivo *fout_quran_bible.csv* do repositório GitHub:

1. Tópico: Moisés e Deus (PSC = 0.9244)

- a) “Go, and gather the elders of Israel together, and say unto them, The LORD God of your fathers, the God of Abraham, of Isaac, and of Jacob, appeared unto me, saying, I have surely visited you, and seen that which is done to you in Egypt:” (Ex 3:16)
- b) “Remember Moses said to his people: ‘O my people! Call in remembrance the favour of Allah unto you, when He produced prophets among you, made you kings, and gave you what He had not given to any other among the peoples’.” (Su 5:20)

2. Tópico: Idolatria (PSC = 0.9292)

- a) “Turn ye not unto idols, nor make to yourselves molten gods: I am the LORD your God.” (Lv 19:4)
- b) “Follow (O men!) the revelation given unto you from your Lord, and follow not, as friends or protectors, other than Him. Little it is ye remember of admonition.” (Su 7:3)

3. Tópico: A marca de Satã (PSC = 0.9404)

- a) “And I saw thrones, and they sat upon them, and judgment was given unto them: and I saw the souls of them that were beheaded for the witness of Jesus, and for the word of God, and which had not worshipped the beast, neither his image, neither had received his mark upon their foreheads, or in their hands; and they lived and reigned with Christ a thousand years.” (Ap 20:4)

- b) “So by deceit he brought about their fall: when they tasted of the tree, their shame became manifest to them, and they began to sew together the leaves of the garden over their bodies. And their Lord called unto them: Did I not forbid you that tree, and tell you that Satan was an avowed enemy unto you?” (Su 7:22)

4. Tópico: Confiança em Deus (PSC = 0.9659)

- a) “And it shall be unto them as a false divination in their sight, to them that have sworn oaths: but he will call to remembrance the iniquity, that they may be taken.” (Ez 21:23)
- b) “And when the Word is fulfilled against them (the unjust), we shall produce from the earth a beast to (face) them: He will speak to them, for that mankind did not believe with assurance in Our Signs.” (Su 27:82)

5. Tópicos: Sacrifício e advertência (PSC = 0.6972)

- a) “And he said, Do it the second time. And they did it the second time. And he said, Do it the third time. And they did it the third time.” (1Rs 18:34)
- b) “And We have put a bar in front of them and a bar behind them, and further, We have covered them up; so that they cannot see.” (Su 36:9)

O experimento visa mostrar a proximidade semântico-contextual entre as frases dos livros, indexadas como versículos, embora tenham morfologia e sintaxe diferentes.

O primeiro exemplo refere-se ao Êxodo²² e, na Bíblia, Moisés recebe instruções de Deus para falar ao povo hebreu enquanto, no Alcorão, há a citação de uma fala de Moisés no mesmo contexto. A divindade é citada como *Lord God, God of Abraham, of Isaac and of Jacob, Allah*. Não há repetição de palavras-chave entre esses dois versículos, o que pode indicar a capacidade do método de fazer relações com base no contexto e nos elementos semânticos do texto. Reforça essa hipótese o fato de que o nome *Moisés* não aparece no versículo bíblico (1a), enquanto que em (1b), o narrador se referiu a Moisés em terceira pessoa.

Idolatria é o tema do exemplo (2). O versículo bíblico (2a) ocorre em um capítulo do Levítico dedicado à lembrança dos mandamentos tradicionais registrados no livro do Êxodo (capítulo 20), e faz um chamado para não haver outro deus além dele (o Deus único). O versículo do Alcorão (2b) vai à mesma direção, usando as palavras *friends, protectors* para significar o mesmo mandamento.

O exemplo (3) é uma curiosa relação entre um versículo do Apocalipse, o último livro da Bíblia, com a Sura de Al-A’Rāf (The Heights), num trecho em que é falado sobre o mito de Adão e Eva, tema do livro de Gênesis, o primeiro da Bíblia. O versículo

²² O livro de Êxodo descreve a saída do povo hebreu do Egito para a Terra Prometida.

bíblico (3a) cita *os que não tinham adorado a besta, não receberam sua marca e que iriam reinar ao lado do Cristo por mil anos*, enquanto o verso corânico (3b) comenta que Satã, mencionado dois versículos antes, em Su 7:20, *os enganou causando sua queda, mesmo após serem avisados de que era o inimigo*.

A maior proximidade semântico-contextual medida pelo método foi no exemplo (4), entre versículos do livro de Ezequiel e da Sura da Formiga (An-Naml). Tratam das mensagens e sinais enviados aos homens por Deus, da pouca confiança que demonstravam e de sua iniquidade.

A menor PSC no experimento foi medida no exemplo (5), sendo que o versículo da Bíblia, no primeiro livro de Reis (5a) relata um trecho de um sacrifício a Deus conduzido pelo profeta Elias, enquanto no Alcorão (5b) trata-se de uma advertência de Deus ao profeta Maomé em relação aos que não creem, os idólatras que terão *barreiras diante e atrás de si*.

2.4.2 Experimento t-SNE

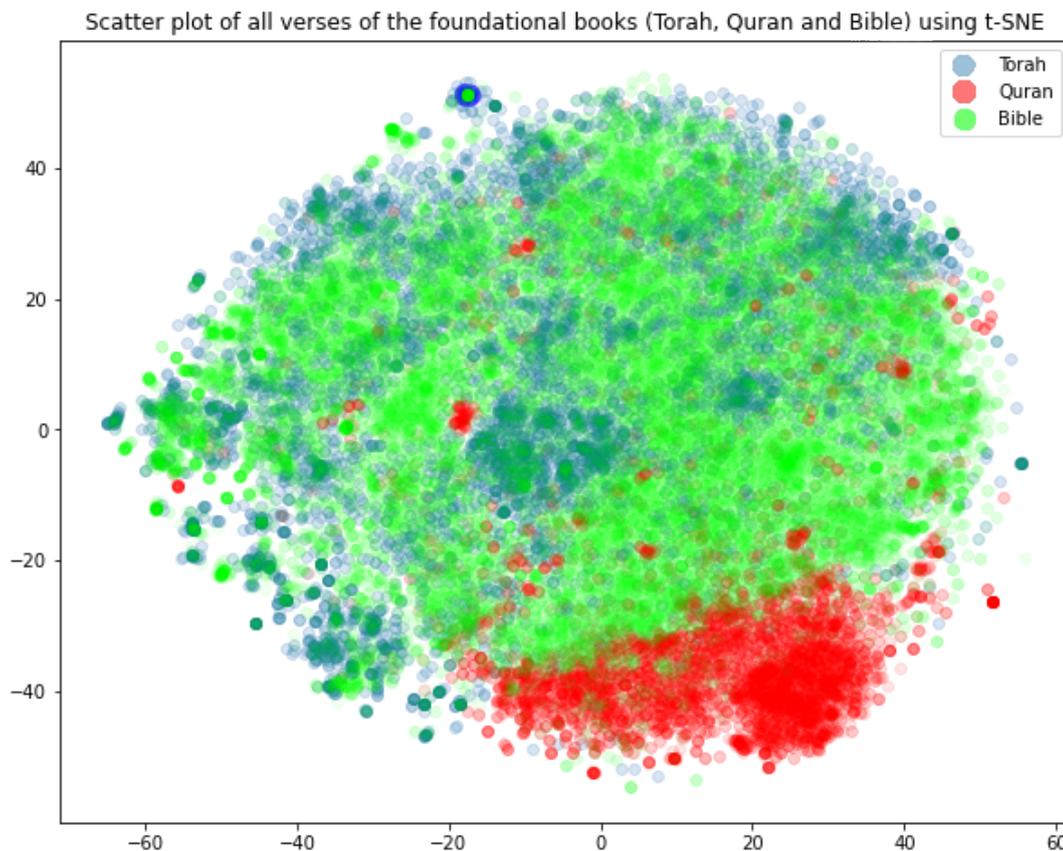
Adicionalmente ao processo com o BERT, e aproveitando a preparação que fizemos com os *data sets*, elaboramos um segundo experimento com o t-SNE (*t-Distributed Stochastic Neighbor Embedding*) (MAATEN; HINTON, 2008), uma técnica probabilística para a visualização de conjunto de dados de alta dimensão, como é o caso dos textos da Bíblia e do Alcorão. Esta técnica reduz a dimensionalidade dos vetores que representam cada versículo dos livros, mitigando a perda de informações, que são retratados graficamente em duas dimensões como um *ponto*. O t-SNE avalia a similaridade entre dois pontos num espaço de baixa dimensionalidade, permitindo a geração de um gráfico de dispersão, como é mostrado na Figura 1.

Para fins de pesquisa e prova do método, incluímos um terceiro bloco de texto junto aos já citados. Extraímos os cinco primeiros livros do próprio arquivo da Bíblia, e criamos outro volume de dados a que chamamos *Torá*²³; ou seja, o experimento foi feito entre os dois textos já utilizados no primeiro experimento — Bíblia e Alcorão —, mais um terceiro texto (Torá) que é cópia dos livros de Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio da Bíblia.

Cada ponto na Figura 1 representa um versículo de um livro, diferido pelas cores. Como esperado, há uma sobreposição significativa entre os grupos da Torá (azul) e da Bíblia (verde), uma vez que o primeiro livro está contido no segundo. O agrupamento de pontos vermelhos, que representa o Alcorão, está anexado a eles com alguns versículos sobrepostos, sugerindo similaridade e a formação de um bloco integrado de conhecimento monoteísta.

²³ O experimento foi processado em inglês, sendo que os textos são identificados como *Torah*, *Quran*, *Bible*. Há uma carência de arquivos de dados estruturados ou semiestruturados das escrituras religiosas. Não localizamos, *e.g.*, *data sets* da Torá, do Tanakh, e do Pentateuco Kardeciano.

Figura 1 – Experimento t-SNE.



Fonte: Elaborada pelo autor e Bernardo Pereira Nunes.

O resultado dos experimentos computacionais fortaleceu a escolha que fiz do objeto de tese, e deu-me segurança para prosseguir com a pesquisa. Existe uma proximidade entre os textos do Tanakh, da Bíblia, do Alcorão e do Pentateuco Kardeciano, uma espiral de conhecimento que foi explicitada ao longo dos séculos, à medida do amadurecimento dos povos, antecipada por profecias.

3 DOS OBJETIVOS

Neste capítulo faremos uma exposição sintética das características da pesquisa em curso, sendo que a [Figura 2](#) resume graficamente o projeto desta pesquisa.

3.1 ESCOPO E DELIMITAÇÃO

Ao fim e ao cabo, nossa motivação é mitigar a violência e o sofrimento com causa religiosa, intenção demonstrada na frase com que abrimos nossa *Introdução*, além da [Seção 1.3](#). Este é o problema factual, complexo, em que gostaríamos de contribuir na construção de um espaço de solução, mesmo que parcial e limitado, que tenha vitalidade para continuar sendo erigido pós-doutoramento.

Delimitamos nossa pesquisa às três religiões monoteístas do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo por entendermos que este é o recorte que pode gerar maior valor de retorno à sociedade com as futuras aplicações da tecnologia. Justificamos essa afirmação não apenas pelo contingente de adeptos dessas religiões, que totaliza quase 4,5 bilhões de pessoas¹, cerca de 57% da população mundial ([ZURLO et al., 2021](#)), mas também pelas guerras relacionados a elas.

Karen Armstrong (2009, p. 158) escreveu sobre os conflitos causados a partir de movimentos internos no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo, mais especificamente sobre os fundamentalismos judaico em Israel, protestante nos EUA, e islâmico no Egito. O fundamentalismo, argumenta ela, poucas vezes surge como uma luta com um inimigo externo, mas sim de tradicionalistas que combatem colegas de crença que julgam fazer excessivas concessões ao mundo secular. Esses movimentos fundamentalistas acabaram criando comunidades à parte, verdadeiras sociedades alternativas, para expressar a desilusão com uma cultura que não acomodava o espiritual da maneira que julgam adequada.

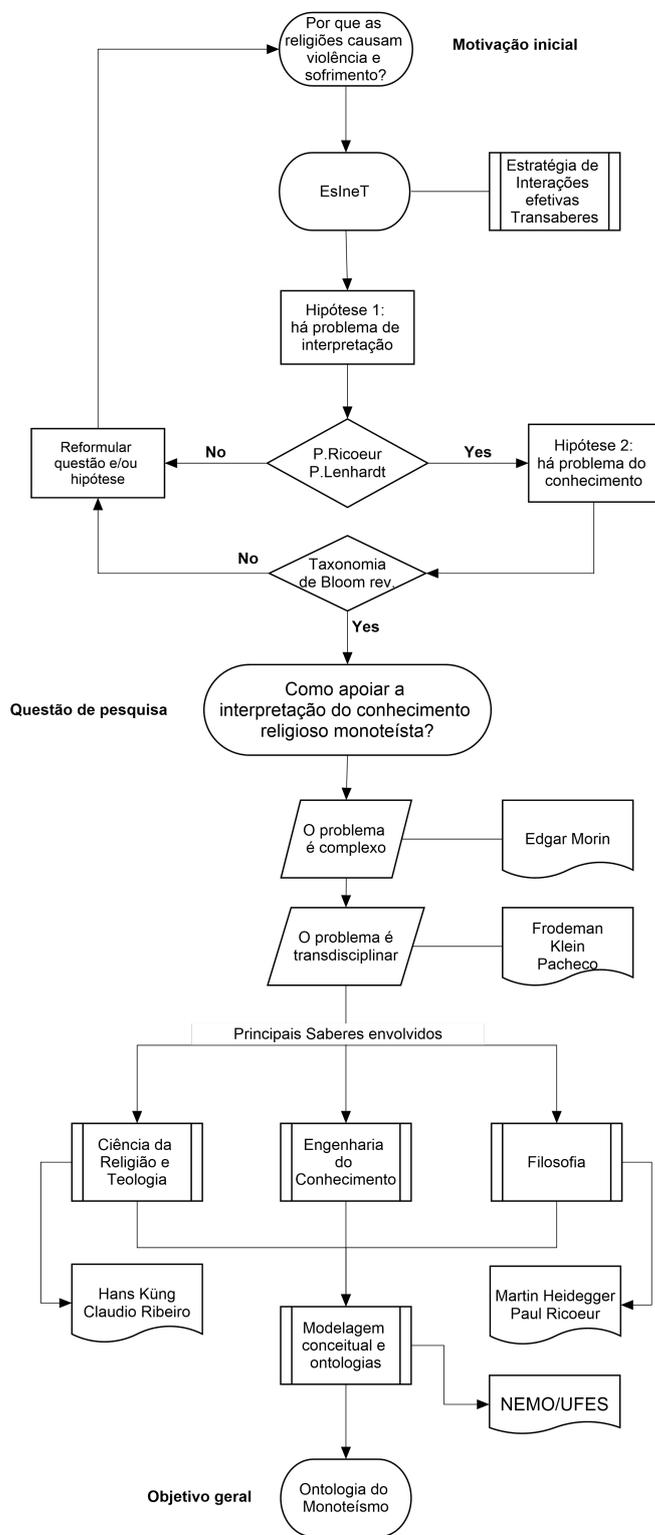
Por ser tão combativa, essa campanha pela ressacralização da sociedade se tornou agressiva e distorcida. Não tinha a compaixão que, para todas as crenças, é essencial à vida religiosa e à experiência do divino. Ao contrário, pregava uma ideologia de exclusão, de ódio e até de violência. Mas os fundamentalistas não detinham o monopólio da fúria. Seus movimentos com frequência se desenvolveram numa relação dialética com um secularismo agressivo que demonstrava pouco respeito pela religião e pelos devotos. Às vezes parece que secularistas e fundamentalistas estão presos numa espiral de hostilidades e recriminações ([ARMSTRONG, 2009](#), p. 492).

A Wikipedia (2021) mantém uma página em que são registradas as guerras religiosas, ou “guerras santas”², ao longo da história. Ao observar a linha do tempo dos

¹ Considerando uma população total estimada em 7.875.465.000 pessoas, com 2.545.579.000 de cristãos, 1.926.115.000 de muçulmanos, e 14.838.000 de judeus ([ZURLO et al., 2021](#), p. 20–21).

² A expressão “guerra santa” é uma contradição etimológica. Parece-nos uma construção semântica com o objetivo de responsabilizar Deus pelas decisões humanas que ocasionaram e ocasionam guerras.

Figura 2 – Fluxograma do projeto OntoM.



Fonte: Elaborada pelo autor.

conflitos em quatro continentes, especificamente as legendas que indicam os oponentes em cada guerra, encontrei apenas dois em que não há participação das religiões

que são objeto de nossa pesquisa: os conflitos inter-religiosos orientais (Hinduísmo, Budismo, Sikhismo, Confucionismo, Taoísmo e Shintoísmo) e inter-pagãos. Conflitos afetam os resultados econômicos de um país e, dependendo da sua abrangência, do planeta. Brauer e Anderton (2020) citam custos econômicos importantes, como a interrupção da educação, do comércio e do desenvolvimento durante a guerra; a realocação de recursos que seriam investidos no bem comum da sociedade para apoiar o ataque, a defesa, ou a fuga; a destruição de vidas, propriedades e biomas, culminando com as dificuldades de (re)desenvolvimento no pós-guerra. Entretanto, por detrás dessa espiral de hostilidades e recriminações, como salientou Armstrong, supracitada, há uma *espiral virtuosa de conhecimento* monoteísta sendo codificada há quase quatro milênios que embasam o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo, religiões que

conseguem fazer aparecer um *horizonte de sentido* na face desta terra e, assim também uma última *determinação de objetivo*. Em termos concretos, todas as religiões respondem a pergunta pelo sentido do todo, da vida, da história com vistas à realidade última já aqui experimentada. Tanto faz se esta realidade é descrita no judaísmo clássico como “ressurgimento”, no cristianismo como “vida eterna”, no islamismo como “paraíso” [...] Justamente face às muitas frustrações e muitas experiências de sofrimento e de malogro, as religiões conseguem, ajudando e levando adiante, transmitir uma oferta de sentido que vai para além da morte (KÜNG, 1993, p. 90).

Não há, pois, desrespeito de nossa parte pela não inclusão no objeto desta tese de outras religiões monoteístas, ou mesmo de religiões politeístas, todas significativas e importantes no contexto atual da Humanidade. Há o pragmatismo acadêmico em delimitar a pesquisa em objeto e objetivo viáveis com a maior agregação de valor possível em seus resultados.

3.2 PROBLEMA DE PESQUISA

A angústia recorrente desta tese — por que as religiões causam violência e sofrimento? — aponta para o problema no nível da realidade material, a violência e o sofrimento causados pelas religiões. Problema no nível da realidade material é, no contexto de nossa pesquisa, algo que ultraja a sociedade e o indivíduo na facticidade do cotidiano — e que demanda uma solução. Ou soluções, já que identificamos aqui um problema complexo, que não pode ser simplificado ou reduzido a uma das dimensões que ocupa, seja ela antropossocial, teológica ou espiritual. “A complexidade se impõe primeiro como impossibilidade de simplificar”, reza Edgar Morin (2013), e emerge como obscurecimento, desordem, incerteza e antinomia que, por sua vez, fecundam um novo tipo de compreensão e de explicação — o do pensamento complexo³—, sendo que

³ “O pensamento complexo é o que procura religar. É preciso não apenas separar, distinguir, mas também religar [...] É um pensamento multidimensional que articula as diferentes dimensões de um problema” (MORIN; ANDRADE, J. M. T. d., 2015, pos. 224–250).

O problema do pensamento complexo é pensar junto, sem incoerência, duas ideias contrárias. Isso só é possível se encontramos: a) o metaponto de vista que relativiza a contradição, [e] b) a inscrição em um circuito que torna produtiva a associação das noções antagônicas tornadas complementares [para que aconteça a] *transformação de uma disjunção ou alternativa, irreduzível no terreno do pensamento simplificante, em ligação ou unidade complexa* (MORIN, 2013, p.458–461).

O metaponto de vista que relativiza os pares de contraditórios citado por Morin aponta para um dos três pilares metodológicos da pesquisa transdisciplinar, a lógica do *terceiro [termo] incluído* ou da *dinâmica do contraditório*, e o circuito produtivo para um sistema que considere *diferentes níveis de realidade*, outro pilar da transdisciplinaridade (SOMMERMAN, 2006, p. 58).

Há ideias contraditórias salientes entre as três religiões, como por exemplo:

- As contradições comuns sobre Jesus Cristo na atualidade
 - Judaísmo: o messias ainda não veio
 - Cristianismo: Jesus é o messias e é deus
 - Islamismo: Jesus é o messias, mas não é deus⁴

Podem parecer, ao olhar não crente, contradições meramente teóricas e triviais; contudo, são ideias contraditórias desta qualidade que excluem o adepto de outra religião colocando-o como gentio ou infiel, e no limite, como adversário e inimigo.

Esse processo é baseado na lógica do *terceiro excluído*, derivado do paradigma da disjunção e da redução que entronizou a lógica clássica: trata-se do pensamento simplificador dizendo que entre duas proposições contraditórias, é necessário que uma seja verdadeira e a outra falsa. Voltamos, neste ponto, para a necessidade do pensamento complexo, que permite excluir ou incluir o terceiro termo, dependendo da simplicidade ou da complexidade do caso, não se fecha na disjunção e abre espaço para a ligação. Predomina em nossa tese, por conseguinte, o uso da *dialógica*, pedra de toque da Teoria da Complexidade que é o terceiro pilar metodológico da pesquisa transdisciplinar; ao estarmos alinhados com a dialógica, nos abrimos para a possibilidade de que “duas proposições contrárias estão necessariamente ligadas, mesmo se opondo”, a lógica do terceiro incluído (MORIN, 2011a, p. 248–250).

Entretanto, para que a disjunção se transforme em ligação e os pares de contraditórios do domínio religioso sejam pensados de forma única e coerente, é necessário estabelecer a premissa de que os problemas criados pelos seres humanos no nível da realidade material são *efeito ou finalidade*, enquanto a criação do conhecimento

⁴ “Com efeito, são renegadores da Fé os que dizem: ‘Por certo, Allah é o Messias, filho de Maria’[...]” (Su 5:72). “O Messias, filho de Maria, não é senão um Mensageiro; antes dele, com efeito, os outros Mensageiros passaram[...]” (Su 5:75)” (AL-MADINAH AL-MUNAUJARAH K.S.A., 1999). O Islamismo contradiz e se distancia, desta forma, do Judaísmo ao confirmar que o messias já veio, e do Cristianismo (especialmente do Catolicismo) ao afirmar que Jesus não é deus.

religioso monoteísta está no nível da *realidade espiritual*⁵, das *causas ou causalidades*. Essas são as duas realidades ou planos que permeiam a nossa pesquisa, e que iremos abordar com *estratégias transdisciplinares* na [Seção 5.2](#), para chegar aos nossos objetivos.

Quando relaciono a pergunta que iniciou esta seção, o objeto desta pesquisa, e os dois diferentes níveis de realidade, percebo que os textos institucionais do Monoteísmo são do nível da realidade espiritual — causa, portanto —, enquanto violência e sofrimento estão no nível da realidade material, o efeito sobre a sociedade ou o indivíduo. A realidade espiritual projetada pelos *tiM* é, no caso da presente tese e usando conceitos de Paul Ricoeur (2006), o MUNDO DO TEXTO, enquanto a realidade material é o MUNDO DO LEITOR. Apelamos ao pensador francês porque a Filosofia deve ter esse papel já preconizado por Sócrates⁶, o de rejeitar a especialização que fala apenas aos pares, e sim “filosofar por meio de conversas na ágora, com pessoas de todos os estratos sociais” (KLEIN; FRODEMAN, 2017, p. 149, tradução nossa). Tanto a *Hermenêutica Filosófica* de Paul Ricoeur, quanto a sua tese do *texto como identidade dinâmica*, estão em linha com o que chamamos de *escola americana de transdisciplinaridade* em nossa *Introdução*, um movimento acadêmico propositivo que busca identificar a complexidade inerente da sociedade, e tem o desejo e a necessidade de explorar e resolver problemas sociais utilizando o poder das novas tecnologias (KLEIN, 2017, p. 31). É nesse contexto a crítica de Klein e Frodeman (2017, p. 148–154) aos filósofos que escolheram não seguir a orientação socrática. Segundo eles, muitos profissionais da Filosofia optaram por não conduzir discussões em termos das questões cotidianas relacionadas à verdade, a beleza e a bondade, e transformaram a epistemologia em considerações abstratas sobre a natureza da verdade, a ética em metaética, e a filosofia social e política em reflexões gerais sobre a liberdade e a responsabilidade social. É papel dos filósofos, cogitam os autores, serem profissionais que fazem pesquisa de campo com pessoas de todas as esferas sociais, além de buscar integrar as disciplinas e levar os conhecimentos da academia para o mundo em geral, atuando como *boundary riders*, pensadores que se posicionam nas fronteiras disciplinares.

Paul Ricoeur parece ser um desses pensadores ao atuar na movediça fronteira entre a Filosofia e a Religião, tanto é que sentiu necessidade de registrar, no prefácio de *O si-mesmo como outro*:

Se defendo meus escritos filosóficos da acusação de criptoteologia, abstenho-me, com igual vigilância, de atribuir função criptofilosófica à fé bíblica, o que

⁵ Ou plano espiritual, em diferenciação à realidade material ou plano físico. “Os seres materiais constituem o mundo visível ou corpóreo, e os seres imateriais, o mundo invisível ou espiritual, isto é, dos Espíritos” (KARDEC, 2013d, Introdução VI).

⁶ Texto original: “*The patron saint of philosophy was an avant la lettre transdisciplinarian: he rejected expertise and did his philosophizing via conversations in the agora, with people from all walks of life.*”

seguramente ocorreria caso se esperasse dela alguma solução definitiva para as aporias que a filosofia multiplica (RICOEUR, 2014, p. XLI).

Ricoeur (2006, p. 126–129) elaborou sua teoria da identidade dinâmica do texto com quatro proposições, sendo a que diz mais respeito ao nosso problema de pesquisa é a tese de que o texto narrativo, caso do objeto de nossa pesquisa, tem identidade dinâmica que emerge para a intersecção entre o mundo do texto e o mundo do leitor. O mundo do texto, para o filósofo francês, é o mundo apresentado pelo texto narrativo “como o *horizonte* da experiência possível no qual a obra desloca seus leitores”, enquanto que o mundo do leitor é o “mundo efetivo em que a ação *real* se desvela”. O ato de leitura é central na tese de Ricoeur, que o define como o “vetor da transfiguração do mundo da ação” causado pela narrativa. É o leitor, portanto, que completa a obra, que a reatualiza pela leitura.

Voltando à citação de Edgar Morin feita no início desta seção: a identidade dinâmica da narrativa, na intersecção entre o mundo do texto e o mundo do leitor, é o circuito que torna produtiva a associação das noções antagônicas tornadas complementares para que uma disjunção religiosa se torne ligação, enquanto que o metaponto de vista que relativiza as contradições do domínio monoteísta, e que conectamos com a lógica do terceiro incluído, é a *ética*. Hans Küng redigiu e o Parlamento das Religiões do Mundo⁷ aprovou, em 1993 e em 2018, a *Declaração de Ética Mundial*, incluindo a afirmação de que há, sim, uma reserva de valores fundamentais em comum nas religiões, e que esses valores constituem a base para uma ética mundial, iterando as palavras de Küng:

Reiteradas vezes, e em diversos lugares deste mundo, observamos que líderes e adeptos de religiões instigam à agressão, ao fanatismo, ao ódio e à xenofobia; e inspiram e legitimam até mesmo confrontos sangrentos e marcados pela violência. Usurpa-se a religião para fins meramente voltados à conquista do poder político, até o extremo da guerra. [...] Já existe uma ética capaz de oferecer orientação diversa à desses desdobramentos globais funestos. Embora essa ética não ofereça soluções diretas para todos os imensos problemas mundiais, oferece a base moral para uma ordem individual e global melhor: uma visão capaz de afastar homens e mulheres do desespero, e as sociedades, do caos. [...] Afirmamos já haver um consenso entre as religiões, capaz de constituir a base para uma ética mundial: um consenso fundamental mínimo, no que diz respeito a valores obrigatórios, parâmetros inamovíveis e atitudes morais básicas (KÜNG; CONSELHO DO PARLAMENTO DAS RELIGIÕES MUNDIAIS, 1993).

Küng também escreveu sobre as dificuldades da religião com a ética, referindo-se ao antagonismo religioso à multifacetária e mutante realidade da sociedade tecnoló-

⁷ Do original *Parliament of the World's Religions*, normalmente traduzido como “Parlamento das Religiões Mundiais”, expressão que pode levar à exclusão das religiões que não são “mundiais”, globalizadas, como é o caso das religiões afro-brasileiras, Candomblé, Umbanda etc. A outra tradução, “Parlamento Mundial das Religiões”, parece-nos inadequada à expressão em inglês, a qual, para esta versão, deveria ser algo como *world parliament of religions* ou *global parliament of religions*. Optei pela tradução expressa no texto a que esta nota se refere.

gica, o que cria uma barreira que faz com que as religiões não consigam usar “*métodos científicos* para, o mais possível sem preconceitos, examinar esta realidade à luz da sua legislação real presente e das possibilidades vindouras” (KÜNG, 1990, p. 125)⁸.

O problema de pesquisa que apresentamos é, portanto, o de usar métodos científicos, técnicas e tecnologias da Engenharia e Gestão do Conhecimento sobre os textos institucionais do Monoteísmo para auxiliar no problema hermenêutico da interseção entre o mundo do texto e o mundo do leitor, e no problema do conhecimento, em conexão com a utopia de uma ética global, através de uma *alquimia metodológica*⁹.

Paul Ricoeur nos auxilia ao afirmar que “o papel da hermenêutica é acompanhar a atividade estruturante que parte do pleno da vida, investe-se no texto e, graças à leitura privada e à recepção pública, retorna à vida” (RICOEUR, 2006, p. 129). Espero que o resultado desta tese contribua para tornar à vida os ensinamentos e valores codificados do Monoteísmo.

3.2.1 Questão de pesquisa

A questão de pesquisa desta tese é assim enunciada:

COMO APOIAR A INTERPRETAÇÃO DO CONHECIMENTO RELIGIOSO MONOTEÍSTA?

3.2.2 Objetivo geral

O objetivo geral de nossa pesquisa é o passo inicial para a compreensão e modelagem lógica, computacional, de um domínio complexo como o do Monoteísmo — uma ontologia computacional. Assim o exprimimos:

PROPOR UMA ONTOLOGIA PARA APOIAR A INTERPRETAÇÃO DO CONHECIMENTO RELIGIOSO MONOTEÍSTA.

3.2.3 Objetivos específicos

Definimos algumas etapas para esta pesquisa, aqui relacionadas como objetivos específicos que, ao final, irão se consolidar no objetivo geral expresso na [Seção 3.2.2](#).

1. JUSTIFICAR A INCLUSÃO DOS TEXTOS DO ALCORÃO E DO PENTATEUCO KARDECIANO NO OBJETO DE PESQUISA;
2. APRESENTAR UMA ESTRATÉGIA TRANSDISCIPLINAR QUE ATENDA AO PROJETO DA ONTOLOGIA DO MONOTEÍSMO;

⁸ O que demonstra, em parte, a afirmação que fizemos na [Seção 1.5](#).

⁹ Crédito da expressão ao Professor Rogério Cid Bastos, que a pronunciou em 2018, por ocasião da nossa qualificação.

3. ELABORAR UMA LISTA DE APLICAÇÕES DA ONTOLOGIA DO MONOTEÍSMO;
4. APLICAR TEORIAS FILOSÓFICAS PARA A INTERSECÇÃO ENTRE O NÍVEL DE DOMÍNIO E O NÍVEL DE FUNDAMENTAÇÃO DA ONTOM;
5. IDENTIFICAR CONCEITOS COMUNS DAS RELIGIÕES MONOTEÍSTAS PARA COMPOR O MODELO DE REFERÊNCIA;
6. VERIFICAR A ONTOLOGIA DO MONOTEÍSMO ATRAVÉS DE QUESTÕES DE COMPETÊNCIA.

Esses objetivos são trabalhados ao longo deste documento, de maneira que sintetizamos a análise sobre o cumprimento ou não em nossa *Conclusão*.

Parte II

Fundamentação teórica

4 COMPLEXIDADE E CONHECIMENTO

Edgar Morin formulou sua Teoria da Complexidade na série *O Método*, que foi composta por seis livros publicados ao longo de três décadas. *O método 1: A natureza da natureza* foi lançado em 1977; seguiram-se *O método 2: a vida da vida*, *O método 3: o conhecimento do conhecimento*, *O método 4: as ideias: habitat, vida, costumes, organização*, *O método 5: a humanidade da humanidade* e, finalmente em 2004, *O método 6: ética*. Escolhemos o pensador francês pelo seu trabalho significativo sobre complexidade, necessária, principalmente, na interface entre tecnologia e religião, entre a objetividade de um programa de computador e a subjetividade dos conceitos do domínio monoteísta.

Iniciado nas teorias geral de sistemas, cibernética e da informação, Morin reorganizou os princípios do conhecimento formulando as bases do pensamento complexo. A etimologia desta palavra remete ao latim *complexus* — o que é tecido em conjunto. Entre outras conceituações, Edgar Morin propôs os *operadores da complexidade*, expressão que indica elementos que põem o pensamento em movimento e estão explicitados em [Seção 4.3.3](#). Não temos a intenção de realizar uma síntese exaustiva de *O Método*, mas sim de nos apropriar de conceitos úteis à tese em tela.

4.1 NATUREZA

As ideias de *organização* e de *sistema* são intensamente elaboradas no primeiro volume da série *O método*. Ao longo da primeira parte do livro, o pensador associa as ideias de *organização*, *totalidade* e *inter-relações* para conceber sua definição de *sistema* como uma “unidade global organizada de inter-relações entre elementos, ações ou indivíduos” (MORIN, 2013, p. 133). Na construção de um conceito de sistema que atenda ao *pensamento complexo*,

os objetos dão lugar ao sistema. Em vez de essências e de substâncias, a organização; em vez das unidades simples e elementares, as unidades complexas; em vez dos agregados formando corpos, os sistemas de sistemas de sistemas. O objeto não é mais uma forma-essência ou uma matéria-substância [...] A forma deixa de ser uma ideia de essência para se tornar uma ideia de existência e de organização (MORIN, 2013, p. 156–157).

Esta concepção de *sistema* será importante para a formulação do sistema de ideias do domínio monoteísta, que será detalhado na [Seção 4.4.1](#).

4.2 VIDA

É em *O Método 2: a vida da vida* que Edgar Morin (2015) faz seu grande mergulho filosófico na Biologia, com ênfase na dimensão ecológica, trazendo os conceitos exarados no tomo 1 (Seção 4.1) como, por exemplo, o de *organização*. É neste cenário que Morin formula, inicialmente, a *ecologia das ideias* para, ao final do volume, postular o conceito de *complexidade*.

4.2.1 Ecologia das ideias

O objeto de nossa tese — os textos institucionais do Monoteísmo (tiM) — é um conjunto de teorias, ideologias, mitos e deuses; ideias, portanto, que adquirem vida própria, têm existência, e engendram cultura. Nesta episteme, cultura é o ecossistema criado pelas ideias que “extraem dos nossos espíritos/cérebros o alimento vital, [...] [já que] um herói de romance nasce, desperta, vive [...] não só no e pelo espírito de romancista, mas também no e pelo espírito de leitor” (MORIN, 2015, p. 103)¹.

Um sistema de ideias — aqui entendidas em sentido amplo que abrange teorias, filosofias e ideologias —, pode ser considerado uma entidade dotada de autonomia organizacional dinâmica. Usamos nossas teorias, adaptamos nossas filosofias e defendemos nossas ideologias. Ao mesmo tempo em que este sistema de ideias parece passivo, instrumental e dependente, percebemos que ele nos subjuga, nos parasita, nos cega a ponto de — situação limítrofe — morrermos em nome de uma ideia, algo paradoxal quando evocamos a memória das guerras santas travadas em nome do *Deus único* do Monoteísmo. É na perspectiva da *ecologia das ideias* que

as mesmas ideias ou teorias podem ter uma significação inteiramente diferente, e até inversa, segundo a ecologia mental ou cultural que as alimenta. [...] As ideias, as teorias não existem fora da vida mental que as anima. Precisam ser incessantemente regeneradas, regeradas, [...] [a partir de] uma *ecologia mental complexa* (MORIN, 2015, p. 104).

4.2.2 A complexidade viva

O paradigma da complexidade formulado pelo pensador francês ao longo da série *O Método* começa a tomar forma pela explicação do *pensamento complexo*.

O pensamento complexo visa à relação entre os níveis moleculares e globais; deixa em segundo plano o elementar e prioriza o radical, com suas incertezas e antinomias; focaliza a multidimensionalidade da entidade viva, não apenas como um combinado de interações moleculares, uma máquina térmica, mas também um ser, um

¹ Proposição complementar a de Paul Ricoeur, de mundo do texto e mundo do leitor, como descrevemos na Seção 3.2.

indivíduo e um sujeito (MORIN, 2015, p. 401–402). O pensamento complexo, desta forma, vê a vida como uma unidade original (presente da ameba ao elefante) e global (na biosfera que une os seres vivos); ao mesmo tempo em que é diversidade, pluralidade e heterogeneidade², também é “falta de unidade, desunião, cisão, dispersão, oposição e antagonismo”. O problema do pensamento complexo reside, desta maneira, em *pensar a unidade e a falta dela sem enfraquecer uma ou outra* (MORIN, 2015, p. 405).

4.3 CONHECIMENTO

Nossa tese é formulada no âmago do PPGECC, um programa cujo objeto é o *conhecimento*. O pensamento de origem *moriniana* relaciona a todo o momento conhecimento humano (vivo) e artificial, estabelecendo o axioma de que “conhecer é primariamente computar”; considerando que *computação* é uma operação através de signos, símbolos e formas, *conhecer* é realizar operações de *tradução* em sistemas de signos, símbolos e formas, de *construção* a partir de princípios e regras, e de *solução* de problemas, incluindo o “problema cognitivo da adequação da construção tradutora à realidade que se trata de conhecer” (MORIN, 2012a, p. 58).

Ainda de acordo com Edgar Morin, o conhecimento é o resultado de uma atividade produtora do sujeito que combina suas aptidões de habilidade e cognição. Há, portanto, uma competência, uma atividade cognitiva e um saber resultante. O cérebro humano é o aparelho que possibilita a cognição e as competências, que se desenvolvem junto a uma cultura que produz e conserva saberes, transmite uma linguagem e critérios de verdade. “É nesse quadro que o espírito humano elabora e organiza o seu conhecimento utilizando os meios culturais disponíveis” (MORIN, 2012a, p. 18) nas três grandes áreas de saber da Humanidade — Ciência, Filosofia e Religião³.

4.3.1 Ciência, Filosofia e Religião

Cérebro e Espírito, coadjuvantes e cocriadores de conhecimento, foram vítimas de uma cisão entre Ciência e Filosofia, que inaugurou uma etapa de desidratação comunicacional e fechamento disciplinar. O início do século 20, no qual a Ciência afirmava ter encontrado o fundamento empírico e lógico de toda a verdade, viu surgir o *Círculo de Viena* (1925-1936), um grupo de filósofos e cientistas que, dispostos a acabar com a “conversa [...] pretensiosa e arbitrária da metafísica, decidiu transfor-

² Essas três características são alguns dos pontos de contato da teoria *moriniana* com o *Princípio Pluralista*, explicitado no *Seção 5.2.1.1*, que embasa esta tese na área da religiosidade ecumênica.

³ Reconhecemos a existência de uma quarta área do conhecimento, a Arte, tipicamente atuante na dimensão de representar o conhecimento gerado ou de impulsionar a geração de conhecimento ainda não gerado.

mar a filosofia em ciência, fundamentando todas as suas proposições com base em enunciados verificáveis e coerentes” (MORIN, 2012a, p. 19–22).

A cisão primeira, contudo, aconteceu com Filosofia e Ciência aliadas, que, não tolerando “o ascendente dos dogmas absurdos da Igreja” (XAVIER, F. C.; EMMANUEL, 2010, p. 239), apartaram-se da Religião. Este movimento iniciou pelos labores da Arte

de que Homero é o eterno representante. Forçoso era que a poesia, ao mesmo tempo mais independente e mais constrangida, fosse a primeira a desprender-se do tronco teocrático, de modo a começar a emancipação ocidental. Ela prepara o advento da filosofia que, a princípio esboçada por Tales e Pitágoras, personifica-se enfim no incomparável Aristóteles, por tal forma superior ao seu tempo que só pôde ser apreciado na Idade Média (COMTE, 1978, p. 305).

René Descartes, a 10 de novembro, 1619, iniciou sua rebelião contra o dogmatismo escolástico, que iria fortalecer-se em 10 de novembro, 1793, quando a “deusa” *Razão* foi entronizada na Catedral de Notre Dame, em Paris (PIRES, 1991, p. 82). Ciência, Filosofia e Religião, finalmente apartadas, fragmentaram o conhecimento da Humanidade na sua criação, na sua armazenagem e na sua disseminação, provocando uma fratura cognitiva no pensamento humano⁴

4.3.2 Método e metodologia

A palavra “Método” intitula a série do pensador francês em seus seis volumes, de modo que podemos falsear o discernimento e buscar, nas 2.145 páginas, um ou mais métodos prontos que, combinados, possam formar uma metodologia que nos guiará na solução de problemas complexos. Entretanto, para Edgar Morin “as metodologias são guias *a priori* que programam as pesquisas”, e o *método* proposto pelo autor ao longo da série é um *auxílio à estratégia*, uma ajuda “a pensar por si mesmo para responder ao desafio da complexidade dos problemas” (MORIN, 2012a, p. 36). A estratégia, contudo, está em oposição ao programa⁵, que tem sua eficácia em contexto estável e determinado. A estratégia, assim como uma metodologia, também é elaborada visando um objetivo, mas,

vai determinar os desenvolvimentos da ação e escolher um deles em função do que ela conhece sobre um ambiente incerto. A estratégia procura incessantemente reunir as informações colhidas e os acasos encontrados durante o percurso (MORIN, 2014a, p. 62).

⁴ Como Carl Gustav Jung irá constatar posteriormente; sobre isso, favor ver a [Nota de rodapé 12 na Seção 5.2.1.1.](#)

⁵ *Programa* no sentido de sequência de ações que visam um objetivo; metodologia.

A *complexidade* situa-se em dois níveis, o do objeto do conhecimento e o da obra (artefato) de conhecimento.

Objeto do conhecimento

O dilema da complexidade no nível do objeto apresentado por Morin se relaciona à escolha que temos de fazer, enquanto pesquisadores, cientistas ou filósofos, entre fechar o objeto ou dissolver suas fronteiras. A primeira opção, a do fechamento, “mutila a solidariedade com outros objetos bem como com o seu meio” (MORIN, 2012a, p. 38); a segunda opção nos condena à superficialidade.

O nosso objeto do conhecimento, os textos institucionais do Monoteísmo (tiM), é bem delineado, de contornos bem definidos: são oito volumes, fisicamente falando, conforme descrito no [Capítulo 2](#). A questão que se poderia formular, em relação à pesquisa: *fechar, delimitar* o objeto de pesquisa seria um impeditivo para alternar entre diferentes traduções do mesmo texto, ou mesmo agregar *novos textos religiosos*? A resposta é não. A tecnologia empregada e desenvolvida permite a alternância entre traduções e versões, além de ser aberta à inclusão de textos subsidiários e complementares das diversas religiões e suas denominações.

Obra de conhecimento

A dificuldade ao nível da obra ou artefato de conhecimento para o pensamento complexo reside, ao mesmo tempo, em reconhecer “a impossibilidade e a necessidade de totalização, de unificação, de síntese [...] com a consciência absoluta e irremediável do caráter inacabado de todo conhecimento, de todo pensamento e de toda obra” (MORIN, 2012a, p. 38).

Nossa obra de conhecimento é a *Ontologia do Monoteísmo*, artefato da Engenharia do Conhecimento. Entretanto, conforme alertou Morin, também este artefato do conhecimento está inacabado, passível de adições, subtrações e alterações.

4.3.3 Princípios da inteligibilidade

O *Método 3* busca a concepção da complexidade do cérebro e, por consequência, a percepção do seu produto — o conhecimento. Morin lista três princípios de inteligibilidade que nos auxiliaram na análise do conjunto de textos que é objeto desta tese: são eles os princípios *dialógico, recursivo e hologramático* (MORIN, 2012a, p. 110–120).

- a) Princípio dialógico: é o princípio do *antagonismo cooperativo* que acontece na relação entre o aparelho neurocerebral humano — o espírito/cérebro⁶ —, e o meio exterior — o mundo.
- b) Princípio recursivo (ou reflexivo): princípio de *causa e efeito autogerativos* no qual, a cada momento, o conhecimento é gerado e gerador, efeito e causa.
- c) Princípio hologramático: trata-se do princípio *do todo e da parte*, no qual

as partes podem ser singulares ou originais, embora dispo de aspectos gerais e genéricos da organização do todo; as partes podem ser dotadas de autonomia relativa; [as partes] podem estabelecer comunicações entre elas e realizar trocas organizadoras, e podem ser eventualmente capazes de regenerar o todo (MORIN, 2012a, p. 114).

O princípio dialógico nos leva a perceber que o sujeito está presente em todos os objetos que conhece; o princípio reflexivo nos faz compreender que o conhecimento objetivo se produz na esfera subjetiva do mundo objetivo; e o princípio hologramático nos conduz ao entendimento de que o nosso espírito está presente no mundo que conhecemos, mundo que está, de certa maneira, presente em nosso espírito (MORIN, 2012a, p. 230–233). O conhecimento só pode desenvolver-se onde haja *dialógica* entre unidade e diversidade, e entre ordem, desordem e organização, pois

os progressos do conhecimento são dialogicamente os progressos no conhecimento da unidade e da diversidade, os progressos no conhecimento da ordem (determinações e determinismos), da desordem (localização de riscos e improbabilidades), da organização (princípios e regras de ligação, de reunião, de agenciamento), assim como os progressos na aquisição e na organização das informações (MORIN, 2012a, p. 242).

O desenvolvimento do conhecimento, portanto, é um processo complexo de coprodução que segue o circuito exposto na *Seção 4.5.1*, o que nos coloca a dificuldade de, ao elaborarmos uma tese de doutoramento, não estarmos referenciando um método descritivo, cartesiano, mas sim, uma ESTRATÉGIA GENERATIVA elaborada no seio do pensamento complexo.

4.4 IDEIAS

Se o primeiro erro consiste em crer na realidade física dos sonhos, deuses, mitos, ideias, o segundo erro é de negar-lhes a realidade e a existência objetivas (MORIN, 2011a, p. 135)

⁶ Morin considera indissociável a díade espírito/cérebro, embora reconhecendo a atuação em níveis diferentes. Espírito será conceituado somente no tomo 5, no sentido de espírito cognoscente e inventivo, que organiza o conhecimento e a ação humanos (MORIN, 2012b, p. 301).

Edgar Morin trabalha o conceito de *noosfera* no quarto livro da série *O Método: as ideias: habitat, vida, costumes, organização*. Termo proposto por Teilhard de Chardin (1881–1955) nos anos 1920, noosfera⁷ equivale ao *mundo três* de Karl Popper (1902–1994), aquele “constituído pelas coisas do espírito, produtos culturais, linguagens, noções, teorias, inclusive os conhecimentos objetivos” (MORIN, 2011a, p. 136). As coisas do espírito, nesta visão, adquirem uma realidade e uma autonomia objetiva, levando-nos a reconhecer os tipos, classes ou espécies dos *seres de espírito* (entidades noológicas), além de suas regras, princípios e modos de organização, principalmente os das entidades logomorfas (sistemas de ideias e ideologias) (MORIN, 2011a, p. 141–145).

4.4.1 Sistema de ideias

Um sistema de ideias, segundo Morin,

constitui-se de uma constelação de conceitos associados de maneira solidária, cujo agenciamento é estabelecido por vínculos lógicos (ou com tal aparência), em virtude dos axiomas, postulados e princípios de organização subjacentes, [explicitando] enunciados com valor de verdade e, eventualmente, previsões quanto a fatos e acontecimentos que deverão manifestar-se (MORIN, 2011a, p. 159).

Seguindo a definição acima, consideramos que o nosso objeto de pesquisa, os textos monoteístas, constituem um sistema de ideias, “o mundo do texto projetado pela obra escrita”, como diria Paul Ricoeur (2006, p. 30). Outras características afirmadas por Morin nos levam a esta conclusão, como a de que o núcleo duro de um sistema de ideias é constituído de postulados indemonstráveis e de princípios ocultos (paradigmas). Um sistema de ideias resiste às críticas e refutações externas baseando-se na sua própria coerência lógica; elimina tudo que tende a perturbá-lo e desregulá-lo; é autocêntrico (coloca-se no centro do seu universo), monopolista (ocupa sozinho seu terreno de verdade), autoritário e agressivo contra todo rival que o contesta (MORIN, 2011a, p. 160–162).

Cabe citarmos a diferenciação que *O Método 4* faz entre as *teorias*, sistemas de ideias que têm como prioridade a abertura, e as *doutrinas*, sistemas que priorizam o fechamento (MORIN, 2011a, p. 160). Enquanto as primeiras primam pelo acordo lógico-empírico (racionalidade) e pela necessidade lógica das relações entre conceitos, as doutrinas primam pela coerência interna (racionalização) e pela rigidez das ligações entre conceitos; as teorias destacam-se pela flexibilidade em oposição ao dogmatismo

⁷ É a parte da biosfera mais influenciada pelo universo do pensamento humano, pela atividade mental consciente (conceito teórico-científico de Teilhard de Chardin e Vladimir Verdansky); antroposfera (HOUAISS; VILLAR, 2009).

doutrinário. Um mesmo sistema de ideias, contudo, pode tornar-se teoria ou doutrina. Morin cita, para exemplificar, o sistema de ideias do marxismo que, num contexto acadêmico, numa universidade, onde aceite ser discutido e colocado em comparação com outros sistemas, torna-se uma teoria. No ambiente partidário ou sectário que se faz intérprete do marxismo “torna-se doutrina; estima a sua verdade para sempre irrefutável e então rejeita de maneira imunológica qualquer informação ou argumento capaz de contestá-lo” (MORIN, 2011a, p. 165–166).

Tentarei demonstrar, ao longo deste documento, que o *Sistema de ideias do Monoteísmo* (SiM) iniciado com os Patriarcas Abraão, Isaac e Jacob⁸ e que perdura até os nossos dias, tem características de uma teoria. As chamadas revelações do Monoteísmo se abrem ao exterior, abarcando novas etnias e nações ao longo dos milênios. É um sistema flexível a ponto de englobar três grandes denominações religiosas — Judaísmo, Cristianismo e Islamismo —, confirmando um núcleo duro que resiste à experiência secular. Ao decompormos o SiM nos seus subsistemas das revelações judaica, cristã e muçulmana, vemos claramente as doutrinas, com seus sistemas fechados e insensíveis à experiência que poderia modificá-los. Doutrina, nesta episteme, é sinônimo de religião.

4.4.2 Paradigma

O paradigma situa-se no núcleo das teorias, afirma Edgar Morin. Thomas Kuhn (1922–1996) definiu *paradigma* como um fundo coletivo de evidências escondidas e imperativas que estão sob postulados e pressupostos ocultos que comandam e controlam o modo de conceber, formular e organizar as teorias científicas. Morin amplifica a definição e utiliza o termo paradigma não apenas para o saber científico, mas para todo conhecimento, pensamento e sistema noológico (MORIN, 2011a, p. 263–265).

Um paradigma contém, para todos os discursos que se realizam sob o seu domínio, os conceitos fundamentais ou as categorias-mestras de inteligibilidade, ao mesmo tempo que o tipo de relações lógicas de atração/repulsão (conjunção, disjunção, implicação ou outras) entre esses conceitos e categorias. [...] Os sistemas de ideias são radicalmente organizados em virtude dos paradigmas (MORIN, 2011a, p. 265).

O paradigma está na base da constituição dos axiomas, afirma Morin, da determinação dos conceitos e do controle dos discursos e teorias. O filósofo francês enumera vários traços que caracterizam um paradigma, tais como a impossibilidade

⁸ São considerados os patriarcas do Monoteísmo que originou o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. São pai, filho e neto, citados em todos os compêndios monoteístas. Aparecem, juntos pela primeira vez, ao final do livro de *Gênesis*: “E disse José aos seus irmãos: Eu morro, e Deus certamente vos visitará, e vos fará subir desta terra, à terra que jurou a Abraão, a Isaac e a Jacob.” Gn 50:24 (TEMPLO ISRAELITA BRASILEIRO OHEL YAACOV, 2001, p. 150).

de refutação-verificação empírica. O paradigma dispõe do princípio de exclusão, causa cegueira e é invisível. Há incompreensão e antinomia entre os paradigmas, que estão recursivamente ligados aos discursos e sistemas que geram. Um grande paradigma determina, através de teorias e doutrinas, uma visão de mundo; é por isso que uma mudança no paradigma — uma revolução paradigmática — transforma o nosso mundo. Por ser invisível, torna-se praticamente invulnerável, não podendo ser atacado, contestado diretamente. O arranha-céu do paradigma rui a partir de frestas e fissuras nas teorias e ideologias que produziu, com o surgimento de novas teses e hipóteses que não mais obedecem àquele paradigma (MORIN, 2011a, p. 268–272). No núcleo de nossa tese está o *paradigma monoteísta*, explicitado com clareza por Allan Kardec no Pentateuco Kardeciano em duas formas complementares: “Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom” e “Deus é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas” (KARDEC, 2013d, p. 23, 53).

O paradigma monoteísta atende às características supracitadas: não pode ser refutado, não há possibilidade da verificação empírica; ele exclui as ideias e enunciados diferentes, e causa cegueira, pois tudo o que exclui passa a não existir, como um ser humano ateu, por exemplo. É invisível a ponto de um cristão-espírita no século 21, estudioso da terceira revelação, não perceber que o seu Deus é o mesmo Deus de Abraão, Isaac e Jacob da primeira revelação monoteísta; um judeu louva Moisés, o profeta-maior do Judaísmo; um cristão tem o Cristo Jesus como seu paradigma de fé, enquanto um religioso muçulmano cultua o Profeta Maomé. O *paradigma* ocultou-se por debaixo dessa idolatria imediata sob criptônimos — Adonai e El Shadai (TEMPLO ISRAELITA BRASILEIRO OHEL YAACOV, 2001), Iahweh e Deus (ÉCOLE BIBLIQUE DE JÉRUSALEM, 2010), Allah (AL-MADINAH AL-MUNAUARAH K.S.A., 1999) — aumentando sua invulnerabilidade já que, enquanto imperceptível, o paradigma trafega livremente nas e entre as religiões e suas denominações sem ser molestado. Este paradigma introduziu uma nova mentalidade e mudou o nosso mundo. Num planeta que se entregava ao Totemismo, “elegendo animais, plantas ou objetos como entidades protetoras da tribo” (FIALHO, 1993, p. 241), e ao “animismo tribal na personalização da natureza [...] com os fetiches básicos da Terra-Mãe e do Céu-Pai” (PIRES, 1991, p. 28), o culto ao Deus único iniciou para transformar a Humanidade.

4.5 HUMANIDADE

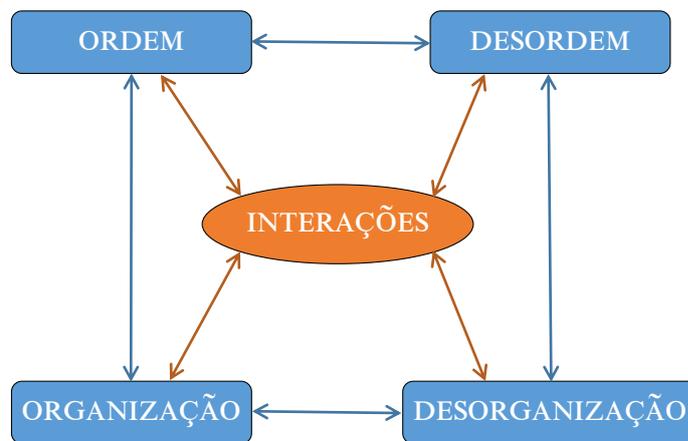
“Quanto mais conhecemos, menos compreendemos o ser humano”, lamenta Morin ao iniciar a quinta obra de *O Método: a humanidade da humanidade (a identidade humana)* (MORIN, 2012b). Neste volume, maturado por doze anos após *As ideias*, o filósofo parisiense propõe a complexificação na abordagem do conhecimento do ser humano. O conhecimento proposto é complexo porque reconhece que o sujeito

humano estudado está incluído no objeto; porque concebe a unidade e a diversidade humanas, além de todas as dimensões — física, biológica, psicológica, social, mitológica, econômica, sociológica, histórica — da sua realidade; porque vê o *homo* não apenas como *sapiens*, mas como *faber, economicus, demens, ludens e consumans*⁹; porque dá sentido às palavras abandonadas pela ciência: alma, espírito, pensamento (MORIN, 2012b, p. 18–19).

4.5.1 O pentagrama de Morin

O mundo físico no qual nos encontramos não obedece a uma ordem submetida a leis estritas, também não está entregue às desordens e aos acasos. É levado por um grande jogo entre ordem, desordem, interações, organização e desorganização (MORIN, 2012b, p. 27), mostrado na Figura 3, que pode representar desde sistemas biológicos simples, como a reprodução de bactérias, até sistemas complexos, como relacionamentos humanos na sociedade.

Figura 3 – Pentagrama de Morin: o jogo do mundo; cada termo em complementaridade e antagonismo com os demais.



Fonte: adaptado de (MORIN, 2012b, p. 27).

A trajetória humana sob a égide e a bandeira monoteísta também se inscreve neste circuito pentalógico. Podem-se perceber os momentos históricos em que a estagnação de uma determinada situação humana, coincidente com a corrupção do conhecimento até então revelado, requereu regeneração através de uma nova revelação, que sempre teve um ser humano *desviante* como protagonista. Exemplo disso vemos na transição da primeira para a segunda revelação, Judaísmo para Cristianismo, nos primeiros anos de nossa era. Havia uma ORDEM religiosa constituída sob o

⁹ Do latim: trabalhador/produtor, econômico, louco/demente, lúdico/erótico e consumista, respectivamente.

monoteísmo judaico, profundamente dominada pela seita dos fariseus, teólogos que pregavam a literalidade das Escrituras Sagradas e eram

servis observadores das práticas exteriores do culto e das cerimônias, cheios de um zelo ardente de proselitismo, inimigos dos inovadores, afetavam grande severidade de princípios, mas, sob as aparências de meticulosa devoção, ocultavam costumes dissolutos, muito orgulho e, acima de tudo, excessiva ânsia de dominação. A religião era mais um meio de chegarem a seus fins, do que objeto de fé sincera (KARDEC, 2013c, p. 25).

Havia uma ORGANIZAÇÃO político-econômica romana na Judeia, palco dos acontecimentos, onde o desviante Jesus de Nazaré realiza INTERAÇÕES que causam DESORDEM no seio do Judaísmo, a ponto de converter um dos seus doutores da Lei (a Torá), Saulo de Tarso, transmutado em Paulo, que viria a ser um dos principais protagonistas na universalização do Cristianismo (MORIN, 2012b, p. 209). O imperador romano era Tibério (42 a.C.–37 d.C), que sucedeu a Augusto (63 a.C.–14 d.C.), o artífice da *Pax Romana*¹⁰. Tibério é a gênese da DESORGANIZAÇÃO que prossegue com seu sucessor, Calígula (12–41), que “inaugura um período longo de sombras, de massacres e de incêndios, de devastação e de sangue. [...] [Finalmente, no século 5,] o Império Romano [...] desapareceu num mar de ruínas, depois das suas guerras, desvios e circos cheios de feras e gladiadores” (XAVIER, F. C.; EMMANUEL, 2010, p. 141–142). Ordem e organização nem sempre são boas (o nazismo era próspero em ordem e organização), desordem e desorganização nem sempre são ruins, como no exemplo judaico-romano acima; o pensamento complexo nos mostra a complementaridade, a concorrência e o antagonismo nos processos evolutivos humanos.

4.6 ÉTICA

A ética não pode escapar dos problemas da complexidade. Isso nos obriga a pensar a relação entre conhecimento e ética, ciência e ética, política e ética, economia e ética (MORIN, 2011b, p. 15)¹¹.

Edgar Morin aborda o tema da ética ao encerrar a coleção *O Método*. Talvez o mais difícil porque transversal em toda sua obra. A ética e a moral são relacionadas com natureza e ecologia, vida e sociedade, conhecimento e ideias, individualidade e humanidade. Moral e ética são inseparáveis no texto moriniano, interdependentes e interagentes. O pensador francês usa o termo *ética* “para designar um ponto de vista

¹⁰ Período de grande tranquilidade para Roma e para o resto das sociedades organizadas do planeta. Tempo de artistas, filantropos e pensadores, como Mecenas, Horácio e Vergílio (XAVIER, F. C.; EMMANUEL, 2010, p. 139–140); uma nova ORDEM, ORGANIZAÇÃO.

¹¹ Acrescento a necessidade de pensar a relação entre *religião e ética*, como fez Hans Küng, como mencionado na [Seção 1.4](#).

supra ou metaindividual, [e o termo] *moral* para situar-nos no nível da decisão e da ação dos indivíduos” (MORIN, 2011b, p. 15).

Com a fragmentação do conhecimento humano, pela separação das áreas do saber (ver Seção 4.3.1), moral e ética tornaram-se *materia non grata* em várias disciplinas no campo da exatas e das humanas, a ponto de haver resistência da inclusão das mesmas em itinerários formativos de cursos¹². Os cuidados moral e ético são fundamentais em qualquer movimento que se faça nas várias dimensões da sociedade, desde um artefato tecnológico até uma exegese bíblica, como nos exemplos que seguem.

Tecnologias das redes sociais, como Facebook e Instagram, criadas por mentes privilegiadas da Ciência da Computação, servem de plataforma para a destruição de reputações e incentivo ao ódio (CHAGAS, 2020; ALESSI, 2021), e divulgação de ideias neonazistas (BANDEIRA; ESTEVES, 2020). A interpretação do papa Gregório I, Magno (SANTA SÉ, 2020), em discurso no ano de 591, colocou sobre Maria Madalena, discípula fiel de Jesus Cristo, o rótulo de prostituta arrependida, mesmo não havendo evidência literal nos Evangelhos (IHU, 2018). O rótulo perdurou até 2016, quando o papa Francisco resgatou sua imagem declarando-a “Apóstola dos Apóstolos” (VATICANO, 2020), impondo mais uma derrota ao machismo estrutural religioso e social.

É necessário que os *agentes do saber*¹³, os *agentes do fazer*¹⁴ e os *agentes do poder*¹⁵ (MELLO, Bobiquins Estêvão de; RIBEIRO, 2021) tenham consciência de que suas palavras, atos e obras têm consequências na sociedade e assumam a responsabilidade sobre isso. Tendo este princípio em mente, sabendo que a *Ontologia do Monoteísmo* tem como objeto não apenas os textos fundamentais das grandes religiões, mas também as crenças e a fé das pessoas, declaramos a nossa adesão e compromissos ético e moral com os resultados de nossa pesquisa, nas dimensões individual, social e planetária.

¹² Participei, em 2014, da elaboração do itinerário formativo do curso superior de Tecnologia da Informação do SENAI, no âmbito da Confederação Nacional da Indústria (CNI) (MELLO, Bobiquins Estêvão de et al., 2014). Fui voto vencido em minha proposta de incluir uma disciplina de *Ética*; após muita negociação, consegui que houvesse uma unidade curricular de *Legislação e Ética*.

¹³ Usamos esta expressão para indicar indivíduos, grupos ou instituições que produzem e explicitam conhecimento. Ex.: pesquisadores, núcleos de estudo, universidades.

¹⁴ Indivíduos, grupos ou instituições que aplicam, executam ou consomem conhecimento. Ex.: empresas de tecnologia, tais como Google e Facebook.

¹⁵ Indivíduos, grupos ou instituições que decidem como, onde e quando o conhecimento será produzido ou aplicado; tipicamente, poderes político, judiciário, legislativo, econômico ou religioso. Ex.: Supremo Tribunal Federal, Ministério da Educação, A Santa Sé.

4.6.1 Ética individual (ou *Moral*)

O ser humano carrega consigo as instâncias indivíduo–sociedade–espécie, ou seja, além de sua autonomia relativa, é um ser plenamente cultural e biológico. O egocentrismo é a autoafirmação do sujeito que se situa no centro do seu mundo. Esta autoafirmação comporta um *princípio de exclusão* que é a fonte do egoísmo, o enaltecimento do *eu*, que exige o sacrifício de tudo — família, pátria, planeta — para si; mas, também, comporta um *princípio de inclusão* que permite transmudar o *si* e o *eu* em *nós*. Este princípio é inato e se mostra no afeto à pessoa próxima, além de dar condições ao indivíduo de enfrentar o sacrifício de si pelo outro, pela família, pela pátria, pelo planeta. Os dois princípios são necessários ao indivíduo-sujeito que, no seu egoísmo garante a identidade singular e, no seu altruísmo, se inscreve nas relações biológico-consanguíneas e sociais. *Altruísmo* e *egoísmo* convivem e se associam no ser que, a cada ato moral, busca religar-se consigo mesmo, com o outro, com a comunidade, com a sociedade, com a espécie humana. Essas reLigações transformam-se em responsabilidade e solidariedade para consigo e para com o(s) outro(s), que por sua vez derivam em fontes de ética (MORIN, 2011b, p. 19–23).

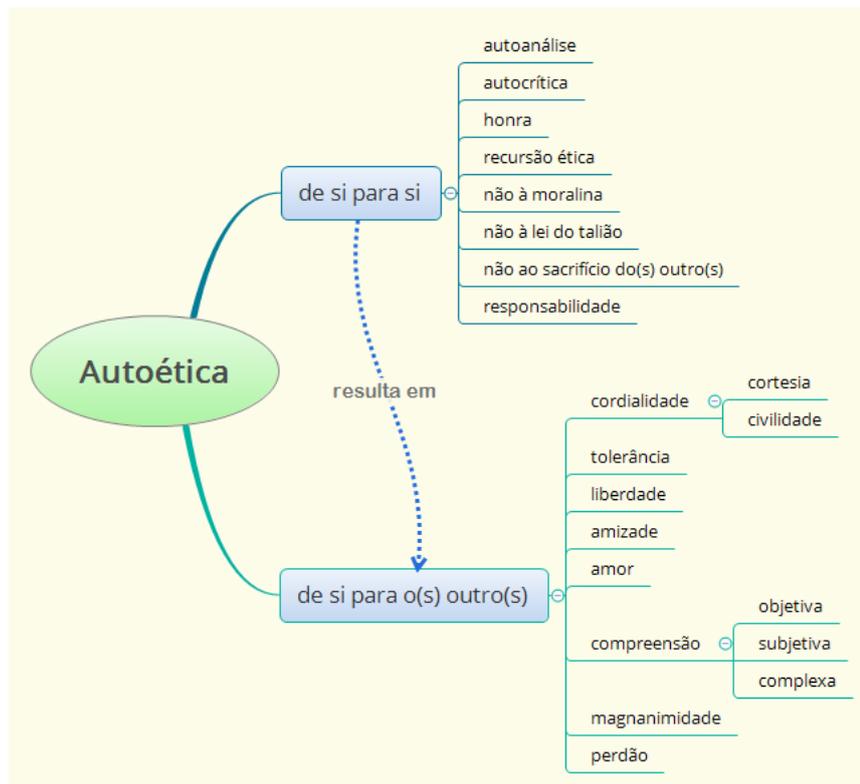
Morin argumenta que a questão ética central, para cada indivíduo, é o da sua barbárie interior que, para ser superada, demanda uma nova cultura psíquica por parte do mesmo. A Figura 4 ilustra a autoética como sendo uma ética de si para si resultando numa ética para o(s) outro(s), e propõe a autoanálise como um exercício permanente de auto-observação que permita o reconhecimento do egocentrismo, das carências, lacunas e fraquezas. A AUTOANÁLISE somente acontece no sujeito capaz de AUTOCRÍTICA — antídoto para a tendência à autojustificação, pela qual o indivíduo se inocenta e legitima seus atos. As práticas da autoanálise e da autocrítica formam a cultura psíquica necessária para prevenir a armadilha da mentira para si mesmo, o autoengano. A HONRA é do indivíduo para consigo mesmo, para com as normas de conduta que adotou, para com aquilo que acredita; a ética da honra está profundamente ligada à lealdade e à honestidade. A RECURSÃO ÉTICA consiste na prática de avaliar as próprias avaliações, criticar as próprias críticas e julgar os próprios julgamentos; a prática recursiva coloca em circuito retroalimentado a compreensão e a explicação, ou seja, toda explicação deve ser complementada pela compreensão, que deve ser complementada pela explicação. A MORALINA¹⁶ sempre transforma o erro alheio em falta moral, impedindo à condenação sumária; a indignação da moralina é um obstáculo à compreensão do outro. A cultura psíquica adequada se opõe à moralina e resiste à estrutura mental da LEI DO TALIÃO¹⁷ e do SACRIFÍCIO DO OUTRO, dando preferência para o próprio. A

¹⁶ Termo cunhado pelo filósofo Friedrich Nietzsche (1844–1900), a moralina é o julgamento e a condenação com base em critérios superficiais de moralidade, transformando em oposição entre bem e mal o que não passa de conflito de valores (MORIN, 2011b, p. 98).

¹⁷ O talião figura nos livros da primeira revelação (Tanakh, Antigo Testamento) no Levítico e no Deu-

RESPONSABILIDADE é própria do indivíduo dotado de autonomia (no sentido de agir conforme as próprias convicções), e é indissociável do sentimento de solidariedade ou pertencimento a uma comunidade. Solidariedade, responsabilidade e autoética são virtudes inseparáveis na moral moriniana (MORIN, 2011b, p. 93–102), e formatam a ética do indivíduo perante a sociedade, a comunidade a qual ele pertence.

Figura 4 – Autoética: vencendo a barbárie interior.



Fonte: adaptado de (MORIN, 2011b, p. 93).

4.6.2 Ética social (ou *Ética na comunidade*)

Por que estamos aqui? questiona Morin ao refletir sobre as angústias e aflições dos seres humanos. Ao assumir que estamos aqui (no planeta Terra) sem saber a razão, abrimos caminho para a imperiosa religação numa civilização que separa cada vez mais. O conhecimento é adquirido mediante os atos simultâneos de separar e ligar, mas, “o excesso de separação é perverso na ciência, pois torna impossível religar os conhecimentos. [...] é perverso entre seres humanos quando não é compensado pela união e pela solidariedade, a amizade e o amor” (MORIN, 2011b, p. 104).

teronômio, significando uma pena igual ao crime praticado. A Torá, ou Lei de Moisés, é comum e erradamente reduzida à lei do talião: “E não o olharás com piedade; alma por alma, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé” (TEMPLO ISRAELITA BRASILEIRO OHEL YAACOV, 2001, Dt 19:21), obliterando a história de amor, perdão e compaixão de José, filho de Jacob, narrada em Gênesis 37–50.

O reconhecimento do outro se dá quando os indivíduos de uma sociedade permitem que a similitude se sobreponha à alteridade: um sujeito humano sendo reconhecido por outro sujeito humano como parte de uma necessidade fundamental que todos têm. Os atos corriqueiros de CORDIALIDADE, as ações individuais de CORTESIA — saudações (bom dia, boa noite etc.), apertos de mãos, abraços e tudo o mais — constroem uma teia social de CIVILIDADE. A ética da TOLERÂNCIA abrange o respeito ao direito do outro exprimir-se, mesmo que seja de maneira equivocada, mesmo que para expressar ideias antagônicas que carreguem verdades inconvenientes. Tolerar demanda, por vezes, sofrimento do convicto, que sofre ao facear a expressão de ideias revoltantes sem poder se revoltar. A LIBERDADE na relação com o outro se mostra na medida em que o indivíduo age não para potencializar as suas possibilidades de escolha, mas para *aumentar o número das escolhas alheias*. A relação de AMIZADE estabelece uma ética de fraternidade quase sagrada entre amigos, o que confere à verdadeira amizade prioridade sobre os interesses, as relações e à ideologia. A qualidade da pessoa se sobrepõe às suas ideias e opiniões, tornando o amigo um irmão por escolha. Talvez a amizade somente seja superada, em termos de ligação entre os seres humanos, pelo AMOR, aquele que, quando incondicional, considera o ser amado como igual e livre (MORIN, 2011b, p. 103–108).

A ética da COMPREENSÃO foi a que mereceu maior atenção do autor em *O Método 6: ética*. O desafio da compreensão é reconhecer e *compreender a incompreensão*, que impera nas relações entre os seres humanos. A incompreensão decorre das diferenças de línguas, hábitos, ritos, crenças, códigos de honra, culturas. As religiões monoteístas deram sua parcela de contribuição na incompreensão global, desencadeando ódio e fúria contra descrentes e heréticos. A compreensão que se esperaria dos mais letrados, cientistas e filósofos, não se faz presente, pois “o mundo dos intelectuais [...] é o mais gangrenado pela hipertrofia do ego, pela necessidade de reconhecimento e de glória” (MORIN, 2011b, p. 109–112).

É possível compreender a si mesmo e ao outro? Morin conjuga três procedimentos para engendrar a ética da compreensão humana. A COMPREENSÃO OBJETIVA comporta a explicação, reunindo e articulando dados e informações sobre pessoa, situação, comportamento, causa etc., de modo a integrar global e objetivamente o caso. A COMPREENSÃO SUBJETIVA é a que acontece sujeito a sujeito, quando um compreende o que vive o outro, suas alegrias, sofrimentos e desgraças. É sobretudo a infelicidade alheia que leva ao reconhecimento do ser subjetivo e ao processo empático de humanidade. A *dialógica* objetivo-subjetivo leva à COMPREENSÃO COMPLEXA, multidimensional, que tende a ver o conjunto dos aspectos da pessoa, inserindo o contexto, as fontes culturais e sociais, sua condição histórica eventualmente perturbada e perturbadora. Compreender o contexto, aliás, é um dos aspectos mais úteis

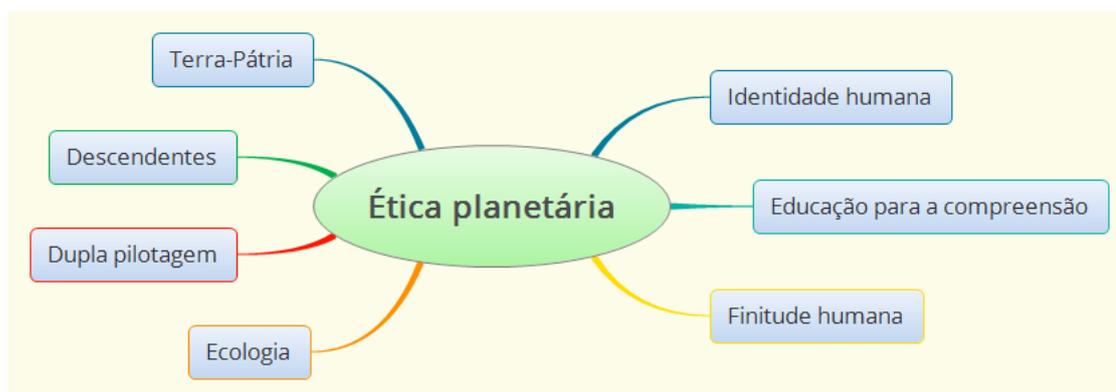
nas relações humanas. A compreensão das condições em que as mentalidades foram forjadas e as ações foram praticadas remetem a um estado compreensivo do outro. As situações são determinantes no indivíduo e suas ações e reações podem mudar radicalmente quando em tempos de paz ou guerra, carência ou abundância, vingança ou reconciliação. A compreensão, via de regra, rejeita a rejeição, exclui a exclusão; exige que nos compreendamos a nós mesmos; exige a argumentação no conflito de ideias; exige a superação do ódio, da vingança e do desprezo; exige resistir à barbárie interior e exterior, especialmente em períodos de histeria coletiva. A incompreensão está na fonte de todos os males humanos, assim como a compreensão está no que há de melhor no homem e na mulher (MORIN, 2011b, p. 112–124).

A ideia arcaica de justiça baseada em vingança e castigo apreendida na lei do talião (ver Seção 4.6.1) se arraigou profundamente nos espíritos humanos. O processo civilizatório exige renúncia à lei do talião. Vingança acarreta vingança num círculo vicioso permanente. Acima da punição e da vingança, a MAGNANIMIDADE, a mansidão e a clemência são os precursores do PERDÃO. O perdão surge no Judaísmo de Moisés como ato divino anual, para a absolvição dos pecados do povo eleito; emerge no Cristo Jesus com base num duplo argumento: “Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra!” e “Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem” (ÉCOLE BIBLIQUE DE JÉRUSALEM, 2010, Jo 8:7 e Lc 23:34). O primeiro se refere ao episódio da mulher adúltera, prestes a ser apedrejada, e pede a cada um que se volte para si mesmo, conscientizando-se dos próprios erros, também passíveis de julgamento e punição, e renuncie ao castigo. O segundo argumento, relativo à fala de Cristo na crucifixão, tem como base a cegueira humana, fruto da ignorância ou da loucura, que legitima o perdão como consequência moral. Perdoar é um ato limite, difícil, porém, necessário; implica, além da renúncia à punição, uma dissimetria fundamental: em lugar do mal pelo mal, retribuir o mal com o bem (MORIN, 2011b, p. 125–127). A filosofia moriniana chegou à mesma conclusão que a kardeciana, a qual, ao analisar o texto do Evangelho de Lucas sobre o amor aos inimigos “E se fazeis o bem aos que vo-lo fazem, que graça alcançais? Até mesmo os pecadores agem assim!” (ÉCOLE BIBLIQUE DE JÉRUSALEM, 2010, Lc 6:33), explica que “amar os inimigos é não lhes guardar ódio nem rancor, nem desejo de vingança; [...] é abster-se, *quer por palavras, quer por atos*, de tudo que os possa prejudicar; é, finalmente, restituir-lhes todo o mal com o bem, *sem intenção de os humilhar*” (KARDEC, 2013c, cap. XII, it. 3, grifos do original).

4.6.3 Ética planetária (ou *Ética universalista*)

A antropoética¹⁸ deriva e depende da decisão individual consciente, ou seja, da autoética. A antropoética abrange a trindade indivíduo–sociedade–espécie, conectando a ética do universal e a ética do singular (a moral). A ética universalista emergiu nas grandes religiões (Cristianismo, Islamismo, Budismo), mas foi parasitada pela ambição monopolista de cada uma dessas mesmas religiões, frequentemente intolerantes com as demais crenças e descrenças. Abstrata, enquanto a espécie humana claudicava nas comunicações planetárias e as distâncias eram enormes, a ética universalista ou a antropoética se concretizou com os avanços da tecnociência econômica, que uniu o planeta em rede e minimizou distâncias. O termo *globalização*, originado da união comercial e econômica de nações, deve ter uma conotação complexa, com compromissos antropoéticos e antropolíticos, e ampla, incluindo os demais reinos da natureza — em sintonia com a ética planetária (MORIN, 2011b, p. 157–163). A Figura 5 mostra as conscientizações essenciais requeridas.

Figura 5 – Ética planetária: ética perante a espécie humana e o planeta.



Fonte: adaptado de (MORIN, 2011b, p. 163).

Uma ética planetária só pode se consolidar mediante a tomada de consciência da IDENTIDADE HUMANA comum na diversidade individual, cultural, linguística; consciência de que devemos EDUCAR-NOS PARA A COMPREENSÃO dos próximos, mas também dos desconhecidos e distantes do nosso planeta; consciência da FINITUDE HUMANA, da necessidade de limites de expansão e do desenvolvimento psíquico, moral e espiritual; CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA de que a Terra é uma totalidade complexa e que a humanidade é uma entidade planetária e biosférica. Consciência de que o planeta requer DUPLA PILOTAGEM: consciente e reflexiva dos seres humanos e inconsciente eco-organizadora da natureza; consciência de nossa responsabilidade e solidariedade com os nossos DESCENDENTES e, finalmente, a tomada de consciência

¹⁸ Termo que indica a ética perante a espécie humana.

da TERRA-PÁTRIA, como comunidade de origem e de destino da humanidade, onde nossas raízes estão fincadas com mais de sete bilhões de irmãos e de irmãs (MORIN, 2011b, p. 163–167). Concordo com o filósofo centenário — e este é o principal motivo pelo qual elegemos a ética moriniana para o terceiro caso de uso da *OntoM*, descrito na [Seção 9.3](#) — de que

podemos resistir à crueldade do mundo e à crueldade humana pela solidariedade, pelo amor, pela religação e por comiseração pelas infelizes vítimas. O combate essencial da ética é a dupla resistência à crueldade do mundo e à crueldade humana (MORIN, 2011b, p. 193).

5 TRANSDISCIPLINARIDADE

A transdisciplinaridade (TD) é necessária nesta tese pela orientação que proporciona ao pesquisador no que concerne às suas escolhas e atitudes, além de representar “um caminho necessário para aqueles que desejem realizar uma abordagem integral e transdisciplinar da realidade” (ARAGÃO, G. d. S.; SILVA, J. I. B. d., 2021, p. 52). A TD não é um método nem uma nova doutrina a ser aplicada, mas, acima de tudo, um guia de *atitude acadêmica e científica* que seguiremos. A expressão *transdisciplinarité* foi proposta em 1970 pelo psicólogo e filósofo suíço Jean Piaget (1896–1980), durante o 1º Seminário Internacional sobre a Pluridisciplinaridade e a Interdisciplinaridade, em Nice, na França (SOMMERMAN, 2006). Ao longo dos anos a ideia foi gestada e consolidou-se em 1994, com a *Carta da Transdisciplinaridade* já citada na Seção 1.1, dando um salto importante em 1997, no Congresso Internacional de Locarno, que tratou da evolução transdisciplinar na universidade e fortaleceu a noção de TD no seu posicionamento concomitante *entre, através e além* das disciplinas. O documento resultante deste encontro ressaltou a urgência em *mudar de sistema de referência* em relação ao modo como tratamos o conhecimento, mais especificamente

1. considerar cada problema não mais a partir de um único nível de Realidade, mas situando-o simultaneamente no campo de VÁRIOS NÍVEIS DE REALIDADE;
2. não mais esperar encontrar a solução de um problema nos termos de “verdadeiro” ou “falso” da lógica binária, mas recorrer a novas lógicas, particularmente à LÓGICA DO TERCEIRO TERMO INCLUSO: a solução de um problema só pode ser encontrada pela *conciliação temporária dos contraditórios*, ligando-os a um nível de Realidade diferente daquele no qual esses contraditórios se manifestam;
3. reconhecer a COMPLEXIDADE intrínseca do problema, isto é, a impossibilidade da decomposição desse problema em partes simples, fundamentais. Na ausência de fundamentos que caracteriza o mundo atual, “mudar de sistema de referência” também quer dizer tomar como fundamento precisamente a ausência de fundamentos. Em outras palavras, substituir a noção de “fundamento” pela *coerência* deste mundo multidimensional e multirreferencial (CIRET-UNESCO, 1997, grifos nosso e do original).

São os três pilares da TD — os diferentes níveis de realidade, a lógica do terceiro incluído e a complexidade — que determinam o *ethos* da pesquisa transdisciplinar. Essas características fundamentais são relacionadas com as vertentes de conceitualização e aplicação da transdisciplinaridade que Julie Thompson Klein elenca, entre outras: a BUSCA SISTEMÁTICA PELA INTEGRAÇÃO DO CONHECIMENTO e a PRIORIZAÇÃO DA SOLUÇÃO DE PROBLEMAS (KLEIN, 2017, p. 29–30), ambas adotadas em nossa pesquisa.

Abro um parêntese para ressaltar a transição de referências entre as escolas da transdisciplinaridade, que já citamos anteriormente, na *Introdução* e na [Seção 3.2](#). Há o que podemos chamar de *escola europeia de transdisciplinaridade*, formada pelo trabalho de Jean Piaget, André Lichnerowicz, Basarab Nicolescu, Edgar Morin, Hilton Japiassu e Jurjo Torres Santomé, entre outros. Este grupo de pensadores colocou foco nas interações entre as áreas do saber, teorizando sobre a transversalidade entre as disciplinas. Baseada nesse quadro conceitual derivou outra linha de pensamento, a qual denominei *escola americana de transdisciplinaridade*, focada nas interações com o ser humano e o social, com a educação e a inovação. Esta corrente, que parece ser a que mais cresce atualmente, é representada por Erich Jantsch, Julie Thompson Klein e Patrick Paul ([SOMMERMAN, 2006](#), p. 43–46), além de Robert Frodeman e Roberto Pacheco, entre outros pensadores dedicados ao tema. Vemos as escolas como complementares e utilizamos as premissas de ambas em nossa pesquisa, na medida em que necessitamos de um arcabouço conceitual sólido com foco na resolução de problemas.

Ao analisar o estudo acadêmico da religião através do prisma da inter e transdisciplinaridade, Sarah Fredericks fez um paralelo com atividades inter-religiosas¹ e ecumênicas², que visam explicitar conceitos das similaridades e diferenças religiosas, promover a paz e outras conquistas sociais, e melhorar as relações entre religiões. Todas essas atividades envolvem desafios que só são resolvidos com trabalho interdisciplinar, tais como as barreiras de comunicação entre grupos com diferentes termos, métodos e pressuposições; a suspeita e a desconfiança de grupos que não os próprios; e a possibilidade de um grupo tornar-se dominante. A autora considera que, embora os saberes disciplinares possam ajudar no entendimento desses desafios religiosos, disciplinas não valorizam nem entendem o *sagrado* tal qual um devoto praticante, *e.g.*, o que evidencia que religião envolve aprofundamento e comprometimento específicos. Baseando-se neste raciocínio, conclui a pesquisadora, não se pode reduzir um estudo que envolva ecumenismo e inter-religiosidade à metodologia interdisciplinar, sob pena da perda de importantes aspectos desses movimentos. A melhor solução em estudos desta natureza é combinar os esforços intelectuais da interdisciplinaridade com o comprometimento da transdisciplinaridade ([FREDERICKS, 2017](#), p. 385–392).

5.1 INTERDISCIPLINARIDADE

Sarah Fredericks demonstra, em seu artigo *Religious studies and religious practice*, a multidisciplinaridade, a interdisciplinaridade (ID) e a transdisciplinaridade (TD)

¹ Segundo a autora, são atividades entre diferentes tradições religiosas, *e.g.*, judaica e cristã.

² No estudo em questão, referem-se a atividades entre diferentes denominações de uma mesma tradição. Ex: católicos e evangélicos, duas denominações cristãs.

da Ciência da Religião, argumentando, *e.g.*, que a religião envolve ideias sobre a condição humana e suas relações com o mundo, buscando guiar a vida dos adeptos na sua totalidade (FREDERICKS, 2017, p. 386–392), e esta totalidade seria incompatível com a disciplinaridade. Concordamos com a autora, fazendo a ressalva em relação à multidisciplinaridade e sua inadequação para a presente pesquisa considerando o conceito expresso por Santomé. Segundo o autor, a multidisciplinaridade é um “nível inferior de integração que ocorre quando, para solucionar um problema, busca-se informações e ajuda em várias disciplinas sem que tal interação contribua para modificá-las ou enriquecê-las” (SOMMERMAN, 2006, p. 33). A multidisciplinaridade — assim como a pluridisciplinaridade — é inadequada porque há a necessidade de uma *finalidade comum* no processo da pesquisa e desenvolvimento, ainda que os objetivos específicos de cada disciplina sejam diversos. Necessitamos, desta maneira, um “sistema de níveis e objetivos múltiplos [, e] coordenação com vistas a uma finalidade comum dos sistemas” — transdisciplinaridade (JAPIASSU, 1976, p. 72–74). A tipologia de Japiassu considera que a ID tem coordenação que procede de nível superior, *i.e.*, há uma disciplina que se coloca hierarquicamente acima das demais envolvidas — algo também impróprio para a nossa pesquisa. Historicamente, no caso do objeto de estudo desta tese, a Teologia sempre dominou o processo hermenêutico dos textos religiosos. A solução se dá pela adoção da TD, que leva em conta o que está “entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de toda a disciplina” (SOMMERMAN, 2006, p. 43). Além da disciplina está, *e.g.*, o adepto religioso, leigo em qualquer uma das disciplinas envolvidas, mas que faz parte do *mundo do ouvinte ou do leitor*, para usar a expressão de Paul Ricoeur (RICOEUR, 2010a, p. 132).

Adotar a transdisciplinaridade não significa derogar a interdisciplinaridade, mas sim cumprir seus preceitos como, por exemplo, a transferência de métodos de uma disciplina à outra, em grau de aplicação, epistemológico e generativo (SOMMERMAN, 2006, p. 42), dando um passo além. O passo além que demos fica claro quando examinamos a tipologia de Julie Klein, que mostra o foco da ID na interação entre as disciplinas, na integração, na combinação, na conexão de conceitos e métodos — premissas que ratificamos. Klein considera que a TD se caracteriza pela *transcendência* dos saberes tradicionais de cada disciplina, pela *transgressão* da ortodoxia vigente, e pela *transformação* dos Saberes³ envolvidos e de seus agentes (KLEIN, 2017, p. 22). A característica de nosso objeto de pesquisa — os textos institucionais do Monoteísmo — é ser estudado no campo da Ciência da Religião e Teologia, com interface frequente com a Filosofia⁴. Os textos são registros do conhecimento monoteísta, e a represen-

³ O conceito de Saberes ficará mais claro quando descrevermos a *Estratégia de Interações efetivas Transaberes*, na [Seção 5.2.1](#).

⁴ Haja vista a plêiade de filósofos que abordam os temas Religião, Deus e Escrituras. Além dos que nos referenciamos mais constantemente nesta tese, Martin Heidegger (1889–1976) e Paul Ricoeur (1913–2005), estão Agostinho de Hipona (354–430), René Descartes (1569–1650), Blaise Pascal

tação deste conhecimento requer teorias e técnicas científicas que estão colocadas sob a área da Engenharia do Conhecimento, nas disciplinas de modelagem conceitual e ontologias, no caso desta tese. Esta pesquisa, por conseguinte, necessita de disciplinas e métodos dos Saberes da Religião, da Filosofia e da Ciência. Não apenas afirmamos a interdisciplinaridade (ID) da tese, mas trabalhamos o sentido apontado por Hilton Japiassu, de integração real das disciplinas, construída sobre estágios de compartilhamento e interação de conceitos e métodos, num reconhecimento recíproco e aceitação mútua, favorecendo as trocas, o intercâmbio, o confronto e o enriquecimento recíproco (JAPIASSU, 1976, p. 120–126). Edgar Morin alerta que processos dessa natureza são, frequentemente,

esquemas cognitivos que podem atravessar as disciplinas, às vezes com tal virulência que as deixam em transe. De fato, são os complexos de inter-multi-trans-disciplinaridade que realizaram e desempenharam um fecundo papel na história das ciências; é preciso conservar as noções chave que estão implicadas nisso, ou seja, COOPERAÇÃO; melhor, OBJETO COMUM; e, melhor ainda, PROJETO COMUM (MORIN, 2014a, p. 115, grifos nosso).

Observa-se, portanto, na presente pesquisa, um objeto da área da Ciência da Religião e Teologia sendo representado por um artefato tecnológico da Engenharia do Conhecimento — uma ontologia. Entre o objeto religioso e o artefato científico que esta tese concretiza, a *OntoM*, a intermediação da Filosofia, com a Hermenêutica da Faticidade heideggeriana, a motivação teológica de Hans Küng e sua Ética Global consorciada com Edgar Morin, e o suporte da Hermenêutica Filosófica de Paul Ricoeur — todas as disciplinas em cooperação, com objeto comum, num projeto comum —, em sintonia com os processos da *Sociedade 5.0*, conceito que tem no seu cerne a proposição de ampliar a transparência e a participação ativa nas questões sociais proporcionando iguais oportunidades para as pessoas, além de integrar tecnologias inovativas e sociedade ⁵.

A emergência da Teoria da Complexidade a partir dos anos 1970, e da Transdisciplinaridade na década de 80, inspiraram pesquisadores a elaborarem teorias de reação à insuficiência dos métodos e abordagens tradicionais da Ciência e da Religião no tratamento e produção do conhecimento. O enfrentamento dos problemas da sociedade, cada vez mais complexa e plural, tornou a disciplinaridade obsoleta,

(1623–1662), Baruch Espinosa (1632–1677) e Auguste Comte (1798–1857), entre outros.

⁵ A Sociedade 5.0 é conhecida como sociedade superinteligente, sociedade centrada no ser humano ou sociedade da imaginação; refere-se a uma sociedade em que a imaginação e a criatividade de pessoas de todos os estratos sociais contribuem para a solução de problemas através de ideias inovadoras e da criação de valor, quase sempre graças à transformação tecnológica da *Indústria 4.0*, a qual está intimamente ligada à digitalização de processos para promover o desenvolvimento sustentável da sociedade, nas dimensões econômica, ambiental e social (NIKIFOROVA, 2021, p. 2–4).

exigindo níveis de troca e compartilhamento de conhecimento cada vez mais altos entre os agentes do saber⁶ envolvidos. Os anos 1990 viram o surgimento da *Ciência Pós-Normal*, conceito proposto por Silvio Funtowicz e Jerome Ravetz em artigo seminal no periódico *Futures* (FUNTOWICZ; RAVETZ, 1993), e o *Modo 2 de Produção de Conhecimento*, proposto por Michael Gibbons e colegas (GIBBONS *et al.*, 1994). No campo religioso, o teólogo Claudio de Oliveira Ribeiro passou, a partir de 2017, a compartilhar o conhecimento do *Princípio Pluralista* (RIBEIRO, 2017, 2020), com notáveis intersecções de fundamentação com as teorias científicas. Denominamos este conjunto de teorias como *Estratégias Transdisciplinares*.

5.2 ESTRATÉGIAS TRANSDISCIPLINARES

Utilizamos o conjunto de teorias supracitado para desenvolver uma estratégia de alto nível que pudesse orientar projetos transdisciplinares de médio e longo prazo para a solução de problemas complexos, desde a constatação do problema até a sua resolução (ou satisfatória mitigação). Assim nasceu a *EslneT*, publicada na *Paralellus*, a revista de estudos religiosos da Universidade Católica de Pernambuco (MELLO, Bobiquins Estevão de; RIBEIRO, 2021). Tomo a liberdade em não repetir esta referência durante a *Seção 5.2.1*, já que tudo o que ali escrevo é com base no artigo citado; as aspas ou o destaque em citação indicam que o texto está *ipsis litteris* do original.

5.2.1 Estratégia de Interações efetivas Transaberes (EslneT)

A motivação de desenvolver e propor a *EslneT* foi a percepção de que bons projetos para solução de problemas complexos não chegam a termo. Embora as interações entre os acadêmicos e cientistas avancem, a discussão permanece num circuito fechado universidade–periódicos–congressos especializados, não resultando em mudanças na realidade material, usando aqui a terminologia da *Seção 3.2*, *i.e.*, no mundo fático habitado pelos seres humanos que vivem o problema. A expressão *Interações efetivas* foi concebida a partir da conceituação *moriniana* de *interações*⁷, enquanto ações recíprocas que modificam a natureza ou o comportamento das entidades envolvidas num sistema qualquer gerando processos de organização que, ao se *efetivarem*, (re)organizam o sistema em questão para um estado de ordem.

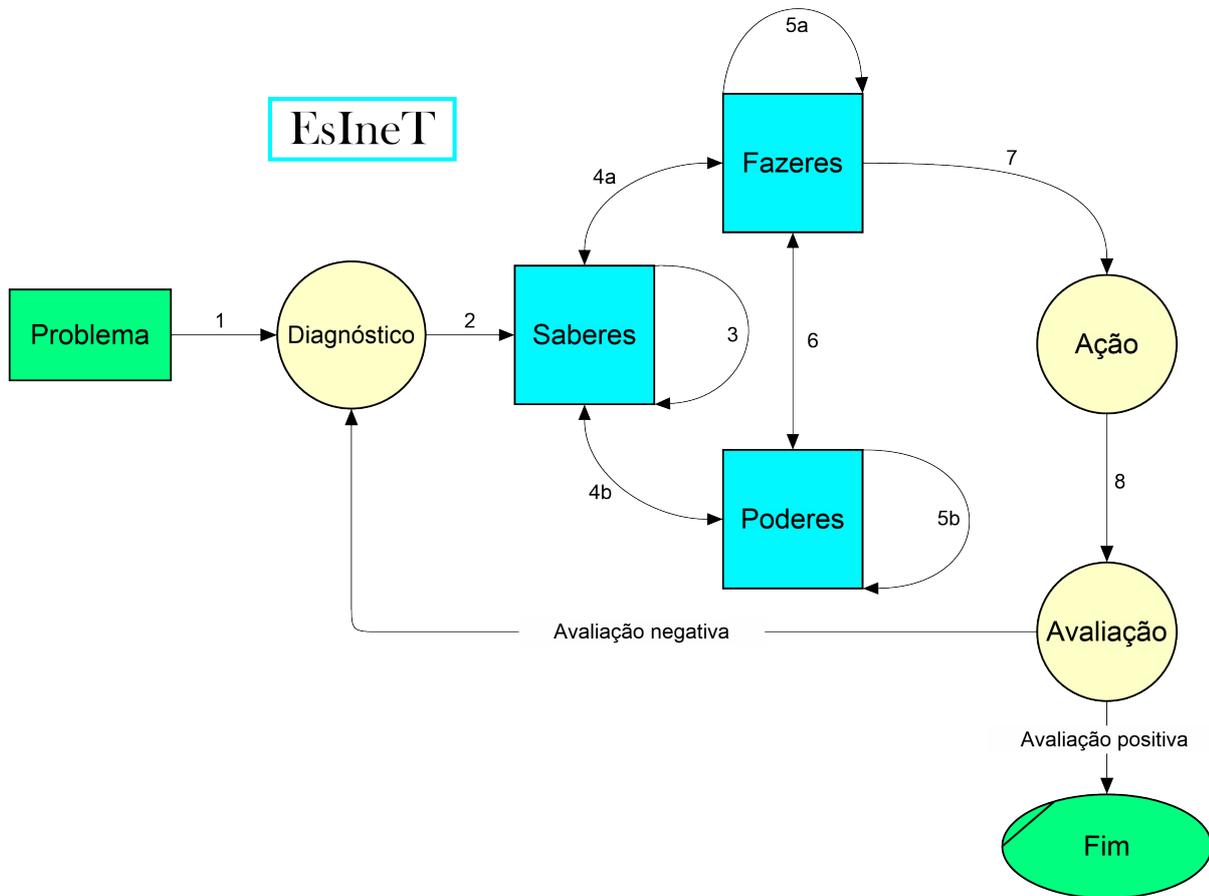
Propusemos, no mesmo artigo, o conceito de *Transaberes* para evidenciar a necessidade de que o conhecimento criado, compartilhado, disseminado e (re)utilizado no circuito acadêmico se materialize em benefício da sociedade. Houve aqui uma apropriação do conceito elaborado para o ensino-aprendizagem na UVI⁸ por Gunther

⁶ Conforme *Nota de rodapé 13* na *Seção 4.6*.

⁷ A respeito deste conceito de Edgar Morin, ver também a *Figura 3* na *Seção 4.5.1*.

⁸ Universidade Veracruzana Intercultural, Vera Cruz, México.

Figura 6 – Estratégia de Interações efetivas Transaberes (EsIneT).



Fonte: (MELLO, Bobiquins Estevão de; RIBEIRO, 2021).

Dietz (2018) no que diz respeito às relações dialógicas *saberes–saberes*, *saberes–fazeres*, *saberes–poderes* e *poderes–fazeres*. Em nossa pesquisa, Transaberes refere-se a

movimentos dialógicos, verbais ou não, comunicações uni ou pluridirecionais, apresentações artísticas e acadêmicas, artefatos de mídia etc., realizados entre os agentes dos Saberes, dos Fazeres e dos Poderes. [...] agentes são os indivíduos, grupos ou instituições envolvidos. [...] Saberes é o conjunto dos conhecimentos tácito e explícito disponível nas grandes áreas da Arte, Ciência, Filosofia e Religião, enquanto que os Fazeres compreendem atividades de execução, aplicação e consumo dos Saberes. A dimensão da tomada de decisão, normalmente relacionada ao poder político, social, religioso ou econômico, é chamada de Poderes.

A *EsIneT* está graficamente demonstrada na Figura 6, com suas etapas e relações detalhadas no artigo. Faremos uma síntese dedicada ao ciclo *EsIneT* para esta tese. As *etapas* são representadas pelas figuras geométricas (quadrados, círculos etc.), enquanto as setas são as *relações*, que indicam o movimento no diagrama de

fluxo, “a inter-ação acontecendo” com o objetivo de (re)organizar determinado sistema cujos “elementos constituintes se desordenaram e necessitam retornar à ordem e à organização”, conforme o pentagrama de Morin (Figura 3).

O *problema* complexo que inicia o ciclo EsIneT é o apresentado na Seção 3.2, violência e sofrimento causado pelas religiões, com um *diagnóstico* restrito de natureza e causa hermenêutica, cuja argumentação será aprofundada no Capítulo 6. Este diagnóstico, preliminar e restrito, repito⁹, já permite definir quais os *Saberes*, *a priori*, deverão ser envolvidos: Ciência da Religião e Teologia, pelo objeto, Engenharia do Conhecimento, pelo objetivo, e Filosofia, pela necessidade de intermediação qualificada para a formação de uma base lógica entre as demais áreas do conhecimento. Ultrapassamos, portanto, a *Relação 2: Diagnóstico–Saberes*, evocamos os Saberes necessários e estamos, neste preciso momento — o do crepúsculo da tese, mas ainda no alvorecer da pesquisa —, na *Relação 3: Saberes–Saberes* que, neste primeiro minuto de sol, entrega a Ontologia do Monoteísmo. Quando os resultados da pesquisa chegarem a determinado nível de maturidade, ou seja, de aceitação por parte das áreas de conhecimento envolvidas, com potencial para a aplicação no mundo real, será a ocasião de movimentar a *Relação 4a: Saberes–Fazeres* e *Relação 4b: Saberes–Poderes*. Permitam-me traçar alguns cenários possíveis de aplicações.

5.2.1.1 Aplicações da Ontologia do Monoteísmo

Elenco algumas áreas da sociedade que poderiam ser beneficiadas com aplicações e sistemas baseados na *OntoM*, descritas segundo o contexto brasileiro de instituições.

- **Religião:** os agentes dos *Fazeres* são os padres, pastores, imames, rabinos, coordenadores de cultos, enfim, que estão em contato direto com os fiéis de cada religião; os agentes dos *Poderes* são os superiores hierárquicos dos anteriores, os bispos, cardeais etc., ou equivalentes, que decidem os rumos de cada religião.
 - Ação pastoral: capacitação de voluntários para ações de assistência social, principalmente quando envolva pessoas carentes de outras religiões;
 - Hermenêutica: capacitação interna em todos os níveis hierárquicos das instituições religiosas, com vistas à ampliação do diálogo inter-religioso¹⁰;

⁹ Reitero que o diagnóstico é restrito para que não se cogite que considero ter feito um diagnóstico completo sobre o problema complexo que esta tese aborda.

¹⁰ A respeito desse tema, Küng (1993, p. 148–152) argumentou sobre a impossibilidade de diálogo inter-religioso sem uma pesquisa de base teológica, com ênfase num ponto de vista científico objetivo e sem preconceitos que podem melhorar a avaliação subjetiva sobre o adepto de outra religião. O teólogo ainda considerou sobre a importância de se ter em vista *o todo de uma religião* e entender que se trata de um sistema vivo, altamente complexo e em constante desenvolvimento, o que está em sintonia com os *Princípios da inteligibilidade* de Edgar Morin, conforme expressos na Seção 4.3.3.

- **Educação:** os agentes dos *Fazeres* são professoras e professores, educadores que orientam estudantes; os agentes dos *Poderes* são diretoras e diretores de escola, secretárias e secretários municipal e estadual de Educação, ministra ou ministro de Educação de um país.
 - Ensino Fundamental e Médio: ferramenta de ensino sobre as religiões, evitando, desta forma, o viés doutrinário;
 - Academia: aplicativo de ensino e pesquisa em cursos que tenham interseção com os textos religiosos, tais como História, Filosofia, Ciência da Religião e Teologia, Antropologia, Ética, Tecnologia da Informação e Comunicação etc., em temas candentes, tais como *Conflitos, Espiritualidade e Estilos de Vida, Doutrinas e Tradições, e Valores, Ciência e Tecnologia*¹¹;
- **Saúde:** os agentes dos *Fazeres* são os profissionais de saúde que atendem pacientes, enquanto os agentes dos *Poderes* são os Conselhos Regional e Federal das categorias.
 - Psicologia: aplicativo para auxiliar o profissional da Psicologia no tratamento de pacientes, dado que os aspectos religioso e espiritual são dimensões importantes na vida do ser humano¹²;
- **Segurança:** os *Fazeres* estão a cargo dos policiais, oficiais, soldados e brigadistas, ao passo que os *Poderes* são os ocupantes de cargos majoritários de Secretarias, Prefeituras, Ministérios e Governos.
 - Polícias Civil e Militar e Guardas Municipais: capacitação de oficiais e treinamento de recrutas para a melhor compreensão de casos que envolvam religiões, como por exemplo, os relacionados à intolerância e ao preconceito religiosos;
 - Forças Armadas: capacitação em todos os níveis hierárquicos das tropas para a atuação em missões de paz da ONU¹³, por exemplo, onde haja potencial conflito religioso;

¹¹ Os exemplos citados são projetos reais em andamento na Fundação Bruno Kessler ([CENTRO PER LE SCIENZE RELIGIOSE, 2021](#)).

¹² “A cisão entre fé e saber é um sintoma da *cisão da consciência* que caracteriza o estado de perturbação espiritual da época moderna” (JUNG, 2011, it. 552). A problemática religiosa ocupa lugar central na obra de Carl Gustav Jung, que afirmou ser Deus uma realidade psíquica evidente, ou seja, é um dado que só pode ser constatado do ponto de vista psíquico através da psicologia religiosa, que dividiu em dois campos: a psicologia do homem religioso, e a psicologia da religião ou dos conteúdos religiosos (JUNG, 2012, it. 750–751).

¹³ Como foi o chamado *Batalhão do Suez*, na região do Sinai e Faixa de Gaza ([MINISTÉRIO DA DEFESA GOVERNO FEDERAL, 2020](#)).

- **Governança:** os *Fazeres* são encarregados da execução das políticas públicas nas várias dimensões sociais, subordinados aos *Poderes* constituídos de cada órgão público — Executivo, Legislativo e Judiciário.
 - Políticas públicas em todos os âmbitos da federação, municipal, estadual e federal: capacitação dos agentes públicos para uma governança inteligente que considere objetivamente o impacto e a influência das religiões, desprovida de dogmas, preconceitos e tendências religiosas;

São cenários que vislumbramos e que colocariam em marcha as *Relações 5a, 5b e 6: Fazeres–Fazeres, Poderes–Poderes e Fazeres–Poderes*, respectivamente, até que acontecesse o devido ordenamento para movimentar a *Relação 7: Fazeres–Ação*, conforme a [Figura 6](#). Nesse ponto do fluxo, é necessário um plano de ação elaborado, viável na teoria e na prática, com metas que possam ser avaliadas. A *Relação 8: Ação–Avaliação* é a que determina se os objetivos foram alcançados, parcial ou totalmente, marcando o final do ciclo [EsIneT](#), ou se há necessidade de retorno à etapa de diagnóstico.

Como já supracitado, elaboramos a Estratégia de Interações efetivas Transaberes com base nas teorias da Complexidade e da Transdisciplinaridade, fundamentalmente, que são conceitos surgidos no campo da Filosofia. Enriquecemos nossa base teórica com a *Ciência Pós-Normal*¹⁴ (CPN), oriunda da Ciência, e com o *Princípio Pluralista* (PP), concebido na área de conhecimento da Religião, ambas relacionadas em suas propriedades comuns no artigo na Paralellus (2021). Esta tese agrega o *Modo 2 de Produção de Conhecimento*¹⁵ (M2PC) por razões que descrevo a seguir e que podem ser acompanhadas na [Figura 7](#), onde destacamos as principais características de cada estratégia.

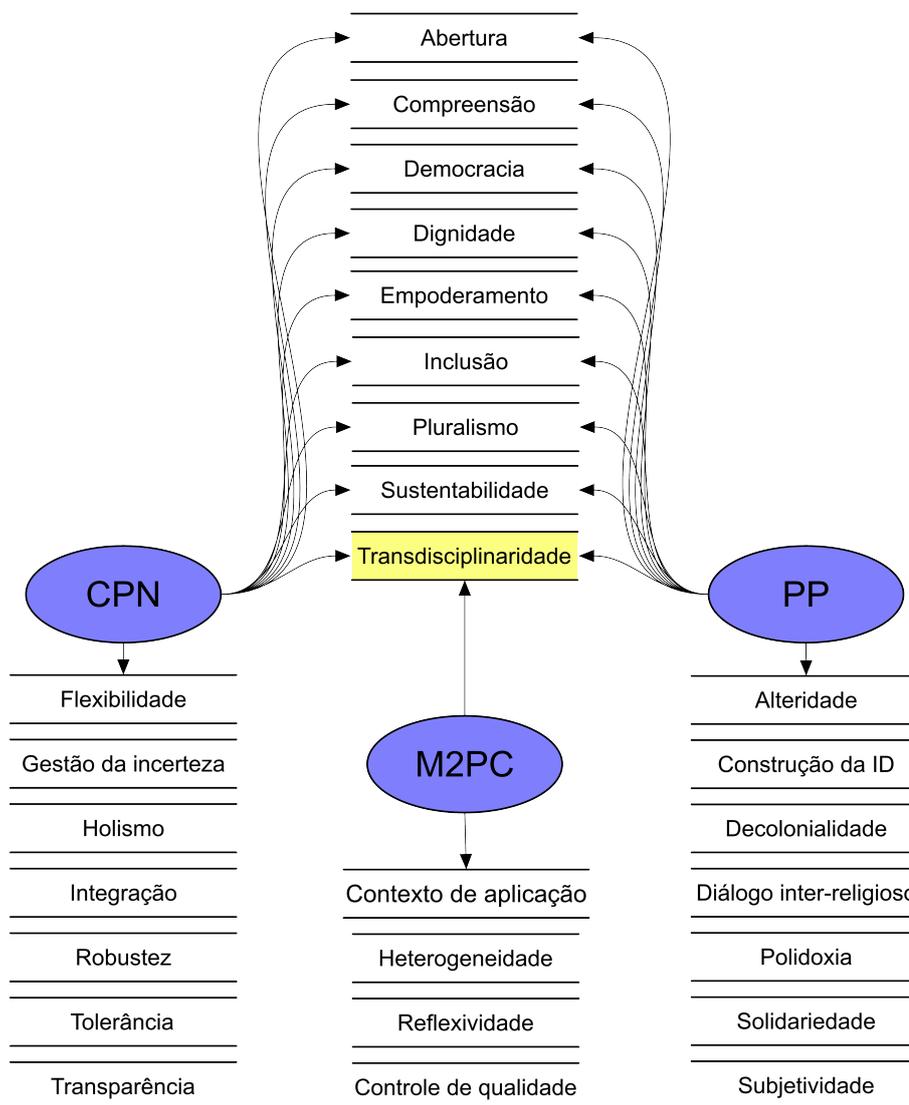
Ciência Pós-Normal (CPN)

A CPN foi proposta por Silvio Funtowicz e Jerome Ravetz (1993) como uma estratégia para a solução de problemas, que leva em conta a incerteza do conhecimento e a complexidade na ética, e surge como teoria complementar à chamada “Ciência normal”, cujos valores — ceticismo organizado, ausência de conflito de interesses, rigor na argumentação, originalidade e previsibilidade — são tidos como insuficientes. Kønig, Børsen e Emmeche (2017) destacam os princípios da CPN de *transparência, robustez, gestão da incerteza, sustentabilidade e tolerância* como necessários para o enfrentamento dos problemas complexos da sociedade.

¹⁴ A denominação mais comum na literatura é *Post-normal Science* (PNS).

¹⁵ *Mode 2 knowledge production* ou, simplesmente, *Mode 2*.

Figura 7 – Estratégias de pesquisa.



Fonte: Baseado em (MELLO, Bobiquins Estevão de; RIBEIRO, 2021).

No contexto desta tese, temos como premissa o rigor na argumentação, também previsto no artigo 14 da Carta da transdisciplinaridade (FREITAS *et al.*, 2020), além da originalidade. A CPN acumula mais de 30 características relevantes para a pesquisa, sendo que listamos a metade, mais ou menos, na Figura 7. Aponto como relevantes para a pesquisa em curso a TOLERÂNCIA para com o fiel de outra religião e com o pesquisador de outra área do conhecimento; o HOLISMO¹⁶ que permite enxergar o todo na parte, e a parte no todo, como argumento para compreender e aceitar que o conhecimento de cada religião *não é exclusivo*, mas uma parte de algo maior; e o EMPODERAMENTO, traço comum de CPN e PP, na busca por colocar ao alcance do

¹⁶ Trata-se do mesmo conceito do princípio hologramático, também abordado por Morin na sua teoria da complexidade; ver Seção 4.3.3.

público leigo *in theologicis*¹⁷ ferramentas de apoio à interpretação dos textos religiosos, mitigando a dependência em relação aos exegetas do domínio. Além do empoderamento, há um conjunto significativo de qualidades que interseccionam com o Princípio Pluralista, outra teoria que suporta nossa pesquisa.

Princípio Pluralista (PP)

O Professor Claudio de Oliveira Ribeiro tem sido o principal disseminador do Princípio Pluralista. Além dos artigos fundamentais, Ribeiro publicou *O Princípio Pluralista*, pela Edições Loyola, e *O Princípio Pluralista em debate*, pela Editora Recriar. Tendo como ponto de partida a valorização do pluralismo religioso, Ribeiro aponta três desafios teológicos importantes: a “tarefa de alargamento metodológico e de atualização nas formas de compreensão da realidade, a emergência das subjetividades na atualidade e os encontros e desencontros da teologia com a pluralidade” (RIBEIRO, 2017, p. 7–8). O teólogo afirma que o PP

É um instrumento hermenêutico de mediação teológica e analítica da realidade sociocultural e religiosa [que] possibilita divergências e convergências novas, outros pontos de vista, perspectivas críticas e autocríticas para diálogo, empoderamento de grupos e de visões subalternas e formas de alteridade e de inclusão, considerados e explicitados os diferenciais de poder e formas de colonialidade presentes na sociedade. O princípio pluralista, formulado a partir de lógicas ecumênicas e de alteridade, possibilita melhor compreensão da diversidade do quadro religioso e, também, das ações humanas em geral (RIBEIRO, 2020, p. 8–9).

O Princípio Pluralista é essencial para a presente tese pela sua característica de DECOLONIALIDADE que engloba as tarefas de “decolonizar o poder, o saber e o ser” (RIBEIRO, 2020, p. 18), que possibilita questionar o pensamento religioso único e centralizador, além do DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO, essencial num domínio em que três religiões monoteístas colocam-se, por vezes, em franco antagonismo. A característica de COMPREENSÃO, que intersecciona com a CPN, é referência tanto nas estratégias transdisciplinares quanto na Complexidade de Edgar Morin e na Hermenêutica Filosófica de Paul Ricoeur, no par de complementares explicação–compreensão (MORIN, 2012a; RICOEUR, 2006).

Modo 2 de Produção do Conhecimento (M2PC)

Klein (2017, p. 30) posiciona o M2PC como uma das fortes tendências do desenvolvimento da pesquisa transdisciplinar em função de suas características de complexidade, não linearidade e heterogeneidade. Segundo Gibbons e colegas (1994, p.

¹⁷ Público do qual faço parte.

75–81), o *Modo 2* surge como uma consequência da massificação da educação superior e da pesquisa acadêmica, o que provoca profundas transformações na produção de conhecimento. Os autores citam elementos que contribuem para essas mudanças, tais como o aumento da demanda por educação profissional, as tensões e contradições do binômio *ensinar–pesquisar* e o crescimento de pesquisas orientadas à resolução de problemas, entre outros.

Ao que se refere às Humanidades¹⁸, o M2PC também é causa e consequência de transformações, embora sua associação direta com uma pesquisa científica voltada ao mundo dos negócios¹⁹. A pressão por RESPONSABILIDADE SOCIAL é um dos fatores apontados e que está em sintonia com nossa tese. As fronteiras entre as Ciências Naturais e as Humanidades esvanecem pouco a pouco, e cientistas, humanistas e ativistas de ambas as margens do *rio do conhecimento estabelecem pontes*, refletindo

as pressões confusas e contraditórias da responsabilidade social, ocasionadas pelo equilíbrio precário entre os riscos e benefícios do progresso técnico-científico e pela mudança demográfica do ensino superior de massa. Isso demonstra que, no Modo 2 de produção do conhecimento, a pressão por responsabilidade social ocasiona uma mudança nos critérios de qualidade. A qualidade nas Humanidades não pode mais ser amplamente determinada pela comunidade acadêmica ou por outras coletividades especializadas, mas deve ser validada com base em critérios externos, diversos e difusos (GIBBONS *et al.*, 1994, p. 100, tradução nossa)²⁰.

Além de um CONTROLE DE QUALIDADE sobre a pesquisa, outras características do M2PC, e que reproduzimos na *Figura 7* pelo interesse para a presente tese, são a HETEROGENEIDADE e a produção de conhecimento acontecendo em CONTEXTO DE APLICAÇÃO.

MacLean, MacIntosh e Grant (2002, Apêndice tb. 1a) avaliaram as diferenças entre o Modo 2 de Produção do Conhecimento e a maneira tradicional, chamada de *Modo 1*. Segundo eles, o M2PC se dedica em resolver problemas complexos, multifacetados, que normalmente são tratados por equipes heterogêneas, com múltiplas habilidades e organizações envolvidas, enquanto que, no Modo 1, os problemas são geralmente trabalhados com equipes homogêneas de uma organização (acadêmica). O contexto acadêmico, teórico, é o que predomina na produção do conhecimento no

¹⁸ Usamos esta terminologia como sinônimo de Ciências Humanas.

¹⁹ “*Science going to the market*” (GIBBONS *et al.*, 1994, p. 90).

²⁰ Original: “*Both reflect the confusing and contradictory pressures of social accountability - the former the increasingly precarious balance between the risks and benefits of scientific-technical progress, and the latter the changing demographics of mass higher education. Both, finally, demonstrate that under Mode 2 conditions the pressure for social accountability leads also to a shift in a criteria of quality. Quality in the humanities can no longer be determined largely by academic or other expert communities but must be validated against more diverse, and diffuse, external criteria*”.

Modo 1, em contraposição ao Modo 2, que tem como finalidade uma aplicação e cuja pesquisa e desenvolvimento acontecem nesse contexto.

Os atributos do M2PC estão embarcados na EsIneT no próprio conceito de Transaberes, na dialógica Saberes–Fazeres–Poderes, que insta os agentes da pesquisa a romper os limites do âmbito acadêmico e a se relacionar com outros entes envolvidos no problema complexo que está no início do ciclo, tendo como consequência equipe heterogêneas. Ao promulgarmos a questão de pesquisa e o nosso objetivo geral — propor uma ontologia para apoiar a interpretação do conhecimento religioso monoteísta —, como relatado na Seção 3.2.2, estabelecemos um compromisso com a sociedade em dar um resultado que contribua, ao mínimo, com a mitigação do problema de pesquisa descrito na Seção 3.2, evidenciando a responsabilidade social do projeto desenvolvido em contexto de aplicação. Com base na episteme descrita, e no intento de alcançar a meta, realizamos algumas ações concretas.

5.3 AÇÕES TRANSDISCIPLINARES

Percebendo o fechamento existente entre as áreas de conhecimento que necessitamos para a pesquisa, e entendendo que a “correção interdisciplinar é insuficiente” (MORIN, 2012a, p. 20) para solucionar a questão da separação disciplinar, buscamos superar essa barreira traspassando-a. Assumindo a *atitude transdisciplinar*, como sugerido no artigo 2 da *Carta da Transdisciplinaridade*, documento firmado por Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu (FREITAS *et al.*, 1994), reforçamos nosso conhecimento na área de Modelagem Conceitual e Ontologias em estágio doutoral no NEMO/UFES (NEMO UFES, 2021), complementando o aprendizado recebido no PPGEGC, e apreendemos saberes na disciplina de Semântica, junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL; SETIC-UFSC, 2021).

Mantive contato por dois anos com o *Centro per le Scienze Religiose*, da Fundação Bruno Kessler, em Trento, na Itália, planejando um período de doutorado-sanduíche. Mesmo com os recursos liberados pelo PRINT-CAPES, motivos pessoais não permitiram a viagem. Ciente da importância do aporte de conhecimento religioso, iniciamos a montagem de uma rede de contatos no Brasil, com Professores dos programas de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, da Universidade Metodista de São Paulo e, especialmente, da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde cursamos a disciplina de Diálogo Inter-religioso (PPCIR UFJF, 2021). Esta aproximação resultou em produção intelectual que foi publicada na revista *Paralellus*, da Universidade Católica de Pernambuco (MELLO, Bobiquins Estevão de; RIBEIRO, 2021), além da participação no Grupo de Pesquisa Espiritualidades, Pluralidade e Diálogo (RIBEIRO *et al.*, 2021). Na busca por centros de pesquisa que

fossem comprometidos com a transdisciplinaridade (TD), onde pudéssemos dar prosseguimento à OntoM após o doutoramento, encontramos o *3A Institute*, sediado no *College of Engineering and Computer Science*, na *Australian National University* ([3A INSTITUTE, 2021](#)). Um dos laboratórios que pesquisa sobre Inteligência Artificial é o *Knowledge Representation & Reasoning* ([ANU COLLEGE OF ENGINEERING AND COMPUTER SCIENCE, 2019](#)), local de trabalho do Professor Bernardo Pereira Nunes, com quem firmamos parceria ao final de 2020. Foram pequenos movimentos, reconhecimento, mas que alteraram os rumos e os resultados desta tese.

6 RELIGIÃO E HUMANIDADES

Referimo-nos, ao titular este capítulo, à *Religião* como grande área do saber humano, ao lado da *Filosofia*, da *Ciência* e da *Arte*; a expressão *Humanidades* diz respeito às Ciências Humanas. Nosso objeto são os textos institucionais do Monoteísmo, movimento religioso planetário que agrega a maioria da população humana, atualmente (ZURLO *et al.*, 2021).

O recorte que fazemos em relação ao Monoteísmo — Judaísmo, Cristianismo e Islamismo — está diretamente voltado ao fato de serem as religiões mais envolvidas em conflitos e guerras, conforme relatado na [Seção 3.1](#), e ao contingente expressivo de seguidores. A inclusão de outras religiões monoteístas, como o Zoroastrismo e a Fé Bahá'í, *e.g.*, não foi considerada em função da pequena quantidade de adeptos e da baixa influência nas contendidas registradas. Entretanto, a Ontologia do Monoteísmo poderá ser expandida posteriormente¹ em seu objeto agregando outros textos fundamentais, visto que os conceitos são comuns e se repetem nas várias doutrinas de culto ao Deus único. Quanto aos pensadores que escolhemos para dar fundamentação à nossa pesquisa — Edgar Morin, Martin Heidegger, Paul Ricoeur, entre outros —, pode-se dizer que foram o fio condutor para alcançar o contexto da aplicação no cenário apropriado para favorecer a solução do problema. As discussões teológicas² desenvolvidas por outros teólogos, filósofos e cientistas da religião, portanto, ficaram em segundo plano na pesquisa, até porque algumas são responsáveis por engendrar véus que impedem a visualização das causas de violência e sofrimento originadas nas religiões.

6.1 MONOTEÍSMO

Lembrai-vos da Torá de Moisés, Meu servo, a quem ordenei, em Horeb, estatutos e preceitos para todo o Israel (GORODOVITS; FRIDLIN, 2012, MI 3:22),

insiste Malaquias, no último livro profético do Tanakh, a Bíblia hebraica. A Torá, muitas vezes referida como *Lei* ou *Ensino*, foi a primeira *aliança* estabelecida entre a realidade espiritual e a realidade material, entre Deus e os seres humanos, representados pelo povo hebreu. No prefácio à nova edição da Torá em português (TEMPLO ISRAELITA BRASILEIRO OHEL YAACOV, 2001), os editores iniciam com uma parábola de amor, onde uma princesa de um reino muito rico desposa um príncipe

¹ Como é característica da tecnologia de ontologias, que possibilitam com facilidade a expansão sobre outras bases de dados e outros idiomas a partir de uma primeira versão referencial consolidada.

² Como, por exemplo, a existência ou não de Deus, origem e formação das religiões monoteístas e sua relação com paganismos e politeísmos etc.

cipe do reino vizinho. A princesa nunca tinha sido vista e, por isso, pensavam que não tinha beleza; por isso, decidiram que não haveria festa no casamento. Após as bodas, para a grata surpresa do príncipe, ele descobriu que ela, além de bela, era inteligente, meiga e instruída. A alegria e a felicidade do casal aumentavam a cada dia e, então, decidiram realizar a festa para celebrar a comunhão junto ao povo. Usando a alegoria do casamento, da comunhão entre o amado e a amada, os editores evocam a festa de *Simchat Torá*, quando os judeus dançam e cantam em gratidão ao Eterno pela dádiva da Torá, a noiva desconhecida. O simbolismo das bodas tem prosseguimento no próprio Tanakh, no livro do *Cântico dos Cânticos*, atribuído ao rei Salomão e, apesar de sua poesia sensual³, conservado no Antigo Testamento da Bíblia cristã. É precisamente nas *bodas de Caná*, narrada no capítulo dois do Evangelho de João, que Jesus inicia sua trajetória profética, quando usaria a metáfora das núpcias em algumas de suas parábolas⁴. Paulo, na Carta aos Hebreus, afirma que Jesus “é o Mediador da nova aliança, a fim de que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança, recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados” (SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, 1993, Hb 9:15). João Evangelista reitera as palavras de Jesus para a aliança futura, sempre com a advertência à transgressão: “Se me amais, observareis meus mandamentos, e rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito, para que convosco permaneça para sempre, o Espírito da Verdade [...]” (ÉCOLE BIBLIQUE DE JÉRUSALEM, 2010, Jo 14:15–17). O Alcorão confirma as várias etapas do pacto entre Deus e a Humanidade na *Sura dos Partidos*:

E quando firmamos a aliança com os profetas, e contigo e com Noé e com Abraão e com Moisés e com Jesus, filho de Maria. E firmamos sólida aliança com eles, para que Ele interrogasse os verídicos acerca de sua verdade. E Ele preparou para os renegadores da Fé doloroso castigo” (AL-MADINAH AL-MUNAUARAH K.S.A., 1999, Su 33:7–8).

O *Espírito de Verdade* assina o prefácio⁵ de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, publicado em 1864 por Allan Kardec, ratificando a promessa do Cristo. A aliança renovada, entretanto, sai do campo das alegorias e se reifica pelas palavras de Kardec.

³ Como, por exemplo: “(Deus:) Eis que és formosa, ó Minha amiga, eis que és formosa! Os teus olhos são como os das pombas! (Israel:) Eis que és formoso e agradável, ó meu Amado! O nosso leito é frutífero. As vigas da nossa casa são de cedro, os nossos móveis são de cipreste” (GORODOVITS; FRIDLIN, 2012, Ct 1:15–17).

⁴ A parábola das dez virgens (Mt 25), *e.g.*

⁵ “Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos Céus, qual imenso exército que se movimenta ao receber as ordens do seu comando, espalham-se por toda a superfície da Terra e, semelhantes a estrelas cadentes, vêm iluminar os caminhos e abrir os olhos aos cegos. Eu vos digo, em verdade, que são chegados os tempos em que todas as coisas devem ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos. [...] Homens, irmãos a quem amamos, estamos junto de vós. Amai-vos, também, uns aos outros e dizei do fundo do coração, fazendo as vontades do Pai, que está no Céu: ‘Senhor! Senhor!’ ... e podereis entrar no Reino dos céus. *O Espírito de Verdade*” (KARDEC, 2013c).

Atentos ao momento final do século 19, quando os frutos do *Iluminismo* já eram colhidos, e o *Positivismo* estava em sementeira, os Espíritos ditaram, através dos médiuns que auxiliavam Kardec, os termos da nova aliança, a da *Ciência* e da *Religião*.

São chegados os tempos em que os ensinamentos do Cristo hão de receber o seu complemento; em que o véu lançado intencionalmente sobre algumas partes desse ensino tem de ser levantado; em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, tem de levar em conta o elemento espiritual; em que a Religião, deixando de ignorar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, essas duas forças — Ciência e Religião — apoiando-se uma na outra, marcharão combinadas e se prestarão mútuo concurso. [...] Esse traço de união está no conhecimento das leis que regem o mundo espiritual e suas relações com o mundo corpóreo, leis tão imutáveis quanto as que regem o movimento dos astros e a existência dos seres. [...] As consequências dessa revolução são fáceis de prever; deve produzir inevitáveis modificações nas relações sociais, às quais ninguém terá força para se opor, porque estão nos desígnios de Deus e resultam da lei do progresso, que é uma Lei de Deus (KARDEC, 2013c, cap. I, it. 8).

As metáforas eram necessárias no tempo de Moisés, Jesus e Maomé, pois a analogia com o *casamento que não deve ser adulterado*⁶ é acessível a todas e todos, além de intemporal. Ao momento em que o método científico começou a impor-se e a ganhar o reconhecimento da sociedade, as analogias foram tornando-se desnecessárias e, em alguns momentos, contraproducentes em função das temáticas agrárias e pastoris, embora os significados moral e ético permaneçam intactos.

6.1.1 Espiritismo

A revelação espírita é a única com edições e manuscritos originais acessíveis em função da contemporaneidade dos eventos de Paris, desde 1855, quando as *mesas girantes*⁷ tornaram-se um modismo nos cafés da cidade, até 1869, ano da morte de Allan Kardec, aos 65 anos de idade. A existência de uma imprensa atuante e de sociedades científicas contribuiu para o ambiente propício às pesquisas do professor Hippolyte Léon Denizard Rivail. Segundo Marcel Souto Maior (2013), biógrafo de Rivail, sua orientação educacional e científica era consequência do seu período internado no Instituto Yverdon, na Suíça, sob a tutela do professor, jornalista e escritor Johann Heinrich Pestalozzi, que fomentava os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade disseminados por Jean-Jacques Rousseau, um dos filósofos iluministas. Assumindo-

⁶ A lógica que utilizo sobre a relação aliança-bodas foi inspirada no *Estudo do Êxodo* conduzido por Haroldo Dutra Dias, exegeta da Bíblia pelo ponto de vista do Espiritismo (PORTALSER, 2021).

⁷ *Les tables tournantes* foram os acontecimentos que despertaram a curiosidade de Kardec, impelindo-o a pesquisar sobre os fatos. Amplamente documentados, os eventos aconteciam simultaneamente nos Estados Unidos e na Europa (WIKIPÉDIA, 2021b).

se discípulo de Pestalozzi, escreveu vários livros educacionais e didáticos enquanto diretor de escola da Academia de Paris⁸.

Foi com esta bagagem intelectual que o professor Rivail fez a passagem para a *persona* Allan Kardec, pseudônimo pelo qual seria conhecido na história. Portador de conhecimento científico e filosófico, Kardec estabeleceu um *método de pesquisa* para entender e codificar aqueles estranhos eventos que assombravam letrados e não, método que descreveu no capítulo terceiro de *O Livro dos Médiuns* (2013), seguindo com uma seção dedicada aos vários *sistemas* que se consolidaram em torno do fenômeno espiritualista, incluindo os que se opunham ao Espiritismo, como o *sistema do charlatanismo* e o *sistema da alucinação*.

Fiel às máximas de “observar, comparar e julgar” e “melhor rejeitar dez verdades como sendo mentiras do que aceitar uma única mentira como sendo verdade” (MAIOR, 2013, p. 52, 54) colhidas em Yverdon, Kardec mantinha correspondência com “perto de mil centros espíritas sérios” (KARDEC, 2013c, p. 19) disseminados em diversos pontos do globo, para os quais enviava constantemente as questões que, posteriormente, seriam incluídas no Pentateuco Espírita. Eram perguntas que “consideradas isoladamente, para nós não teriam valor, mas a sua coincidência lhes dá alta importância, que terá de ser julgada mais tarde, quando chegar o momento de levá-las à luz da publicidade”, como relatou na *Revista espírita: Jornal de estudos psicológicos* que manteve como laboratório de pesquisa por 12 anos, em edições mensais (KARDEC, 2021, Março, 1864). Seu principal método de pesquisa consistia em enviar a mesma pergunta para vários grupos mediúnicos com a instrução de que os Espíritos fossem questionados a um mesmo momento; havendo divergências nas respostas, o resultado era descartado como enganoso.

Um caso acontecido em outubro de 1864 ilustra o método adotado por Kardec: uma médium em transe transmitiu um conselho ao codificador, o de que deveria cobrar pelas consultas dos ricos e doar o dinheiro aos pobres. Assinava a comunicação um velho conhecido das reuniões, o Espírito Jobard. Estranhando a sugestão mercantilista, Kardec acionou seis médiuns, sem que um soubesse do outro, solicitando que perguntassem ao espírito do senhor Jobard se ele havia ditado tal comunicação à médium senhora X, e que precisava da resposta para o dia seguinte. O Espírito respondeu ao questionamento pelas mãos⁹ dos médiuns Leymarie, da senhora Costel e do senhor Rulle, entre outros. Chamou atenção a resposta mais ríspida através do

⁸ Rivail participava também da Sociedade Gramatical, Sociedade de Educação Nacional, Sociedade para a Instrução Elementar, Instituto de Línguas, Sociedade de Ciências Naturais da França, Sociedade Promotora da Indústria Nacional, Sociedade Francesa de Estatística Universal e do Instituto Histórico (MAIOR, 2013, p. 31–32).

⁹ O método de recepção de mensagens escritas ficou conhecido como *psicografia* e foi popularizado no Brasil pelo médium Chico Xavier.

médium D'Ambel: “Ora! Como há tantos bobos no mundo dos espíritos quanto entre vós — sem vos ofender —, um bobo pôde dar a outro a comunicação em questão.” O placar terminou 6x1, uma goleada que descartou a mistificação. Até o final de sua vida, Kardec nunca cobrou consultas ou tomou para si o mérito das mensagens e dos livros. O crédito era dos Espíritos, dizia, e ele havia sido apenas o organizador das comunicações: “Vi, observei, estudei os fatos com cuidado e perseverança; coordenei-os e lhes deduzi as consequências; eis toda a parte que me cabe” (MAIOR, 2013, p. 257–259).

O Espiritismo nasceu na França e floresceu no Brasil, em trajetória contada pelo Espírito Humberto de Campos, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, no livro *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho* (CAMPOS, H. d., 2013). Humberto inicia o livro contando que os vários pensadores e artistas que visitaram o Brasil desde sua descoberta não passaram, em sua análise, da superficialidade da realidade material, rica e faustosa.

Não viram o Brasil espiritual, o Brasil evangélico, em cujas estradas, cheias de esperança, luta, sonha e trabalha o povo fraternal e generoso, cuja alma é a flor amorosa de três raças tristes, na expressão harmoniosa de um dos seus mais eminentes poetas¹⁰ [...] Jesus transplantou da Palestina para a região do Cruzeiro a árvore magnânima do seu Evangelho, a fim de que os seus rebentos delicados florescessem de novo, frutificando em obras de amor para todas as criaturas (CAMPOS, H. d., 2013, p. 9–10).

Kardec morreu em 31 de março de 1869, com 64 anos de idade. Em seu discurso junto ao túmulo, o astrônomo Camille Flammarion diria, a respeito da obra kardeciana, que o ponto de partida da pesquisa fora aplicar ao fenômeno espírita a razão firme do simples bom senso, e examiná-lo segundo o princípio do método positivo. Rivail era “o bom senso encarnado”, concluiu. Enquanto em vida, Kardec nunca incitou rebeldia ou violência contra qualquer pessoa ou instituição, mesmo quando aconteceu o *Auto de fé* em Barcelona, a nove de outubro de 1861. Na ocasião, cerca de 300 volumes de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns* foram queimados em praça pública por ordem do bispo de Madrid. Incomodado com o fato, Kardec recorreu à orientação dos Espíritos: – ‘Era necessário alguma coisa que chocasse as pessoas’, responderam, ‘especialmente jornalistas que se mantiveram indiferentes até agora. Querendo ou não, hoje falam sobre os livros e o Espiritismo, dando-lhe a devida publicidade’. “Essa a razão pela qual a retaguarda da Inquisição fez hoje o seu último auto de fé. Nós assim o quisemos” (KARDEC, 2009, p. 38, 394).

¹⁰ Atribuída a Olavo Bilac: “Tens, às vezes, o fogo soberano Do amor: encerras na cadência, acesa Em requebros e encantos de impureza, Todo o feitiço do pecado humano. Mas, sobre essa volúpia, erra a tristeza Dos desertos, das matas e do oceano: Bárbara poracé, banzo africano, E soluços de trova portuguesa. És samba e jongo, xiba e fado, cujos Acordes são desejos e orfandades De selvagens, cativos e marujos: E em nostalgias e paixões consistes, Lasciva dor, beijo de três saudades, Flor amorosa de três raças tristes.”

6.1.2 Islamismo

A base da religião islâmica é o Alcorão, recebido pelo profeta Muhammad a partir do ano 610 d.C., nas cidades de Meca (*Makkah*) e Medina (*Al-Madinah*). Segundo os comentários do texto corânico, o livro chegou para “amparar a humanidade em seu caminho terreno e unificar a velha aliança (o Judaísmo) com a nova aliança (o Cristianismo), assim como ampliar o ato de caridade e estabelecer a fraternidade universal” ([AL-MADINAH AL-MUNAUARAH K.S.A., 1999](#), p. 12).

Assim como Kardec teve a equipe de Espíritos liderada pelo *Espírito de Verdade* que conduziram a revelação espírita, Muhammad (ou Maomé) teve “os anjos com o Espírito” ([PROFETA MUHAMMAD, 2018](#), Sura 70:4), numa referência ao anjo Gabriel. Segundo a tradição, Maomé, em transe, recitava os versos ditados por Gabriel, que eram memorizados e registrados por seus discípulos e seguidores.

De acordo com Félix Neefjes, Reynaldo Calvo e Daniel Rocha ([1997](#)), a sociedade muçulmana tem toda sua estrutura religiosa, moral, social, política e econômica baseada, primeiramente, no texto do Alcorão, e, em seguida, nos ditos e feitos do Profeta Maomé, a Tradição. Os autores concluem que o Islam é “uma religião universal, não sectária, não racial e não doutrinária, pois vive em função de toda a humanidade”.

O antagonismo entre as religiões monoteístas era considerável à época da codificação espírita, o que favorecia um julgamento duro do povo muçulmano por parte dos cristãos. Disse Kardec na *Revista Espírita*:

Temos que julgar Maomé pela história autêntica e imparcial, e não segundo as lendas ridículas que a ignorância e o fanatismo espalharam por sua conta, ou segundo as descrições feitas pelos que tinham interesse em desacreditá-lo, apresentando-o como um ambicioso sanguinário e cruel. Também não se deve considerá-lo responsável pelos excessos de seus sucessores que quiseram conquistar o mundo para a fé muçulmana de espada em punho. [...] é preciso dizer, em seu favor, que muitíssimas vezes ele se mostrou muito mais humano e clemente para com os inimigos do que vingativo, e que muitas vezes deu provas de verdadeira grandeza de alma. É forçoso reconhecer, também, que mesmo em meio aos seus sucessos e quando havia chegado ao topo de sua glória, até o seu último dia limitou-se a seu papel de profeta, sem jamais usurpar uma autoridade temporal despótica. Ele não se fez rei nem potentado, e jamais, na sua vida privada, se maculou com qualquer ato de fria barbárie, nem de baixa cupidez. Sempre viveu com simplicidade, sem fausto e sem luxo, mostrando-se bom e benevolente para com todos. Isto é da história ([IDEAK, 2021b](#), Novembro, 1866).

Feito guerreiro por força das circunstâncias, Maomé morreu em oito de junho de 632, com 62 anos de idade, sem jamais ter sido provocador. Membro de um povo beligerante, constantemente envolvido em conflitos, foi o líder que “soube tirar um povo da barbárie e dele fazer uma grande nação” ([KARDEC, 2021](#), Novembro, 1866).

6.1.3 Cristianismo

Emmanuel, um dos escritores espíritas mais produtivos, destacou que o evento da *manjedoura*¹¹ foi a gênese da maioria espiritual da humanidade terrestre. A infância e adolescência do filho de José e Maria de Nazaré transcorreram na Judeia sob o *século de Augusto*, César do Império Romano que governou até 14 d.C., na sua morte. Governante que promoveu a paz e a tranquilidade, além de incentivar as artes, foi sucedido por um cruel Tibério, que reinaria até o ano 37, quando os eventos do Gólgota¹² já estavam consumados, “realizando sinistramente as mais remotas profecias.” Iniciava-se, então, no seio do Judaísmo, sob o tacão de Roma, uma doutrina, ainda sem denominação, que pregava a equidade entre livres e escravos, entre patrícios e plebeus, porque “todos eram irmãos, filhos do mesmo Deus” (XAVIER, F. C.; EMMANUEL, 2010, p. 127–143).

No romance *Paulo e Estêvão*, Emmanuel (2013) relata que os seguidores de Jesus Cristo, após sua morte, eram chamados *os homens do Caminho*. Liderados por Simão Pedro, Tiago e outros discípulos de Jesus, conduziam um trabalho de acolhimento aos pobres e enfermos, prosseguindo com as atividades apreendidas nos três anos de peregrinações ao lado do Cristo e sua diretiva de “curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expeli demônios; de graça recebestes, de graça dai” (SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, 1993, Mt 10:8). O conhecimento era, então, transmitido oralmente, notadamente a partir dos que haviam convivido com o Mestre nazareno; mas, já havia *textos novos*, as anotações de Mateus Levi, que fora um dos apóstolos¹³ mais instruídos do grupo, cujos apontamentos seriam convertidos no primeiro Evangelho da Bíblia. Passaram-se os anos. Saulo de Tarso, doutor da Lei mosaica e perseguidor dos seguidores de Jesus, toma a estrada de Damasco no encalço de Ananias, um dos ativos pregadores das ideias nascentes. Saulo, a certo momento, foi tomado de vertigem, caiu da montaria e ouviu a célebre frase: – *Saulo!... Saulo!... por que me persegues?* Foi o momento da mudança na vida do tribuno, que adotou o nome de Paulo e tornou-se o grande divulgador da mensagem da *Boa Nova*, rompendo as fronteiras e pregando aos gentios, aqueles que não professavam a religião judaica. Paulo fundou várias igrejas nas suas peregrinações, entre elas a de Antioquia, venerável por suas obras de caridade e pelos fenômenos que hospedava. Foi ali que surgiu um jovem médico, de nome Lucas, que começou a frequentar as singelas assembleias conduzidas por Paulo. Instruído como Levi, Lucas teria um Evangelho em seu nome, além do relatório que seria conhecido como *Atos dos Apóstolos*. Foi de Lucas a denominação que se perpetua até hoje. Às vésperas de sua partida de Antioquia, ao final dos comentários de Barnabé na assembleia, o jovem médico obtemperou:

¹¹ Refere-se ao nascimento de Jesus que, segundo a tradição, teria sido numa singela manjedoura.

¹² Refere-se ao local da crucifixão de Jesus.

¹³ Denominação dada aos doze discípulos escolhidos por Jesus para acompanhá-lo em sua missão.

Quero referir-me aos títulos que nos identificam a comunidade. Não vejo na palavra “caminho” uma designação perfeita, que traduza o nosso esforço. Os discípulos do Cristo são chamados “viajores”, “peregrinos”, “caminheiros”, mas há viandantes e estradas de todos os matizes. O mal tem, igualmente, os seus caminhos. Não seria mais justo chamarmo-nos — CRISTÃOS — uns aos outros? Este título nos recordará a presença do Mestre, nos dará energia em seu nome e caracterizará, de modo perfeito, as nossas atividades em concordância com os seus ensinamentos (XAVIER, F. C.; EMMANUEL, 2013, p. 282, grifo nosso).

Estava nomeada a doutrina que tomaria o mundo de assalto por sua simplicidade, pela “beleza imortal que se irradia de suas lições divinas, atravessando as idades e atraindo corações” (XAVIER, F. C.; EMMANUEL, 2010, p. 149). Não seria um caminho fácil: os primeiros séculos do que se conhece como *Cristianismo primitivo* foram de perseguições aos adeptos, com os trágicos espetáculos circenses de cristãos sendo queimados ou atirados aos leões. Este cenário mudaria no século 7, durante o reinado de Constantino que, dizendo-se inspirado pela divindade cristã, vence Maxêncio na batalha da ponte Mílvia, às portas de Roma. O Edito de Milão marca a liberdade de crença no Império e o final da perseguição ao Cristianismo no ano 313, evento eternizado numa placa de mármore no *San Giorgio Al Palazzo*, em Milão (PAOLO BONI, 2015). Seria o início da ascensão da religião inspirada no Cristo às tarefas de Estado. Os primeiros dogmas são promulgados com força de lei no Concílio Ecumênico de Nicéia, em 325, e a Igreja de Roma, agora institucionalizada, não mais se afasta do poder (XAVIER, F. C.; EMMANUEL, 2010, cap. XIV–XVI). Os fatos que narrei rapidamente e os que se seguiram estariam todos previstos no relato de João Evangelista em seu exílio na ilha de Patmos, onde recebeu o texto que finaliza a Bíblia cristã, o *Apocalipse*. Segundo Emmanuel, ali estariam as guerras, as nações futuras, o comercialismo, mas, “a figura mais dolorosa, ali relacionada, que ainda hoje se oferece à visão do mundo moderno, é bem aquela da igreja transviada de Roma, simbolizada na besta vestida de púrpura e embriagada com o sangue dos santos” (XAVIER, F. C.; EMMANUEL, 2010, p. 153). Não há relatos de Jesus incitando o povo contra os romanos, ou liderando uma revolta para libertar os hebreus do domínio territorial, econômico e político. O Cristo nada deixou de escrito para a posteridade, apenas exemplificou sua mensagem pela própria conduta.

6.1.4 Judaísmo

Deus é a potência ou coroa suprema (*keter*), que repousa sobre a sabedoria imutável (*chocmah*) e a inteligência criativa (*binah*); nele estão a bondade (*chesed*) e a justiça (*geburah*), que são o ideal da beleza (*tipheret*). Nele estão o movimento sempre vitorioso (*netzah*) e o grande repouso eterno (*hod*). Sua vontade é uma criação contínua (*jesod*) e seu reino (*malchuth*) é a imensidade que povoa o universo. Detenhamo-nos aqui; conhecemos a Deus! (LÉVI, 2004, p. 118).

É desta maneira que Éliphas Lévi define Deus, segundo os ensinamentos da *Cabala*, o ramo místico do Judaísmo, que estaria contida num sistema de “trinta e duas vias e cinquenta portas”. As 32 vias seriam as “ideias absolutas e reais” correspondentes aos dez números e às 22 letras do alfabeto hebraico. O número três corresponde à *inteligência infinita* e o dez à *realidade*, por exemplo. As letras *Aleph* e *Beth*, *e.g.*, correspondem às ideias de *Pai* e *Mãe*, respectivamente (LÉVI, 2004, p. 114).

Emmanuel vai corroborar a fala de Lévi, no sentido de que os textos do Tanakh configuram um “repositório de conhecimentos secretos dos iniciados do povo judeu, e que somente os grandes mestres da raça poderiam interpretá-lo fielmente, nas épocas mais remotas”. São fórmulas iniciáticas que eram restritas a um pequeno grupo, que se sentia compelido a ocultá-las. E nisto teria residido a grande missão de Moisés, o grande legislador dos hebreus: simplificar e desvelar o conhecimento dos iniciados para torná-lo acessível à alma simples e generosa do povo (XAVIER, F. C.; EMMANUEL, 2010, p. 79–82).

A trajetória do “maior profeta e líder que já viveu — Moisés, nosso mestre” (TEMPLO ISRAELITA BRASILEIRO OHEL YAACOV, 2001, Prefácio à nova edição) iniciou, provavelmente, por volta de 1250 a.C.¹⁴, logo após os hebreus terem trabalhado na construção das cidades-armazéns de Pitom e de Ramsés (ÉCOLE BIBLIQUE DE JÉRUSALEM, 2010, p. 29), e iniciarem sua jornada de 40 anos no deserto — o Êxodo, uma bela história sobre fé e resiliência representada vezes sem fim na cinematografia contemporânea. É natural que numa situação tão adversa, com um grupo tão numeroso¹⁵, as regras definidas por Moisés fossem duras com o povo hebreu, que, mesmo influenciado pelo politeísmo egípcio, já tinha o ímpeto da monolatria, mas, ainda necessitava de objetos de culto e do sacrifício de animais para se relacionar com a divindade. Sobre este povo valoroso, *Um Espírito israelita* deu a seguinte comunicação ao codificador do Espiritismo em 1861:

Deus é único e Moisés é o Espírito que Ele enviou em missão para torná-lo conhecido não só dos hebreus, como também dos povos pagãos. [...] Os mandamentos de Deus, dados por intermédio de Moisés, contêm o germe da mais ampla moral cristã. [...] A moral ensinada por Moisés era apropriada ao estado de adiantamento em que se encontravam os povos que ela se propunha regenerar, e esses povos, semisselvagens quanto ao aperfeiçoamento da alma, não teriam compreendido que se pudesse adorar a Deus de outro modo que não por meio de holocaustos, nem que se devesse perdoar a um inimigo (KARDEC, 2013c, cap. I, it. 9).

¹⁴ Essa estimativa baseia-se no versículo de Êxodo “E puseram sobre ele chefes de impostos para o afligirem com as suas cargas. E edificou para o Faraó [Par’ó] as cidades-armazéns, a Pitom e a Ramsés.” (TEMPLO ISRAELITA BRASILEIRO OHEL YAACOV, 2001, Ex 1:11), e na duração deste reinado no Egito, de 1290 até 1224.

¹⁵ “E os filhos de Israel viajaram de Ramsés a Sucót; eram cerca de 600.000 homens de pé, fora as crianças” (GORODOVITS; FRIDLIN, 2012, Ex 12:37).

Israel e o Judaísmo se consolidaram na Palestina em diversas denominações religiosas, como a dos *Saduceus* e dos *Fariseus*, a mais influente de todas, que teve *Hillel* como seu grande rabino e doutor da Lei. Originada aproximadamente 200 anos antes de Cristo, a denominação foi perseguida em vários momentos, até que Alexandre, rei da Síria, lhes restituiu honras e bens. Os Fariseus, então, “recobram seu poder e o conservaram até a *ruína de Jerusalém*, no ano 70 da Era Cristã” (KARDEC, 2013c, p. 25). A chegada de Jesus não foi compreendida pelo povo judeu. Apesar das profecias indicando a vinda do *Redentor*, os sacerdotes não esperavam que isso acontecesse num momento tão difícil da história de Israel.

Segundo a sua concepção, o Senhor deveria chegar no carro magnífico de suas glórias divinas, trazido do Céu à Terra pela legião dos seus tronos e anjos; deveria humilhar todos os reis do mundo, conferindo a Israel o cetro supremo na direção de todos os povos do planeta; deveria operar todos os prodígios, ofuscando a glória dos césares (XAVIER, F. C.; EMMANUEL, 2010, p. 83–84).

Moisés foi o grande líder que iniciou a consolidação do Monoteísmo. Apesar da condição de escravizados pelos faraós, o profeta não pregou revolta ou atos de terror para conquistar a libertação. Na sua paciência e resignação, aguardou o momento da exaustão do Faraó: “E chamou a Moisés e a Aarão de noite e disse: Levantai-vos, saí dentre meu povo, também vós, também os filhos de Israel, e ide, servi ao Eterno como falastes.” (TEMPLO ISRAELITA BRASILEIRO OHEL YAACOV, 2001, Ex 12:31). Quando o Faraó mudou de ideia, abdicou do combate violento e continuou sua fuga, deixando uma marca de obediência às orientações divinas. O profeta Moisés retornou às narrativas dos textos monoteístas nos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, no evento da *transfiguração*:

[...] tomou Jesus consigo a Pedro e aos irmãos Tiago e João e os levou, em particular, a um alto monte. E foi transfigurado diante deles; o seu rosto resplandecia como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele” (SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, 1993, Mt 17:1–3).

6.2 CIÊNCIA(S) DA RELIGIÃO E TEOLOGIA

Nosso título contém parênteses para indicar o reconhecimento às diferentes denominações que são utilizadas para a primeira área do conhecimento, sendo que também há o uso de *Ciências das Religiões* e *Ciência das Religiões*. Usaremos a expressão na forma singular apenas por necessidade de uma opção, sem querer indicar com isso uma expressão que seja mais correta que a outra.

A Ciência da Religião e a Teologia têm sua principal diferença epistemológica na adesão a uma confissão religiosa, segundo César Alves (2019). É necessária, portanto, durante o exercício da Teologia, a inserção do pesquisador numa confissão religiosa, ou seja, a teóloga e o teólogo trabalham a partir de uma perspectiva de dentro, enquanto cientistas da religião fazem a reflexão de fora, embora o objeto de estudo coincidente — a religião. A Teologia, segundo o autor, tem um método teológico que foi configurado na *Época Patrística*, considerado o início da Teologia, cuja base literária abrange, além do mundo greco-latino, autores da língua siríaca, copta e árabe, entre outras. O foco dos estudiosos, nesta época, era a “revelação em Israel culminada em Cristo”. Seguiu-se a *Época Escolástica*, que manteve elementos fundamentais da Patrística e agregou o instrumental filosófico aristotélico, em especial o conceito de Ciência estabelecido por Aristóteles. Um dos traços destacados da Teologia escolástica é a

dupla de conceitos natural e sobrenatural. Esses conceitos pressupõem uma concepção da realidade diferenciada em planos. Por um lado, o plano do natural é o da criação, do ser humano e de sua iniciativa. Por outro lado, o plano do sobrenatural é o de Deus, do que é incriado, das coisas que só acontecem devido à gratuita iniciativa divina, como a revelação (ALVES, C. A., 2019, p. 1096).

A diferenciação que Alves faz, de que o objeto de estudo da Teologia seria o *transcendente*, enquanto da Ciência da Religião seria o *imanente*, encontra eco no trabalho de Frank Usarski (2013), que usa a expressão *religiões concretas*, para indicar que seus objetos estão no mundo empírico.

O termo *Ciência da Religião* refere-se a um empreendimento acadêmico que, sustentado por recursos públicos, norteado por um interesse de conhecimento específico e orientado por um conjunto de teorias específicas, dedica-se de maneira não normativa ao estudo histórico e sistemático de religiões concretas em suas múltiplas dimensões, manifestações e contextos socioculturais (USARSKI, 2013, p. 139).

Usarski indica o ano de 1873, quando foi fundada a primeira cátedra na Universidade de Genebra, na Suíça, como o início da institucionalização da Ciência da Religião no mundo. A força da Teologia, porém, atrasou o processo na Grã-Bretanha (1904, Manchester) e na Alemanha, em 1910. Até onde sabemos, o primeiro curso de Ciência da Religião no Brasil foi na Universidade Federal de Juiz de Fora, em 1969 com graduação, que funcionou de forma intermitente, vindo a implantar o mestrado em 1993 e o doutorado em 1999 (UFJF, 2021). A Teologia, fomentada pela máquina católica, se estabeleceu pelas mãos do padre Manoel da Nóbrega, em 1553, que fundou o *Collegio do Salvador da Bahia* onde estudaram Antonio Vieira, Frei Vicente do Salvador, Gregório de Matos e outros. O curso de *Teologia e Ciências Sagradas* era

ministrado para a formação de sacerdotes, e teria sido o primeiro em nível superior do Brasil (GUÍA GEOGRÁFICO, 2021).

Área do saber jovem, portanto, a Ciência da Religião se coloca como um caminho alternativo por onde a Teologia não deseja se embrenhar. Astrid Reuter e Frank Usarski lembram, ainda, a capacidade integrativa da nova disciplina, afirmando-a como “uma ciência interdisciplinar que possibilita que cada uma das abordagens específicas contribua, à sua maneira, para a pesquisa ‘holística’ da religião” (REUTER; USARSKI, 2021, p. 222–223), enquanto que Omar Sales e Clóvis Ecco (2018) enfatizam a análise criteriosa das transformações religiosas em curso, a habilidade para compreender o fenômeno religioso e intervir, quando necessário e possível, na esfera social em casos com da intolerância religiosa, por exemplo, o que faculta à Ciência da Religião “repercutir na vida cotidiana das pessoas”.

Por certo, esta tese se aproxima com mais intensidade da Ciência da Religião e de seus métodos em função do exposto, considerando, também, a profunda ligação da Teologia com a centralidade do Cristianismo, algo incompatível na Ontologia do Monoteísmo, onde o paradigma é o do Deus único e o foco é no ser humano. Temos de rejeitar, desta forma, qualquer sistema que tenha como paradigma a religião única, como o que eternizou o lema “fora da igreja não há salvação” (VATICANO, 2021, it. 846–848). Não queremos dizer que a Teologia não faça parte de nossa pesquisa inter e transdisciplinar, mas sim que, enquanto *sistema de ideias rígido*¹⁶ na revelação em Israel que culminou no Cristo, compromete-se o “último vetor da refiguração do mundo da ação” (RICOEUR, 2010a, p. 132) — o ato de leitura. Somos simpáticos à ideia de uma teologia teórica, e não doutrinária, de acordo com a conceituação de Morin, próxima do proposto por Panasiewicz e Aragão (2015) de uma *Teologia Geral das Religiões*, planetária, multirreligiosa e pluralista. Os autores têm como ponto de partida as novas hermenêuticas do pluralismo religioso; voltaremos ao tema na [Seção 6.4](#).

6.3 FILOSOFIA

Abordarei nesta seção apenas a base filosófica heideggeriana que nos apropriamos, embora a Filosofia tenha interfaces frequentes com todas as demais disciplinas que envolvem nossa tese. As correntes filosóficas que abordo nesta tese são usadas em diferentes momentos, de acordo com a necessidade. Uso as teorias da complexidade e transdisciplinaridade da Escola Europeia como abordagem de topo, inicial;

¹⁶ Como exposto na [Seção 4.4.1](#), Morin classifica os sistemas de ideias em *teoria* e *doutrina*, sendo a última dogmática por natureza, autorreferenciada, rígida nas ligações entre conceitos e ortodoxa, em oposição à teoria, que tem abertura ao exterior, necessidade lógica das relações entre conceitos, prima pelo acordo lógico-racional e pela autodoxia (comporta-se em função de princípios) (MORIN, 2011a, p. 162–165).

quando me aproximo do contexto da aplicação, da solução do problema, faço uso da Escola Americana. Assim é com a Ontologia Fundamental de Martin Heidegger, que categorizou dezenas de *modos de ser* do ser humano, e que usei para fundamentar o aspecto trino dos indivíduos. Esses conceitos existenciais estão descritos em texto e, como tal, podem ser objeto de analítica estrutural, como propusemos com a Teoria da Interpretação de Paul Ricoeur, descrita na [Seção 6.4](#). As teorias filosóficas aqui utilizadas dialogam e são compatíveis, tanto é que foi possível modelar todos os conceitos de maneira coerente, como pode ser constatado no [Capítulo 9](#).

6.3.1 Fenomenologia

Fenomenologia é a demonstração de um ente¹⁷ tal como se mostra em si mesmo; ou, seguindo o étimo grego, “deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo” (HEIDEGGER, 2015, p. 74). Foi usando conceituações orbiculares como esta que Martin Heidegger (1889-1976) elaborou sua obra fundamental *Sein und Zeit — Ser e Tempo*, colocando um marco literário na “ciência dos fenômenos”, expressão que usou em alguns momentos, para posicionar a fenomenologia como via de acesso e modo de comprovação que determina o que deve constituir tema da ontologia. Ontologia só é possível como fenomenologia, e fenomenologia, em seu conteúdo, é a ciência do ser dos entes — é, portanto, ontologia. A questão sobre o sentido de ser em geral, problema filosófico cardeal, segundo Heidegger, é a motivação para a elaboração de uma *Ontologia Fundamental* (HEIDEGGER, 2015, p. 75–77).

Fausto Castilho, um dos tradutores de Heidegger para o idioma português, diz que há três “heideggers” que podemos acessar: o teólogo cristão-católico, o filósofo e o pensador, que se afastou da Filosofia e se dedicou ao estudo do pensar — *das denken* (CASTILHO; UNIVESP TV, 2012). Nosso interesse se direciona para os dois primeiros, preponderantes até 1927, ano da publicação de sua obra-mestra. Os anos até 1916 foram os do estudante de teologia e filosofia, que culminaram com a publicação da tese sobre Duns Escoto¹⁸; os dez anos seguintes seriam os do florescimento da genialidade de Martin Heidegger, quando

eclodiram as intuições, que determinam a originalidade e o valor de uma obra-prima, e que tomaram corpo, através de repetidos ensaios, as minuciosas análises que a compõem. Ultrapassando o duplo horizonte da Escolástica e do Neokantismo, a fundamentação da metafísica assume o caráter próprio de ontologia fundamental, como questão do sentido do ser, elaborada através da análise fenomenológico-existencial da compreensão do ser (MAC_DOWELL, 1993, p. 15).

¹⁷ Ente: é tudo de que se fala de alguma maneira; é também o que e como nós mesmos somos (HEIDEGGER, 2015, p. 42).

¹⁸ Johannes Duns Scotus (1266-1307): filósofo e teólogo escolástico inglês.

Segundo o professor Marco Antonio Casanova (2009), também estudioso de Heidegger, *Ser e Tempo* formou-se a partir de três projetos: a destruição da história da ontologia, a hermenêutica da facticidade (ou faticidade) e a analítica existencial. Estes projetos se uniram na busca do filósofo alemão por uma Ontologia Fundamental. Sobre esta denominação, Casanova afirma que

o termo “fundamental” presente na expressão indica que a investigação não se mantém mais no âmbito de uma ontologia positiva, mas desce até o fundamento mesmo das ontologias em geral e sonda como elas retiram desse fundamento a sua própria determinação (CASANOVA, 2009, p. 79).

A busca pela Ontologia Fundamental, compartilhada em aulas e conferências na Universidade de Freiburg, na Alemanha, e a publicação de *Ser e Tempo*, catapultaram Heidegger ao papel de estrela no palco da Filosofia mundial (CASANOVA, 2009, p. 75). Em 1923, numa dessas preleções, ele diria que “o companheiro em minha busca foi o jovem Lutero¹⁹ e o modelo Aristóteles²⁰, a quem Lutero odiava. Os impulsos me foram dados por Kierkegaard²¹ e foi Husserl²² quem me abriu os olhos” (HEIDEGGER, 2012, p. 11). Foram muitos os filósofos, teólogos e pensadores que influenciaram o filósofo alemão, grupo que cresce, enquanto se estuda *Ser e Tempo*, com Hegel²³, Kant²⁴, Dilthey²⁵, Santo Tomás²⁶ e Santo Agostinho²⁷ (sic), entre outros.

6.3.2 Ontologia Fundamental

Martin Heidegger estruturou sua Ontologia Fundamental usando o fio condutor do DASEIN, este ente que todas e todos nós somos, envolvido na vida fática no mundo. O dasein articula e conecta o projeto da destruição da história da ontologia ao da hermenêutica da faticidade, afirma Casanova, funcionando como um ponto de confluência entre ambos para dar nexos significativo a *toda e qualquer ontologia* (CASANOVA, 2009, p. 85-87).

A explicitação de estruturas originárias é elaborada de maneira incessante em *Ser e Tempo*. Heidegger descreve os fenômenos — categoriais e existenciais — com

¹⁹ Martinho Lutero (1483–1546): sacerdote católico alemão, articulou a Reforma Protestante.

²⁰ Aristóteles (384–322 a.C.): filósofo grego, discípulo de Platão.

²¹ Soren Kierkegaard (1813–1855): filósofo dinamarquês, precursor da Filosofia Existencial.

²² Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859–1938): matemático e filósofo austríaco de origem judaica, estabeleceu a escola da fenomenologia; mentor de Heidegger, com direito a dedicatória em *Ser e Tempo*.

²³ Friedrich Hegel (1770–1831): filósofo alemão, um dos precursores do idealismo absoluto e do marxismo.

²⁴ Immanuel Kant (1724–1804): filósofo alemão, fundador da Filosofia Crítica; idealismo transcendental.

²⁵ Wilhelm Dilthey (1833–1911): filósofo alemão, considerado o criador do historicismo; hermenêutica.

²⁶ Tomás de Aquino (1225–1274): frei católico, filósofo e teólogo italiano da Ordem Dominicana.

²⁷ Agostinho de Hipona (354–430): filósofo e teólogo cristão-católico; uniu pensamento grego e cristão.

apuro e precisão, oferecendo categorias concretas, na busca da resposta à questão acerca do sentido do ser, ou seja, os projetos de destruição da história da ontologia e da hermenêutica da faticidade deveriam confluir para a analítica do *dasein*.

Casanova (2009) aponta o fracasso da Ontologia Fundamental de Heidegger, indicando a dificuldade em pensar a unidade da temporalidade do *dasein* e do ser, resultado corroborado por Mac Dowell (1993) que conclui o malogro da pesquisa como analítica existencial, embora exaltando as intuições decisivas do filósofo alemão — a ideia da existência, da temporalidade e da questão hermenêutica.

6.3.3 Hermenêutica da faticidade

Martin Heidegger (2012) antecipou, nas preleções do semestre de verão de 1923 — cerca de três anos antes da publicação de *Ser e Tempo*, portanto — as linhas que seguiria em sua *hermenêutica da faticidade*. A *faticidade* é definida por Heidegger como o caráter ontológico do *dasein*, mais precisamente o *dasein* em cada ocasião. O fenômeno da *ocasionalidade* remete ao *demorar-se, não ter pressa, ser-aí-junto-a, ser-aí*; o *como do ser* (verbo transitivo) abre e delimita o *aí* (a vida fática) possível em cada ocasião. *Ser a vida fática*.

Traspassando as definições tradicionais de *hermenêutica*, o filósofo alemão a apresentou como uma autointerpretação da faticidade, ou seja,

interpretação da faticidade que conduz ao encontro, visão, maneira e conceito de faticidade. [...] A hermenêutica tem como tarefa tornar acessível o ser-aí [dasein] mesmo, de comunicá-lo, tem como tarefa aclarar essa alienação de si mesmo de que o ser-aí [dasein] é atingido. Na hermenêutica configura-se ao ser-aí [dasein] como uma possibilidade de vir a *compreender-se* e de ser essa compreensão [a qual é] um *como do ser-aí [dasein]* mesmo; [...] o *estar desperto* do ser-aí [dasein] para si mesmo (HEIDEGGER, 2012, p. 21).

Nessa interpretação fenomenológica da vida fática do *dasein*, a faticidade situa-se na posição prévia, a partir e em vista da qual será interpretada, produzindo conceitos que Heidegger denominou *existenciais*. Conceito, na perspectiva heideggeriana, é uma possibilidade de ser que constitui este instante, ou seja, transpõe para a experiência fundamental mostrando a concepção prévia. “Os conceitos fundamentais não são acréscimos posteriores, mas motivos condutores: deve-se tomar o ser-aí [dasein] na acepção de sua maneira de ser” (HEIDEGGER, 2012, p. 22).

Dasein

O termo *dasein* é central na filosofia heideggeriana e definido como “o ente que cada um de nós mesmos sempre somos e que, entre outras coisas, possui em seu ser

a possibilidade de questionar” (HEIDEGGER, 2015, p. 42). Dasein é a palavra original em alemão, decomposta em alguns momentos por Heidegger em “da-sein”, separando prefixo e verbo (*sein*, ser) como fez em outras expressões no texto de *Ser e Tempo*, como “be-deuten” (significar) e “ent-fernung” (distanciamento) (HEIDEGGER, 2015, p. 570). Não há consenso sobre a melhor tradução de dasein para o nosso idioma. Heidegger teria sugerido a expressão francesa *être-le-là* como a mais adequada nas línguas latinas, o que resultaria em algo como “ser-o-lá” (HEIDEGGER, 2015, p. 26). A edição de *Ser e Tempo* que uso, neste momento, para nossa pesquisa, traduzida por Márcia Sá Cavalcante Schuback, utiliza a palavra *presença* como a mais adequada para abarcar o conceito de dasein. O tradutor Renato Kirchner, do livro *Ontologia (Hermenêutica da faticidade)* (HEIDEGGER, 2012), optou por *ser-aí*, a mesma escolha de Casanova (2009). Mac Dowell (1993) considerou que dasein equivale, em princípio, a “ser-eis-aí-do-ser”, expressão simplificada em “ser-eis-aí-ser” e, finalmente, na expressão que utilizou, *eis-aí-ser*. Padre jesuíta, teólogo e doutor em Filosofia, Mac Dowell afirma que Martin Heidegger usou a expressão “dasein” para designar o mesmo fenômeno que temos associado aos verbetes “consciência” e “sujeito”, entendidos pré-originalmente.

O vocábulo alemão “Dasein” significa “existência”, seja no sentido mais geral do fato de ser, de existir, de estar presente no conjunto da realidade, seja na acepção mais peculiar de existência ou vida humana. [...] A expressão “Dasein” para ele [Heidegger] caracteriza a existência humana por uma pura relação para o ser. Este ente não pode ser definido, como os outros entes, através de uma quiddidade, de uma determinação particular. O que o constitui essencialmente é a sua transcendência para o ser como tal, *i.e.*, para o transcendente (MAC_DOWELL, 1993, p.121).

Utilizaremos na corrente pesquisa a expressão padrão de Martin Heidegger — DASEIN — reproduzindo, entretanto, os termos originais utilizados pelos vários autores nas citações diretas com o verbe heideggeriano entre colchetes.

6.4 HERMENÊUTICA

“A hermenêutica encontra-se diante do desafio do incompreendido e do incompreensível, e, por meio daí, ela é trazida para o caminho do questionamento e obrigada a compreender” (GADAMER, 2007, p. 96), declarou Hans-Georg Gadamer, enquanto tentava nos fazer compreender a *Hermenêutica da Faticidade* de Heidegger. Nosso desafio durante a produção desta tese foi não só a de encontrar uma teoria hermenêutica que contemplasse nosso objetivo de apoiar a interpretação do conhecimento religioso monoteísta, mas também que essa teoria pudesse reconfigurar o cotidiano das pessoas *hoje*. Mantemos nossa admiração e respeito a toda exegese produzida levando em conta o autor do discurso e o do seu registro em texto, o contexto em que

isso foi realizado e a que público foram destinados, já que, muitas vezes, discurso e registro tiveram diferença temporal de décadas²⁸. É trabalho útil e necessário especialmente do ponto de vista histórico, que dá sustentação e credibilidade aos eventos e personagens nos textos religiosos.

A *OntoM* tem foco no ser humano²⁹ e, como tal, busca auxiliar num caminho para que os textos religiosos monoteístas sejam fonte de recursos para a *autocompreensão do indivíduo*, e não da explicação do texto simplesmente. É nesse sentido que esta pesquisa focaliza prioritariamente os tempos *presente das coisas presentes* e *presente das coisas futuras*, para usar a linguagem de Santo Agostinho (CARNEIRO, 2004), em detrimento do tempo presente das coisas passadas; volto, assim, ao conceito de uma *Teologia Geral das Religiões* livre do serviço a uma religião e comprometida em humanizar a humanidade, que citamos na *Seção 6.2*. O rompimento da hermenêutica confessional enquanto estrutura que é diversa e culturalmente interpretada pelas religiões pede um novo paradigma epistemológico que possibilite a reflexão teológica com atitude transreligiosa e transdisciplinar (ARAGÃO, G. d. S.; SILVA, J. I. B. d., 2021, p. 59).

Faltam critérios ao ser humano para a “avaliação de si mesmo enquanto essência consciente, autorreflexiva e dotada de linguagem”, assevera C.G. Jung. Sem que aconteça o fenômeno da consciência não pode haver mundo ou a compreensão dele, pois o mundo existe como reflexo e expressão de uma *psique consciente*. “A psique individual só encontra aceitação e validade nas confissões e igrejas quando adere a algum dogma, ou seja, quando aceita submeter-se a uma categoria coletiva”; caso contrário, o desejo de individualidade é visto como heresia moral e soberba do espírito pelas instituições confessionais. “É necessário o exercício da compreensão até que se alcance o equilíbrio entre esta e o conhecimento” (JUNG, 2011, §525–532).

Encontramos em Paul Ricoeur (1913–2005) a teoria que avaliamos adequada por ter esse perfil descrito. Ricoeur (2006, p. 19–23) elaborou uma *filosofia reflexiva do sujeito*, partindo da intuição fundamental de que a existência humana é portadora de sentido, e traçou um *arco hermenêutico* completo que culmina na *compreensão existencial* ou apropriação por parte do leitor. A interpretação, segundo Ricoeur, “só está acabada se dá origem a experiências segundo as Escrituras.” As conferências na *Texas Christian University*, em novembro de 1973, seriam o palco em que Paul Ricoeur desvelaria as linhas-mestras de sua *Teoria da Interpretação* (1987) que seria, depois, ampliada na coleção *Tempo e Narrativa* (RICOEUR, 2010a, 2010b, 2010c) e aplicada para o domínio religioso em *A hermenêutica bíblica* (2006).

²⁸ Como, *e.g.*, a redação do Evangelho de Marcos por volta do ano 64, cerca de três décadas após os eventos da vida de Jesus (ÉCOLE BIBLIQUE DE JÉRUSALEM, 2010, p. 2185).

²⁹

O conceito do DISTANCIAMENTO é um dos pilares da Teoria da Interpretação. O pressuposto epistemológico do *historicismo*, preponderante na crítica bíblica, diz que o conteúdo das obras literárias e documentos culturais só é inteligível a partir de sua conexão com as condições sociais da comunidade que o produziu ou a que se destinava. Sob este ponto de vista, *explicar* um texto significa considerá-lo expressão e resposta a certas necessidades socioculturais bem localizadas no tempo e no espaço. Em reação a este posicionamento teórico, seguiu-se um movimento *anti-historicismo* com uma postura explicativa diferente, a de que um texto não é dirigido a um âmbito específico de leitores, sendo uma espécie de objeto *atemporal*, que cortou qualquer laço com o desenvolvimento histórico. O discurso escrito tem, portanto, autonomia semântica, o que proporciona existência autônoma para a obra literária; essa autonomia tem base na objetivação do significado do próprio discurso oral. O texto, então objetificado e “desistoricizado”, torna-se a mediação necessária entre o escritor e o leitor (RICOEUR, 1987, p. 101–103).

O conceito existencial de APROPRIAÇÃO é a atualização do sentido enquanto endereçado a alguém; o texto dirige-se, potencialmente, a quem quer que possa ler. O texto é *dirigido a mim*, aqui e agora. Apropriar-se, para Ricoeur, é o objetivo último de toda a hermenêutica, e esta ação deve produzir um evento do discurso, um evento no momento presente. A interpretação, enquanto apropriação, torna-se um acontecimento. Ricoeur afirmou que, pelo ato de leitura nos apropriamos do projeto de um mundo, da proposição de um modo de ser no mundo que o texto desvela diante de si mesmo, e que a interpretação é o processo pelo qual o desvelamento de novos modos de ser proporciona ao indivíduo uma nova capacidade de conhecer a si mesmo (RICOEUR, 1987, p. 105–106).

Penso que uma das contribuições mais expressivas do filósofo francês foi a transposição da hermenêutica baseada num modelo linguístico, que utiliza pequenas unidades de linguagem, como fonemas e lexemas, para um modelo focado na narrativa, com unidades de análise maiores, tipicamente *frase* e *discurso*. Foi em *Tempo e Narrativa* que Ricoeur detalhou sua teoria, articulando-a entre a análise agostiniana do tempo nas *Confissões* e a análise aristotélica da intriga na *Poética*. É no primeiro volume — *A intriga e a narrativa histórica* — que o pensador propôs sua hipótese básica, a da TRIPLA MÍMESIS (RICOEUR, 2010a, p. 93).

Mimesis, em Ricoeur, remonta ao conceito tomado de Aristóteles de atividade mimética, a “imitação criativa da experiência temporal pelo viés da intriga” (RICOEUR, 2010a, p. 56), sendo a composição da intriga³⁰ outro conceito aristotélico equivalente

³⁰ INTRIGA é outro conceito básico na teoria *ricœuriana*. A tradução adotada por Ricoeur é baseada no modelo do termo inglês *plot*, e que remete ao *agenciamento dos fatos* na narrativa; trama; enredo (RICOEUR, 2010a, p. 59).

ao *mýthos*. *Mímesis* e *mýthos* tem relação de causa e efeito, ou seja, a imitação ou representação da ação é uma atividade mimética na medida em que produz o agenciamento dos fatos pela composição da intriga. A *mímesis* I diz respeito à PRÉ-COMPREENSÃO do mundo da ação, das suas estruturas inteligíveis, de seus recursos simbólicos e de seu caráter temporal. Mesmo sendo a intriga uma imitação de ação, uma competência prévia é necessária: a capacidade de identificar a ação em geral por seus aspectos estruturais. E este é o primeiro aspecto da *mímesis* I, o estrutural, quando aparecem respostas a perguntas sobre o “o quê”, o “por quê”, o “como” da ação, *e.g.*, ou seja, diz respeito ao domínio da *semântica da ação*. O segundo aspecto é o simbólico, e o terceiro é o temporal (RICOEUR, 2010a, p. 96–105).

Percebe-se, em toda a sua riqueza, qual o sentido da *mímesis* I: imitar ou representar a ação é, em primeiro lugar, pré-compreender o que é o agir humano: sua semântica, sua simbólica, sua temporalidade. É nessa pré-compreensão, comum ao poeta e a seu leitor, que se delineia a construção da intriga e, com ela, a mimética textual e literária (RICOEUR, 2010a, p. 112).

A *mímesis* II é uma operação de configuração da intriga, mediadora por natureza, na medida em que faz a mediação entre acontecimentos individuais e uma história como um todo, além de compor juntamente fatores heterogêneos como agentes, objetivos, meios, circunstâncias etc., todos encapsulados em caracteres temporais. Esta atividade configurante somente alcança seu pleno sentido na *mímesis* III, quando a narrativa “é restituída ao tempo do agir e do padecer”, o tempo da ação e do sofrimento, a aplicação que marca a intersecção entre o MUNDO DO TEXTO e o MUNDO DO OUVINTE OU DO LEITOR (RICOEUR, 2010a, p. 112–123).

Ao colocar a sua Teoria da Interpretação sobre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou do leitor, fica clara a disposição ao distanciamento do *mundo do escritor ou do orador*, aquele mundo do profeta, da profetisa, do médium, do discípulo ou seguidor que registrou o texto escrito, bem como do contexto em que estão inseridos. Ricoeur, desta maneira, prioriza o ouvinte ou o leitor no “presente efetivo do fazer [que] atesta o presente potencial da capacidade de fazer e se constitui em presente do presente” (RICOEUR, 2010a, p. 106), assim como é o nosso intuito na *OntoM*.

6.4.1 A hermenêutica bíblica

Paul Ricoeur nunca fugiu do rótulo de *filósofo cristão*, e articulou sem separação nem confusão suas duas fidelidades: a argumentação filosófica racional e a convicção religiosa cristã (RICOEUR, 2006, p. 16). A tese central do pensador em *A hermenêutica bíblica* persiste sendo o mundo do texto e o mundo do leitor, e ele organiza suas categorias em torno desses dois polos. Através do primeiro, o polo do texto, as

categorias de discurso, obra, gênero literário, entre outras, que incluímos em nossa ontologia. Pelo polo da interpretação escriturística, Ricoeur (2006, p. 25) propõe um *arco hermenêutico* que, segundo vários autores, “é um arco hermenêutico completo do explicar e do compreender”.

O polo do texto remete ao *estruturalismo*, metodologia de análise do texto literário a partir dos elementos que o constituem, que tem forte resistência da corrente *existencialista*. O próprio Ricoeur critica a ideologia estruturalista, argumentando que desapareceria a conexão entre a análise histórica e literária e o vínculo entre as abordagens literária e existencial, impossibilitando a interpretação das parábolas. Outra crítica é a de que a análise estrutural trata a *mensagem* como pura citação de seu código subjacente. Ao mesmo tempo em que aponta as dificuldades do estruturalismo, o filósofo acede que, se desconectada da *ideologia estruturalista*, uma análise estrutural pode enriquecer uma hermenêutica existencial, e aponta como caminho a volta do código à mensagem para compreender corretamente o texto enquanto texto, lembrando que a fonte da noção de texto é o DISCURSO que tem por unidade base irreduzível a FRASE (RICOEUR, 2006, p. 160–162).

O arco hermenêutico proposto por Ricoeur é baseado na tripla *mímesis*, sintetizada na seção anterior. O primeiro elemento do arco corresponde a uma apreensão prévia do texto, a PRÉ-COMPREENSÃO, que é a *mímesis* I. Segue-se uma etapa de processos explicativos — da produção do texto, da organização literária etc. — que explicitam os elementos constitutivos do texto e suas relações com o todo da obra. É a DIALÉTICA EXPLICAÇÃO/COMPREENSÃO, que corresponde à *mímesis* II. O arco se conclui com uma compreensão do texto como um todo, que permite a transferência do mundo do texto ao mundo do leitor pelo ato de leitura — a APROPRIAÇÃO —, correspondente à *mímesis* III. “A trajetória de sentido do mundo do texto só termina quando encontra o mundo do leitor e o refigura” (RICOEUR, 2006, p. 25, 53–54).

6.4.2 O problema da interpretação

A primeira hipótese deste pesquisador, explicitada na *Introdução*, é de que há problema da interpretação do conhecimento religioso monoteísta e que, em sendo verdadeira, ocasionaria um problema do conhecimento, objeto do [Capítulo 7](#). Nosso primeiro argumento vem de Paul Ricoeur (1988), extraído do seu *O conflito das interpretações*, que tem por fio condutor uma forte crítica a Claude Levi-Strauss (1908–2009) e sua teoria do estruturalismo, especialmente sobre os escritos de *La Pensée sauvage*, publicado em 1962. Diz Ricoeur:

O pensamento selvagem é o pensamento da ordem, mas é um pensamento que não se pensa. Nisso ele responde bem às condições do estruturalismo

evocadas mais acima: ordem inconsciente — ordem concebida como sistema de diferenças — ordem suscetível de ser tratada objetivamente, *independentemente do observador*. Caracterizarei o método numa palavra: é uma escolha a favor da sintaxe contra a semântica. (RICOEUR, 1988, p. 41).

Ricoeur usa como exemplo a compreensão do sentido do Antigo Testamento para a qual não são úteis as nomenclaturas, as classificações, mas sim os acontecimentos fundadores. O método adequado, portanto, para compreender a rede de acontecimentos das Escrituras é o de restituir o trabalho intelectual que a produziu, “desenvolvido num quadro confessional, muitas vezes hínico, sempre cultural”, o que torna a inteligência estrutural dependente da inteligência hermenêutica (RICOEUR, 1988, p. 46, 58).

O filósofo explicita o problema do duplo-sentido como problema hermenêutico, de interpretação, e como problema semântico, de significado, e o denomina *problema do sentido múltiplo*. Do ponto de vista da hermenêutica, o texto tem um sentido múltiplo apenas quando o sentido do histórico — onde se articulam os acontecimentos, as personagens, as instituições — se sobrepõe ao sentido do espiritual, o que deve ser tratado como um *problema interdisciplinar*. O duplo-sentido do texto bíblico do Êxodo, *e.g.*, desemboca numa condição itinerante num movimento do cativo para a liberdade; o duplo-sentido tem por tarefa decifrar um movimento existencial, a condição ontológica do ser humano através do excesso de sentido do acontecimento que, descrito na sua literalidade, está no mundo histórico observável. O duplo-sentido, ao detectar uma posição no ser, promove a *abertura* do texto à outra coisa que não ele mesmo; algo diferente emerge porque foi *dito* e, ao ser dito foi *mostrado* (RICOEUR, 1988, p. 64–67). É nesse ponto que

as hermenêuticas rivais dilaceram-se não sobre a estrutura do duplo-sentido, mas sobre o modo da sua abertura, sobre a finalidade do mostrar. Aí reside a [principal] fraqueza da hermenêutica porque, considerando a linguagem no momento em que ela se escapa a ela própria, ela considera-a no momento em que ela escapa também a um tratamento científico, que apenas começa com o postulado da clausura do universo significante; todas as outras fraquezas decorrem daqui, e primeiro que tudo a fraqueza insigne de entregar a hermenêutica à guerra dos projetos filosóficos rivais. (1988, p. 67).

O lugar do estruturalismo, de acordo com Ricoeur, é a linguística, não a hermenêutica, na medida em que o resultado da análise estrutural é inteligível quando se trabalha sobre “um *corpus* já constituído, parado, fechado e, nesse sentido, morto” (RICOEUR, 1988, p. 80). As baterias do pensador se voltam para o que parece ser seu alvo real nas últimas seções do livro: a Teologia.

Não tomarei por guia a teologia mas a exegese. Por que a exegese em vez da teologia? A exegese tem a vantagem de permanecer ao nível da representação e de deixar manifestar-se livremente o próprio processo da representação, a sua constituição progressiva. Ao desconstruir a teologia, mesmo até nos seus elementos representativos originais, a exegese mergulha-nos diretamente no jogo das designações de Deus, corre o risco de nos comunicar a sua intenção originária e o seu dinamismo próprio. Gosto de dizer que o filósofo, quando reflete sobre a religião, deve ter por parceiro o exegeta em vez do teólogo (RICOEUR, 1988, p. 470).

O segundo argumento a que recorreremos relacionado ao problema da interpretação vem do trabalho de Pierre Lenhardt e Matthieu Collin (1997), *A Torá oral dos fariseus*. Os autores iniciam a análise no período anterior a Jesus Cristo, numa época de confronto entre fariseus e saduceus, em que os conflitos eram essencialmente teológicos, como as “divergências sobre a existência e o papel dos anjos, sobre o financiamento do holocausto perpétuo e desavenças por causa do calendário e da liturgia”. O conflito principal, segundo os autores, era a relação entre Escritura e Tradição, entre a Torá escrita e a Torá oral. Os mestres fariseus faziam a exegese, a interpretação da Escritura, que era o seu objeto de pesquisa (*Midrash*); divulgavam-na ao povo e a mantinham pela liturgia nas sinagogas. Essa exegese é parte da Torá oral (LENHARDT; COLLIN, 1997, p. 18, 23).

Contudo, essas exegeses nem sempre chegavam a convencer, e isso era um obstáculo para que o povo pudesse agir e avançar na história; contribuíam a lentidão da exegese, as “suas dificuldades metodológicas e as rivalidades entre os exegetas [que] são conhecidas em Israel e fartamente atestadas pela literatura rabínica”. Um exemplo do século primeiro ilustra a afirmação: o campo exegético de Yavné³¹ era dominado por dois grandes mestres, Rabbi Ishmael e Rabbi Aqiba. Ambos concordavam que “a Torá vem do céu”, mas, divergiam no restante. Para o Rabbi Ishmael, a Torá usava a linguagem dos seres humanos e não deveria ser valorizada e seguida em todos os detalhes; a exegese racional teria, segundo ele, de estabelecer relações entre a Escritura e a vida do povo, confirmando as práticas, mais do que fundamentando-as. Já o Rabbi Aqiba pensava que a Torá, apesar de escrita em linguagem humana, guardava a transcendência de sua origem e, por isso, a exegese deveria valorizar todos os detalhes da Escritura, além de fundamentar e inspirar a prática (LENHARDT; COLLIN, 1997, p. 39); ou seja, havia uma questão dos *limites* da exegese em relação à interpretação da Torá escrita: enquanto o Rabbi Ishmael orientava que toda exegese deveria validar as práticas já em uso, Rabbi Aqiba dizia que outras práticas poderiam ser inspiradas.

³¹ Entre os anos 70 e 100, na cidade costeira de Yavné, reuniram-se mestres judaicos de várias tradições para preservar a Aliança e tentar unificar o Judaísmo após a destruição do Templo (ano 70), entre eles os Rabbis Aqiba, Ishmael e Rabban Yohanan ben Zakkai (GROSS, 2021; LENHARDT; COLLIN, 1997).

Os autores citam, ainda, uma exegese atribuída aos *betuseus*, uma classe de saduceus, sobre a fala célebre em Êxodo 21:24, “olho por olho, dente por dente”, para demonstrar uma corrente de interpretação literal e fundamentalista, assim como ensinamentos ocultos ao público, os *Megillat Setarim*, rolos de segredos, que eram anotações, lembretes feitos para orientar o ensino da Torá, a despeito da proibição de se escrever a Tradição, que “nunca foi inteiramente escrita [para que] a Torá oral, embora escrita, permaneça oral, de direito e de fato”. A todo o momento, a oralidade é colocada e mantida *acima* da forma escrita (LENHARDT; COLLIN, 1997, p. 100–107).

A oralidade da Torá depende, por óbvio, da transmissão entre seres humanos, entre os rabinos e o povo hebreu, tipicamente, ou entre o mestre e seus discípulos. Dois eventos causaram interrupções nesta tradição oral: o primeiro foi a destruição do Templo de Jerusalém³², quando muitos mestres foram mortos e rolos da Torá destruídos, sendo que parte do conhecimento foi esquecido. O reagrupamento dos mestres em Yavné gerou várias correntes hermenêuticas, como já comentamos, entre elas a do Rabbi Aqiba, que teve vários discípulos mortos na revolta de *Bar Kokhba*, em 132–135 da nossa era, quase causando seu desaparecimento (LENHARDT; COLLIN, 1997, p. 119).

A interpretação da Torá escrita teve, portanto, problemas de toda ordem, mas, a despeito das grandes dificuldades que o povo hebreu e o Judaísmo sofreram ao longo da sua rica história, a Torá oral continua dando testemunhos, que variam segundo as testemunhas no que lhes foi ensinado pelo mestre ou rabino

em sua maneira de agir, de falar, e também no que disse ou quis dizer. É preciso, pois, regozijar-se pela divergência dos testemunhos. Ela mostra que eles são autênticos e históricos, fundados sobre a vivência. Essa divergência está a serviço de uma convergência que cada ouvinte cria para si mesmo e para os outros. [...] a Torá jamais se esgota por uma simples interpretação, segundo as palavras do Salmo 62:12, “Deus falou uma vez, e duas vezes eu ouvi” (LENHARDT; COLLIN, 1997, p. 146–150).

Essa é a essência da *Midrash*, confirma Karen Armstrong em *Campos de sangue: religião e a história da violência*. O significado dos textos sagrados, por conterem a palavra infinita de Deus, não poderia ser limitado a uma única interpretação e todo judeu deveria reinterpretar as Escrituras a cada nova leitura. Essa postura foi levada ao limite pelos rabinos após a guerra de Bar Kokhba, quando “reinterpretaram as escrituras de modo tão eficiente que os judeus se abstiveram de agressão política por um milênio” (ARMSTRONG, 2014, pos. 3250 e 8869), demonstrando o poder do discurso

³² Refere-se à segunda destruição de Jerusalém pelos romanos comandados por Tito, no reinado de Vespasiano, quando o Templo de Jerusalém que Herodes, o grande, ampliara, foi novamente deixado em ruínas (WIKIPÉDIA, 2021a).

religioso sobre os devotos de uma religião na promoção da paz. Entretanto, nem sempre as guinadas hermenêuticas vão à direção do amor, da fraternidade e da harmonia entre os povos. Thomas Merton, monge trapista, escreveu em *Faith and violence: Christian teaching and Christian practice* sobre a prevalência da *teologia da violência* que, além de admitir o uso da força, muitas vezes o faz para favorecer os poderosos em detrimento do bem comum da Humanidade. Contudo, o próprio autor propõe como alternativa uma *teologia da revolução ou da resistência*, definindo a *teologia cristã do amor* como irrealista (MERTON, 1968, p. 5–9), desconsiderando que toda a trajetória de Jesus foi uma oposição ao confronto e à violência.

A percepção que tenho é a de que alguns teólogos e exegetas do Monoteísmo, em especial os da cristandade, ainda não compreenderam a mensagem de amor e não violência contida nos textos. Ou não querem compreender, talvez pela impossibilidade em expressar na sua exegese a interpretação do *não responder o mal com o mal, a violência com a violência*. Prisioneiros da sua própria confissão de fé e, por derivação, das instituições religiosas a que pertencem, não contrariam o hierarca superior, que, muitas vezes, responde a acordos com as instituições econômicas, políticas e militares que habitam e dominam o mundo da matéria. Kardec foi ao ponto³³ quando perguntou

A quantas seitas o Cristianismo não tem dado origem desde que surgiu? Por que a palavra do Cristo não teve bastante poder para impor silêncio a todas as controvérsias? Por que é suscetível de interpretações que ainda hoje dividem os cristãos em diferentes igrejas, pretendendo todas elas possuir exclusivamente a verdade necessária à salvação, detestando-se intimamente e se anatematizando em nome do seu divino Mestre, que não pregou senão o amor e a caridade? (KARDEC, 2013g, p. 82).

³³ A citação é parte de *Diálogo com um padre*, transcrito em sua íntegra no Anexo A, o qual recomendamos a leitura.

7 ENGENHARIA DO CONHECIMENTO

A Engenharia do Conhecimento (EC) é uma das áreas do saber que emergiram da Inteligência Artificial (IA), expressão esta introduzida por Alan Turing (1912–1954), em 1950, em seu artigo *Mind*, e por John McCarthy (1927–2011), então no MIT¹, no célebre Workshop do Dartmouth College². O conceito original de IA era o de uma ciência ou engenharia dedicada a construir máquinas inteligentes (FULCHER, 2008, p. 7). Associada à Gestão do Conhecimento (GC), que estuda os conceitos e metodologias para a gestão organizacional com base no conhecimento, a EC se diferencia das demais ciências da computação por tratar de atividades intensivas em conhecimento, tendo como objetivo “a pesquisa e o desenvolvimento de métodos, técnicas e ferramentas para a construção de modelos e sistemas de conhecimento” (PPGEGC; SETIC-UFSC, 2021a).

A Engenharia de Ontologias é a disciplina da Engenharia do Conhecimento que se ocupa do desenvolvimento prático, “que investiga os princípios, métodos e ferramentas para conceber, desenvolver e manter ontologias” (SURE *et al.*, 2009, p. 135, tradução nossa).

7.1 ONTOLOGIA

O termo “ontologia” tornou-se polissêmico a partir de sua apropriação pela Ciência. Cunhado nos primórdios do século XVII para, entre outros propósitos, indicar o trabalho filosófico de Aristóteles, foi adotado pelos pensadores da Inteligência Artificial para designar representação do conhecimento. Nicola Guarino e colegas fazem, inclusive, uma distinção morfossintática do termo, alternando a letra inicial entre caixa alta e baixa: *Ontologia* é utilizada para apontar o estudo da natureza e da estrutura das coisas em si mesmas, enquanto *ontologia* se refere ao artefato computacional (GUARINO *et al.*, 2009, p. 1-2). Não faremos, em nossa pesquisa, distinções em relação à expressão “ontologia”, seja na forma, seja no significado. É nosso interesse que as barreiras conceituais entre Filosofia, Ciência e Religião sejam mitigadas, pois, tanto o nosso objeto do conhecimento (os textos monoteístas) quanto a nossa obra do conhecimento (a *OntoM*) são profundamente interligados e dependentes de ontologia, tanto na sua significação filosófico-religiosa quanto na tecno-científica.

Nesta última episteme, foram Rudi Studer, Richard Benjamins e Dieter Fensel os pesquisadores que deram letras finais à definição de ontologia, fundindo conceitos

¹ MIT: *Massachusetts Institute of Technology*.

² Universidade norte-americana fundada em 1769, localizada na cidade de Hanover, no estado de New Hampshire.

preliminares de Borst e Gruber: “Uma ontologia é uma especificação formal e explícita de uma conceitualização compartilhada.³” (STUDER *et al.*, 1998, p. 184). Segundo os autores, *formal* se refere ao fato de que uma ontologia deve poder ser lida por máquinas, o que excluiria a linguagem natural; *explícita* significa que as restrições e os tipos de conceitos utilizados devem ser explicitamente definidos; *conceitualização* se refere a um modelo abstrato de algum fenômeno no mundo pela identificação de conceitos relevantes daquele fenômeno; e a expressão *compartilhada* indica que uma ontologia captura conhecimento consensual, aceito por um grupo, e não apenas por um indivíduo.

Guus Schreiber já classificava, em 2008, alguns tipos de ontologias segundo a sua especificidade, como as *ontologias de domínio específico*, que ele definiu como artefatos tecnológicos feitos para compartilhar conceitos e relações de uma área particular de interesse. Ele citou como exemplos de ontologias de domínio as desenvolvidas nas ciências médicas, como a *Foundational Model of Anatomy* (FMA⁴) e a *Unified Medical Language System* (UMLS⁵), entre outras. As *ontologias de fundamentação*, segundo Schreiber, aproximam-se da ideia filosófica original de ontologia, buscando prover conceitualizações de noções gerais, tais como tempo, espaço, eventos e processos. SUMO⁶ (*Suggested Upper Merged Ontology*), DOLCE⁷ (*Description Ontology for Linguistic and Cognitive Engineering*) e a Wordnet⁸ são alguns exemplos citados (SCHREIBER, 2008, p. 938-939).

Ricardo Falbo e colegas mencionam as *ontologias de núcleo* (*core ontologies*), que seriam uma classificação intermediária entre as de fundamentação e as de domínio, levando em consideração o nível de generalidade. As ontologias de núcleo são construídas com base nas ontologias de fundamentação, refinando-as e adicionando detalhamento aos conceitos e relações de um domínio específico. Os autores citam, como exemplos, a *Core Ontology on Multimedia* (COMM⁹) e a *Cross-Context Semantic Information Management Ontology* (X-COSIMO¹⁰) (FALBO *et al.*, 2013, p. 64). A Figura 8 demonstra graficamente o exposto anteriormente e introduz a ontologia UFO — *Unified Foundational Ontologies* — que é de nosso particular interesse e objeto da Seção 7.1.1.

³ Original: *An ontology is a formal, explicit specification of a shared conceptualisation.*

⁴ <https://bioportal.bioontology.org/ontologies/FMA>

⁵ <https://www.nlm.nih.gov/research/umls/>

⁶ <https://github.com/ontologyportal/sumo>

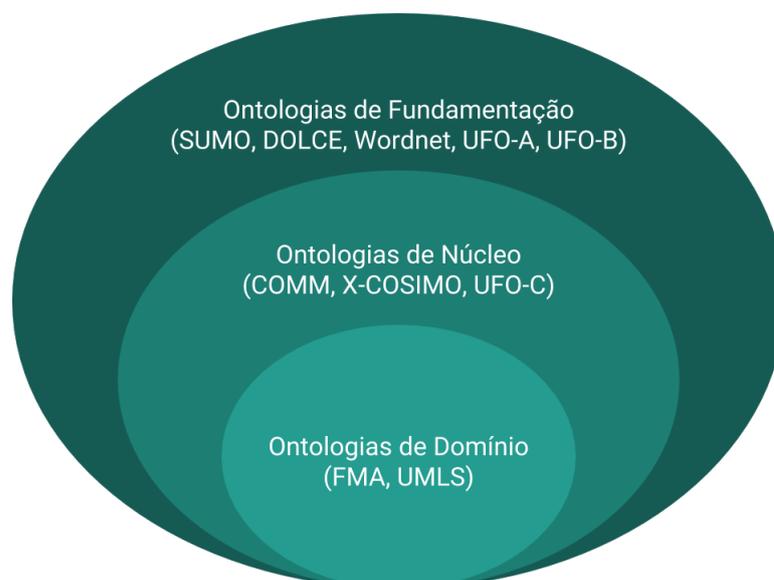
⁷ <http://www.loa.istc.cnr.it/old/DOLCE.html> (descontinuada)

⁸ <https://wordnet.princeton.edu/>

⁹ <https://www.w3.org/2005/Incubator/mmssem/XGR-vocabularies/> (descontinuada)

¹⁰ <https://west.uni-koblenz.de/en/dienstleistungen/software/x-cosim>

Figura 8 – Ontologias quanto ao nível de generalidade.



Fonte: adaptado de (FALBO *et al.*, 2013, p. 65).

7.1.1 Nível de fundamentação

O nível de fundamentação da *OntoM* é formado por tipos reusados, *i.e.*, classes, propriedades e relações que já foram criadas para formar outros vocabulários e ontologias. O primeiro dicionário de termos a que recorreremos foi FOAF — *Friend of a Friend vocabulary specification* — que descreve a realidade material em que vivemos com ideias simples inspiradas na web, especialmente em redes sociais. Os termos de FOAF descrevem pessoas, grupos, documentos etc., que estão organizados em três categorias: *core*, *social web* e *linked data utilities*. *FOAF::Person* e *FOAF::Organization* são exemplos da primeira categoria, enquanto *FOAF::homepage* e *FOAF::OnlineAccount* o são da segunda. A terceira categoria apoia a comunidade de *Linked Data*, com a propriedade *FOAF::geekcode* e a classe *FOAF::LabelProperty*, por exemplo (BRICKLEY; MILLER, 2014).

As bases da ontologia de fundamentação UFO¹¹ — *Unified Foundational Ontology* — foram consolidadas em tese de doutoramento (GUIZZARDI, 2005). O trabalho, fundado nos saberes de ontologias formais, Linguística, Psicologia Cognitiva, Filosofia, modelagem conceitual e Engenharia de Ontologias, delinea as bases ontológicas das categorias *universals*¹² (tipos, classes ou conceitos) e *individuals* (instâncias de tipos). *Substantial* é outro conceito relevante na UFO, e representa entidades que persistem

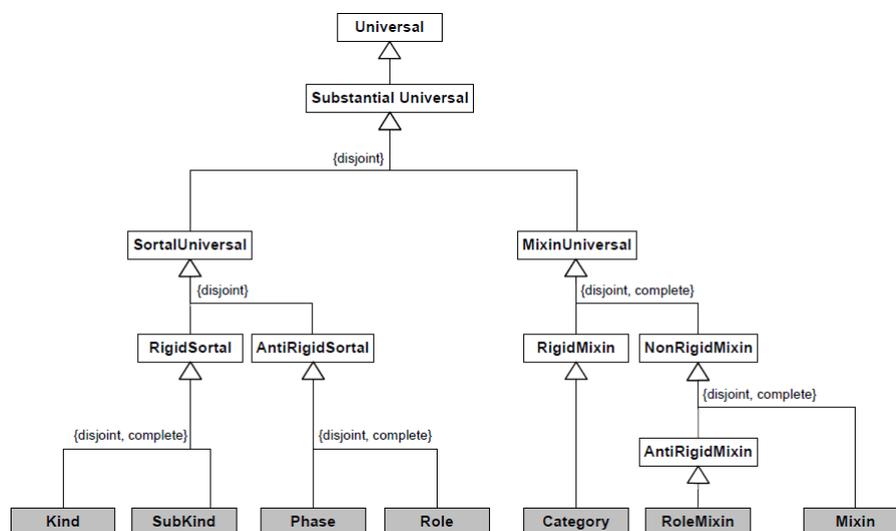
¹¹ UFO foi proposta em *conference paper* por Giancarlo Guizzardi e Gerd Wagner (GUIZZARDI; WAGNER, 2004).

¹² Manteremos, para alguns termos, a terminologia original da tese, em inglês evitando inconsistências de tradução.

no tempo mantendo suas identidades; o autor considera que existe proximidade conceitual com as noções comumente utilizadas na Engenharia do Conhecimento de *thing*, *endurant* e *continuant* — objetos, enfim, que foram exemplificados em uma pedra, uma pessoa, o oceano Atlântico etc. (GUIZZARDI, 2005, p. 95).

A tipologia de *substantial universals* utilizada para a concepção de uma linguagem de modelagem conceitual é mostrada na Figura 9. O nível inferior da “árvore” hierárquica são os construtos que representam a maior especialização das categorias ontológicas propostas em UFO.

Figura 9 – Fragmento da UFO.



Fonte: *Ontological distinctions in a typology of substantial universals* (GUIZZARDI, 2005, p. 106).

Após a consolidação deste núcleo teórico da ontologia, os pesquisadores (2008) ampliaram o conjunto de camadas, a saber:

- UFO-A: chamada *ontology of endurants*, o núcleo da UFO define os aspectos estruturais, os tipos, conceitos, propriedades de objetos instanciados; basicamente trata de entidades que não modificam sua essência com o passar do tempo. O indivíduo “João” é um *endurant* visto que está sempre inteiramente presente onde se encontra, ou seja, João é no tempo e mantém sua identidade essencial, apesar das mudanças de idade, peso, quantidade de cabelo etc.
- UFO-B: a *ontology of perdurants* define entidades que acontecem no tempo, isto é, se prolongam no tempo acumulando partes temporais que, por sua vez, não mantêm sua identidade ao passar do tempo. A entidade “compra mensal de mantimentos” é um *perdurant* que acontece nas famílias todos

os meses modificando suas partes temporais (valor da compra, local, itens comprados etc.).

- c) UFO-C: a *ontology of social entities* foi concebida sobre UFO-A e UFO-B (*endurants e perdurants*) para representar conceitos e relações da realidade social, tais como compromissos sociais, cargos políticos e normas constitucionais.

As representações gráficas são amplamente utilizadas na Engenharia de Ontologias para a representação de um domínio do conhecimento, num processo chamado de *modelagem*. Os modelos gerados facilitam o entendimento por parte dos seres humanos, enquanto que os códigos em linguagem OWL¹³, *e.g.*, já são *operacionais*, ou seja, podem ser processados por máquinas. Tanto o modelo do conhecimento quanto o arquivo em código de máquina são *ontologias* pelo prisma da EC, isto é, representam o mesmo artefato que é o objetivo da presente pesquisa. A separação que fazemos entre Modelo conceitual do Monoteísmo (McM) e Ontologia do Monoteísmo (OntoM) é para fins didáticos, já que são etapas subsequentes de desenvolvimento na metodologia que elegemos. A OntoM é o sistema tecno-filosófico, teórico e prático, do qual o McM é uma parte. Segundo Todesco e Gauthier (2016), o modelo do conhecimento envolve o uso de esquemas e diagramas, que têm a função de documentar a identificação, conceitualização e formalização do conhecimento. A fase de modelagem pode se utilizar de linguagens específicas como a UML — *Unified Modeling Language* —, *e.g.*, usada como padrão para estruturar projetos de software. Usei o aplicativo ASTAH PROFESSIONAL (CHANGEVISION, INC., 2021), baseado em UML, como principal ferramenta para conceber a Ontologia do Monoteísmo.

7.2 O PROBLEMA DO CONHECIMENTO

Considerarei a hipótese do problema do conhecimento no domínio monoteísta em nossa *Introdução*; uma segunda hipótese, como representei na Figura 2, que seria gerada pela primeira hipótese, a do problema de interpretação abordado no Capítulo 6, não exclusivamente.

Volto a evocar a tipologia dos sistemas de Gestão do Conhecimento proposta por Steil (2007), especialmente nos seus subsistemas de COMPARTILHAMENTO, quando “um recurso é dado por um e recebido por outro” numa troca entre fonte e recipiente; DISSEMINAÇÃO, o processo de manter o conhecimento à disposição dos que necessitam, em ACESSO fácil e rápido; e a UTILIZAÇÃO, resultado da compreensão e da aplicação do conhecimento. Este último é consequência direta dos subsistemas anteriores,

¹³ *Web Ontology Language* (OWL) é uma linguagem lógica computacional desenvolvida para representar conhecimento de forma a torná-lo acessível à programas de computador (W3C, 2012).

tendo em vista que depende de o conhecimento ter sido compartilhado, disseminado entre os interessados, e da possibilidade do acesso.

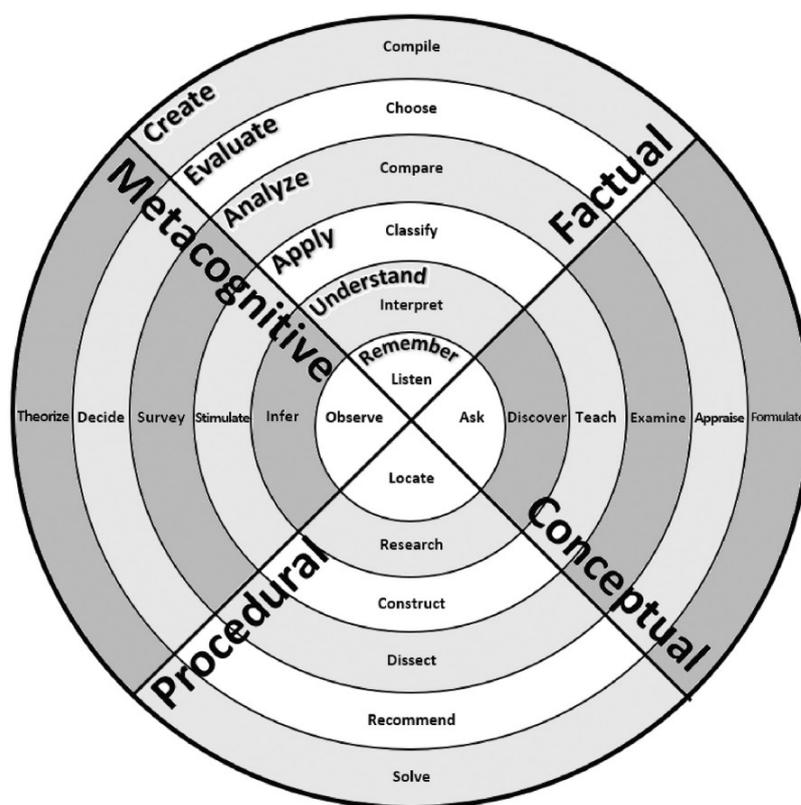
Não encontramos estudos acadêmicos com o escopo abordado, o do compartilhamento e utilização do conhecimento monoteísta na cadeia de agentes religiosos, do adepto ao teólogo. Vou adotar alguns critérios e utilizar minha experiência na área para fundamentar a hipótese, sugerindo o tema para outras pesquisas de pós-graduação, pois, ao que tudo indica, há uma lacuna científica.

O primeiro argumento vem de Hans Küng, na sua iniciativa de um projeto ecumênico de pesquisa tendo como ponto inicial o conhecimento do Judaísmo, em estudo comparado e confrontado com as demais religiões abraâmicas — Cristianismo e Islamismo. Küng percebeu que o conhecimento religioso não poderia ficar restrito apenas à própria crença, mas teria de ser ampliado para as demais religiões, para que pessoas em todos os continentes pudessem estar mais bem informadas sobre outros lugares e culturas, assumissem impulsos de outras religiões e, simultaneamente, aprofundassem a compreensão e a prática da própria religião (KÜNG, 1993, p. 150, 182). Foi nesse sentido que conduziu boa parte de seu trabalho de EDUCAÇÃO de jovens em torno do planeta (WELTETHOS INSTITUT, 2021; WELTETHOS-INSTITUT, 2021), em movimento que endereçou o problema do conhecimento no mundo monoteísta.

É da área de educação que buscamos o suporte da *Taxonomia de Bloom revisada*, formulada por Lorin Anderson e David Krathwohl a partir do trabalho seminal de Benjamin Bloom, que propôs sua *Taxonomy of Educational Objectives* em 1956 (WILSON, 2016). A partir da taxonomia original, desenvolvida para a dimensão do processo cognitivo, um grupo de educadores das áreas de psicologia cognitiva e de testes educacionais propôs uma taxonomia acrescentando a dimensão do *conhecimento* (KRATHWOHL, 2002). Os templos religiosos são, sob certo aspecto, escolas em que se aprende sobre determinada crença. Judaísmo, Cristianismo e Islamismo conduzem trabalhos educacionais sobre seus livros fundamentais, objeto desta tese. A taxonomia escolhida, representada na [Figura 10](#), portanto, parece-nos adequada para avaliarmos a hipótese, mesmo que sob o prisma restrito do autor.

A *dimensão do processo cognitivo* elenca os verbos para ações específicas — *lembrar, compreender, aplicar, analisar, avaliar e criar*, desdobrados em outras opções; por exemplo, o processo de aplicar conhecimento considera as habilidades de classificar, ensinar, edificar e fomentar, em ações que aumentam em complexidade dos anéis centrais para os mais externos. A *dimensão do conhecimento* permite verificar a aptidão das alunas e alunos em tratar conhecimento no espectro que vai do concreto ao abstrato, numa escala que inicia no *conhecimento factual*, definido pelos autores como conhecer elementos básicos do domínio em questão, a terminologia em uso

Figura 10 – Dimensões do processo cognitivo e do conhecimento na taxonomia de Bloom revisada.



Fonte: *continuum* da taxonomia (WAITE *et al.*, 2020).

e elementos próprios do estudo (WAITE *et al.*, 2020). Tomando o Espiritismo como exemplo, o conhecimento factual seria o constante nos cinco livros de Allan Kardec e seus elementos básicos, as perguntas e respostas, os personagens etc. O *conhecimento conceitual* implica em dominar as relações entre os elementos básicos, as estruturas e categorias, princípios, modelos e generalizações. Seguindo o contexto do Espiritismo, é o conhecimento da pluralidade das existências e sua relação com as causas de sofrimento, por exemplo. O *conhecimento procedimental* diz respeito ao *como e quando fazer* algo, às habilidades específicas, métodos e técnicas. É a *praxis* da técnica da imposição de mãos, do “passe” espírita, do diálogo com os Espíritos em sessão mediúnica, *e.g.* O *conhecimento metacognitivo* engloba os anteriores e inclui a consciência da própria cognição. É o conhecimento estratégico, contextual, o auto-conhecimento. No meio espírita, é o conhecimento que emerge no próprio indivíduo a partir dos conhecimentos factual, conceitual e procedimental, como a consciência da própria capacidade mediúnica.

O Espiritismo no Brasil é a denominação religiosa com mais alto índice de escolaridade, com 35,37% de adeptos com ensino superior completo, numa média geral

das religiões de 11,27%. Quase a metade das pessoas que se dizem religiosas no país não tem instrução alguma ou não completaram o ensino fundamental¹⁴ (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010, Tabela 1.4.9). Considerando o cenário do Espiritismo cristão brasileiro, avalio que, em termos de conhecimento factual, poucos adeptos conseguem colocar em prática os processos cognitivos mais complexos, como interpretar, comparar, ensinar, pesquisar e inferir¹⁵. A maioria esmagadora detêm-se em ouvir, perguntar e observar, tendo alguma dificuldade em localizar os elementos básicos no Pentateuco Kardeciano. Há dois pontos que contribuem para este cenário: em primeiro lugar, o material de estudo oferecido pelas federações é um compilado em apostilas da codificação espírita que, como já exemplificamos na [Nota de rodapé 15](#) da [Seção 1.3](#), tem problemas de interpretação, o que implica em erro de utilização do conhecimento. São poucos os seguidores do Espiritismo que dominam o processo de ensinar diretamente a partir das obras básicas — O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns etc. Um segundo aspecto é a dificuldade em desligar-se do conhecimento da denominação religiosa anterior. Muitos são os que migram do Catolicismo, do Protestantismo, da Umbanda, entre outras, para o Espiritismo, e tentam adaptar os conceitos antigos fazendo um paralelo com os novos que lhes estão sendo apresentados. Um exemplo clássico é a divisão céu–purgatório–inferno adotada por algumas denominações, classificação que não coincide com as de Kardec, e que algumas pessoas usam como *alias* para o novo conhecimento. Esse segundo aspecto compromete o conhecimento conceitual, e é comum ver adeptos de longa data do Espiritismo mesclar conceitos católicos com os da codificação espírita.

O ponto mais frágil quando se analisa a utilização do conhecimento no meio espírita — compreensão e aplicação — diz respeito ao conhecimento procedimental. A comunicabilidade com os Espíritos e a mediunidade são pilares da doutrina e representam o real progresso na longa espiral do conhecimento monoteísta desde o patriarca Abraão, tanto que há um livro completo dedicado ao tema — O Livro dos Médiuns — um tratado teórico e prático completo de como exercer a mediunidade com segurança. O advento de grandes médiuns espíritas no Brasil, como Francisco Cândido Xavier (1910–2002) e Divaldo Pereira Franco (1927–), resultou em certa idolatria e no consequente posicionamento da atividade mediúnica como o ápice da hierarquia religiosa, embora os preceitos em contrário de Allan Kardec¹⁶. Há uma casta formada

¹⁴ Os dados do Censo 2010 do IBGE, realizado com adultos (25 anos ou mais), apontam 49,25% de pessoas sem instrução e fundamental incompleto, 14,65% com ensino fundamental completo e médio incompleto, 24,56% com ensino médio completo e superior incompleto, e 11,27% com ensino superior completo.

¹⁵ Laura Waite e colegas definiram a imagem do *continuum* em anéis concêntricos para os processos cognitivos, e em quadrantes para o conhecimento, para demonstrar que todos os verbos podem ser relacionados com as quatro dimensões do conhecimento.

¹⁶ Kardec sempre relutou em afirmar o Espiritismo como religião: preferia *doutrina filosófica e moral*. Considerava a palavra religião inseparável da de culto, e dizia que, “se o Espiritismo se dissesse uma

em alguns centros espíritas dos trabalhadores da mediunidade, e uma barreira para que outros adeptos participem. Oferecem-se cursos teóricos, em alguns casos, mas dificulta-se o acesso à prática mediúnica — o conhecimento procedimental.

Em havendo essas dificuldades nas dimensões do conhecimento factual, conceitual e procedimental, o conhecimento metacognitivo é precário, e a meta do autoconhecimento fica prejudicada e, muitas vezes, abandonada. É nesse cenário que muitas pessoas com 30, 40 anos na caminhada religiosa se desiludem pela insipidez dos resultados em âmbito pessoal. Penso que a solução vem da *Educação*, e que o ensino sobre as religiões deveria estar presente nas escolas isento de viés doutrinário, preparando o indivíduo para exercer ou não a sua religiosidade de maneira consciente e com fé racional. Afonso Soares e Robson Stigar propõem a *Ciência da Religião* como novo paradigma educacional, num espaço tradicionalmente ocupado pelas instituições e pela Teologia:

É certo que a família e a Igreja são, por excelência, os espaços da reflexão do conhecimento religioso, mas a escola pode ser um lugar privilegiado para se realizar tais debates. Como local da aprendizagem, a escola pode trabalhar as regras do espaço público democrático, buscando a superação de todo e qualquer tipo de discriminação e exclusão social, valorizando cada indivíduo e todos os grupos que compõem a sociedade brasileira, garantindo o exercício da cidadania e o direito da expressão religiosa (SOARES; STIGAR, 2016, p. 143–144).

Embora não seja o escopo de nossa tese, as reflexões sobre educação inevitavelmente emergiram durante a nossa pesquisa; compartilhei algumas dessas percepções e considerações no [Capítulo 10](#).

religião, o público não veria aí mais que [...] uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios” (KARDEC, 2010, p. 280–281).

Parte III

Procedimientos

8 METODOLOGIA

A metodologia usada nesta tese é uma composição de estratégias, métodos e abordagens colhidas nas áreas do saber científico, religioso e filosófico, como convém a uma pesquisa inter e transdisciplinar.

Numa primeira camada metodológica, em nível mais amplo, está a EslneT — Estratégia de Interações efetivas Transaberes —, elaborada com base nas teorias da complexidade e da transdisciplinaridade com o objetivo de apoiar a solução de problemas complexos e descrita na [Seção 5.2.1](#). A segunda camada compreende o nível técnico-tecnológico desta tese. Utilizamos SABiO — *Systematic Approach for Building Ontologies* —, criada pelo Professor Ricardo de Almeida Falbo para auxiliar no desenvolvimento de ontologias de domínio. A ferramenta ontoKEM, concebida dentro do [PPGEGC](#) para assistir à métodos de desenvolvimento de ontologias, foi utilizada em conjunto com o SABiO para elaborar a [OntoM](#). A terceira camada metodológica, mais específica e voltada ao tratamento dos textos, é a hermenêutica. As teorias elaboradas por Martin Heidegger e Paul Ricoeur são as nossas guias neste campo.

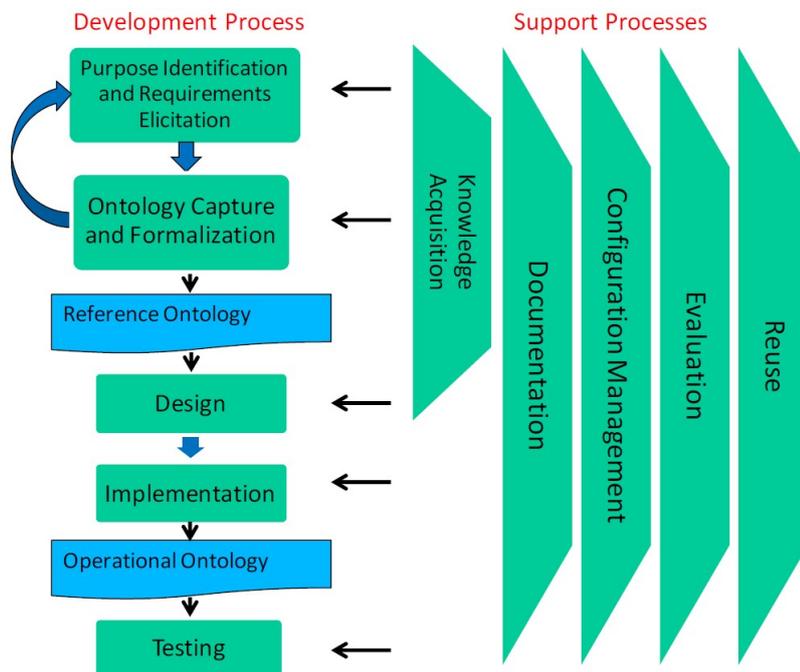
8.1 SYSTEMATIC APPROACH FOR BUILDING ONTOLOGIES

Falbo (2014) estruturou sua abordagem em cinco fases, sendo a primeira a IDENTIFICAÇÃO DE PROPÓSITO E A OBTENÇÃO DE REQUISITOS, como se pode ver na [Figura 11](#). O propósito da [OntoM](#) e os possíveis usos foram abordados nos capítulos iniciais deste documento (favor ver [Capítulo 3](#) e [Seção 5.2.1.1](#)); relembramos o propósito explicitado na [Seção 3.2.2](#), qual seja o de *propor uma ontologia para apoiar a interpretação do conhecimento religioso monoteísta*.

Os requisitos podem ser *funcionais* e *não funcionais*, sendo que os primeiros se referem ao conhecimento que será representado na ontologia e são definidos a partir de *questões de competência*¹. É nesse ponto que introduzimos o ontoKEM (LABORATÓRIO DE ENGENHARIA DO CONHECIMENTO (LEC), 2019), ferramenta desenvolvida no âmbito da comunidade *egeciana* para auxiliar na criação e organização das questões de competência, na geração de um vocabulário de conceitos e na gestão da documentação de uma ontologia. Adotamos a estratégia *top-down* sugerida por Falbo (2014, p. 4), *i.e.*, iniciaremos com perguntas complexas, de alto nível, que serão decompostas em questões simples, posteriormente. Nosso ponto de partida foram quatro perguntas, descritas na [Tabela 7](#), onde se pode verificar que o ontoKEM cadastra termos sugeridos que são extraídos da própria questão e que poderão incorporar

¹ Ou “perguntas de competência”, mais referidas na área de tecnologia como *competency questions* (CQ).

Figura 11 – Processos da abordagem SABiO.



Fonte: SABiO's processes (FALBO, 2014).

um vocabulário do domínio para o desenvolvimento da ontologia.

Tabela 7 – Questões de Competência: complexas (QCc).

Pergunta	Termos sugeridos	ID
Existem conceitos comuns nos textos institucionais do Monoteísmo (tiM)? Quais?	comum; conceito; textos institucionais do Monoteísmo; tiM	QCc-1a
Considerando que os tiM apresentam diferentes níveis de realidade, material e espiritual, existem interconexões entre essas realidades? Quais?	diferentes níveis de realidade; realidade espiritual; realidade material; interconexões	QCc-1b
Onde ou como podemos situar o ser humano considerando os diferentes níveis de realidade?	ser; ser humano	QCc-1c
Se é verdadeira a hipótese de Hans Küng de que as religiões “conseguem fazer aparecer um horizonte de sentido na face da terra e uma última determinação de objetivo”, como concretizar este ideal?	religiões; horizonte de sentido; determinação de objetivo; concretizar; ideal	QCc-1d

Fonte: Elaborada pelo autor.

Retornamos à abordagem SABiO e encontramos a recomendação de que, se temos um domínio complexo, é recomendada a *modularização* da ontologia, processo que consiste em separar *sub-ontologias* que se interconectam entre si; ou, como

sugeriu-me o próprio Professor Ricardo Falbo, criar uma *rede de ontologias*². A ideia de modularizar tem sintonia com a questão de competência **QCc-1b** pois, com duas realidades — material e espiritual — a serem demonstradas, é coerente que os conceitos sejam modelados em níveis separados.

Definimos, então, que a realidade material seria representada num nível de fundamentação, um *Foundational Level*, com o reuso do vocabulário FOAF e da ontologia UFO, descrita na [Seção 7.1.1](#). Na mesma linha de raciocínio, a realidade espiritual teria seu nível específico, com conceitos extraídos do domínio, um *Domain Level*.

Ao adotarmos uma estrutura em rede de ontologias, com módulos ou sub-ontologias específicas como sugere SABiO, estamos, na prática, restringindo os conceitos (ou tipos, ou classes) da ontologia a estarem em um ou em outro nível, *se relacionando* de alguma forma. Isto remete às *interseções* da questão **QCc-1b**, e ao *ser humano* da questão **QCc-1c**. Os textos institucionais do Monoteísmo apresentam seres diversos: além do ser corpóreo, humano — pessoas —, há seres suprafísicos, anjos, demônios, deuses etc., que coexistem e interagem; e, algumas vezes, pessoas retornaram às narrativas sem corpo físico, como Moisés e Elias (já relatado na [Seção 6.1.4](#)). Começamos a ver respostas à questão **QCc-1a**: há seres nos *tiM* com graduações de materialidade corpórea, conceitos comuns nos textos: pessoas, espíritos e algo que pode fazer-se audível ou visível em determinados momentos — como se fosse um corpo *semimaterial*, posicionado entre o corpo material e o espírito imaterial. Os seres aparentemente mitológicos nos primeiros textos do domínio, como os da Torá e da Bíblia, só foram suficientemente esclarecidos no século 19, nos compêndios do Pentateuco Kardeciano, com a tríade *corpo físico–perispírito–espírito*³.

8.1.1 Interconexão de diferentes realidades pelo ser humano

Em sendo verdadeira a hipótese kardeciana, o *ser humano* é, *per se*, uma interconexão entre as duas realidades do domínio, na medida em que existe simultaneamente em uma realidade material e em outra espiritual. Para que não pairasse sobre

² Eu tive o privilégio de conhecer e interagir com Ricardo. Ele me ajudou e incentivou no projeto, mesmo declarando-se pouco afeito à religião. Tivemos duas reuniões específicas sobre a *OntoM*, em 29 de março e 22 de abril, 2019. Teve contribuição marcante — e que alterou o rumo da minha pesquisa. Adepto de uma vida saudável, ele pilotava sua bicicleta de Vila Velha até a UFES, no bairro Goiabeiras, em Vitória, pelas manhãs. Nossas reuniões iniciavam às sete da manhã; minha desconfiança era que ele marcava tão cedo para me afugentar. Eu não podia estar mais errado. Ele faleceu em oito de julho, 2020.

³ Kardec informa em *A Gênese* que “o Espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluidos espirituais e a ação deles sobre a matéria. Demonstrou a existência do perispírito, suspeitado desde a antiguidade e designado por São Paulo sob o nome de corpo espiritual, isto é, corpo fluídico da alma, depois da destruição do corpo tangível. Sabe-se hoje que esse invólucro é inseparável da alma, forma um dos elementos constitutivos do ser humano, é o veículo da transmissão do pensamento e, durante a vida do corpo, serve de laço entre o Espírito e a matéria.” (IDEAK, 2021b, cap. I, it. 39).

a tese e seu autor a suspeita de viés ao justificarmos conceitos da ontologia com base única no próprio conhecimento religioso do domínio, que é objeto da pesquisa, investigamos em outra área do saber, a Filosofia, a quem compete, “como ciência suprema, delimitar, rigorosamente, o campo de cada ciência particular e prescrever-lhe o modo de encarar o seu objeto” (MAC_DOWELL, 1993, p. 47).

Encontramos no trabalho de Martin Heidegger (2015) a categorização que necessitávamos — o projeto *Hermenêutica da Faticidade* —, parte da obra *Ser e Tempo* publicada em 1927. O jovem Heidegger, ainda sob a influência da fenomenologia de Edmond Husserl (1859–1938), ao lado de quem trabalhou de 1918 a 1923, e antes de ligar-se oficialmente ao Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, o partido do Nazismo (GIACOIA JUNIOR, 2013, p. 16), escreveu para mudar a história da Filosofia sobre “a questão acerca do sentido de ser, [que] é a questão acerca da condição de possibilidade de toda e qualquer ontologia” (CASANOVA, 2009, p. 140). Nascia ali a *Ontologia Fundamental* do filósofo alemão, que é admirada pelos mesmos acadêmicos que a consideram um fracasso, especialmente no seu projeto final, o da *Analítica existencial* do ser (MAC_DOWELL, 1993, p. 199). Partindo de uma análise crítica ao trabalho atribuído à Duns Escoto, mestre da Escolástica medieval que bebeu em Aristóteles, Heidegger organizou seu quadro de categorias em função dos *transcendentais*, a última esfera categorial do campo objetivo. O filósofo supera, dessa maneira, a insuficiência das dez categorias aristotélicas⁴ dedicadas ao campo do ser, elaborando uma *doutrina lógico-transcendental* (MAC_DOWELL, 1993, p. 41–49). É dessa substancial doutrina que iremos nos apropriar, com o necessário respeito ao conhecimento filosófico, mas sem devoção subserviente à “ciência suprema”.

A partir da opção por Heidegger e sua obra sobre a questão do ser, pode-se retomar **QCc-1c** e, conforme sugere SABiO, decompô-la em perguntas mais específicas e objetivas, as *Questões de Competência: básicas* (QCb), expressas na Tabela 8, tomando como referência a tríade kardeciana de corpo físico, perispírito e espírito, e direcionando para a interconexão da realidade material com a espiritual. Em resposta à pergunta **QCb-2a**, encontramos a classe *FOAF::Person*, que representa um agente físico humano⁵, uma pessoa. Não localizamos nenhum conceito que satisfizesse a questão **QCb-2b**, enquanto que encontramos as categorias *Being-in-the-world*, *Dasein* e *Being* na *Hermenêutica da Faticidade* heideggeriana, atendendo a **QCb-2c**. A pesquisa relacionada à *Hermenêutica da Faticidade* (HF) envolveu (HEIDEGGER,

⁴ As dez categorias listadas por Aristóteles são: substância (*substance*, e.g., homem ou cavalo), quantidade (*quantity*, e.g., seis metros), qualidade (*quality*, e.g., a cor azul), relação (*relation*, e.g., o dobro, maior que), lugar (*place*, e.g., em Florianópolis), tempo (*time*, e.g., ontem), estado ou posição (*position*, e.g., sentado, deitado), posse ou hábito (*having*, e.g., calçado, vestido), ação (*doing*, e.g., corta, queima), e paixão (*affection*, e.g., é cortado, é queimado) (XAVIER, B., 2008; HOOD, 2003).

⁵ “The Person class represents people. Something is a Person if it is a person.” (BRICKLEY; MILLER, 2014). Ex.: Tim Berners Lee, Jorge Mario Bergoglio, Edgar Morin.

Tabela 8 – Questões de Competência: básicas do ser (QCb-ser).

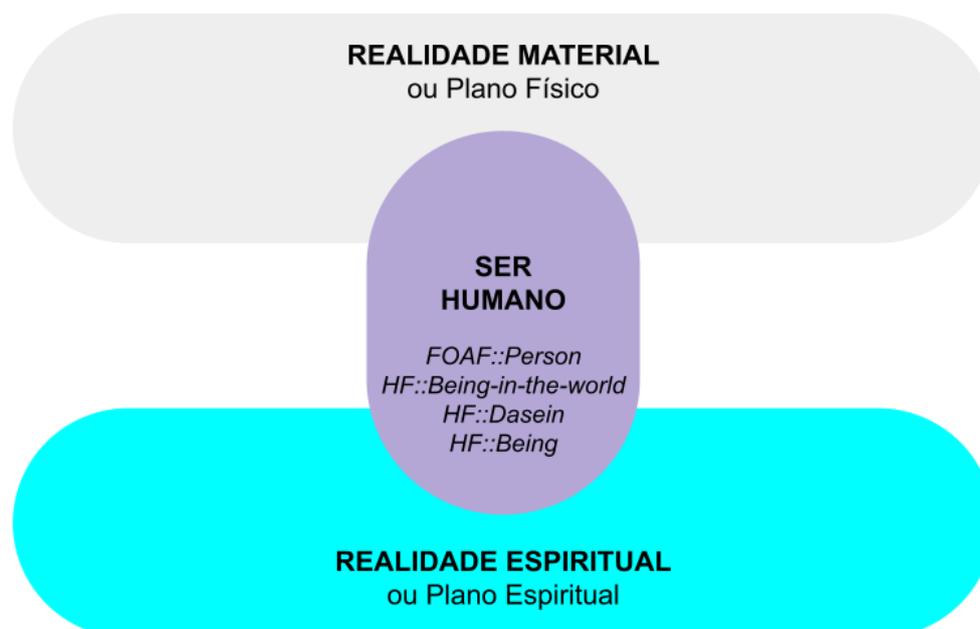
Pergunta	Termos sugeridos	ID
Quais são as classes de FOAF ou UFO relacionadas ao ser humano e seu corpo físico?	classe; foaf; ufo; corpo físico;	QCb-2a
Quais são os conceitos de <i>alma, espírito, perispírito e corpo espiritual</i> do domínio monoteísta que têm tipos com proximidade semântica em FOAF e UFO ?	conceito; alma; espírito; perispírito; corpo espiritual; domínio; monoteísta; tipo; proximidade semântica	QCb-2b
Quais são os conceitos de <i>alma, espírito, perispírito e corpo espiritual</i> do domínio monoteísta que têm categorias com proximidade semântica na Hermenêutica da Faticidade (HF)?	categoria; hermenêutica da faticidade	QCb-2c

Fonte: Elaborada pelo autor.

2015, 2012, 2001), além dos comentadores do pensador alemão (CASANOVA, 2009; GIACOIA JUNIOR, 2013; MAC_DOWELL, 1993).

A Figura 12 representa os dois diferentes níveis de realidade do domínio e a primeira interconexão que esta tese propõe entre eles.

Figura 12 – Diferentes níveis de realidade: interconexão pelo ser humano.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Ao fazermos estas escolhas de definição de classes, estamos operando na segunda fase de **SABiO**, de CAPTURAR OS CONCEITOS DO DOMÍNIO, iniciando a formalização da ontologia. Conforme sugere Falbo (2014), esta fase, nas suas tarefas

de modelagem conceitual, definição de vocabulário e formalização de axiomas, deve ser *iterativa* com as tarefas da primeira fase, de elicitaco de requisitos, formulao de questes de competncia e modularizao da ontologia. A representao grfica da [Figura 12](#) nos auxilia a perceber que necessitaremos de um nvel intermedirio entre as realidades material e espiritual, justamente para acomodar as classes que fazem a interconexo entre os diferentes nveis. Definimos, por conseguinte, um *Core Level* que far a mediao entre o *Domain Level* e o *Foundational Level*.

A captura dos conceitos do domnio envolve os demais elementos da ontologia, as relaes entre os conceitos, as propriedades e os axiomas. Usando as definies de Kardec, o *corpo envolve o perisprito, que envolve o esprito*, sendo o perisprito “uma espcie de envoltrio semimaterial” (KARDEC, 2013d, p. 23, Introduo VI), sendo o corpo fsico obviamente material, e o esprito, no material. A partir dessa “aquisio de conhecimento” (STEIL, 2007, p. 10), podemos formalizar as seguintes classes demonstradas na [Tabela 9](#). A sub-ontologia do Monotesimo, que congrega os conceitos do domnio, est representada pela sigla **MNT**, e a notaco **MNT::Spiritual Agent**⁶, *e.g.*, significa que a classe *Spiritual Agent*  da sub-ontologia *Monotheism*, enquanto **HF** indica *Hermeneutics of Facticity*.

Tabela 9 – Classes da interconexo pelo ser humano.

Conceitos no domnio	Classe na OntoM	Atributo
ser humano, corpo fsico, corpo material	<i>FOAF::Person</i>	<i>material</i>
perisprito, corpo espiritual, princpio intermedirio entre matria e esprito	<i>MNT::Spiritual Agent</i>	<i>semi-material</i>
esprito, alma	<i>MNT::Spirit</i>	<i>non-material</i>
ser-no-mundo	<i>HF::Being-in-the-world</i>	<i>philosophical</i>
presena, ser-a, eis-a-ser, ser-o-a	<i>HF::Dasein</i>	<i>philosophical</i>
ser	<i>HF::Being</i>	<i>philosophical</i>

Fonte: Elaborada pelo autor.

O conhecimento codificado na [Tabela 9](#), somado ao exposto textualmente, pode ser modelado, o que fazemos com o uso do *Astah Professional* para gerar a imagem da [Figura 13](#). Os conceitos filosficos da Hermentica da Faticidade de Heidegger so reificados, coisificados nos outros nveis da ontologia, onde podero ser instanciados, isto , ter indivduos ligados a eles. A instncia *Joo*, *e.g.*, pode estar conectada  classe *Person*; no seria correto, porm, instanciar *Joo* em *Being-in-the-world*. O ser-no-mundo  um estado do dasein (ser-a, presena) que, por sua vez,  um estado do ser.

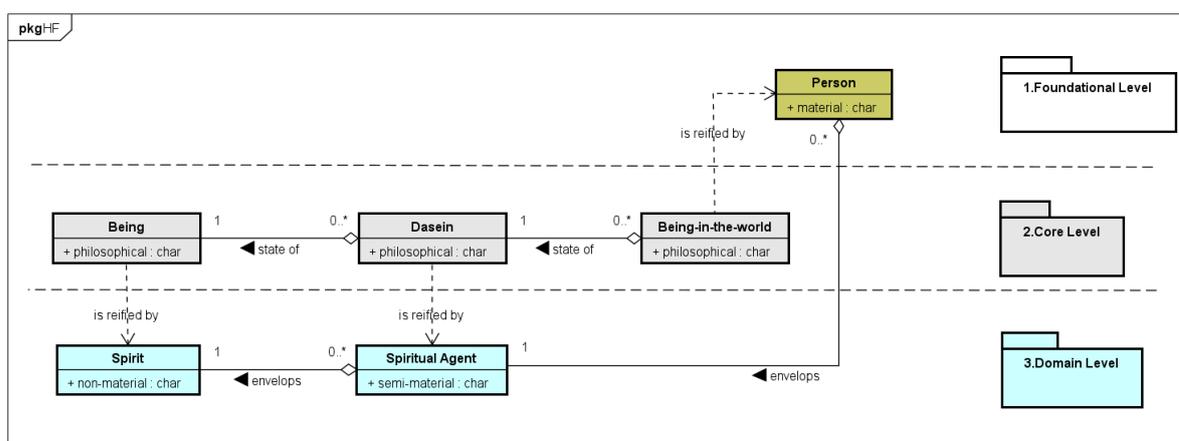
⁶ Optei pela denominao *Spiritual Agent* em vez de perisprito para estar em sintonia tcnica com **UFO**, que j tem a classe *Physical Agent*.

Oswaldo Giacoia Jr., em *Heidegger urgente*, diz que

Ser-no-mundo é, antes de tudo, abertura, estar aberto para a mundanidade, nos planos da relação cognitiva, tecnocientífica, é lidar com as coisas, manter um relacionamento com elas enquanto utensílios ou, enfim, *relacionar-se com os outros como pessoas*, em um modo de ser-com, de compartilhar (GIACOIA JUNIOR, 2013, p. 74, grifo nosso).

Faço, desta forma, um “movimento de apropriação” (PROVINCIATTO, 2019) dos conceitos da Ontologia fundamental de Martin Heidegger, e os reelaboro de acordo com o contexto da presente pesquisa. É um movimento de ruptura-continuidade, já que há uma ruptura vocabular, da denominação dada pelo filósofo na Hermenêutica da Faticidade para a reificada na *OntoM*, e uma continuidade semântica e pragmática — nos limites possíveis de se fazer isso com conceitos filosóficos —, da tríade heideggeriana com a kardeciana, que também foi, por sua vez, apropriada e reelaborada.

Figura 13 – Modelo conceitual: interconexão pelo ser humano.



Fonte: Elaborada pelo autor.

8.1.2 Interconexão de diferentes realidades pela hermenêutica

O trabalho de Paul Ricoeur e a sua teoria da interpretação foram tangenciados na [Seção 1.4](#) e ampliados na [Seção 6.4](#). Buscando na questão complexa **QCc-1a** (favor ver [Tabela 7](#)), que trata de *conceitos comuns* nos *tiM*, volvemos a elaborar questões básicas de competência. Iniciemos pela análise dos diferentes níveis de realidade mencionados na pergunta **QCb-3b** da [Tabela 10](#).

François-Xavier Amherdt afirma, na apresentação do livro *A hermenêutica bíblica* de Paul Ricoeur:

A hermenêutica filosófica de Ricoeur articula-se em torno de dois polos: o texto e a interpretação do texto. Falamos de 'polos' pois um não vai sem o outro: o trabalho efetivado no texto exige como contraparte um trabalho de interpretação. Inversamente, a dinâmica da interpretação consiste em esclarecer e em acompanhar a dinâmica que já está efetivada no texto. É assim que Ricoeur faz do cruzamento entre o 'mundo do texto' e o 'mundo do leitor' a tese central de sua hermenêutica filosófica (RICOEUR, 2006, p. 25).

Há uma obra escrita, continua Amherdt, autônoma, um texto mostrando seu próprio mundo — o *mundo do texto* — que Ricoeur entende como o mundo desdobrado diante dele [do texto] como um horizonte da experiência possível na qual a obra desloca seus leitores, enquanto que o *mundo do leitor* é o mundo efetivo no qual a ação real acontece no meio de uma rede de relações. É a *interpretação escriturística* na qual Ricoeur delinea um *arco hermenêutico completo*, com três segmentos: *pré-compreensão, dialética explicação/compreensão e ato de leitura e apropriação* (RICOEUR, 2006, p. 25, 32, 290).

Tabela 10 – Questões de Competência: básicas da hermenêutica (QCb-hm).

Pergunta	Termos sugeridos	ID
Quais são as categorias da teoria da interpretação de Paul Ricoeur que são relacionadas a textos religiosos?	categoria; teoria da interpretação; texto religioso	QCb-3a
Como os fundamentos da Hermenêutica Filosófica de Paul Ricoeur podem se relacionar com os diferentes níveis de realidade do domínio monoteísta?	fundamentos; hermenêutica filosófica; diferentes níveis de realidade; domínio monoteísta	QCb-3b
Na teoria ricoeuriana, quais são as palavras que, do ponto de vista semântico, contêm as noções de ação, processo ou estado na interconexão entre as diferentes realidades?	palavras; semântico; ação; processo; estado	QCb-3c

Fonte: Elaborada pelo autor.

Relacionamos, em resposta à **QCb-3b**, o mundo do texto com a realidade espiritual, e o mundo do leitor com a realidade material. A pergunta posterior, **QCb-3c**, nos insta a evidenciar os *verbos* que Ricoeur inspira com seu arco hermenêutico: *explicar, compreender, ler e apropriar*. Tudo acontece em torno do *discurso*, categoria central na teoria de Paul Ricoeur; dito isso, começamos a responder **QCb-3a**. A palavra se realiza como instância do discurso; o discurso se estrutura como obra literária; a obra se fixa pela escrita; a obra escrita projeta um mundo — o mundo do texto; e o ato de leitura leva à apreensão do real e à compreensão de si mesmo, num movimento de apropriação (RICOEUR, 2006, p. 30).

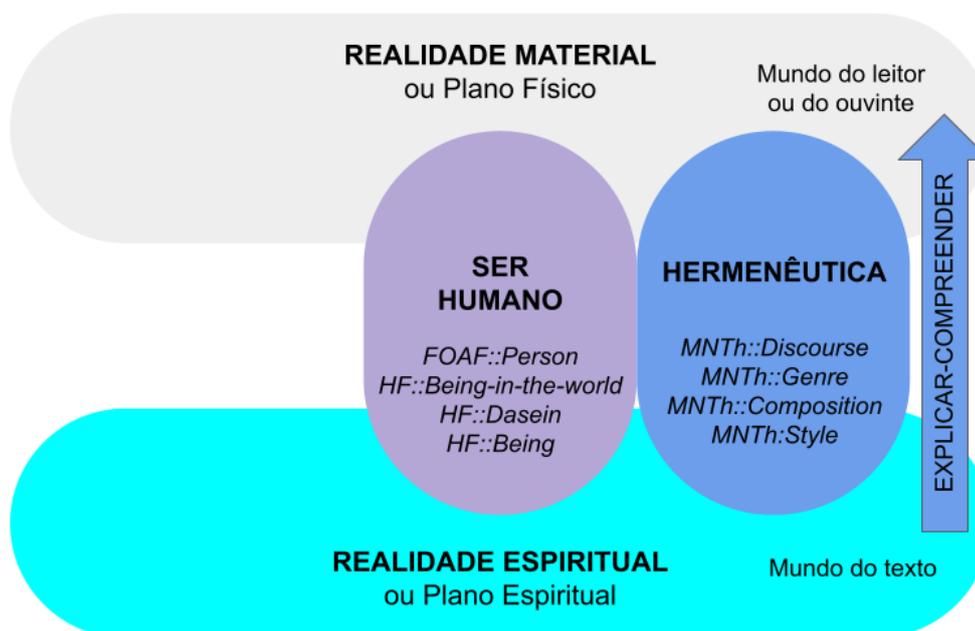
David Klemm (1983, p. 77–83), ao analisar a teoria *ricoeuriana*, vai dizer que o discurso é a comunicação do que é dito como conteúdo proposicional de uma *frase*, e

que a produção de uma obra literária a partir do discurso é uma imposição da forma sobre a mensagem que se quer transmitir, e que é submetida às regras formais de produção. Essas regras dizem respeito à *composição*, *gênero* literário e *estilo*. Esse processo de construção de uma mensagem única, singular, individual, concretiza um tipo específico de objetificação do discurso que torna possível um tratamento estrutural do texto.

Temos, assim, fundamentos para definir as classes da sub-ontologia *Mono-teísmo: hermenêutica (MNTh): Discourse, Genre, Composition e Style*, como pode ser visto na [Figura 14](#), estabelecendo a *Mimesis III* de Ricoeur, que

marca a intersecção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou leitor. A intersecção, portanto, entre o mundo configurado pelo poema e o mundo no qual a ação efetiva se desdobra e desdobra sua temporalidade específica ([RICOEUR, 2010a](#), p. 123).

Figura 14 – Diferentes níveis de realidade: interconexão pela hermenêutica.

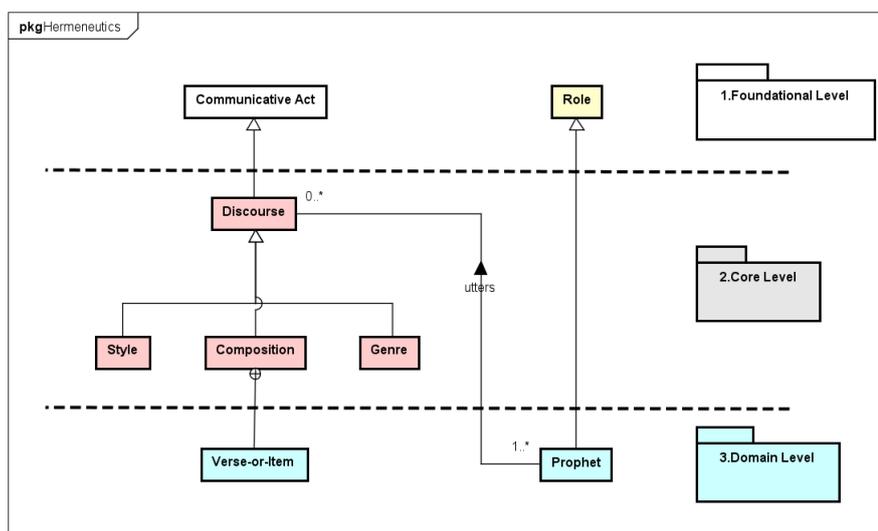


Fonte: Elaborada pelo autor.

Ao afirmar que o discurso é a “atualização da linguagem em um ato de palavra baseado em um gênero de unidade irredutível aos elementos constitutivos da linguagem como código” ([RICOEUR, 2006](#), p. 160–162), Ricoeur estabeleceu a *frase* como menor unidade de análise, o que limita o uso de abordagens tradicionais de processamento de linguagem natural, tais como normalização de textos, *stemização*

e *lematização*⁷, entre outras, que podem alterar o conteúdo semântico e contextual do objeto de pesquisa. A frase não pode ser reduzida a uma combinação de signos, pois é uma entidade autônoma, alerta Klemm (1983, p. 76). Há uma lacuna e uma mudança de nível entre signo e frase e, por consequência, entre semiótica e semântica, sendo que esta tem superioridade ontológica sobre aquela. Os textos institucionais do Monoteísmo são organizados em pequenas frases (ou sentenças) — os *versículos*. Allan Kardec, em sua obra, não adotou essa maneira de indexação dos textos, os quais são basicamente estruturados em *itens*. Os discursos, enquanto *efetuação da palavra* antes da efetuação da obra, podem ser atribuído aos *profetas*⁸ do domínio. Em posse dos elementos necessários para modelar a interconexão da realidade espiritual com a realidade material pela via hermenêutica, elaboramos a Figura 15.

Figura 15 – Modelo conceitual: interconexão pela hermenêutica.



Fonte: Elaborada pelo autor.

8.1.3 Interconexão de diferentes realidades pela ética

Reporto-me, agora, à questão de competência **QCc-1d** na Tabela 7, que diz respeito à afirmação de Küng sobre a suposta influência das religiões na realidade

⁷ Um exemplo de normalização de textos foi relatado na Nota de rodapé 12 da Seção 1.2, quando o pesquisador particionou o *corpus* em porções equivalentes em volume de informação; a stemização consiste em reduzir uma palavra ao seu radical, enquanto lematização reduz ao lema, a forma masculina e singular da palavra.

⁸ Diz-se de todo enviado de Deus com a missão de instruir os homens e de lhes revelar as coisas ocultas e os mistérios da vida espiritual. Pode, pois, um homem ou uma mulher ser profeta, sem fazer profecias ou predições (KARDEC, 2013c, cap. XXI, it. 4). Mediante esta definição, e considerando que a oralidade precede a escrita nos textos do domínio, o papel (*UFO::Role*) de profeta na *OntoM* engloba todas as fontes originais dos textos, ou seja, além dos denominados diretamente como profetas, também mensageiros, médiuns, oradores, narradores etc., que proferem um discurso, que é um ato comunicativo (*UFO::Communicative Act*).

material do ser humano. Parece-me inegável essa influência; contudo, cabem questionamentos básicos. Ao discorrer sobre uma teologia de superação do binômio entre violência e religião, Maria Clara Bingemer (2010, p. 53) afirma que a teologia crítica e o ateísmo crítico se unem no combate às injustiças, afinados no contexto da solidariedade prática. Para satisfazer a questão **QCb-4a** da Tabela 11, ampliamos essa hipótese para a crítica inter-religiosa, considerando que adeptos das religiões monoteístas conseguem unir-se em torno de causas como a intolerância (SECRETARIA DE ESTADO DE JUSTIÇA E CIDADANIA, 2020), por exemplo, ou fomentar diálogo inter-religioso contra o racismo (PAI RODNEY, 2019).

Tabela 11 – Questões de Competência: básicas da ética (QCb-et).

Pergunta	Termos sugeridos	ID
Como a lógica do terceiro termo incluído pode ajudar a mitigar as contradições e conflitos da realidade projetada pelos t1M ?	lógica do terceiro termo incluído; mitigar; contradições; conflitos	QCb-4a
Em aceitando a ÉTICA como o terceiro incluso, quais as classes necessárias para a interconexão entre as realidades espiritual e material?	ética; terceiro incluso	QCb-4b

Fonte: Elaborada pelo autor.

Podemos considerar que os elementos fundamentais para uma *Ética Global* expressos por Hans Küng (2020) dos princípios de *humanidade* e da *regra de ouro*, além das diretrizes de *não violência, justiça, honestidade, igualdade de direitos e parceria e responsabilidade ecológica*⁹, são *terceiros termos* que podem ser incluídos no processo de *utilização do conhecimento* religioso monoteísta. A utilização do conhecimento é o resultado da compreensão e da aplicação do conhecimento (STEIL, 2007), relembramos; representa a *ação* que resulta da emergência de atitudes éticas a partir dos valores e princípios do mundo do texto monoteísta, conforme antecipamos em nossas justificativas na *Seção 1.4*. Em sintonia com essas argumentações, Gleyds Domingues e Reginaldo de Moraes (2021, p. 88–89) dizem que a finalidade da mensagem é ser portadora de uma prática que se concretizará no contexto social, no âmbito das relações humanas, enfatizando a importância do cunho prático do texto, o que lhe confere efetividade.

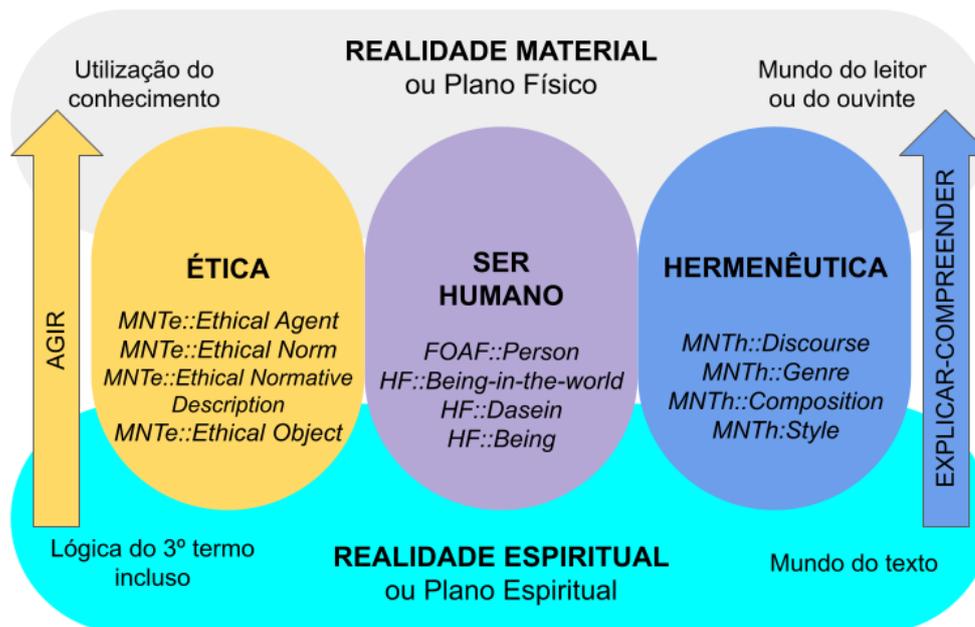
Inspirados na tese de Cristine Griffo (2018), que desenvolveu uma ontologia de aspectos jurídicos, também alicerçada em **UFO**¹⁰, propomos quatro classes, em resposta à **QCb-4b**, para a interconexão do nível do domínio monoteísta, a realidade

⁹ Original: *principles are humanity and the Golden Rule; the directives are non-violence, justice, truthfulness, equal rights and partnership and ecological responsibility.*

¹⁰ A investigação na literatura a respeito de **UFO** buscou em (GUIZZARDI, 2005; GUIZZARDI *et al.*, 2004, 2008, 2015).

espiritual, com o nível da ontologia de fundamentação, a realidade material. As classes compõem a sub-ontologia *Monoteísmo: ética (MNTe)*, a saber: *Ethical Agent*, *Ethical Norm*, *Ethical Normative Description* e *Ethical Object*, e estão representadas na Figura 16.

Figura 16 – Diferentes níveis de realidade: interconexão pela ética.



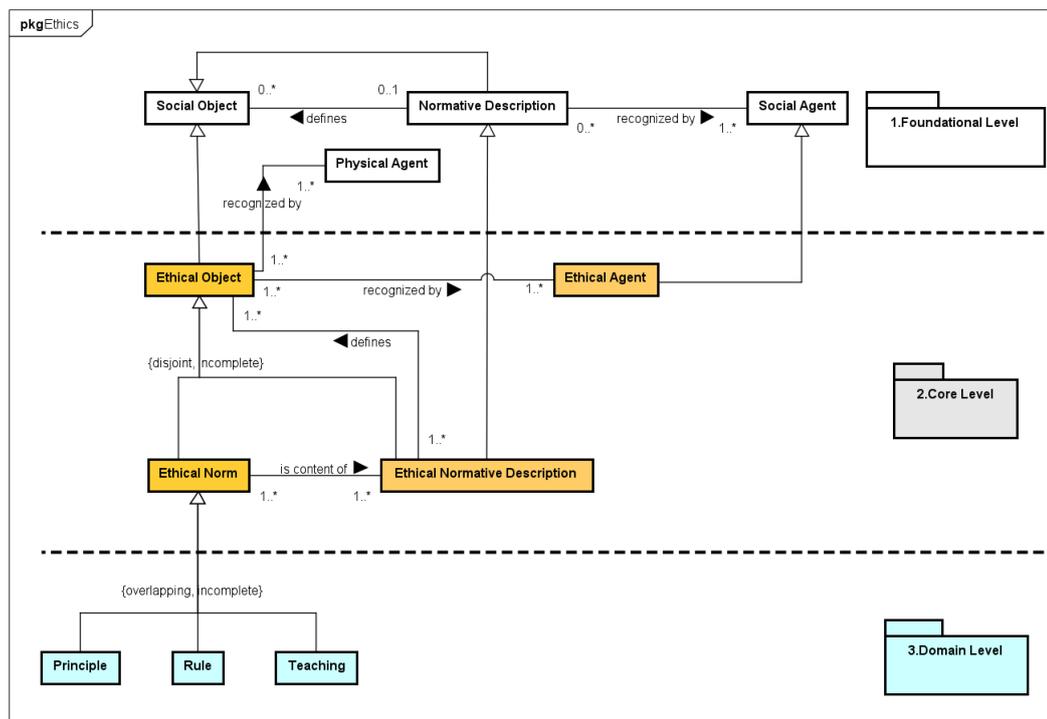
Fonte: Elaborada pelo autor.

No ato de leitura, princípios, normas e ensinamentos¹¹ emergem dos textos religiosos e, individualmente ou em conjunto, generalizam em *Ethical Norm*; o texto que descreve esta norma ética é *Ethical Normative Description*, que define um *Ethical Object* e é uma especialização de *UFO::Normative Description* que, por sua vez, é “um *Social Object* que define uma ou mais regras que são reconhecidas por pelo menos um *Social Agent*” (FALBO, 2017, p. 6), *i.e.*, uma organização da sociedade.

Um objeto ético é qualquer artefato produzido a partir de normas éticas com a finalidade de compartilhamento e disseminação do conhecimento, que pode ser acessado (ou adquirido, aquisição de conhecimento) por um ente individual (*UFO::Physical Agent*. Ex: uma pessoa) ou coletivo (*MNTe::Ethical Agent*. Ex: um grupo ou instituição). Um livro, um filme e uma palestra são exemplos de *MNTe::Ethical Object*. As classes estão demonstradas graficamente no modelo da Figura 17.

¹¹ Classes *MNT::Principle*, *MNT::Rule* e *MNT::Teaching*.

Figura 17 – Modelo conceitual: interconexão pela ética.



Fonte: Elaborada pelo autor.

8.1.4 Conceitos comuns do Monoteísmo

Evocamos a questão de competência (complexa) que abriu esse processo de verificação, a **QCc-1a**, para explicitar os conceitos comuns no domínio do Monoteísmo, que foram extraídos dos textos a partir das questões de competência básicas sobre o domínio (QCb-mnt), apresentadas na [Tabela 12](#).

A questão **QCb-5a** é relacionada com o paradigma central do domínio, o Deus único do Monoteísmo, referido *muitas vezes e de modos diversos*¹² ao longo dos **tiM**. Condensamos o conceito da divindade singular na classe **MNT::God** com padrão *singleton*, o que caracteriza a existência de apenas uma instância para este tipo. Os personagens que povoam o domínio, seres em corpos físicos ou não, são tema da questão **QCb-5b**. Antecipamos, na [Seção 8.1.1](#), as classes **MNT::Spirit** e **MNT::Spiritual Agent**, na interconexão da realidade espiritual, projetada pelos textos religiosos, com a realidade material pela constituição do ser humano. Estabelecemos a classe **MNT::Supernatural Being** para os seres sobrenaturais relatados nos textos, especializando **MNT::Spiritual Agent**, para reunir todos indivíduos que não podem ser caracterizados como humanos em corpo físico: são tipicamente anjos e demônios, en-

¹² Referência ao primeiro versículo da carta de Paulo aos Hebreus ([ÉCOLE BIBLIQUE DE JÉRUSALEM, 2010](#), Hb 1:1).

Tabela 12 – Questões de Competência: básicas do Monoteísmo (QCb-mnt).

Pergunta	Termos sugeridos	ID
Quais são os conceitos comuns no domínio monoteísta relacionados com a divindade?	divindade	QCb-5a
Quais são os conceitos comuns no domínio monoteísta relacionados a seres — materiais, semimateriais ou imateriais?	seres materiais; seres semi-materiais; seres imateriais	QCb-5b
Quais são os conceitos comuns entre as religiões monoteístas relativos ao seu aspecto profético?	profético; profeta; profecia;	QCb-5c
Quais são os conceitos comuns entre as religiões monoteístas relativos às práticas, orientações e valores?	práticas; orientações; valores;	QCb-5d
Quais são os conceitos comuns entre as religiões monoteístas com relação à codificação dos textos institucionais?	codificação; textos institucionais;	QCb-5e

Fonte: Elaborada pelo autor.

tre outros, que podem ser instanciados a partir dos tipos *MNT::Angel* e *MNT::Demon*, respectivamente.

Em resposta à questão **QCb-5c**, cabível porque estamos em um domínio de religiões proféticas, inserimos a classe *MNT::Prophecy* — profecia —, que representa os ditos ou escritos dos profetas, oradores, discursadores, médiuns etc., conceitos agregados na classe *MNT::Prophet* que, sob a inspiração de seres sobrenaturais, proferem discursos nos vários gêneros literários — na questão em tela, no gênero profético. Os profetas, via de regra, estiveram acompanhados por discípulos, seguidores, pessoas que supriam apoio, inclusive no registro das falas que, posteriormente, foram organizadas em livros — os textos institucionais do Monoteísmo; essas companheiras e companheiros foram reunidos na classe *MNT::Disciple*. As profecias podem se cumprir (*MNT::Fulfilled prophecy*) ou não (*MNT::Unfulfilled prophecy*), dependendo do registro de um acontecimento nos **tiM** que tornam a proposição contida no texto profético verdadeira ou falsa.

A questão **QCb-5d** diz respeito ao conteúdo moral e ético nos textos religiosos, alguns com força de lei, outros de orientação, inclusive quanto às práticas recomendadas aos adeptos. Os princípios são diretrizes que podem ser satisfeitas em maior ou menor grau, e se originam de discursos em gênero prescritivo, geralmente; esse conceito está na classe *MNT::Principle*. A classe *MNT::Rule* (norma, regra) é similar à anterior, com a diferença de que é uma diretriz que é cumprida ou não, sem gradações de satisfação no resultado. A classe *MNT::Teaching* reúne os ensinamentos e lições contidos nos discursos religiosos sapienciais, especialmente. Os textos institucionais

do Monoteísmo são fartos em histórias, discursos em gênero narrativo alegórico, que têm seu expoente nas parábolas. São histórias que podem gerar princípios, normas e ensinamentos e, pela sua relevância, inserimos a classe *MNT::Parable* na [OntoM](#). Os textos religiosos citam e recomendam práticas de relacionamento com os seres do plano espiritual: de maneira geral, *louvar* a Deus, *pedir* o que necessita, e *agradecer* as bênçãos recebidas. Os tipos que inserimos na Ontologia do Monoteísmo para atender aos conceitos são *MNT::Praise*, *MNT::Supplication* e *MNT::Thanksgiving*, respectivamente.

Finalmente, a questão **QCb-5e** diz respeito ao modo de codificação do conhecimento monoteísta para disseminação e acesso ao público, bem como à forma com que foram indexados — sua composição. Sendo a *frase* a menor unidade de análise no domínio, seguindo a orientação de Paul Ricoeur, estabelecemos a classe *MNT::Verse-or-Item* para este fim; o conjunto dos versículos ou itens forma capítulos ou suras (*MNT::Chapter-or-Surah*) que, por sua vez, comporão livros ou partes (*MNT::Book-or-Part*). O conjunto desses livros são os textos institucionais do Monoteísmo, instanciados na classe *MNT::Institutional text*. Essas classes estão relacionadas na [Tabela 13](#), e ocorrem em todos os textos que são objeto desta tese por serem estruturais.

Tabela 13 – Classes estruturais da sub-ontologia MNT (Monoteísmo).

Referências e nomações do conceito no domínio	Classe na OntoM	Ocorrências do conceito
VERSÍCULO OU ITEM: frase.	<i>MNT::Verse-or-Item</i>	composição textual
CAPÍTULO OU SURAS: conjunto de versículos ou itens.	<i>MNT::Chapter-or-Surah</i>	composição textual
LIVRO OU PARTE: conjunto de capítulos ou suras.	<i>MNT::Book-or-Part</i>	composição textual
TEXTO INSTITUCIONAL: escritura; conjunto de livros ou partes.	<i>MNT::Institutional text</i>	composição textual

Fonte: Elaborada pelo autor.

As demais classes que propomos para a sub-ontologia [MNT](#) da Ontologia do Monoteísmo estão listadas na [Tabela 14](#) com as ocorrências dos conceitos no Tanakh (2012), na [Bíblia](#) (1993), no [Alcorão](#) (1999) e no [Pentateuco Kardeciano](#) (2013; 2013). Usamos cores para melhorar a legibilidade da terceira coluna, sendo que listamos apenas *uma ocorrência por tiM para cada conceito*, ou seja, não tivemos a intenção de elaborar uma relação exaustiva, mas sim de verificar que os conceitos da Ontologia do Monoteísmo são comuns no domínio e, neste sentido, são uma *conceitualização compartilhada*, conforme a definição de ontologia proposta por Studer e colegas registrada na [Seção 7.1](#).

Tabela 14 – Conceitos da sub-ontologia MNT (Monoteísmo).

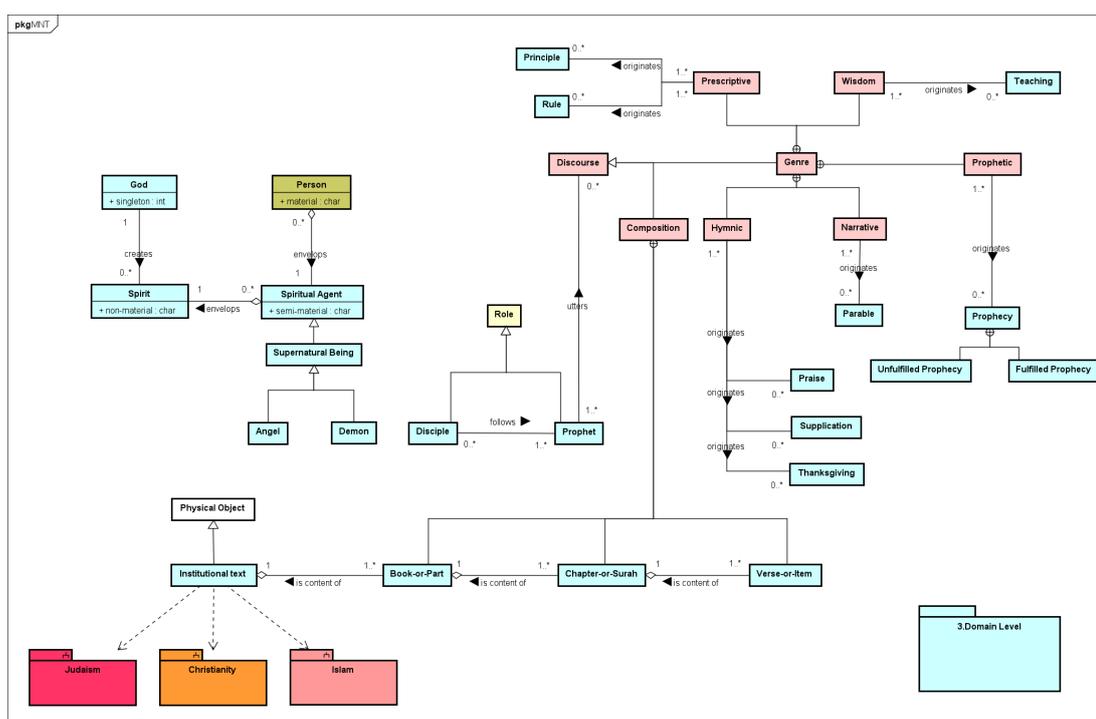
Referências e nomações do conceito no domínio	Classe na OntoM	Ocorrências do conceito
DEUS: Deus único; Allah; YHWH; Javé; Jeová; Eterno; Senhor; Deus de Abraão, Isaac e Jacó; Pai.	<i>MNT::God</i>	[Gn 28:10–13], [Cl 3:17], [Su 2:126], [OLE 1:1:1]
ESPÍRITO: alma.	<i>MNT::Spirit</i>	[Gn 1:26], [Jo 3:5–8], [Su 32:7–9], [OLE 1:2:23–28]
AGENTE ESPIRITUAL: corpo espiritual; perispírito.	<i>MNT::Spiritual Agent</i>	[2Cr 18:18–22], [1Cor 15:35–49], [Su 39:42], [OLE 2:1:93–95]
SER SOBRENATURAL: seres sobrenaturais; seres suprafísicos.	<i>MNT::Supernatural Being</i>	[Gn 19], [Mt 1:20], [Su 38:71–82], [OLE 2:1:128–131]
ANJO: anjo-da-guarda; anjo guardião; benfeitor; protetor.	<i>MNT::Angel</i>	[Jz 13], [Lc 1:19], [Su 54:6], [OLE 2:9:489–521]
DEMÔNIO: satã; obsessão; dragão; besta.	<i>MNT::Demon</i>	[Dt 32:24], [Lc 11:14–20], [Su 38:74], [OLE 2:9:480]
PROFECIA: previsão; promessa.	<i>MNT::Prophecy</i>	[Is 13], [Lc 4:17–21], [Su 29:27], [OESE 21:4]
PROFECIA CUMPRIDA: profecia realizada; profecia concretizada.	<i>MNT::Fulfilled Prophecy</i>	[2Cr 9:29], [Mt 2:17–18], [Su 3:45], [OESE 1:4]
PROFECIA NÃO CUMPRIDA: profecia não realizada; não concretizada.	<i>MNT::Unfulfilled Prophecy</i>	[Jn 3:10], [Am 7:1–6], [Su 17:16], [OESE 21:8]
PROFETA: mensageiro; médium.	<i>MNT::Prophet</i>	[1Sm 3:20], [Mt 1:22], [Su 4:163], [OLE 3:1:624]
DISCÍPULO: seguidor; aprendiz; aluno; apóstolo.	<i>MNT::Disciple</i>	[Is 8:16], [Mt 5:1], [Su 11:27], [OESE 1:11]
PRINCÍPIO: ditame moral.	<i>MNT::Principle</i>	[Pr 18], [Mt 5:3–12], [Su 2:177], [OLE 3:3:682–685]
NORMA: regra; lei.	<i>MNT::Rule</i>	[Ex 20], [Mt 5:44–46], [Su 2:180], [OESE 1:2]
ENSINAMENTO: orientação; lição.	<i>MNT::Teaching</i>	[Pr 1:8–19], [Mt 6:1–8], [Su 2:189], [OESE 12:9]
PARÁBOLA: narrativas alegóricas; histórias.	<i>MNT::Parable</i>	[Ct 3], [Lc 12:35–48], [14:24–27], [OESE 7:5–6]
LOUVAR: glorificar; enaltecer.	<i>MNT::Praise</i>	[Sl 3], [Mt 6:9], [Su 6:1], [OESE 28:2–3]
SUPPLICAR: pedir; orar; rogar.	<i>MNT::Supplication</i>	[Jó 13:20–28], [Mt 6:10–13], [Su 3:16], [OESE 28:12]
AGRADECER: dar graças; render graças; mostrar gratidão.	<i>MNT::Thanksgiving</i>	[Sl 116:16–18], [Mt 11:25–27], [Su 27:40], [OESE 28:37]

Fonte: Elaborada pelo autor.

As referências relacionadas aos textos, no caso do Tanakh e da Bíblia, são as tradicionalmente usadas no domínio, ou seja, *Gn, Jo, Jó, 2Cr, 1Cor*, *e.g.*, significam o livro de Gênesis, o evangelho de João, o livro de Jó, o segundo livro das Crônicas e a primeira carta aos Coríntios, respectivamente. A sigla *Su* significa sura ou surata, o equivalente aos capítulos no Alcorão. Em todos esses casos, os números que seguem representam, em primeiro lugar, o capítulo ou sura e, em segundo, após os dois pontos, os versículos. Ex.: **Cl 3:17** indica a carta de Paulo aos Colossenses na Bíblia, capítulo terceiro, versículo 17. Usamos dois compêndios do Pentateuco Kardeciano: *O Livro dos Espíritos* (OLE) e *O Evangelho segundo o Espiritismo* (OESE). O primeiro é dividido em quatro partes, de modo que a referência necessita de três números, que representam *parte:capítulo:item*. Ex.: **OLE 2:1:93–95** significa um texto de *O Livro dos Espíritos*, segunda parte, capítulo um, itens de 93 a 95. *O Evangelho segundo o Espiritismo* não é organizado em partes, de maneira que os números representam o capítulo, em primeiro lugar, e o item em segundo.

O modelo conceitual das classes do Monoteísmo, ou sub-ontologia MNT, está na [Figura 18](#), caracterizadas na cor azul clara (ciano). Seguindo a metodologia [SABiO](#), devemos integrar as partes elaboradas até aqui, classes e relações, cardinalidades e atributos. A formalização da [OntoM](#) prossegue, agora em quadro amplificado.

Figura 18 – Conceitos comuns no domínio monoteísta.

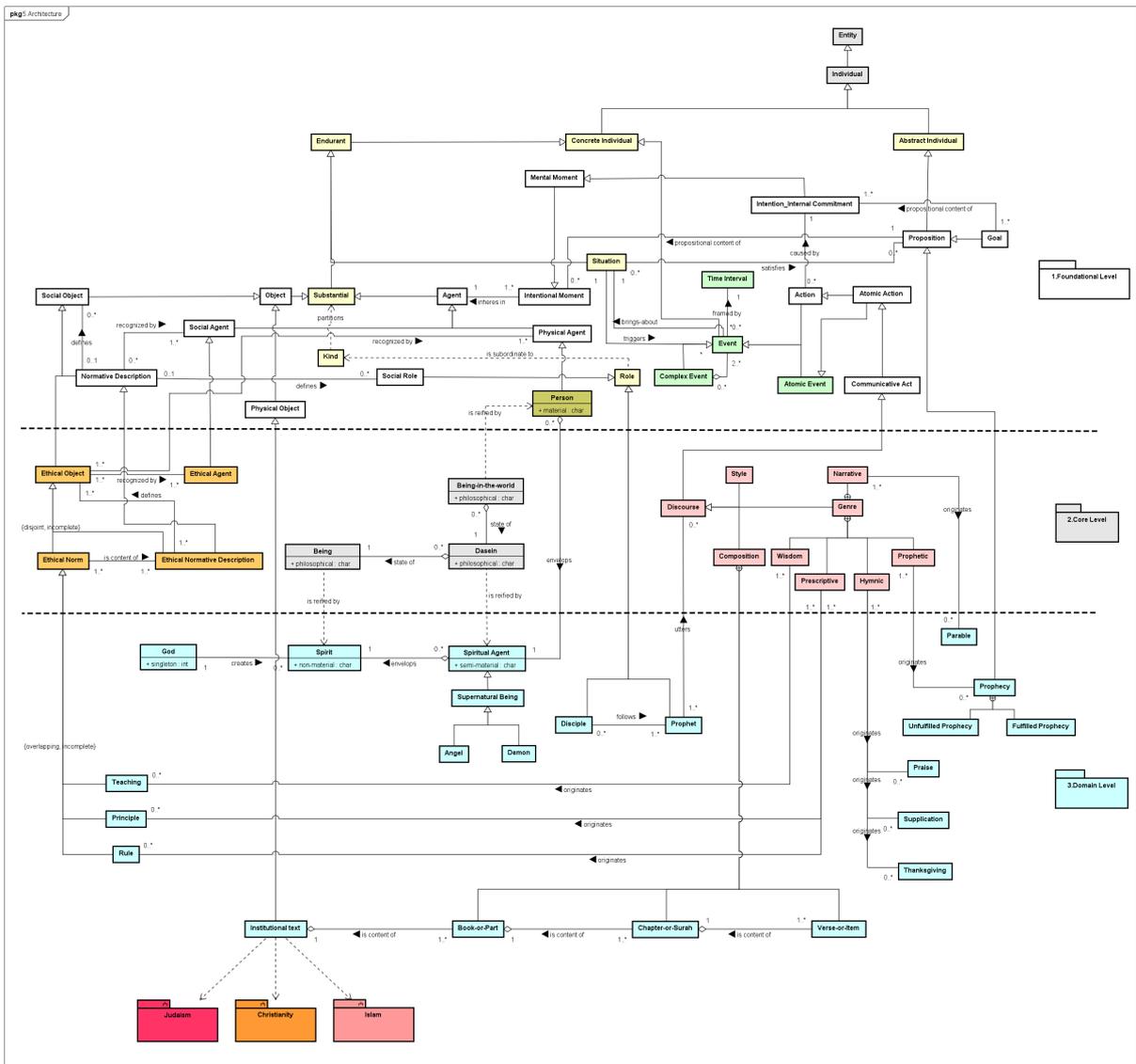


Fonte: Elaborada pelo autor.

9 ONTOLOGIA DO MONOTEÍSMO

A Ontologia do Monoteísmo tem um modelo conceitual que é, segundo Falbo (2014), a *ontologia de referência* que antecede a versão operacional que pode ser lida por computadores, resultado da fase *ontology design* de SABIO. Chamamos esta ontologia de referência *Modelo conceitual do Monoteísmo* (McM).

Figura 19 – Modelo conceitual do Monoteísmo (McM).



Fonte: Elaborado pelo autor.

A Figura 19 é a imagem do Modelo conceitual do Monoteísmo — McM — que propomos. Observe que os modelos apresentados no Capítulo 8 estão inseridos e interconectados, talvez tornando complexa a legibilidade. Procurei mitigar essa questão com o uso de cores que delimitam as interconexões no Core Level, assim como com

as sub-ontologias entre si. A prolixa justificação filosófica e religiosa que fizemos antes de apresentar a **OntoM** justifica-se pela complexidade do domínio, e é natural que os temas autóctones das Ciências Humanas demandem textos em profusão, enquanto que nas Ciências Exatas “mil palavras” são sintetizadas em um gráfico ou numa linha de código; lembro à leitora e ao leitor que há extensão digital deste documento no *site* <https://ontom.org> e no repositório <https://github.com/estevaomello/OntoM>; a gravação da defesa desta tese pode ser vista no <https://www.youtube.com/watch?v=bSwgvx0yFVg>. Reforço a advertência de que, embora a denominação *Ontologia do Monoteísmo*, não se pretende, nesta tese seminal, uma ontologia que abranja todas as religiões e doutrinas monoteístas, já que o foco desta pesquisa foi o das principais *religiões que causam violência e sofrimento*.

Faremos uma descrição dos conceitos da **Figura 19** na **Seção 9.1** e, na sequência (**Seção 9.3**) descreveremos alguns exemplos para que nossas ideias e propostas tornem-se mais inteligíveis.

9.1 CONCEITOS DA ONTOM

A descrição que fazemos dos conceitos é, principalmente, de referências da literatura para embasar nossa decisão sobre a inclusão da classe na ontologia; são as evidências relatadas nas obras dos autores que escolhemos sobre o significado de cada conceito de que nos apropriamos. Assim, o texto em português, quando existir, *complementa* o texto em inglês, não sendo necessariamente tradução um do outro. Parte desta documentação está disponível no arquivo fonte do *Astah Professional*¹ que gerou a ontologia e os modelos conceituais apresentados nesta tese, inclusive o da **Figura 19**; o arquivo está disponível em nosso repositório GitHub. Pedimos licença para não redigir os textos em inglês com fonte em itálico, o que fazemos para favorecer a legibilidade, dada a quantidade expressiva que segue.

HF::Being-in-the-world

Relationships: is reified by FOAF::Person;
is a state of and is an aggregation of HF::Dasein.

Description of the concept: “The compound expression ‘Being-in-the-world’ indicates [...] that it stands for a unitary phenomenon. [...] cannot be broken up into contents which may be pieced together, this does not prevent it from having several constitutive items in its structure. [...] Here we are seeking that which one

¹ Você pode encontrar uma versão gratuita do Astah em <https://astah.net/products/astah-uml/>.

inquires into when one asks the question 'Who?' [...] this means that in any such case the whole phenomenon gets seen. Of course Being-in-the-world is a state of Dasein" (HEIDEGGER, 2001, p. 78–79, §53).

O ser-no-mundo (*Being-in-the-world*) é a categoria que Heidegger usa para representar o modo de ser da mulher e do homem na mundanidade; nos apropriamos deste conceito e o reificamos, coisificamos em *pessoa*, classe *Person*, tipo que reusamos de FOAF. O *ser-no-mundo* é uma constituição fundamental do Dasein em que ele se move no modo da cotidianidade; indica o conceito formal de existência. O ser-no-mundo refere-se a um fenômeno de unidade, o que “não exclui a multiplicidade de momentos estruturais que compõem esta constituição” (HEIDEGGER, 2015, §53).

HF::Dasein

Relationships: is reified by MNT::Spiritual Agent;
is a state of and is an aggregation of HF::Being.

Description of the concept: “This entity which each of us is himself and which includes inquiring as one of the possibilities of its Being, we shall denote by the term 'Dasein'. [...] Dasein can be spatial only as care, in the sense of existing as factually falling. Negatively this means that Dasein is never present-at-hand in space, not even proximally. Dasein does not fill up a bit of space as a Real Thing or item of equipment would, so that the boundaries dividing it from the surrounding space would themselves just define that space spatially. Dasein takes space in; this is to be understood literally. [...] Neither may Dasein's spatiality be interpreted as an imperfection which adheres to existence by reason of the fatal 'linkage of the spirit to a body'. On the contrary, because Dasein is 'spiritual', and only because of this, it can be spatial in a way which remains essentially impossible for any extended corporeal Thing” (HEIDEGGER, 2001, p. 27 §7, p. 419 §368).

Sinônimos do conceito Dasein: presença; ser-aí; ser-o-aí; eis-aí-ser; estar-aí. Dasein é o ente que cada um de nós mesmos sempre é, e que possui em seu ser a possibilidade de questionar; o Dasein existe e tem seu próprio *ser no espaço*, que só é possível com base no ser-no-mundo em geral; o Dasein é temporal no sentido de ser e estar no tempo (HEIDEGGER, 2015, p. 102 §56, p. 468). Entendemos e nos apropriamos do conceito Dasein como intermediário entre *ser* e *ser-no-mundo*, na formação do ser trino que somos todos nós, seres humanos. O Dasein é reificado como corpo espiritual ou perispírito na *OntoM*.

HF::Being

Relationships: is reified by MNT::Spirit.

Description of the concept: “Being is always the Being of an entity. [...] Being and the structure of Being lie beyond every entity and every possible character which an entity may possess. Being is the *transcendens* pure and simple. And the transcendence of Dasein’s Being is distinctive in that it implies the possibility and the necessity of the most radical individuation. Every disclosure of Being as the *transcendens* is *transcendental* knowledge” (HEIDEGGER, 2001, p. 29 §9, p. 62 §38).

O *ser* é o *transcendens* pura e simplesmente. A transcendência do ser do Dasein é privilegiada porque nela reside a possibilidade e a necessidade da individuação mais radical (HEIDEGGER, 2015, p. 78 §38). Esta categoria é reificada como *espírito* na ontologia, a essência individual do ser humano que persiste no tempo.

FOAF::Person

Relationships: envelops MNT::Spiritual Agent;
is an aggregation of MNT::Spiritual Agent.

Description of the concept: a person; the Person class represents people. Something is a Person if it is a person (BRICKLEY; MILLER, 2014). Specializes UFO::Physical Agent.

Refere-se a uma pessoa em corpo tangível, o agregado trino de corpo material, corpo espiritual ou perispírito, e espírito. Na linguagem cristão-espírita, é o ser humano encarnado que tem múltiplas existências através de renascimentos sucessivos graças ao corpo perecível.

MNT::Spiritual Agent

Relationships: envelops MNT::Spirit;
is an aggregation of MNT::Spirit.

Description of the concept: “The spirit has a second envelope, which is semi-material, and which unites it to the first at death, the spirit casts off the first, but retains the second, to which we give the name perispirit. This semi-material envelope, which has the human form, constitutes, for the spirit, a vaporous, fluidic body, which, though invisible to us in its normal state, nevertheless possesses some of the properties of matter” (IDEAK, 2021d, part 1, ch. I, it. 3) Synonyms: spiritual body, perispirit.

A denominação de agente espiritual (*Spiritual Agent*) foi escolhida para manter a uniformidade com o tipo *UFO::Physical Agent*. É o mesmo que perispírito e corpo espiritual, outras nomações no domínio monoteísta.

MNT::Spirit

Relationships: is created by MNT::God;
is enveloped by MNT::Spiritual Agent.

Description of the concept: “Consider the spirit in reference to its union with the body. The spirit is the principal being, because it is that which thinks, and which survives the body, the latter being only an envelope, a vestment, of gross matter, that the spirit throws off when it is worn out but, besides this material envelope,[...] A spirit is therefore not a mathematical point, an abstraction, but is a real being, limited and circumscribed, and lacking only the qualities of visibility and palpability to show its resemblance to human beings” (IDEAK, 2021d, part 1, ch. I, it. 3). “In quitting the Earth the spirit leaves there its fluidic envelop, and is supplied with another appropriate to the world where he must go” (IDEAK, 2021a, cap. XIV, it. 8).

MNT::God

Relationships: creates MNT::Spirit.

Description of the concept: “What is God? God is the Supreme Intelligence, the first cause of all things. [...] Where can the proof of God’s existence be found? ’In a premise that is applied in science: there is no effect without a cause. Investigate the cause of anything that is not the work of human beings and reason shall

provide the answer’.” (IDEAK, 2021e, book 1, ch. I, it. 1, 4). “Are spirits formed spontaneously, or do they proceed from one another? ‘God creates them as all other creatures were created, by Divine will. We repeat that their origin is a mystery’.” (IDEAK, 2021e, book 2, ch. I, it. 81) Synonyms: Allah; YHWH; Yahweh; Jehovah; Lord; God of Abraham, Isaac and Jacob.

O conceito Deus (God) foi colocado em padrão *singleton* que, em programação, garante a existência de apenas uma instância para a classe, como seria de se esperar numa ontologia em um domínio que tem como paradigma o Deus único. Não é possível uma definição precisa do conceito de Deus, e o que temos de mais atualizado nos *t1M* é uma coletânea de atributos que Kardec submete aos médiuns: seria Deus eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom?² Seria prepotência de nossa parte tentar estabelecer relações da classe *MNT::God* com as demais do modelo conceitual, em qualquer um dos níveis ontológicos, com exceção da acima apontada. Séculos de esforços teológicos e filosóficos não chegaram a uma conclusão do mistério, e não seríamos nós a resolvê-lo. O conceito do Deus único é o paradigma central do Monoteísmo e, por isso, essencial na Ontologia do Monoteísmo; não há, contudo, intenção em decifrá-lo através de um modelo conceitual ou de uma aplicação de inteligência artificial. Sinônimos: Allah; YHWH; Javé; Jeová; Eterno; Senhor; Deus de Abraão, Isaac e Jacó.

MNT::Supernatural Being

Relationships: specializes MNT::Spiritual Agent;
generalizes MNT::Angel and MNT::Demon.

Description of the concept: “Just as people have imagined angels as being created eternally perfect, they have also imagined that demons are lower spirits that are eternally bad. The word demon should be understood as indicating impure spirits who often are no better than the imaginary beings implied by those names, but with the difference that their impurity is temporary. They are imperfect spirits who defy the discipline of their trial, and who must experience that trial for a longer

² Ao que os Espíritos responderam: “Do vosso ponto de vista, sim, porque acreditais abranger tudo. Mas ficai sabendo que há coisas acima da inteligência do homem mais inteligente e para as quais a vossa linguagem, limitada às vossas ideias e sensações, não tem como se expressar. A razão, com efeito, vos diz que Deus deve possuir essas perfeições em grau supremo, porque, se tivesse uma só de menos, ou não a tivesse em grau infinito, não seria superior a tudo e, por conseguinte, não seria Deus. Para estar acima de todas as coisas, Deus não pode achar-se sujeito a nenhuma vicissitude, nem sofrer nenhuma das imperfeições que a imaginação possa conceber.” (KARDEC, 2013d, livro 1, cap. I, it. 13).

period of time. Nevertheless, they will ultimately reach the goal when they have decided to do so by their own free will. Demon could be used in this sense, but as it commonly conveys the meaning that has now proven to be false, its use could lead to error by appearing to acknowledge the existence of beings specifically created for wrongdoing” (IDEAK, 2021e, book 2, ch. I, it. 131).

A classe de seres sobrenaturais (*Supernatural Being*) foi inserida na **OntoM** para contemplar entidades que fazem parte das narrativas dos textos institucionais e que não tem registro de terem tido existência física, como o anjo Gabriel³, e o demônio Meriri⁴.

MNT::Disciple

Relationships: follows MNT::Prophet;
specializes UFO::Role.

Description of the concept: a person who believes in and follows the teachings of a religious leader (OXFORD UNIVERSITY PRESS, 2021); same as follower; people who registered the sayings of the prophets.

Os Profetas Moisés, Jesus e Maomé tiveram discípulos e seguidores; quando deixaram o mundo físico, seus seguidores mais próximos tiveram discípulos numa cadeia de transmissão de conhecimento pela oralidade. Se forma geral, foram os seguidores que registraram esse conhecimento em meio físico para a posteridade.

O grupo que cercava Allan Kardec não era de discípulos ou seguidores, mas de médiuns que recebiam as mensagens por psicofonia⁵ ou psicografia que, posteriormente eram transcritas e organizadas pelo professor e sua esposa, Amélie-Gabrielle Boudet.

³ “No sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado, da parte de Deus, para uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com certo homem da casa de Davi, cujo nome era José; a virgem chamava-se Maria” (SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, 1993, Lc 1:26–27).

⁴ “Serão consumidos pela fome, atacados pelos demônios e cortados pelo demônio Meriri, e contra eles enviarei dentes de animais com o veneno dos que se arrastam no pó” (GORODOVITS; FRIDLIN, 2012, Dt 32:24).

⁵ Processo em que ocorre a mediunidade de incorporação nos médiuns falantes. O Espírito que se comunica atua sobre os órgãos da palavra e transmite mensagens (KARDEC, 2013e, parte 2, cap. XIV, it. 166).

MNT::Prophet

Relationships: utters MNTh::Discourse;
specializes UFO::Role.

Description of the concept: “The gift of revealing the future is generally attributed to the prophets, so that the words prophecy and prediction have become synonyms. In the evangelical sense the word prophet has a much wider significance. This name is given to all those sent by God with the mission to instruct mankind and to reveal both that which is hidden and the mysteries of spiritual life. Therefore a person may be a prophet without making any predictions. This was the idea as understood by the Jews at the time of Jesus [...] Due to the fact of these predictions having been fulfilled, the gift of predicting the future was considered to be one of the attributes of being a prophet” (IDEAK, 2021c, ch. 21, it. 4).

Tanto Discípulo quanto Profeta são papéis (*UFO::Role*) assumidos por pessoas temporariamente. Conforme já definimos na [Nota de rodapé 8](#) da [Seção 8.1.2](#), o tipo profeta na OntoM engloba todas as fontes originais dos textos: profetas, mensageiros, médiuns, oradores, narradores etc., que proferiram discursos, ditaram ou escreveram de próprio punho.

MNTh::Discourse

Relationships: specializes UFO::Communicative Act;
generalizes MNTh::Style;
generalizes MNTh::Genre;
generalizes⁶ MNTh::Composition.

Description of the concept: “Discourse is actualized in a fleeting event between interlocutors but understood as objective sense that is exteriorized from the event. [...] Writing is the full manifestation of discourse. In the case of textual language, meaning is exteriorized and alienated from the event of discourse [...] The writing or inscription is the quality that creates semantic autonomy of the text, and constitutes discourse as text. [...] The peculiar quality of text, whether written or spoken, would be the display of structure that makes a discourse a work. [...] The basic characteristics of discourse — the event-meaning dialectic and the relation

⁶ A relação de generalização acontece entre uma classe mais geral (*e.g.*, “Animais”), e uma mais especializada (*e.g.*, “Aves”); neste exemplo, diz-se que *Animais generaliza Aves*, ou que *Aves especializa Animais* (Aves → Animais). Priorizaremos descrever a relação de especialização.

between sense and reference — apply to the notion of text. [...] Just as sentences have sense and reference, so too do texts taken as wholes. [...] this process by which a singular message is formed accomplishes a specific kind of objectification of the discourse that makes possible a structural treatment of the text. [...] composition, genre, and style all are devices that serve to close the work in on itself in order to preserve it from distortion. They all work to open the meaning of the discourse to a temporal chain of interpreters who think differently about the sense there in the immanent design of discourse” (KLEMM, 1983, p. 80–84).

Segundo Ricoeur (2006, p. 162), discurso é “a atualização da linguagem em um ato de palavra baseado em um gênero de unidade irreduzível aos elementos constitutivos da linguagem como código”; a unidade de base da linguagem a que o filósofo se refere é a *frase*.

MNTh::Composition

Relationships: specializes MNTh::Discourse;

 nests MNT::Verse-or-Item;

 nests MNT::Chapter-or-Surah;

 nests MNT::Book-or-Part.

Description of the concept: “[to consider] composition as the teleological structure of a work of art as a system of wholes and parts. This structure is similar, to an extent, to the constitution of a living organism. The point here is that the text is a structured whole to the degree that is not a sum of parts but a hierarchy of topics that maps out a topology of discourse (KLEMM, 1983, p. 84).

A imposição da forma sobre o discurso ocasiona uma objetivação e um distanciamento, o que Aristóteles chamava de *taxis* — composição — um “modo de organização de segunda ordem que afeta o discurso em um nível mais elevado que o da frase e que faz do texto um organismo complexo” (RICOEUR, 2006, p. 164).

MNTh::Genre

Relationships: specializes MNTh::Discourse;

 nests MNTh::Wisdom

nests MNTh::Prescriptive
 nests MNTh::Hymnic
 nests MNTh::Prophetic
 nests MNTh::Narrative.

Description of the concept: “modes of discourse or genres are not in the first place classifications for the diversity of works, but are initially rules of production. The genre generates individual messages according to its codes and thus is inseparable from the sense of the text just because the dynamics of form is at the time a dynamics of thought” (KLEMM, 1983, p. 84).

Os gêneros literários proporcionam um fundamento comum para a compreensão e para a interpretação, preservam a mensagem da distorção devido à autonomia da forma em relação ao locutor e ao ouvinte; a forma garante a sobrevivência do sentido depois do desaparecimento de seu lugar na vida, e “começa um processo de descontextualização que abre a mensagem a interpretações inéditas segundo os novos contextos de discurso e de vida. [...] Gênero literário não é um meio de classificação, mas um meio de produção” (RICOEUR, 2006, p. 164–166).

MNTh::Style

Relationships: specializes MNTh::Discourse.

Description of the concept: “the work should display a unique style; it should exhibit a special way of making connections that allows us to identify it as an individual. For Ricoeur this is the decisive trait if art is indeed the place in human existence where individuality still asserts itself against the expanding and pervasive anonymity of technological products” (KLEMM, 1983, p. 84).

Os modos de discurso ou gêneros literários (*Genre*) são codificações que regem a composição, ou seja, são “um meio para produzir mensagens singulares, para dar um *estilo* a discursos individuais” (RICOEUR, 2006, p. 164).

MNTh::Narrative

Relationships: is nested by MNTh::Genre;
 originates MNT::Parable.

Description of the concept: In the first revelation of Moses, the Torah, “narrative discourse names God as an actor in founding events for a community. He is in part a figure remembered in the third person, who revealed to himself in the events in their historicity. [...] The plot is the very structure of the narrative” (KLEMM, 1983, p. 114–115).

Para Paul Ricoeur, “o tempo se torna tempo humano na medida em que está articulado de maneira narrativa; em contraposição, a narrativa é significativa na medida em que desenha as características da experiência temporal”. A construção da intriga (*plot*, trama, enredo) tem função de integração e de mediação entre acontecimentos e uma história como um todo; entre agentes, objetivos, meios, circunstâncias etc. A intriga é mediadora, também, por seus caracteres temporais próprios, o que a torna um vetor de síntese do heterogêneo (RICOEUR, 2010a, p. 9, 114–115).

MNTh::Prophetic

Relationships: is nested by MNTh::Genre;
originates MNT::Prophecy.

Description of the concept: “Prophetic discourse names God as the voice behind the prophet, and points to a first-person God of the future” (KLEMM, 1983, p. 114).

MNTh::Prescriptive

Relationships: is nested by MNTh::Genre;
originates MNT::Principle;
originates MNT::Rule.

Description of the concept: “Prescriptive discourse names God as giver of the law and adds the practical side of revelation. Law is not merely imperative and menace but also promise and election. God is named as the demand for holiness” (KLEMM, 1983, p. 114).

MNTh::Wisdom

Relationships: is nested by MNTh::Genre;
originates MNT::Teaching.

Description of the concept: “Wisdom discourse names God as hidden, preexistent wisdom, which they are asking the ‘overwhelming question of the sense or non-sense of existence’ while confronting the incomprehensibility, silence, and absence of God” (KLEMM, 1983, p. 114).

MNTh::Hymnic

Relationships: is nested by MNTh::Genre;
originates MNT::Praise
originates MNT::Supplication
originates MNT::Thanksgiving.

Description of the concept: “Hymnic discourse (Psalms) names God as a ‘You’ in the second person, as one who may respond to praise, supplication, thanksgiving” (KLEMM, 1983, p. 114).

MNT::Parable

Relationships: [end of path]⁷

Description of the concept: “[...] certain marks at the heart of the structure of the parable open the discourse to a figurative or metaphorical sense, which in turn suggests something other than a literal referent [and] in the case of parables is that the narrative form itself is to be taken metaphorically to yield its referent.” (KLEMM, 1983, p. 115).

Certas narrativas, aduz Ricoeur (2006, p. 168–179), são dadas por um doador a seus destinatários como *parábolas*, *i.e.*, como que desenvolvendo uma função mimética de maneira metafórica. O modo parabólico de discurso, continua ele, é a conjunção de uma narrativa e de um processo metafórico, sendo este último o “elo intermediário

⁷ Não está claro para o autor as possíveis relações deste tipo com as demais classes da OntoM. A pesquisa não foi conclusiva neste sentido, ou seja, não há clareza do efeito em um ser humano ao ler ou estudar uma parábola, dado que é um texto ficcional, metafórico, e pode resultar desde um grande ensinamento evolutivo até nada.

entre uma explicação formal baseada nos traços estruturais da forma narrativa, e a interpretação existencial” baseada nas *expressões-limite*⁸.[...] A parábola é, portanto, um modo de discurso que aplica um processo metafórico a uma forma narrativa.

MNT::Prophecy

Relationships: specializes UFO::Proposition;

 nests MNT::Unfulfilled Prophecy;

 nests MNT::Fulfilled Prophecy.

Description of the concept: “this faculty seem developed on providential occasions, in imminent dangers, in great calamities, in revolutions; the greater numbers of sects which have been persecuted have had numbers of prophets. [...] The gift of prophecy is then no more supernatural than a multitude of other phenomena. It is based upon the properties of the soul, and the law of connection between the spiritual and material worlds, which Spiritism has come to explain. This theory of foresight does not solve, perhaps, in an absolutely correct manner, all cases which can be presented as revelations of the future; but one cannot deny that it is based on a truly fundamental principle” (IDEAK, 2021a, ch. XVI, it. 6).

MNT::Fulfilled Prophecy

Relationships: is nested by MNT::Prophecy;

 externally depends on MNT::Verse-or-Item.

Description of the concept: A prophecy is fulfilled *iff* there is a truthmaker⁹ registered in MNT::Verse-or-Item, which is contained in MNT::Chapter-or-Surah, which is inside MNT::Book-or-Part. A truthmaker is necessarily an event described on text that certify the proposition of the prophecy.

⁸ Segundo Ricoeur, a linguagem religiosa tem uma especificidade e propôs o conceito de *expressões-limite*, que seriam *qualificadores* no nível do discurso teológico, pelos quais a linguagem religiosa funciona como um *modelo* em relação ao conjunto da experiência humana. As expressões-limite são adaptadas à redescritção das *experiências-limite* do ser humano, as quais constituem o referente apropriado da linguagem religiosa. *Reino de Deus* é um exemplo de expressão-limite, enquanto *nascimento*, *morte* o são de experiência-limite (RICOEUR, 2006, p. 192–194).

⁹ Conforme (AMARAL; GUIZZARDI, 2019); ver caso de uso na [Seção 9.3](#).

MNT::Unfulfilled Prophecy

Relationships: is nested by MNT::Prophecy.

Description of the concept: An unfulfilled prophecy cause no consequences in the ontology because extinguishes itself. This case could mean the prophecy was listened by men and they change the future by changing behavior, or the prophecy do not fulfill yet.

Uma parte das profecias do domínio monoteísta foram proferidas para *não serem cumpridas*, como no caso do profeta Jonas que, orientado pelo *Eterno*, entrou na cidade de Ninvê e clamou que seria castigada. O povo acreditou, fez jejum, e vestiu-se de luto. Deus viu e não castigou a cidade, o que desagradou Jonas, ferido em seu orgulho pela profecia que não se confirmou¹⁰.

MNT::Principle

Relationships: specializes MNTe::Ethical Norm.

Description of the concept: Principle is a norm which has a conformity scale that can be reached to a higher or slighter degree.

Principle (princípio) é uma norma que tem uma escala de otimização, e que pode ser satisfeita em maior ou menor grau (GRIFFO_BECCALLI, 2018), como na *Lei de Igualdade*, registrada por Kardec, que fala das desigualdades sociais¹¹ que são mitigadas a cada dia, já que “Deus não concedeu superioridade natural a nenhum

¹⁰ “Jonas começou a entrar na cidade, fazendo a jornada de um dia, e clamou e disse: ‘Daqui 40 dias Ninvê será subvertida!’ — e os homens de Ninvê acreditaram em Deus, e proclamaram um jejum e vestiram-se com saco (em sinal de luto), desde o maior até o menor deles. [...] E Deus viu o que fizeram, como retornaram de seu mau caminho; e Deus arrependeu-Se do mal que tinha dito que lhes faria, e não o fez. [...] Mas isso desagradou extremamente a Jonas, e ele ficou irado. [Deus, então, faz crescer uma aboboreira num dia e a faz secar no outro, dizendo ao profeta:] Tu tiveste compaixão da aboboreira, pela qual não trabalhaste nem fizeste crescer, que nasceu numa noite e numa noite pereceu. Acaso Eu não haveria de ter compaixão da grande cidade de Ninvê, na qual há mais de 120.000 pessoas que não sabem discernir entre a sua mão direita e a sua esquerda, e também muito gado?” (GORODOVITS; FRIDLIN, 2012, Jn 3).

¹¹ “A desigualdade das condições sociais é uma Lei da Natureza? ‘Não; é obra do homem, não de Deus.’ Essa desigualdade desaparecerá algum dia? ‘Só as Leis de Deus são eternas. Não vês a desigualdade diminuir pouco a pouco a cada dia? Desaparecerá quando o egoísmo e o orgulho deixarem de predominar, restando apenas a desigualdade do merecimento. Dia virá em que os membros da grande família dos filhos de Deus não mais se considerarão como de sangue mais ou menos puro. Só o Espírito é mais ou menos puro, e isso não depende da posição social” (KARDEC, 2013d, it. 806, 806-a).

[ser humano], nem pelo nascimento, nem pela morte; diante dele, todos são iguais” (KARDEC, 2013d, it. 803).

MNT::Rule

Relationships: specializes MNTe::Ethical Norm.

Description of the concept: Rule is a regulation which is accomplished or not.

Rule (regra), segundo Griffo Becalli (2018), é uma ordem que é cumprida ou não, satisfeita ou não. Um exemplo é a *Lei de Liberdade* expressa em *O Livro dos Espíritos* sobre escravidão¹²; a ordem implícita é não escravizar, e não há posição intermediária possível.

MNT::Teaching

Relationships: specializes MNTe::Ethical Norm.

Description of the concept: The class Teaching represents a cognitive process that results from a sapiential genre discourse and can cause a learned lesson, whether by gained experience, by example, or by study.

A classe *Teaching* (ensinamento) representa um processo cognitivo que resulta de discurso de gênero sapiencial e pode derivar em uma lição apreendida, seja pela experiência adquirida, pelo exemplo ou pelo estudo.

MNT::Praise

Relationships: [end of path]¹³

¹² Resposta à questão 829: “Toda sujeição absoluta de um homem a outro homem é contrária à Lei de Deus. A escravidão é um abuso da força e desaparecerá com o progresso, como desaparecerão pouco a pouco todos os abusos.” (KARDEC, 2013d).

¹³ Da mesma forma que relatado na [Nota de rodapé 7](#), os conceitos *Praise*, *Supplication*, *Thanksgiving* (louvor, súplicas, ação de graças) são inconclusivos para o autor quanto aos relacionamentos na *OntoM*. Seguindo o disposto por Falbo (2017), nossa intuição é de que essas classes sejam “triggering events” de *UFO-C::Disposition* que, por sua vez, especializa *UFO-A::Intrinsic Moment*.

Description of the concept: The act of praying include praise: “What is the general nature of prayer? ‘Prayer is an act of worship. Praying to God is a mean to think, get closer and communicate with God. A person who prays may do three things: *praise*, ask and offer thanks’ (IDEAK, 2021e, it. 659, our emphasis).

O ato religioso de orar, na oração ou prece, inclui o louvor (*praise*) a Deus: “Qual o caráter geral da prece? ‘A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nele; é aproximar-se dele; é pôr-se em comunicação com Ele. Pela prece podemos fazer três coisas: louvar, pedir, agradecer” (KARDEC, 2013d, it. 659). Os exemplos clássicos de louvor a Deus nos *tiM* são os *Salmos*.

MNT::Supplication

Relationships: [end of path]¹⁴

Description of the concept: The act of praying include supplication (ask): “What is the general nature of prayer? ‘Prayer is an act of worship. Praying to God is a mean to think, get closer and communicate with God. A person who prays may do three things: praise, *ask* and offer thanks’ (IDEAK, 2021e, it. 659, our emphasis).

A oração pode, além de louvar a Deus, pedir, suplicar por auxílio em rogativa para si e para outros, conforme relatado em *MNT::Praise*.

MNT::Thanksgiving

Relationships: [end of path]¹⁵

Description of the concept: The act of praying include thanksgiving (offer thanks): “What is the general nature of prayer? ‘Prayer is an act of worship. Praying to God is a mean to think, get closer and communicate with God. A person who prays may do three things: praise, ask and *offer thanks*’ (IDEAK, 2021e, it. 659, our emphasis).

¹⁴ Ver [Nota de rodapé 13](#).

¹⁵ Ver [Nota de rodapé 13](#).

A prece pode, além de louvar e pedir a Deus, agradecer pelo auxílio recebido, conforme relatado em *MNT::Praise*. Por dedução, pode-se concluir que uma oração completa deve conter os três atos.

MNT::Verse-or-Item

Relationships: is nested by MNTh::Composition;
is content of MNT::Chapter-or-Surah.

Description of the concept: Verse or item are the smaller index units in the institutional texts of Monotheism, equivalent to “sentence” on Ricoeur’s hermeneutic theory (KLEMM, 1983). Index key: itbpchsVEIT (4 dig).

O versículo, verso ou item é a menor unidade de organização dos textos institucionais, que corresponde à *frase*, na Hermenêutica de Paul Ricoeur. Chave indexadora: itbpchsVEIT (4 dig).

MNT::Chapter-or-Surah

Relationships: is nested by MNTh::Composition;
is content of MNT::Book-or-Part;
is an aggregation of MNT::Verse-or-Item.

Description of the concept: Chapter, surah, surata are an organization units of books or parts, and an aggregation of verses. Index key: itbpCHSveit (3 dig).

Capítulo, sura, surata ou suratu são unidades de organização dos livros ou partes, além de uma agregação de versículos. Chave indexadora: itbpCHSveit (3 dig).

MNT::Book-or-Part

Relationships: is nested by MNTh::Composition;
is content of MNT::Institutional text;
is an aggregation of MNT::Chapter-or-Surah.

Description of the concept: Book or parts are organization units of the institutional texts, and an aggregation of chapters or surahs. Index key: itBPchsveit (2 dig).

Livros ou partes são unidades de organização dos textos institucionais, além de uma agregação de capítulos ou suras. Chave indexadora: itBPchsveit (2 dig).

MNT::Intitutional text

Relationships: specializes UFO::Physical Object¹⁶;
is an aggregation of MNT::Book-or-Part.

Description of the concept: The institutional texts (IT) of Monotheism considered in our research are: Tanakh (Judaism), Bible and Kardecian Pentateuch (Christianity) and Quran (Islam), called “work” on Ricoeur’s hermeneutic theory (KLEMM, 1983). Due to the index key ITbpchsveit (2 dig), we have Tanakh: IT=01, Bible: IT=02, Quran: IT=03, The Spirits’ Book: IT=04, The Mediums’ Book: IT=05, The Gospel according to Spiritism: IT=06, Heaven and Hell: IT=07, and The Genesis: IT=08.

São os textos institucionais do Monoteísmo considerados nesta tese: Tanakh (Judaísmo), Bíblia e Pentateuco Kardeciano (Cristianismo) e Alcorão (Islamismo), equivalentes à categoria *obra* Hermenêutica de Paul Ricoeur (2006, p. 164–165). De acordo com a chave indexadora ITbpchsveit (os dois primeiros dígitos), temos Tanakh: IT=01, Bíblia: IT=02, Alcorão: IT=03, O Livro dos Espíritos: IT=04, O Livro dos Médiuns: IT=05, O Evangelho segundo o Espiritismo: IT=06, O Céu e o Inferno: IT=07, e A Gênese: IT=08.

MNTe::Ethical Norm

Relationships: specializes MNTe::Ethical Object;
is content of MNTe::Ethical Normative Description.

Description of the concept: Ethical norm is the content of Ethical Normative Description, *i.e.*, the meaning of it.

¹⁶ “UFO-C’s main distinction is the one between agentive and non-agentive substantial individuals, termed Agents and Objects, respectively. Both Agents and Objects can be Physical or Social. [...] Physical Objects include a book, a tree, a car, while Social Objects include money, language and a project” (FALBO, 2017).

Ethical Norm (norma ética) é o conteúdo (ou significado) do enunciado em *Ethical Normative Description*, e que conterà um ou mais valores éticos de conduta de *MNT::Principle*, *MNT::Rule*, *MNT::Teaching*. Sua definição foi inspirada em *UFO-L::Legal Norm* (GRIFFO_BECCALLI, 2018, p. 107–108, 128).

MNTe::Ethical Normative Description

Relationships: specializes *UFO::Normative Description*;
specializes *MNTe::Ethical Object*;
defines *MNTe::Ethical Object*.

Description of the concept: *Ethical Normative Description* is the formalization of *MNTe::Ethical Norm*, normally in text.

Ethical Normative Description é o texto, a formalização de uma norma ética¹⁷.

MNTe::Ethical Object

Relationships: specializes *UFO::Social Object*;
is recognized by *UFO::Physical Agent*;
is recognized by *MNTe::Ethical Agent*.

Description of the concept: An *Ethical Object* is any media artifact that aims to disseminate ethical content.

Um objeto ético (*Ethical Object*) é todo artefato de mídia que tem por objetivo disseminar um conteúdo ético. Ex.: filmes, livros, panfletos, áudios etc.

MNTe::Ethical Agent

Relationships: specializes *UFO::Social Agent*.

¹⁷ Tipo inspirado em Griffo Beccalli (2018, p. 103): Uma *Legal Normative Description* é o texto, a forma de uma norma jurídica. Uma entidade jurídica é definida por uma ou mais *Legal Normative Description* (e.g. um texto de lei, constituição, contrato).

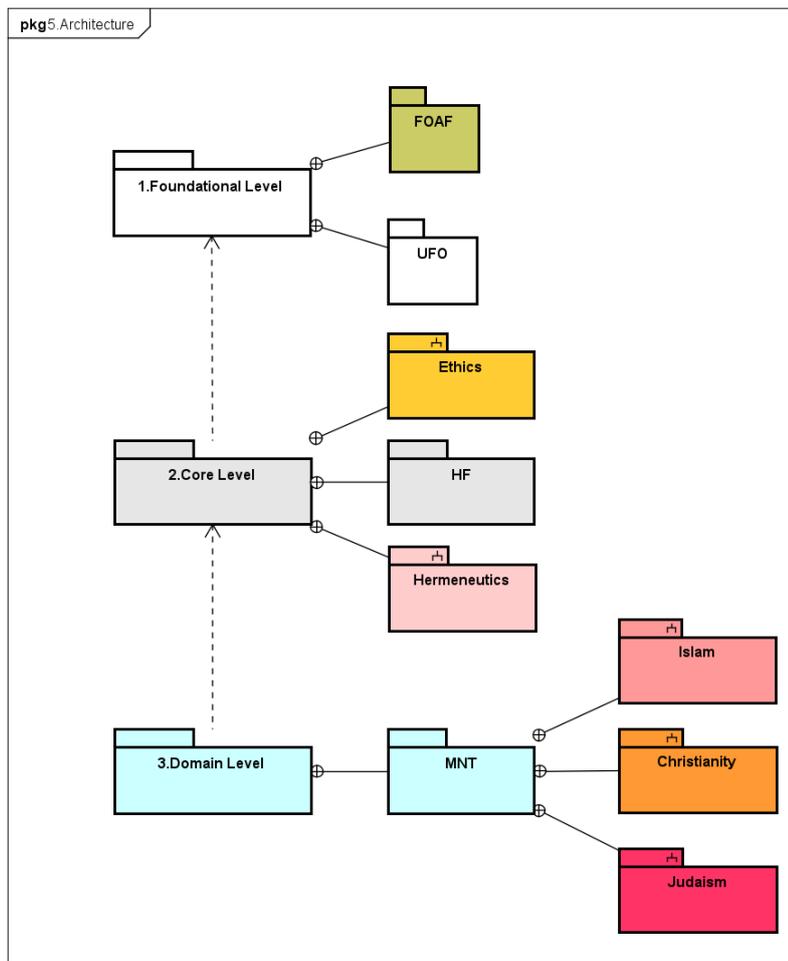
Description of the concept: The class Ethical Agent is an organization which recognize the content of ethical object and act like it.

O agente ético é um coletivo que reconhece e coloca em prática o disposto no objeto ético.

9.2 ARQUITETURA DA ONTOM

A [Figura 20](#) demonstra a arquitetura da Ontologia do Monoteísmo, explicitando os três níveis da rede — *Foundational*, *Core* e *Domain* —, interdependentes entre si, e cada sub-ontologia que os compõem.

Figura 20 – Arquitetura da Ontologia do Monoteísmo.



Fonte: Elaborado pelo autor.

As contribuições que nossa pesquisa oferece em retorno à sociedade e podem ser generalizadas estão sintetizadas nesta imagem. Em primeiro plano, ressaltamos a estrutura da rede de ontologias, a organização dos níveis, das classes e relações, o reuso e a apropriação dos vocabulários de fundamentação e das teorias hermenêuticas. Em segundo, temos quatro novos tipos propostos na sub-ontologia MNTE (*Monotheism ethics*), que são classes inéditas que medeiam os princípios, regras e ensinamentos religiosos com as normas da sociedade. E, finalmente, as classes e relações extraídas dos textos monoteístas de maneira inédita neste contexto de união de conceitos comuns do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.

FOAF e UFO têm seus tipos reusados no nível de fundamentação, enquanto as categorias apropriadas da Hermenêutica da Faticidade (HF) de Martin Heidegger e da Hermenêutica Filosófica de Paul Ricoeur estão no nível central. Este nível também acolhe as classes voltadas à ética propostas nesta tese. O nível do domínio monoteísta contém os tipos comuns extraídos dos textos institucionais do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo: o Tanakh, a Bíblia, o Alcorão, o Livro dos Espíritos, o Livro dos Médiuns, o Evangelho segundo o Espiritismo, o Céu e o Inferno, e A Gênese, conforme demonstramos na [Seção 8.1.4](#).

9.3 CASOS DE USO

Os exemplos a seguir usaram as mesmas bases de dados do Tanakh, da Bíblia, do Alcorão e do Pentateuco Espírita, conforme referenciado nas citações. As instanciamentos, desta forma, são estáveis na indexação dos versículos e itens, já que não há alteração estrutural nos livros.

Caso 1: a profecia de Joel

Esta profecia foi codificada, registrada no Tanakh, a Bíblia hebraica. A mesma profecia é repetida no Antigo Testamento da Bíblia cristã, e aparece no Novo Testamento, no livro de Atos dos Apóstolos, num discurso de Pedro, discípulo de Jesus. Finalmente, em A Gênese, de Kardec, a profecia tem seu cumprimento registrado, é comentada e explicada, como pode ser visto nas citações abaixo:

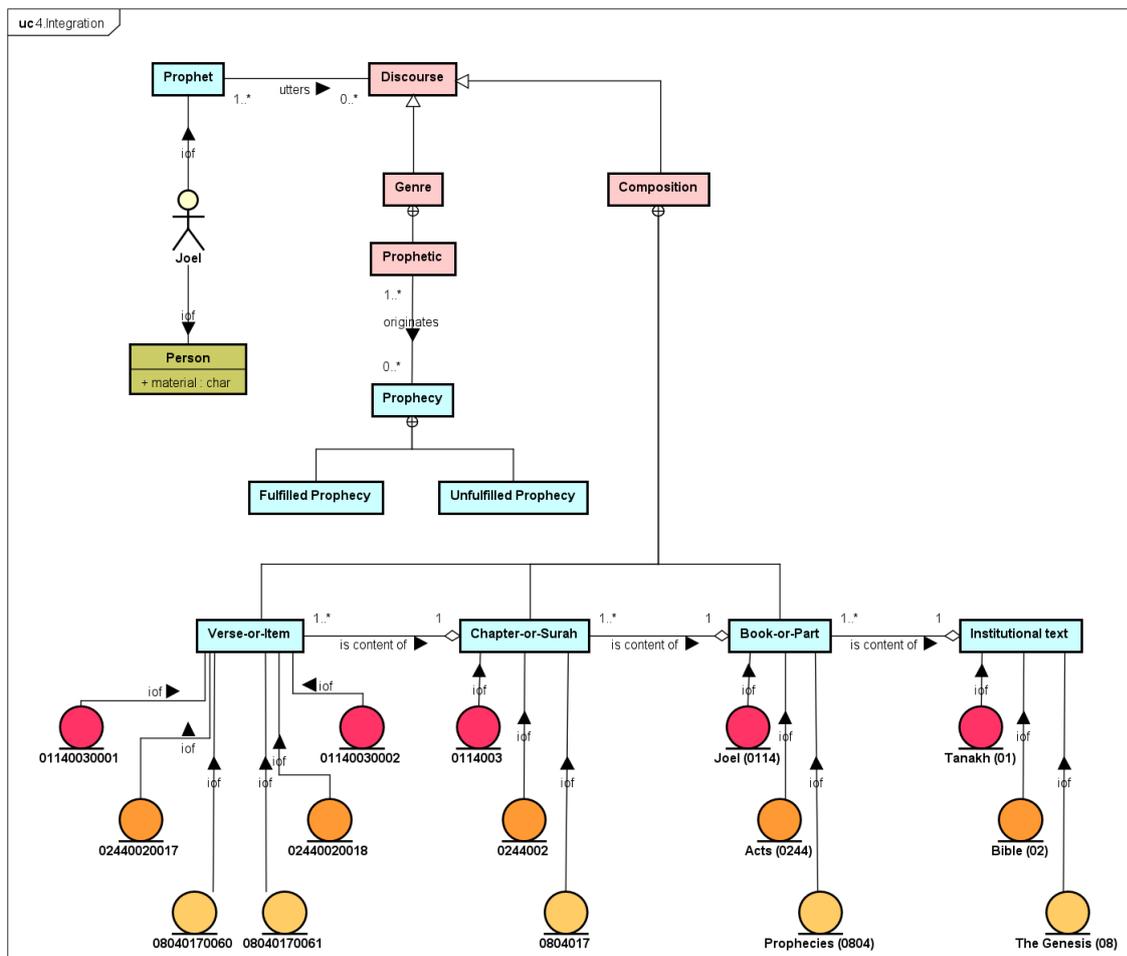
[Tanakh] E ocorrerá então que derramarei Meu espírito sobre toda carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos anciãos terão revelações e sonhos, e visões ocorrerão a vossos jovens. Também sobre vossos escravos e escravas verterei Meu espírito naqueles dias ([GORODOVITS; FRIDLIN, 2012](#), Jl 3:1–2).

[Bíblia] E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos; até sobre os meus servos e

sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão (SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, 1993, At 2:17–18).

[A Gênese] Se considerarmos o estado atual do mundo físico e do mundo moral, as tendências, aspirações e pressentimentos das massas, a decadência das ideias antigas que em vão se debatem há um século contra as ideias novas, [...] não poderemos deixar de convir em que muitas das suas predições se estão presentemente realizando; donde a conclusão de que atingimos os tempos anunciados, o que confirmam, em todos os pontos do globo, os Espíritos que se manifestam. Como vimos, coincidindo com outras circunstâncias, o advento do Espiritismo realiza uma das mais importantes predições de Jesus, pela influência que ele forçosamente tem de exercer sobre as ideias. Ele se encontra, além disso, anunciado, em os Atos dos Apóstolos: “Nos últimos tempos, diz o Senhor, derramarei do meu Espírito sobre toda carne; vossos filhos e filhas profetizarão.” É a predição inequívoca da vulgarização da mediunidade, que presentemente se revela em indivíduos de todas as idades, de ambos os sexos e de todas as condições; a predição, por conseguinte, da manifestação universal dos Espíritos, pois que sem os Espíritos não haveria médiuns [...] (IDEAK, 2021a, cap. XVII, it. 60–61).

Figura 21 – Caso 1: discurso em gênero profético.



Fonte: Elaborado pelo autor.

O modelo do caso desta profecia está demonstrado na [Figura 21](#). O ícone da pessoa Joel, bem como as esferas na parte inferior da imagem representando os textos, são as *instâncias* ou *indivíduos* das classes ou tipos da ontologia. Joel é uma instância (*iof: instance of*) da classe *Prophet*, o papel de profeta exercido pela pessoa, da qual também é instância. Joel profere um discurso do gênero profético, o que origina uma profecia — que é cumprida (*Fulfilled Prophecy*). A composição (*Composition*) do discurso do profeta Joel é de frases (versículos — *Verse-or-Item*), que são conteúdo de capítulos, que compõem livros que, por sua vez, formam os textos institucionais do Monoteísmo. A menor unidade de indexação dos *tiM* são os versículos, que receberão as instâncias (esferas coloridas), que são os indexadores que apontam para o texto, a saber:

1. Tanakh, livro do profeta Joel capítulo 3, versículos 1 e 2 (Jl 3:1–2)
 - O Tanakh é o primeiro livro do domínio: [01]
 - O livro de Joel é o décimo quarto do Tanakh¹⁸: [0114] (01 do Tanakh, 14 do livro)
 - O capítulo é o terceiro: [0114003]
 - Os versículos são um e dois: [01140030001] e [01140030002]

2. Bíblia, livro dos Atos dos Apóstolos, capítulo 2, versículos 17 e 18 (At 2:17–18)
 - A Bíblia é o segundo livro do domínio: [02]
 - Atos é o 44º livro da edição: [0244]
 - Capítulo dois: [0244002]
 - Versículos 17 e 18: [02440020017] e [02440020018]

Uma profecia pode se cumprir ou não; o que determina se houve o cumprimento são entidades na composição do discurso, ou seja, são versículos, frases do próprio domínio monoteísta que confirmam a proposição: são chamados *criadores de verdade* ou *truthmakers* (AMARAL; GUIZZARDI, 2019). O *truthmaker* da profecia de Joel está no livro A Gênese, de Kardec, o oitavo entre os *tiM*, quarta parte, capítulo 17, itens 60 e 61, o que forma os indexadores [080400170060] e [080400170061].

¹⁸ Joel é o 14º livro na versão escolhida e referenciada na citação. Pode haver variação na composição dos livros, bem como de capítulos e versículos.

Caso 2: médiuns inspirados

A base deste caso é o trecho no Alcorão da Sura 4, em citação abaixo, em que o Anjo Gabriel¹⁹, Espírito que ditou o livro sagrado do Islã ao profeta Muhammad, narra como os profetas foram inspirados. O registro corânico se refere aos textos judaico e bíblico do Êxodo e da segunda carta de Paulo a Timóteo, respectivamente. O fenômeno da mediunidade inspirada é esclarecido em O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec.

[Tanakh] E (Deus) disse a Moisés (antes da Revelação do Sinai): 'Sobe ao Eterno — tu e Aarão, Nadav, Avihú e 70 dos anciãos de Israel —, e vos prostrareis de longe (GORODOVITS; FRIDLIN, 2012, Ex 24:1).

[Bíblia] Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra (SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, 1993, 2Tm 3:16–17).

[Alcorão] Inspiramos-te, assim como inspiramos Noé e os profetas que o sucederam; assim, também, inspiramos Abraão, Ismael, Isaac, Jacó e as tribos, Jesus, Jó, Jonas, Aarão, Salomão, e concedemos os Salmos a Davi. E enviamos alguns mensageiros, que te mencionamos, e outros, que não te mencionamos; e Deus falou a Moisés diretamente (PROFETA MUHAMMAD, 2018, Su 4:163–164).

[O Livro dos Médiuns] Todo aquele que, tanto no estado normal, como no de êxtase, recebe, pelo pensamento, comunicações estranhas às suas ideias preconcebidas, pode ser incluído na categoria dos médiuns inspirados. Estes, como se vê, formam uma variedade da mediunidade intuitiva [...] As respostas seguintes confirmam esta asserção: a) Qual a causa primária da inspiração? 'O Espírito que se comunica pelo pensamento.' b) A revelação das grandes coisas não é que constitui o objeto único da inspiração? 'Não, a inspiração se verifica, muitas vezes, com relação às mais comuns circunstâncias da vida. [...] c) Um autor, um pintor, um músico, por exemplo, poderiam, nos momentos de inspiração, ser considerados médiuns? 'Sim, porquanto, nesses momentos, a alma se lhes torna mais livre e como que desprendida da matéria; recobra uma parte das suas faculdades de Espírito e recebe mais facilmente as comunicações dos outros Espíritos que a inspiram.' (IDEAK, 2021d, Segunda Parte, cap. XV, it. 182–183).

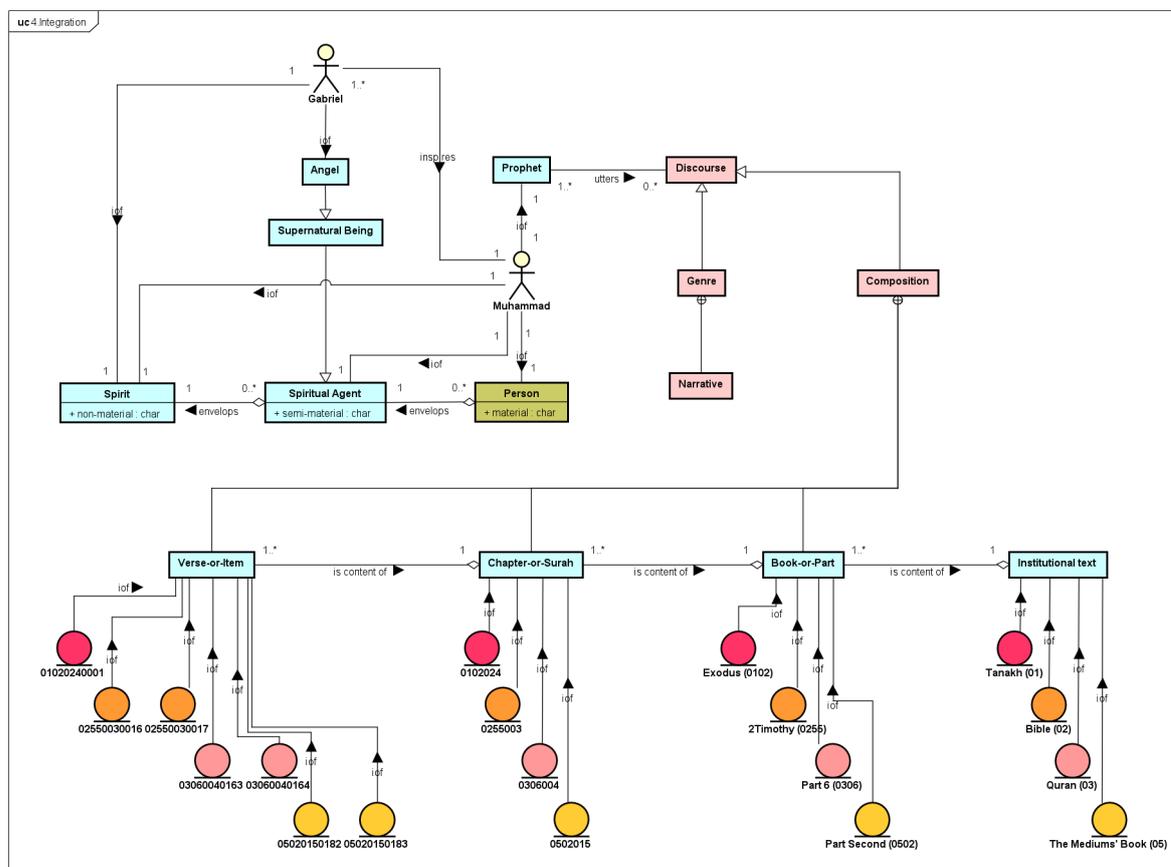
A modelagem do *Caso 2*, com classes e instâncias envolvidas, está representada na [Figura 22](#).

Temos dois *atores* no caso: Gabriel e Muhammad. Gabriel é indivíduo (ou instância) da classe *Angel*, uma especialização²⁰ da classe *Supernatural Being* que, por sua vez, especializa *Spiritual Agent*. Não há registro nos textos de Gabriel em corpo físico, atuando como pessoa na realidade material; isto implica que Gabriel *não é* instância da classe *Person*, como Muhammad. O profeta do Islã pode ser instanciado

¹⁹ "Nela descem os anjos e o Espírito (Anjo Gabriel), com a anuência do seu Senhor, para executar todas as Suas ordens" (PROFETA MUHAMMAD, 2018, Su 97:4).

²⁰ Assim como *Supernatural Being* é uma generalização da classe *Angel*. Uma instância ou indivíduo é o último nível de modelagem e não pode ser especializado.

Figura 22 – Caso 2: discurso em gênero narrativo.



Fonte: Elaborado pelo autor.

nas classes *Person*, *Spiritual Agent* e *Spirit*, conforme a teoria do aspecto trino do ser humano, implícita no Tanakh²¹, na Bíblia²² e no Alcorão²³, e explicitada no Pentateuco Kardeciano, nos dois capítulos iniciais de O Livros dos Espíritos (KARDEC, 2013d).

Muhammad, instância da classe *Prophet*, inspirado pelo anjo Gabriel, profere discursos que são codificados numa composição de partes, suras e versos, em gênero literário narrativo, que é dependente dos códigos gramaticais da frase (verso ou versículo) (RICOEUR, 2006, p. 164–165). As instâncias retratadas na Figura 22 para

²¹ Como as passagens em Gênesis 18:1 e 32:25, conforme (CHABAD-LUBAVITCH MEDIA CENTER, 2021a).

²² Paulo é o mais claro em suas manifestações nas epístolas, como em (ÉCOLE BIBLIQUE DE JÉRUSALEM, 2010, 1Cor 15:35–49, 2Cor 5:10).

²³ “Allah leva as almas, ao morrerem, e a que não morre, Ele a leva, durante seu sono [...]” (AL-MADINAH AL-MUNAUJARA H K.S.A., 1999, Su 39:42), diz o Alcorão, em curiosa sintonia com a questão 401 de O Livro dos Espíritos: “Durante o sono, a alma repousa como o corpo? ‘Não, o Espírito jamais está inativo. Durante o sono, afrouxam-se os laços que o prendem ao corpo e, não precisando este então da sua presença, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos’ (KARDEC, 2013d), que explica a emancipação da alma durante o sono do corpo físico.

as classes *Institutional text*, *Book-or-Part*, *Chapter-or-Surah* e *Verse-or-Item* apontam para os textos citados acima.

Caso 3: ética do perdão

A interconexão de diferentes realidades pela ética, descrita na [Seção 8.1.3](#), necessita de nossa abertura, enquanto pesquisador, ao processo de *distanciamento e atemporalidade* para o alargamento do horizonte do texto, como sugeriu Paul Ricoeur (1987) na sua *Teoria da Interpretação*, significando isso o afastamento do autor e do contexto em que o texto foi produzido. O pensador lembra a *omnitemporalidade* do sentido que abre os textos a novos e incógnitos leitores. Não há, portanto, fechamento hermenêutico pela compreensão do endereçado original do discurso ou do texto — a plateia e leitores da época. “As cartas de Paulo não são menos dirigidas a mim do que aos Romanos, aos Gálatas, aos Coríntios e aos Efésios”, encerra Ricoeur²⁴. Faço este prelúdio para justificar que a base do nosso terceiro caso é o livro *O método 6: ética*, de Edgar Morin (2011), sinteticamente descrito na [Seção 4.6](#). Escolhemos o tema da *magnanimidade e perdão*, para os quais recolhemos os seguintes trechos nos [tiM](#).

[Tanakh] Assim direis a José: Rogo que perdoes, por favor, a falta de teus irmãos e seus pecados, que te fizeram mal. E agora, perdoa, rogo, o pecado dos servos do Deus de teu pai. E José chorou enquanto lhe falavam ([GORODOVITS; FRIDLIN, 2012](#), Gn 50:17).

[Bíblia] Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós; acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição ([SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, 1993](#), Cl 3:13–14).

[Alcorão] Sabe, portanto, que não há mais divindade, além de Deus e implora o perdão das tuas faltas, assim como das dos fiéis e das fiéis, porque Deus conhece as vossas atividades e os vossos destinos ([PROFETA MUHAMMAD, 2018](#), Su 47:19).

[O Evangelho segundo o Espiritismo] A misericórdia é o complemento da brandura, porquanto aquele que não for misericordioso não poderá ser brando e pacífico. Ela consiste no esquecimento e no perdão das ofensas. O ódio e o rancor denotam alma sem elevação, nem grandeza. O esquecimento das ofensas é próprio da alma elevada, que paira acima dos golpes que lhe possam desferir. Uma é sempre ansiosa, de sombria suscetibilidade e cheia de fel; a outra é calma, toda mansidão e caridade. [...] Há, porém, duas maneiras bem diferentes de perdoar: uma, grande, nobre, verdadeiramente generosa, sem pensamento oculto, que evita, com delicadeza, ferir o amor-próprio e a suscetibilidade do adversário, ainda quando este último nenhuma justificativa possa ter; a segunda é a em que o ofendido, ou aquele que tal se julga, impõe ao outro condições humilhantes e lhe faz sentir o peso de um perdão que irrita, em vez de acalmar; se estende a mão ao ofensor, não o faz com benevolência, mas com ostentação, a fim de poder dizer a toda gente: vede como sou generoso! Nessas circunstâncias, é impossível uma reconciliação sincera de parte a parte. Não, não há aí generosidade; há apenas uma forma

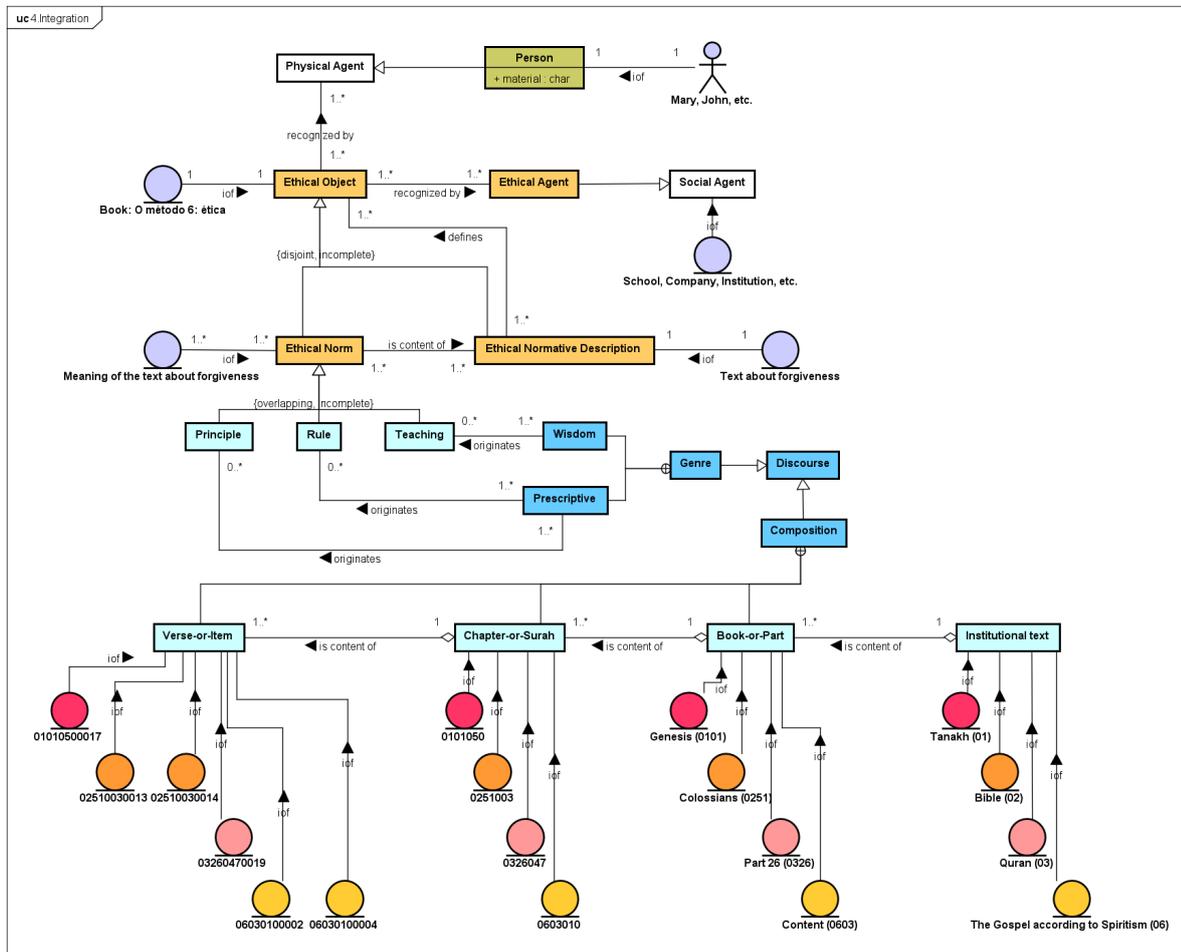
²⁴ Entendi procedente incluir esta última citação na epígrafe da tese pela força e a intensidade da afirmação do filósofo.

de satisfazer ao orgulho. Em toda contenda, aquele que se mostra mais conciliador, que demonstra mais desinteresse, caridade e verdadeira grandeza d'alma granjeará sempre a simpatia das pessoas imparciais (IDEAK, 2021c, cap. X, it. 2, 4).

Parece-me coerente usar um código ético contemporâneo, pois as normas de hoje são diversas das da época em que os textos foram codificados, registrados para a posteridade. Se for verdadeiro que, como disse o discípulo Pedro, “a palavra do Senhor, porém, permanece eternamente” (SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, 1993, 1Pd 1:25), os valores e princípios expressos nos textos religiosos *devem resistir ao progresso ético da sociedade em todos os tempos*, ou não teriam utilidade alguma para nós e estariam obsoletos há muito. Ao que indica minha breve pesquisa, os princípios morais estão nos textos e continuam atuais, embora a precariedade do método, essencialmente uma busca sintática nos textos por palavras-chave. Antecipando um possível trabalho futuro, com o texto de Morin *treinando* um algoritmo de IA como o BERT, poderíamos encontrar outras frases nos textos institucionais do Monoteísmo com proximidade semântico-contextual (PSC). Poderíamos usar a ética da religião — tolerância, liberdade, amor etc. — ou da compreensão (MORIN, 2011b) como base, ou mesmo a ética global de Hans Küng, num virtual processo de *engenharia reversa*, em que partimos de uma premissa da atualidade e buscamos os fundamentos nos textos religiosos. O ponto de partida são subsídios do mundo do leitor — a teoria ética de Edgar Morin que são usados para buscar no mundo do texto as passagens religiosas que tenham proximidade semântico-contextual (PSC). Porquanto os códigos morais e éticos estejam sujeitos ao progresso da sociedade, estamos falando de um sistema que, a qualquer tempo, poderá validar se a mensagem religiosa monoteísta resiste ao confronto das mudanças culturais, sociais e políticas. O modelo com o caso da ética do perdão está representado na Figura 23.

O livro de Morin (2011) é o objeto ético com os códigos generativos, gramatical no nível da frase e literário no nível do discurso (RICOEUR, 2006, p. 165), que contém o texto sobre o perdão, instância de *Ethical Normative Description*. Os versículos e itens citados e relacionados aos escritos de Morin sobre a magnanimidade e o perdão como, por exemplo, “perdoar é um ato limite, muito difícil, que não implica somente a renúncia à punição, mas comporta uma dissimetria essencial: em lugar do mal pelo mal, devolve o bem pelo mal” (MORIN, 2011b, p. 127), estão representados pelas esferas na parte inferior da imagem. São instâncias dos tiM formadas pela mesma lógica dos casos anteriores — uma chave indexadora com onze dígitos. Ao analisarmos os textos, consideramos que fazem parte dos gêneros literários *Wisdom* e *Prescriptive*, ou seja, mensagens que suscitam sabedoria e discernimento em um aspecto, e normas e preceitos por outro. Conforme o modelo na Figura 23, o primeiro origina ensinamentos

Figura 23 – Caso 3: objeto ético contemporâneo.



Fonte: Elaborado pelo autor.

(*Teaching*), enquanto os do gênero *Prescriptive* originam regras e princípios. *Rule* (norma, regra) é uma ordem que é cumprida ou não, enquanto *Principle* (princípio) é uma norma que tem uma escala de otimização, e que pode ser satisfeita em maior ou menor grau, conforme tipologia proposta por Griffo Becalli (2018, p. 107). Uma norma ética se especializa em princípios, regras e ensinamentos, não de forma exclusiva²⁵, e tem sua concretização, é formalizada em *Ethical Normative Description*; ou seja, esta última é o texto que descreve a norma ética, e seu significado, o sentido da mensagem textual, é *Ethical Norm*. As duas classes, *Ethical Norm* e *Ethical Normative Description* se generalizam em *Ethical Object* de forma exclusiva (*disjoint*), configurando objetos éticos — artefatos de mídia como livros, filmes, áudios etc. Esses objetos éticos são reconhecidos por indivíduos (Mary, John, etc. → *Person* → *Physical Agent*), ou por

²⁵ A indicação *overlapping* indica que *Ethical Norm* pode ser membro de mais de uma das classes especializadas (*Principle*, *Rule*, *Teaching*); a restrição de especialização *incomplete* define que apenas alguns indivíduos da classe-pai *Ethical Norm* são especializados.

coletivos (*Ethical Agent* → *Social Agent*), quando organizações, governamentais ou não, reconhecem e incorporam os valores éticos às suas boas práticas e diretivas internas.

Recordamos Hans Küng, neste ponto de nosso experimento mental baseado na Ontologia do Monoteísmo, e sua convocação no *agir ético*:

Assim, como a responsabilidade social e ecológica das empresas não pode simplesmente ser delegada para os políticos, a responsabilidade moral e ética não pode ser empurrada para a religião. Há empresários que, já à mesa em sua casa, são inquiridos por seus filhos e filhas se uma tal divisão entre economia e moral, entre negócio lucrativo lá fora e vida privada ética, é digno de crédito. A ação ética não pode ser simplesmente um acréscimo privado de conceitos de marketing, de estratégias de concorrência, de administração ecológica e balanço social. O agir ético deve constituir o quadro óbvio do comportamento humano e social. Para funcionar socialmente e estar ecologicamente regulamentada, também a economia de mercado necessita de pessoas imbuídas de determinadas convicções e posturas (KÜNG, 1993, p. 56).

Parte IV

Epílogo

10 REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO

Várias percepções emergiram em mim durante esta pesquisa, em especial com relação ao tema da educação. Julguei procedente compartilhar minhas reflexões com a leitora e com o leitor. Tornou-se lugar-comum a afirmação de que a solução dos problemas está na educação. Apesar da trivialidade da asserção, foi a minha constatação ao final da tese, especialmente no domínio religioso. O problema de pesquisa consolidou-se em torno de dois verbos profundamente ligados à capacidade cognitiva das pessoas, e que se adquirem pela via da (boa) educação: INTERPRETAR e CONHECER. Ao optar por um processo educativo baseado em dogmas, ritos e liturgias, indemonstráveis e indiscutíveis, as religiões fizeram a escolha pelo adepto que não questiona e que não se desvia de um caminho pré-traçado, muito similar ao militarismo, que exige obediência cega e lealdade acima da moralidade. A marcha do progresso, em todas as áreas do saber e do viver humano, não pode ser detida, e não é diferente na realidade espiritual, no conhecimento religioso.

No experimento mental que fizemos mostrando as duas realidades em que o ser humano está inserido, material e espiritual, ao relatarmos a nossa metodologia ([Seção 8.1](#)), nos perguntamos quem seriam os “donos” desses mundos, quem comandaria as diferentes realidades. Para entender a questão, tive de recorrer a Morin e sua teoria sobre os sistemas de ideias e os paradigmas, como registramos na [Seção 4.4](#). O filósofo afirma que o núcleo duro de um sistema de ideias “é constituído de postulados indemonstráveis e de princípios ocultos (paradigmas) [e] determina a recusa ou a ignorância do que contradiz a sua verdade e escapa aos seus critérios” ([MORIN, 2011a](#), p. 160–161). O núcleo duro de um sistema tem uma zona cega, completou Morin, e eu fiquei a pensar: quais seriam essas “zonas cegas” inacessíveis ao olhar do vulgo, do gentio, do excluído, do oprimido?

Início pela realidade material e seu dono, o sistema financeiro. Os reinos e os governos passam, mas, os sistemas de finanças institucionalizados permanecem ao longo do tempo, independentemente de guerras e conflitos, como o caso dos bancos suíços que, sob o manto da neutralidade, continuaram lucrando enquanto o Holocausto acontecia ([SRG SSR, 2018](#)). Apenas em 2013 as indenizações aos sobreviventes foram concluídas, quase 70 anos depois de finalizada a Segunda Guerra Mundial. A zona cega do sistema financeiro está escondida por detrás da expressão *mercado*: a zona livre e libertina da ESPECULAÇÃO FINANCEIRA. Falamos de um pequeno grupo de pessoas, que representa 1% da população mundial, e que detém metade de toda a riqueza do planeta ([REUBEN, 2016](#)), uma autêntica “seita” esotérica, com seus

códigos criptografados e ritos ocultos¹. Estão neste grupo as pessoas que já receberam seu capital por herança ou contingência, mas também o empresário que, por seu mérito e capacidade, acumulou capital, mas “tende inevitavelmente a se transformar em rentista e a dominar cada vez mais aqueles que só possuem sua força de trabalho. Uma vez constituído, o capital se reproduz sozinho, mais rápido do que cresce a produção” (PIKETTY, 2014, p. 555). Por força da disseminação do conhecimento, o qual não pode ser contido *ad eternum*, este círculo fechado e restrito abre-se pouco a pouco, inclusive no Brasil; segundo a B3, a bolsa de valores brasileira, houve um incremento no último ano que ampliou a base de investidores para 3,8 milhões de pessoas, 1,78% da população do país (CAMPOS, Á., 2021). Corretoras digitais, que abriram na intenção de fazer o que os grandes bancos não fizeram, impulsionaram esse movimento. O discurso, entretanto, permaneceu o mesmo, como se pode ver em ações de propaganda que afirmam, *e.g.*, que a “especulação financeira é uma estratégia comum a quem participa do mercado de investimentos [...] Especular faz parte de um mercado saudável” (CLEAR, 2021). A Clear faz parte da XP, que foi comprada pelo Itaú, um dos grandes bancos privados que dominam o sistema financeiro no Brasil. Parafraseando Thomas Piketty, o passado devora o futuro; parafraseando Edgar Morin, um sistema elimina ou engole tudo que tende a perturbá-lo.

Enquanto o sistema de ideias financeiro se institucionalizou nos bancos, o religioso engendrou suas igrejas e templos sagrados. A realidade espiritual precisava ser dominada e uma sofisticada hierarquia eclesial foi criada. Um sistema de ideias é autocêntrico, disse Morin (MORIN, 2011a), conduz suas atividades em função de seus princípios e suas regras, e tende a tornar-se ortodoxo; é monopolista e autoritário, e também agressivo contra todo rival que vem contestá-lo em seu terreno. Mas, qual a zona cega do sistema religioso, aquele núcleo de conhecimento e poder só permitido aos *eleitos* e seus protegidos? Temos a resposta dispersa nos textos institucionais do Monoteísmo desde a Torá de Moisés, quando se adjetivava como abominação “quem consulte os mortos” (GORODOVITS; FRIDLIN, 2012, Dt 18:11), advertindo, com razão para aquele povo, naquela época, dos cuidados necessários sobre a COMUNICABILIDADE COM OS ESPÍRITOS. A Ontologia do Monoteísmo explicita o aspecto trinitário do ser humano com base em textos da Religião, com teorias da Filosofia e métodos da Ciência; por sermos seres que vivem simultaneamente nas duas realidades, material e espiritual, é natural que tenhamos a habilidade inata de *comunicação* entre os dois

¹ Haja vista a profusão de “produtos” em negociação, classificados como investimentos, grande parte sem lastro em ativos reais, de complexo entendimento e de difícil rastreamento e controle. As criptomonedas e o mercado de opções são exemplos, enquanto que a *venda de ações alugadas* me parece ser a maior aberração especulativa pelo seu potencial em manipular o mercado. Não posso vender um carro que aluguei, não posso vender uma casa que aluguei, mas, posso vender ações que aluguei, pondera Luiz Barsi Filho (2021), maior investidor individual do país, que conhece a fundo os códigos e ritos ocultos do mercado financeiro. Aluguel de ações é a nomenclatura popular para “empréstimo de ativos”. Não compartilhamos das posições reacionárias do senhor Barsi.

mundos. Kardec tratou da *mediunidade* na segunda parte de *O Livro dos Médiuns*, quando ensina que se trata de faculdade orgânica do ser humano, saliente em maior ou menor grau para cada pessoa, que independe da moral do indivíduo e que pode ser desenvolvida pela prática. Parece-me evidente a ameaça que um conhecimento como este representa para as religiões: em tornado comum ao vulgo, à plebe, que se tornaria capacitada a exercer esta comunicação de maneira segura e correta, retiraria a funcionalidade como intermediários de anjos e santos das mãos dos sacerdotes, pastores, rabinos etc., além de perder o monopólio do *lugar* de culto, pois “o vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito” (SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, 1993, Jo 3:8). Neste cenário, a mediunidade, faculdade inerente dos seres humanos, seria exercida com naturalidade e destemor, eliminando o medo da morte, sendo este, talvez, o maior motivador a reter fiéis sob o manto das religiões.

Se fôssemos educados convenientemente desde a infância, para as duas realidades, no sistema público e privado de ensino, penso que o quadro seria diverso. É sintomático que não tenhamos — mas seria transformador se tivéssemos — em nosso ensino fundamental e médio disciplinas de *Ensino das Religiões* e de *Ensino das Finanças*, desde que desprovidas de viés e focadas no crescimento moral e intelectual da aluna e do aluno. São as duas áreas reservadas aos *donos do mundo*, os que se apropriaram da realidade espiritual e da realidade material, e a quem interessa a manutenção da ignorância, pois *há a necessidade de contingente humano a ser explorado*, tanto material quanto espiritualmente. Obviamente, a primeira cátedra não pode ser responsabilidade das igrejas, assim como a segunda não pode estar sob as asas dos bancos. Um caminho de mudança poderia vir pela via *Política*, aqui iniciando com letra maiúscula e no sentido de agentes do fazer e do poder na governança pelo bem comum, visando “à verdadeira vida com e para o outro em instituições justas” (RICOEUR, 2014, p. 197); mas, tomando o exemplo brasileiro, percebo que nossa *política* está profundamente corrompida pelos donos do mundo. Outra alternativa seriam as mentes privilegiadas, os grande acadêmicos, educadores, filósofos e cientistas, influenciando positivamente nas suas áreas de autoridade, como formadores de cidadãos e cidadãs plenos. Temos, por certo, bons exemplos; contudo, os mais proeminentes acabam sendo aqueles que se comprazem no palco do niilismo ou do ateísmo, fortalecendo a ideia de que *não há necessidade* de conhecimento na área da religião, pois, além da ideia da existência de Deus ser uma quimera, nada subsiste à morte do corpo físico. O *bestselling author* Yuval Harari, por exemplo, escreveu que cientistas já submeteram o ser humano a inúmeros experimentos, “examinaram cada recanto de nossos corações e cada sulco em nossos cérebros. Contudo, até agora não descobriram nenhuma epifania mágica. A evidência científica de que, ao contrário dos porcos, os humanos têm alma é igual a zero” (HARARI, 2015, pos. 1793).

Trata-se de um processo negacionista que acontece em função de algumas das mazelas históricas de nossa civilização: ignorância e perversidade. Não há muito que se possa fazer pela segunda, já que se deve respeitar até mesmo a opção de um ser humano que escolhe ser perverso², embora não devamos conviver em paz com indivíduos e grupos que optam por essa vereda: há que prover o exemplo da benevolência e da humanidade, além de colocar limites ao perverso. Quanto à ignorância, contudo, sabemos que o caminho é a *educação*, ampla e universal, e sua consequente contribuição na aquisição, compreensão e utilização do *conhecimento*. A despeito das dificuldades e barreiras impostas que relegam uma parcela considerável da população à situação de *escravizada por não saber*, a via redentora virá pelo acesso universal ao conhecimento, em especial o financeiro e o religioso.

Temos o papel, enquanto agentes do saber, de fomentar as mudanças necessárias, desprovidos de orgulho, e movidos pelo desvelar do conhecimento até aqui oculto e restrito a poucos. Este é o sentido da frase em epígrafe atribuída a Jesus, no Evangelho de Mateus, em que censurava os escribas e fariseus que não entravam no Reino dos Céus, e nem deixavam entrar os que gostariam. Retirar todos os véus que estão colocados sobre o conhecimento e agir eticamente são responsabilidade e dever que nos cabe.

² É perverso aquele que, após conhecer e compreender, impede o acesso ao conhecimento aos demais; é perverso aquele que, em conhecendo e não conseguindo colocar em prática, proíbe outros de tentar; é perverso aquele que, ao adquirir conhecimento, usa-o para explorar outros seres humanos.

11 TRABALHOS FUTUROS

A tese se conclui com quatro grandes frentes de pesquisa que devem ser colocadas em andamento se quisermos avançar na concretização de resultados salutares para a sociedade, transcendendo a fronteira dos Saberes, envolvendo Fazer e Poderes, e transformando a realidade em que vivemos. A [Figura 24](#) demonstra graficamente quais foram os objetivos atingidos nesta tese e as possíveis consequências.

Data sets dos tiM

Já citamos anteriormente a dificuldade em encontrar bases de dados estruturadas ou semi-estruturadas, como as usadas na pesquisa, dos textos institucionais do Monoteísmo. Encontramos poucas opções, sempre em idioma inglês, da Bíblia Cristã e do Alcorão, como apontado na [Nota de rodapé 23](#) da [Seção 2.4.2](#). Os textos já estão disponíveis em meios digitais abertos, de maneira que há necessidade de se gerar *data sets* para o Tanakh e para o Pentateuco Kardeciano, semiestruturados em inglês. A disponibilidade dessas bases ampliaria a possibilidade de pesquisas na área de modelagem conceitual e ontologias, haja vista o cenário descrito na [Seção 1.2](#).

Versão operacional da OntoM

A fase de projeto da abordagem [SABiO](#) ([FALBO, 2014](#)) não foi completada, ou seja, a ontologia de referência, focada na representação do conhecimento foi desenvolvida e apresentada na tese, restando pela frente a elaboração da ontologia operacional, que tem por objetivo garantir as propriedades computacionais desejáveis. Essa foi a escolha que tivemos de fazer, a de enriquecer o modelo conceitual na plataforma Astah para proporcionar um ponto de partida sólido para a etapa de operacionalização da ontologia. Um dos fatores que nos levou por este caminho foi a versatilidade da plataforma em gerar código-fonte para várias linguagens de programação. Em seu modo padrão, o Astah consegue exportar¹ código em Java, C#, C++ e PHP. Recentemente, a empresa apresentou o *plugin*² M Plus que permite gerar códigos-fonte nas linguagens de programação Crystal, Go, JavaScript, Kotlin, Python, Ruby, Scala, Swift, TypeScript, Alloy e VDM++.

Uma aplicação computacional que teria prioridade seria a de possibilitar o mapeamento dos *data sets* para a localização e aquisição das frases (versículos e itens)

¹ O código HTML que pode ser acessado em <https://ontom.org/> foi exportado pelo Astah, assim como o arquivo de documentação em formato .rtf disponível em <https://github.com/estevaomello/OntoM>.

² Os *plugins* são programas menores que funcionam como módulos de extensão para acrescentar mais funções em programas maiores, como o Astah; o *plugin* M Plus foi liberado em setembro de 2021 e está disponível em <https://astah.net/product-plugins/m-plus-plugin-in/>.

nos *tiM*. Tal funcionalidade daria oportunidade para que houvesse interação com usuários, os quais poderiam realizar pesquisas e criar casos como os apresentados na [Seção 9.3](#).

Algoritmos de IA

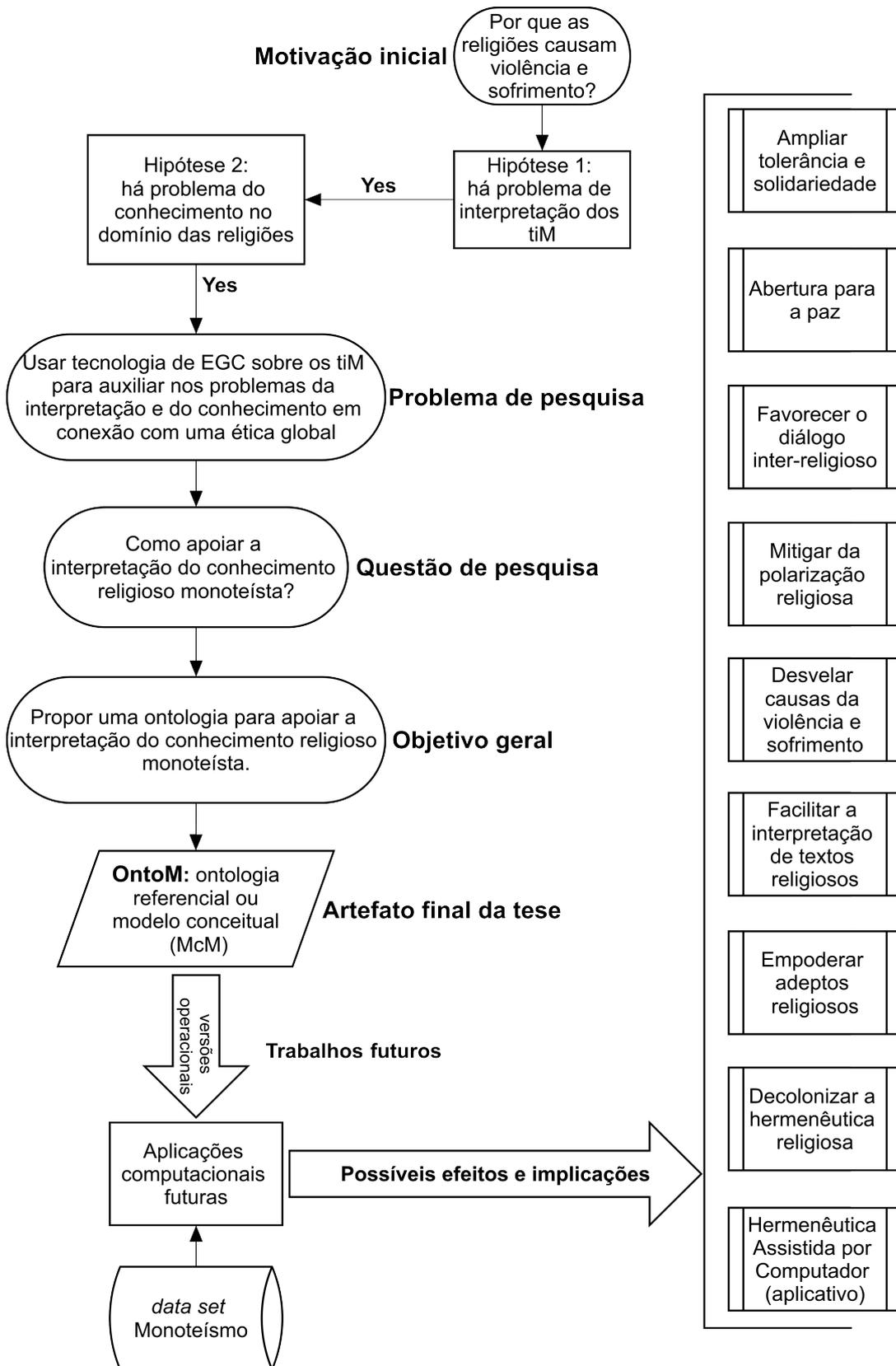
A disponibilidade de algoritmos como o *BERT*, que usam técnicas baseadas em redes neurais para pré-treinamento e sintonia fina de sistemas de processamento de linguagem natural ([NAYAK, 2019](#)), abre um estimulante campo de pesquisa sobre o *corpus* monoteísta. Os conceitos e relações estabelecidos na Ontologia do Monoteísmo podem ser usados para o *pre-training* do sistema. A cada novo caso de uso que for criado, estabelecem-se novas relações semânticas e contextuais, ampliando a capacidade de o sistema *entender e responder* perguntas sobre o domínio do Monoteísmo. Um experimento importante, similar ao Caso 3 ([Seção 9.3](#)), seria o de validar os princípios e valores encontrados na pesquisa de Hans Küng ([KÜNG; CONSELHO DO PARLAMENTO DAS RELIGIÕES MUNDIAIS, 1993](#))³, colocando-os como *MNTe::Ethical Norm* desejada, desdobrá-los em *MNT::Principle*, *MNT::Rule* ou *MNT::Teaching*, e verificar quais frases nos textos institucionais do Monoteísmo têm proximidade semântico-contextual.

Fazeres e Poderes

O aumento da capacidade de um sistema como o descrito acima é proporcional ao número de pessoas que interage com ele, da mesma maneira que acontece com um sistema de navegação GPS, por exemplo, que, ao receber o retorno dos motoristas, incrementa sua capacidade em resolver novos problemas e conflitos, além de adaptar-se a novas situações. Essa etapa que finaliza, da tese acadêmica, é, na terminologia da *EslneT*, enclausurada nos *Saberes*. Faz-se imprescindível, após a operacionalização da Ontologia do Monoteísmo, que se faça a abertura do processo para envolver os *Fazeres* e os *Poderes*, conforme descrevemos na [Seção 5.2.1.1](#).

³ São os já citados anteriormente: *Humanity, Golden Rule, Justice, Truthfulness, Equal rights and partnership, and Ecological responsibility*.

Figura 24 – Objetivos e implicações da Ontologia do Monoteísmo.



Fonte: Elaborada pelo autor.

CONCLUSÃO

Um pano rápido sobre as metas e fins que colocamos para a presente pesquisa. O problema de pesquisa (favor ver [Seção 3.2](#)) foi arrostado adequadamente, dado que usamos métodos científicos, técnicos e tecnológicos da Engenharia e Gestão do Conhecimento sobre os textos institucionais do Monoteísmo para auxiliar na solução das questões de hermenêutica e de conhecimento no domínio, incluindo parâmetros da ética. A questão de pesquisa, expressa na [Seção 3.2.1](#), foi solucionada com a proposição de representar os conceitos do domínio usando a tecnologia de ontologias, que permite a criação de uma base de conhecimento com classes, relações, instâncias e axiomas. Esse direcionamento da pesquisa nos permitiu *propor uma ontologia para apoiar a interpretação do conhecimento religioso monoteísta*, que foi o objetivo geral prenunciado na [Seção 3.2.2](#) e cumprido no [Capítulo 9](#). Quanto aos objetivos específicos ([Seção 3.2.3](#)), parece-nos que os cumprimos em bom termo: justificamos a inclusão dos textos cristãos do Pentateuco Kardeciano na [Seção 2.3](#), e do texto fundamental do Islamismo na [Seção 2.4](#), e apresentamos uma estratégia transdisciplinar — a EslneT — que, além de atender ao projeto da OntoM, agrega outros métodos de inter e transdisciplinaridade, como demonstramos na [Seção 5.2.1](#). O terceiro objetivo específico foi concebido para esclarecer à leitora e ao leitor sobre a utilidade da Ontologia do Monoteísmo, o artefato técnico e tecnológico que, em analogia com a construção de um edifício, seria o alicerce e a estrutura de concreto armado: visível apenas no início da obra, essas edificações vão se invisibilizando à medida da conclusão dos vários pavimentos ou andares. Não de forma exaustiva, elencamos cinco “andares” possíveis na [Seção 5.2.1.1](#), que são aplicações computacionais, baseadas na OntoM, para as áreas de religião, educação, saúde, segurança e governança. Seleccionamos e aplicamos teorias do campo da Filosofia que, ou foram apropriadas ou empregadas conforme concebidas por seus autores, para a interconexão dos conceitos da realidade espiritual com os da realidade material. A Hermenêutica da Faticidade de Martin Heidegger, a Hermenêutica Filosófica de Paul Ricoeur, e a Ética planetária de Edgar Morin e Hans Küng preencheram essas necessidades, como mostramos ao longo deste documento. Identificamos conceitos comuns do domínio monoteísta em resposta ao quinto objetivo específico, também de maneira limitada, não exaurindo as ocorrências, e os reportamos na [Seção 8.1.4](#). Escolhemos, prioritariamente, o que avaliámos ser conceitos-chave para a representação do conhecimento relacionado ao ser humano, ao aspecto profético das religiões, e à análise estrutural dos textos segundo Ricoeur. Finalmente, cumprimos o último objetivo específico verificando a Ontologia do Monoteísmo através das questões de competência, descritas no [Capítulo 8](#). Avaliámos, desta maneira, ter alcançado nossas metas para esta tese e ter contribuído com a mitigação de uma lacuna acadêmica, provendo um retorno à sociedade brasileira que

financiou minha pesquisa via CAPES⁴.

As contribuições que esta tese entrega à sociedade foram descritas na [Seção 9.2](#), mas reiteramos os aspectos de organização da rede de ontologias ordenada em níveis com classes e relações interconectados, o reuso e a apropriação dos vocabulários de [FOAF](#) e [UFO](#) e das teorias hermenêuticas de Heidegger e Ricoeur, além dos quatro novos tipos propostos na sub-ontologia dedicada à ética, e que são inéditos na mediação dos princípios, regras e ensinamentos religiosos com as normas da sociedade, com base nas teorias éticas de Morin e Küng. A contribuição mais relevante e que demandou maior dedicação, foram as classes e relações extraídas dos textos do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, de maneira inédita e original nesse contexto de união através de conceitos comuns. Este conjunto de contribuições — científicas, religiosas e filosóficas — nos permite projetar a utopia dos resultados mais desejados para a sociedade, aqueles com repercussão na realidade material dos seres humanos e que foram explicitados como possíveis consequências desta tese na [Figura 24](#).

Antecipo-me a eventuais objeções que possam emergir a partir da publicação desta tese. À provável crítica de que a definição atual de ontologia expressa por Studer e colegas⁵ foi maculado, pois a conceitualização apresentada na Ontologia do Monoteísmo não é compartilhada entre os grupos envolvidos, judeus, cristãos e muçulmanos, respondo que a [OntoM](#) é, de fato, uma conceitualização compartilhada e que isso pode ser verificado nos textos, como demonstramos na [Seção 8.1.4](#). Essa verificação não pode ser feita, contudo, a partir de determinadas exegeses feitas por pensadores confessionais que tem o claro fito de manter as fronteiras inter-religiosas em permanente estado de clausura e beligerância. Ao possível juízo de que a Ontologia do Monoteísmo resultou de uma análise do domínio *à luz do Espiritismo*, argumento que não há um tipo, uma classe sequer que tenha sido nominada com a terminologia própria criada por Allan Kardec ao codificar e organizar os textos enviados pelo Espírito de Verdade⁶. O que ocorreu, e me parece adequado do ponto de vista científico, é a predominância de uma teoria mais atual e desenvolvida em relação às mais antigas: o texto do Pentateuco Kardeciano é do século 19, o mais recente entre os [tiM](#) e, consequentemente, mais explícito, claro e detalhado. Foi o mesmo que fizemos com a Teoria da Complexidade de Edgar Morin. O pensador francês usou a Teoria Geral de Sistemas, a Teoria Cibernética⁷ e a Teoria da Informação⁸ para elaborar o seu trabalho

⁴ Recebi bolsa de estudos durante 48 meses de meu doutoramento, o que permitiu minha dedicação integral à tese; reitero meu agradecimento à CAPES e aos seus colaboradores ([MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2021](#)).

⁵ Com relatado na [Seção 7.1](#) (uma ontologia é uma especificação formal e explícita de uma conceitualização compartilhada).

⁶ Como, por exemplo, “perispírito”, “médium” e “espírita” ([KARDEC, 2011](#), Vocabulário espírita).

⁷ Teoria proposta por Norbert Wiener (1894–1964).

⁸ Proposta pelo matemático e engenheiro Claude Shannon (1916–2001).

(MORIN, 2013). Não houve necessidade de nos referenciarmos à obra *General System Theory* de 1969, escrita por Ludwig von Bertalanffy (1901–1972) (ALVES, J. B. d. M., 2012), por exemplo, posto que o conhecimento progride em todas as áreas, inclusive a religiosa, e se atualiza pelas necessidades da sociedade e do indivíduo.

Ao longo de nosso processo de doutoramento, iniciado em março de 2016, não encontramos nos textos institucionais do Monoteísmo incitação ao conflito ou ao ataque às demais religiões, nem por parte das atitudes e falas das personagens-chave de cada revelação, Moisés, Jesus, Maomé ou Kardec. Os *ditos e feitos* de cada um mostram, ao contrário, a orientação oposta. O que percebemos que existe, em especial nos integrantes das instituições religiosas, é a recusa em aceitar que a religiosidade humana é dinâmica e progride, como tudo em a natureza. Judeus tem dificuldade em aceitar que as profecias reveladas no Tanakh se cumpriram e foram apropriadas por outra religião, o Cristianismo; cristãos, por sua vez, não aceitam que a profecia-promessa do *Consolador* tenha se cumprido 1800 anos após ser proferida por Jesus e foi codificada por Kardec para reviver o *Cristianismo primitivo* de antes da institucionalização da religião; e muçulmanos permanecem enclausurados na crença de que o profeta Maomé é o *Mensageiro* último e definitivo. Embora não nos alinhemos com essas posições, vemos como um comportamento natural porque deriva, também, de um sentimento de pertença e de responsabilidade na preservação da tradição religiosa. Retorno ao argumento de que nem os profetas de cada religião, nem o conteúdo dos *tiM* promovem o conflito e *causam violência e sofrimento*⁹. Ficou claro para este pesquisador que são as *interpretações* equivocadas dos homens, em boa ou má fé, que geram conflitos, muitas delas elaboradas para preservar o poder da instituição religiosa em detrimento da mensagem amorosa e ética contida nos textos dos livros fundamentais. A institucionalização tem matado o *espírito da letra* e, nesse aspecto, usamos, enquanto agentes do saber, a teologia como *metodologia a serviço da preservação do poder religioso*.

Pareceu-me cristalino que o último baluarte em defesa da ideia de a espiritualidade ter de ser vivida atrelada à uma instituição religiosa é o *medo da morte*, o que está nela e além dela. Causa espécie a acadêmicos de escol que iletrados em religiões de origem africana, por exemplo, tenham experiências místicas e exerçam com desenvoltura a comunicação com entes do plano espiritual, interagindo com a mesma naturalidade com que interagem com pessoas no plano material. A vulgarização da experiência mística ou espiritual, em outros lugares que não os institucionalizados, têm exercido pressão notadamente nos ambientes da Ciência da Religião, onde os temas da *mística* e da *espiritualidade* estão em evidência. A percepção de que experiência

⁹ Referência à aflitiva questão que abriu nossa defesa doutoral “Por que as religiões causam violência e sofrimento?”

mística e experiência espiritual são o mesmo, e de que todas as pessoas podem tê-la, independentemente de elevação moral ou intelectual (FLÁVIO SENRA, 2015, 2016), é coincidente com a descrição da mediunidade em Allan Kardec, como explicita o trecho reproduzido no *Caso 1* da [Seção 9.3](#). A experiência espiritual é a *práxis* que verifica os relatos codificados nos textos institucionais do Monoteísmo¹⁰ e que, em ocorrida a verificação, EXTINGUE O MEDO DA MORTE, posto que VALIDA A IMORTALIDADE DO ESPÍRITO A DESPEITO DA FINITUDE DO CORPO FÍSICO.

Qual a serventia de uma Ontologia do Monoteísmo? foi questão que, recorrentemente, me foi feita nos últimos anos. Havia, nos primeiros tempos da pesquisa, dificuldade da parte deste doutorando em responder. Não mais. A Ontologia do Monoteísmo que propus nesta tese é o artefato tecnológico inicial, a primeira formulação estruturada do conjunto de textos monoteístas concretizada e disponibilizada no meio acadêmico. É o primeiro passo para o desenvolvimento de aplicações computacionais que utilizem técnicas de inteligência artificial e processamento de linguagem natural. Aplicativos que possam apoiar a interpretação do conhecimento monoteísta serão uma inovação que pode trazer benefícios como os demonstrados na [Figura 24](#). A maior serventia, entretanto, será a de proporcionar ferramentas tecnológicas com potencial para retirar os véus de conhecimento religioso reservado a poucos, educar na direção do progresso espiritual individual e revelar os empecos propositalmente colocados pelos modernos escribas e fariseus.

Minha angústia, expressa na primeira frase desta tese, continua. A clareza intelectual acalma os sentidos que são relacionados com a ignorância pretérita, mas, permanecem aqueles sentimentos que derivam da perversidade em manter seres humanos em clausura por poder, dinheiro e desejos inconfessáveis. A escravidão mais cruel é aquela em que o escravizado não vê as grades. Mas, nossas derradeiras palavras serão de esperança, confiantes no progresso inexorável das gentes, ainda que em passos milimétricos. Os ensinamentos vindos da Espiritualidade¹¹ dão conta que foi a partir do uso da palavra e da formação da linguagem que o pensamento contínuo se estabeleceu na raça humana (XAVIER, F. C. *et al.*, 2010, cap. 10). A hipótese Sapir-Whorf, também conhecida como *relativismo linguístico*, relaciona pensamento (produto) e linguagem (instrumento), afirmando que o primeiro se organiza a partir do uso do instrumento adequado, a língua (MOURA, H.; CAMBRUSSI, 2018, p. 105). Algumas mudanças têm de acontecer, antes, nas expressões que usamos: deixar para

¹⁰ Como as interações de Moisés com Deus (2012, Êxodo 14, entre outras), Jesus com Moisés e Elias na transfiguração (1993, Mt 17:1–8, Mc 9:2–8, Lc 9:28–32), as expulsões de demônios (2013, cap. XV, it. 29–36) etc.

¹¹ A expressão “Espiritualidade” é aqui empregada no sentido de grupo de espíritos que habitam o plano espiritual, da mesma forma que usamos a palavra “Humanidade” para denotar o grupo de humanos que habitam o plano material.

trás palavras como “luta” e “revolta”, por exemplo. Uma opção seria adotar o lema de Abigail, noiva de Paulo de Tarso, que, ao responder à pergunta de como adquirir a compreensão perfeita dos desígnios do Alto? respondeu: AMA, TRABALHA, ESPERA, PERDOA. O amor, o trabalho, a esperança e o perdão acompanhariam o *Convertido de Damasco* daí em frente (XAVIER, F. C.; EMMANUEL, 2013, p. 273–275).

Ao entardecer deste texto quero explicitar meu RESPEITO às religiões e seus textos, em todas as suas versões e denominações; minha GRATIDÃO aos exegetas, místicos e religiosos que, desde os primeiros lampejos de consciência da Humanidade, trabalharam e trabalham pela manutenção da religiosidade e da espiritualidade; finalmente, expresso meu AMOR à doutrina monoteísta e seus ensinamentos. São os seus caminhos pavimentados de solidariedade, tolerância, harmonia e caridade que nos elevarão ao cume da existência.

Paz seja convosco!¹²

¹² Expressão atribuída à Jesus na sua primeira aparição aos apóstolos, após a ressurreição, em versão da Bíblia protestante; gratidão a Juarez Dreyer, pai de coração, que nos presenteou com o seu exemplar pessoal, adquirido em dois de dezembro, 1956 (SOCIEDADE BIBLICA BRITANNICA E ESTRANGEIRA, 1955, Jo 20:19, 21, 26).

REFERÊNCIAS

3A INSTITUTE. **ANU School of Cybernetics**. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <https://3ainstitute.org/>. Acesso em: 22 jun. 2021.

AGUIAR, Jorge Roberto de Araújo. José Comblin e os sinais de Deus na profecia. pt. **PARALELLUS Revista de Estudos de Religião - UNICAP**, v. 4, n. 7, p. 7–19, ago. 2013. Number: 7. ISSN 2178-8162. DOI: [10.25247/paralellus.2013.v4n7.pp](https://doi.org/10.25247/paralellus.2013.v4n7.pp). Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/237>. Acesso em: 5 ago. 2021.

ALESSI, Gil. **A nova armação das redes bolsonaristas para insuflar o ódio contra Debora Diniz**. pt-br. [S.l.: s.n.], fev. 2021. Section: Brasil. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-02-08/a-nova-armacao-das-redes-bolsonaristas-para-insuflar-o-odio-contra-debora-diniz.html>. Acesso em: 6 set. 2021.

ALMAAYAH, M.; SAWALHA, M.; ABUSHARIAH, M.A.M. Towards an automatic extraction of synonyms for Quranic Arabic WordNet. **International Journal of Speech Technology**, v. 19, n. 2, p. 177–189, 2016. Publisher: Springer New York LLC. ISSN 13812416. DOI: [10.1007/s10772-015-9301-9](https://doi.org/10.1007/s10772-015-9301-9). Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84942066456&doi=10.1007%2fs10772-015-9301-9&partnerID=40&md5=e929450865ad92517541587f3234dfd0>.

ALMEIDA, José Márcio de. **A questão da tradução na exegese espírita**. pt. [S.l.: s.n.], 2015. Disponível em: <http://www.ieef.org.br/wp-content/uploads/2015/04/A-quest%C3%A3o-da-tradu%C3%A7%C3%A3o-na-exegese-esp%C3%ADrita.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2021.

ALQAHTANI, M.; ATWELL, E. Arabic quranic search tool based on ontology. **Lecture Notes in Computer Science (including subseries Lecture Notes in Artificial Intelligence and Lecture Notes in Bioinformatics)**, v. 9612, p. 478–485, 2016. ISBN: 9783319417530 Publisher: Springer Verlag. ISSN 03029743. DOI: [10.1007/978-3-319-41754-7_52](https://doi.org/10.1007/978-3-319-41754-7_52). Disponível em: https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84977555166&doi=10.1007%2f978-3-319-41754-7_52&partnerID=40&md5=a24a1b49b343be90cc4052b922b5ae0e.

ALROMIMA, W.; ELGOHARY, R.; MOAWAD, I.F.; AREF, M. Applying ontological engineering approach for Arabic Quran corpus: A comprehensive survey. *In: 2015 IEEE 7th International Conference on Intelligent Computing and Information Systems, ICICIS 2015.* [S.l.]: Institute of Electrical e Electronics Engineers Inc., 2016a. P. 620–627. DOI: [10.1109/IntelCIS.2015.7397287](https://doi.org/10.1109/IntelCIS.2015.7397287). Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84969972212&doi=10.1109%2fIntelCIS.2015.7397287&partnerID=40&md5=6294e2af881cbfbd485c3a3e651d54c5>.

ALROMIMA, W.; MOAWAD, I.F.; ELGOHARY, R.; AREF, M. Ontology-based model for Arabic lexicons: An application of the Place Nouns in the Holy Quran. *In: 2015 11th International Computer Engineering Conference: Today Information Society What's Next?, ICENCO 2015.* [S.l.]: Institute of Electrical e Electronics Engineers Inc., 2016b. P. 137–143. DOI: [10.1109/ICENCO.2015.7416338](https://doi.org/10.1109/ICENCO.2015.7416338). Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84964878166&doi=10.1109%2fICENCO.2015.7416338&partnerID=40&md5=f8dc55e03cafd3205eb93277cc89c607>.

ALSHAMMERI, Menwa; ATWELL, Eric; ALSALKA, Mhd ammar. Detecting Semantic-based Similarity Between Verses of The Quran with Doc2vec. **Procedia Computer Science**, v. 189, p. 351–358, 2021. ISSN 1877-0509. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.procs.2021.05.104>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877050921012291>.

ALVES, César Andrade. A Teologia na árvore das áreas de conhecimento. pt. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, p. 1091–1091, ago. 2019. ISSN 2175-5841. DOI: [10.5752/P.2175-5841.2019v17n53p1091](https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2019v17n53p1091). Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/17401>. Acesso em: 19 set. 2021.

ALVES, João Bosco da Mota. **Teoria geral de sistemas: em busca da interdisciplinaridade**. Florianópolis, SC: Instituto Stela, 2012. ISBN 978-85-99406-38-0.

AMARAL, Glenda; GUIZZARDI, Giancarlo. On the Application of Ontological Patterns for Conceptual Modeling in Multidimensional Models. en. *In: WELZER, Tatjana; EDER, Johann; PODGORELEC, Vili; KAMIŠALIĆ LATIFIĆ, Aida (Ed.). Advances in Databases and Information Systems*. Cham: Springer International Publishing, 2019. (Lecture Notes in Computer Science), p. 215–231. DOI: [10.1007/978-3-030-28730-6_14](https://doi.org/10.1007/978-3-030-28730-6_14).

ANDRADE, Rafael. **Um modelo para recuperação e comunicação do conhecimento em documentos médicos**. 2011. Tese de doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Disponível em: <http://btd.egc.ufsc.br/?p=910>.

ANU COLLEGE OF ENGINEERING AND COMPUTER SCIENCE. **Knowledge Representation and Reasoning**. en. [S.l.: s.n.], 2019. Last Modified: 2019-06-01T00:00:00+10:00 Publisher: The Australian National University. Disponível em: <https://cs.anu.edu.au/research/intelligence/knowledge-representation-reasoning>. Acesso em: 22 jun. 2021.

ARAGÃO, Gilbraz de Souza; SILVA, João Inácio Bezerra da. “DEUS TRANSCENDE SEU PRÓPRIO NOME”: PAUL TILLICH E O DESCORTINAR DE NOVAS FRONTEIRAS HERMENÊUTICAS. pt. **PARALELLUS Revista de Estudos de Religião - UNICAP**, v. 12, n. 29, p. 049–063, abr. 2021. Number: 29. ISSN 2178-8162. DOI: [10.25247/paralellus.2021.v12n29.p049-063](https://doi.org/10.25247/paralellus.2021.v12n29.p049-063). Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/1893>. Acesso em: 29 jul. 2021.

ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro**. Edição: Luciano Trigo e Paulo Geiger. 2. ed. RJ e SP: Lexikon e UNESP, 2008. ISBN 978-85-86368-43-1.

ARMSTRONG, Karen. **Campos de sangue: religião e a história da violência**. Tradução: Rogério Galindo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2014. ISBN 978-85-438-0564-1.

ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2009. ISBN 978-85-359-1581-5.

BANDEIRA, Leonardo S. O.; ESTEVES, Víctor T. **Divulgação e enaltecimento ao nazismo é crime? - Jus.com.br | Jus Navigandi**. pt-br. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/79128/divulgacao-e-enaltecimento-ao-nazismo-e-crime>. Acesso em: 6 set. 2021.

BARSI, Luiz; NAGLE, Leda. **Brasileiro foi induzido a ser agiota**. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xyyx6k6q1R8>. Acesso em: 26 nov. 2021.

BBC NEWS. O que se sabe sobre descobertas de túmulos de crianças indígenas que chocam o Canadá. pt-BR. **BBC News Brasil**, 2021. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57687334>. Acesso em: 13 jul. 2021.

BENDJAMAA, F.; NORA, T. A Dialogue-System Using a Qur'anic Ontology. *In*: 2020 2nd International Conference on Embedded and Distributed Systems, EDiS 2020.

[S.l.]: Institute of Electrical e Electronics Engineers Inc., 2020. P. 167–171. DOI:

10.1109/EDiS49545.2020.9296437. Disponível em:

[https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-](https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85099216134&doi=10.1109%2fEDiS49545.2020.9296437&partnerID=40&md5=965631171a2c8dd5149e0a4e594853bb)

[85099216134&doi=10.1109%2fEDiS49545.2020.9296437&partnerID=40&md5=](https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85099216134&doi=10.1109%2fEDiS49545.2020.9296437&partnerID=40&md5=965631171a2c8dd5149e0a4e594853bb)

[965631171a2c8dd5149e0a4e594853bb](https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85099216134&doi=10.1109%2fEDiS49545.2020.9296437&partnerID=40&md5=965631171a2c8dd5149e0a4e594853bb).

BENTRICA, R.; ZIDAT, S.; MARIR, F. Extracting semantic relations from the Quranic Arabic based on Arabic conjunctive patterns. **Journal of King Saud University - Computer and Information Sciences**, v. 30, n. 3, p. 382–390, 2018. Publisher: King

Saud bin Abdulaziz University. ISSN 13191578. DOI: [10.1016/j.jksuci.2017.09.004](https://doi.org/10.1016/j.jksuci.2017.09.004).

Disponível em: [https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-](https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85029565976&doi=10.1016%2fj.jksuci.2017.09.004&partnerID=40&md5=70c469dc70669517ff2f2e35ae43b056)

[85029565976&doi=10.1016%2fj.jksuci.2017.09.004&partnerID=40&md5=](https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85029565976&doi=10.1016%2fj.jksuci.2017.09.004&partnerID=40&md5=70c469dc70669517ff2f2e35ae43b056)

[70c469dc70669517ff2f2e35ae43b056](https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85029565976&doi=10.1016%2fj.jksuci.2017.09.004&partnerID=40&md5=70c469dc70669517ff2f2e35ae43b056).

BEPPLER, Fabiano Duarte. **Um Modelo para Recuperação e Busca de Informação Baseado em Ontologia e no Círculo Hermenêutico**. 2008. Tese de doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

BIBLICA. **Bible Online**. en-US. [S.l.: s.n.], fev. 2021. Disponível em:

<https://www.biblica.com/online-bible/>. Acesso em: 27 jul. 2021.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Não terás outros deuses além de mim: é o monoteísmo uma fonte de violência? *In*: RELIGIÕES e paz mundial. São Paulo: Paulinas, 2010. (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião, Soter 2010). ISBN 978-85-356-2653-7.

BRAUER, Jurgen; ANDERTON, Charles H. Conflict and Peace Economics: Retrospective and Prospective Reflections on Concepts, Theories, and Data. **Defence and Peace Economics**, v. 31, n. 4, p. 443–465, mai. 2020. Publisher: Routledge

_eprint: <https://doi.org/10.1080/10242694.2020.1739824>. ISSN 1024-2694. DOI:

[10.1080/10242694.2020.1739824](https://doi.org/10.1080/10242694.2020.1739824). Disponível em:

<https://doi.org/10.1080/10242694.2020.1739824>. Acesso em: 13 ago. 2021.

BRICKLEY, Dan; MILLER, Libby. **FOAF Vocabulary Specification 0.99**. [S.l.: s.n.], 2014. Disponível em: http://xmlns.com/foaf/spec/#term_Person. Acesso em: 26 out. 2021.

CAMPOS, Álvaro. **Número de investidores na B3 cresce 50% e se aproxima de 3,8 milhões**. pt-br. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/objetivo/hora-de-investir/noticia/2021/06/11/numero-de-investidores-na-b3-cresce-50percent-e-se-aproxima-de-38-milhoes.ghtml>. Acesso em: 28 set. 2021.

CAMPOS, Humberto de. **Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho**. 34. ed. Brasília, DF: FEB, 2013. ISBN 978-85-7328-796-7.

CAPEL. **Plataforma Sucupira**. [S.l.: s.n.], 2016. Ministério da Educação. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/viewPrograma.xhtml?popup=true&cd_programa=41001010055P9. Acesso em: 21 jun. 2021.

CARNEIRO, Marcelo Carbone. Considerações sobre a ideia de tempo em Sto. Agostinho, Hume e Kant. pt. **Interface**, v. 8, n. 15, p. 221–232, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/YqNpJgmC33VMXVNR3jNg4WD/?lang=pt&format=pdf>.

CARVALHO, Marisa Araújo. **Framework conceitual para ambiente virtual colaborativo das comunidades virtuais de prática nas universidades no contexto de e-Gov**. 2013. Tese de doutorado – PPGEGC/UFSC, Florianópolis, SC. Disponível em: <http://btd.egc.ufsc.br/wp-content/uploads/2013/06/Marisa-Ara%C3%BAjo-Carvalho.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2021.

CASANOVA, Marco Antonio. **Compreender Heidegger**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. (Série Compreender). ISBN 978-85-326-3822-9.

CASTILHO, Fausto; UNIVESP TV. **Livros: Ser e Tempo - Fausto Castilho**. [S.l.: s.n.], 2012. Disponível em: <https://youtu.be/-aoGfuUAKKU>. Acesso em: 8 set. 2018.

CECI, Flávio. **Um modelo baseado em casos e ontologia para apoio à tarefa intensiva em conhecimento de classificação com foco na análise de sentimentos**. 2015. Tese de doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

CENTRO BÍBLICO CATÓLICO. **Bíblia Sagrada**. 28. ed. São Paulo, SP: AVE MARIA, 1980. Tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica).

CENTRO PER LE SCIENZE RELIGIOSE. **Projects**. it-en. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <https://isr.fbk.eu/en/research/projects/>. Acesso em: 23 ago. 2021.

CHABAD-LUBAVITCH MEDIA CENTER. **O Que São Anjos?** pt. [S.l.: s.n.], 2021a. Disponível em: https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/4969209/jewish/0-Que-So-Anjos.htm. Acesso em: 11 set. 2021.

CHABAD-LUBAVITCH MEDIA CENTER. **The Complete Tanakh (Tanach) - Hebrew Bible**. en. [S.l.: s.n.], 2021b. Disponível em: https://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/63255/jewish/Tanakh-The-Hebrew-Bible.htm. Acesso em: 27 jul. 2021.

CHAGAS, Inara. **Discurso de ódio: o que caracteriza essa prática e como podemos combatê-la?** [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/discurso-de-odio-o-que-e/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CHANGEVISION, INC. **Astah Pro**. en-US. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <https://astah.net/products/astah-professional/>. Acesso em: 8 jul. 2021.

CIRET. **Charte de la Transdisciplinarité**. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <http://ciret-transdisciplinarity.org/chart.php#pt>. Acesso em: 5 jul. 2021.

CIRET-UNESCO. **Congresso de Locarno : Projeto Ciret-Unesco**. [S.l.: s.n.], 1997. Disponível em: <http://ciret-transdisciplinarity.org/locarno/locapor4.php>. Acesso em: 6 set. 2021.

CLEAR. **Especulação financeira: tipos, livros e como especular**. pt-BR. [S.l.: s.n.], abr. 2021. Section: Uncategorized. Disponível em: <https://blog.clear.com.br/especulacao-financeira/>. Acesso em: 28 set. 2021.

COECKELBERGS, M.; VAN HOOLAND, S. Modeling the Hebrew Bible: Potential of Topic Modeling techniques for semantic annotation and historical analysis. *In*: CEUR Workshop Proceedings. [S.l.]: CEUR-WS, 2016. P. 47–52. ISSN: 16130073.

Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84978852466&partnerID=40&md5=d757bb12ef5ad1122b914fa8bf505995>.

COMTE, Auguste. Catecismo Positivista. *In: OS Pensadores: Comte*. Tradução: José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores). P. 117–318.

DE MELLO, Bobiquins Estêvão; FIALHO, Francisco A. P.; TODESCO, José L. Ontology of Monotheism Road map to reach the OntoM. *In: GUIZZARDI G., Carbonera J. (Ed.). CEUR Workshop Proceedings*. [S.l.]: CEUR-WS, 2018. P. 294–299. ISSN: 16130073. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85055480219&partnerID=40&md5=b92891ed25d98847d16fde545b1ef9b7>.

DEVLIN, Jacob; CHANG, Ming-Wei; LEE, Kenton; TOUTANOVA, Kristina. BERT: Pre-training of Deep Bidirectional Transformers for Language Understanding. **arXiv:1810.04805 [cs]**, mai. 2019. arXiv: 1810.04805. Disponível em: <http://arxiv.org/abs/1810.04805>. Acesso em: 30 abr. 2021.

DIETZ, Gunther. Saberes, Fazeres e Poderes - a dimensão política da interculturalidade: um exemplo do ensino superior mexicano. *In: INTERCULTURALIDADE(S): entre ideias, retóricas e práticas em cinco países da América Latina*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2018. P. 121–161. ISBN 978-85-87942-58-6.

DOMINGUES, Gleyds Silva; MORAES, Reginaldo Pereira de. A perspectiva do método hermenêutico na interpretação do direito sobre liberdade religiosa e o princípio constitucional da dignidade humana. pt. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 19, n. 58, p. 74–97, abr. 2021. ISSN 2175-5841. DOI: [10.5752/P.2175-5841.2021v19n58p74](https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2021v19n58p74). Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/25080>. Acesso em: 6 set. 2021.

DOMÍNGUEZ, Iñigo. **Mil denúncias rompem o silêncio sobre abuso de menores de idade na Igreja da América Latina**. pt-br. [S.l.: s.n.], nov. 2019. Section: Internacional. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/19/internacional/1574186102_002170.html. Acesso em: 13 jul. 2021.

ÉCOLE BIBLIQUE DE JÉRUSALEM. **Bíblia de Jerusalém**. Edição: Paulo Bazaglia. revista e ampliada. São Paulo, SP: Paulus, 2010. ISBN 978-85-349-1977-7.

EL HAYEK, Samir. **Alcorão Online em Português**. pt-BR. [S.l.: s.n.], 1994. Disponível em: <https://alcorao.com.br/>. Acesso em: 3 ago. 2021.

ELSEVIER B.V. **ScienceDirect.com | Science, health and medical journals, full text articles and books**. [S.l.: s.n.], 2021a. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/>. Acesso em: 23 jul. 2021.

ELSEVIER B.V. **Scopus - Document search**. [S.l.: s.n.], 2021b. Disponível em: <https://www.scopus.com/search/form.uri?display=basic&clear=t&origin=searchadvanced&txGid=b89e658c91db4c6442c08d4ec1e2c3a8#basic>. Acesso em: 23 jul. 2021.

EMMANUEL; XAVIER, Francisco Cândido. **Pão nosso**. Brasília, DF: FEB, 2013. (Fonte Viva, 2). ISBN 978-85-7328-417-1.

FALBO, Ricardo de Almeida. SABiO: Systematic approach for building ontologies. *In: PROCEEDINGS of the 1st Joint Workshop ONTO.COM / ODISE on Ontologies in Conceptual Modeling and Information Systems Engineering*. Rio de Janeiro, RJ: CEUR Workshop Proceedings, 2014. P. 14. Disponível em: http://ceur-ws.org/Vol-1301/ontocomodise2014_2.pdf. Acesso em: 25 mar. 2019.

FALBO, Ricardo de Almeida. **Supervision meeting**. Portuguese. Vitória, Es: reuniao-190422_001, abr. 2019.

FALBO, Ricardo de Almeida. **UFO-C: Quick Guide**. Vitória, 2017. P. 12.

FALBO, Ricardo de Almeida; BARCELLOS, Monalessa Perini; NARDI, Julio Cesar; GUIZZARDI, Giancarlo. Organizing Ontology Design Patterns as Ontology Pattern Languages. *In: CIMIANO, Philipp; FERNÁNDEZ, Miriam; LOPEZ, Vanessa; SCHLOBACH, Stefan; VÖLKER, Johanna (Ed.). The Semantic Web: ESWC 2013 Satellite Events*. Montpellier, France: Springer-Verlag, mai. 2013. (Lecture Notes in Computer Science (LNCS)), p. 61–75.

FARACO, Fernando Melo. **Modelo de conhecimento baseado em tópicos de acórdãos para suporte à análise de petições iniciais**. 2020. Dissertação – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

FBK. **ISR Centro per le Scienze Religiose**. en-US. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <https://isr.fbk.eu/en/>. Acesso em: 8 jul. 2021.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA FEB. **A propósito da suposta adulteração do livro O céu e o inferno, de Allan Kardec**. pt-BR. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/portal/2020/11/15/a-proposito-da-suposta-adulteracao-do-livro-o-ceu-e-o-inferno-de-allan-kardec/>. Acesso em: 30 jul. 2021.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA FEB. **Edição definitiva de “A gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo”**. pt-BR. [S.l.: s.n.], 2018.

Disponível em:

<https://www.febnet.org.br/blog/geral/noticias/edicao-definitiva-de-a-genese-os-milagres-e-as-predicoes-segundo-o-espiritismo-de-allan-kardec/>. Acesso em: 30 jul. 2021.

FIALHO, Francisco Antonio Pereira. **A Eterna Busca de Deus**. 1. ed. Sobradinho, DF: Edicel, 1993.

FLÁVIO SENRA. **Religare - Conhecimento e Religião sobre mística**. Belo Horizonte, MG: PUC Minas, nov. 2015. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=K0vT4f0XFSQ>. Acesso em: 31 out. 2021.

FLÁVIO SENRA. **Religare - Conhecimento e Religião sobre Mística na contemporaneidade**. Belo Horizonte, MG: PUC Minas, 2016. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=sdudAQ70y8E>. Acesso em: 31 out. 2021.

FRANCO, Divaldo Pereira; ÂNGELIS, Joanna de. **Momentos de coragem**. 8. ed. Salvador, BA: Leal, 2014. ISBN 978-85-61879-47-1.

FRANCO, Divaldo Pereira; MIRANDA, Manoel Philomeno de. **Perturbações espirituais**. 1. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. ISBN 978-85-8266-119-2.

FREDERICKS, Sarah E. Religious studies and religious practice. *In*:

FRODEMAN, Robert; KLEIN, Julie Thompson; PACHECO, Roberto C. S. (Ed.). **The Oxford Handbook of Interdisciplinarity**. Second. New York, NY: Oxford University Press, 2017. P. 385–396. ISBN 978-0-19-873352-2.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. ISBN 978-85-7753-163-9.

FREITAS, Lima de; MORIN, Edgar; NICOLESCU, Basarab; THE INTERNATIONAL CENTER FOR TRANSDISCIPLINARY RESEARCH (CIRET). **Carta da transdisciplinaridade**. [S.l.: s.n.], 1994. Disponível em: <http://ciret-transdisciplinarity.org/chart.php#pt>. Acesso em: 23 nov. 2020.

FREITAS, Lima de; MORIN, Edgar; NICOLESCU, Basarab; THE INTERNATIONAL CENTER FOR TRANSDISCIPLINARY RESEARCH (CIRET). **Charter of Transdisciplinarity**. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <http://ciret-transdisciplinarity.org/chart.php#en>. Acesso em: 16 fev. 2021.

FULCHER, John. Computational Intelligence: An Introduction. *In*: JAIN, Lakmi C.; KACPRZYK, Janusz (Ed.). **Computational Intelligence: A Compendium**. Berlin Heidelberg: Springer-Verlag, 2008. v. 115. (Studies in Computational Intelligence). P. 1182. ISBN 978-3-540-78293-3.

FUNARI, Pedro Paulo A. GONZÁLEZ-FERRÍN, Emilio: A angústia de Abraão: as origens culturais do judaísmo, do cristianismo e do islamismo. pt. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, v. 19, n. 2, p. 335–337, set. 2019. Number: 2. ISSN 1677-1222. DOI: [10.23925/1677-1222.2018vol119i1a19](https://doi.org/10.23925/1677-1222.2018vol119i1a19). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/45180>. Acesso em: 24 jul. 2021.

FUNTOWICZ, Silvio O.; RAVETZ, Jerome R. Science for the post-normal age. **Futures**, p. 739–755, 1993. DOI: [0016.3287/93/07739-17](https://doi.org/10.1016/0016-3287(93)07739-17).

GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica em retrospectiva**. Tradução: Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. v. 1. (Heidegger em retrospectiva, 1). ISBN 978-85-326-3450-4.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. **Heidegger Urgente: introdução a um novo pensar**. São Paulo, SP: Três Estrelas, 2013. ISBN 978-85-65339-11-7.

GIBBONS, Michael; LIMOGES, Camille; NOWOTNY, Helga; SCHWARTZMAN, Simon; SCOTT, Peter; TROW, Martin. **The new production of knowledge: the dynamics of science and research in contemporary societies**. Stockholm: SAGE Publications, 1994. ISBN 978-0-8039-7793-8.

GLOBAL ETHIC FOUNDATION. **Declaration Toward a Global Ethic.** de-DE.

[S.l.: s.n.], 2020. Disponível em:

<https://www.global-ethic.org/declaration-toward-a-global-ethic/>. Acesso em: 5 mai. 2021.

GORODOVITS, David; FRIDLIN, Jairo. **Bíblia Hebraica.** São Paulo, SP: Sêfer, 2012. Kindle version. ISBN 978-85-7931-031-7.

GRIFFO_BECCALLI, Cristine Pereira. **UFO-L: uma ontologia de núcleo de aspectos jurídicos construída sob a perspectiva das relações jurídicas.** 2018. Tese de doutorado – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.

GROSS, Fernando. **Judaísmo e Cristianismo - A Academia de Yavné.** [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <https://www.judaismoecristianismo.org/o-judaismo/19-o-judaismo/983-questao-10-a-academia-de-yavne>. Acesso em: 22 set. 2021.

GUARINO, Nicola; OBERLE, Daniel; STAAB, Steffen. What Is an Ontology? *In*: STUDER, Rudi; STAAB, Steffen (Ed.). **Handbook on Ontologies.** Second Edition. Berlin Heidelberg: Springer-Verlag, 2009. (International Handbooks 1 on Information Systems,). DOI 10.1007/978-3-540-92673-3. P. 1–17.

GUIA GEOGRÁFICO. **Colégio dos Jesuítas da Bahia.** [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <http://www.bahia-turismo.com/salvador/centro-historico/colégio-jesuítas.htm>. Acesso em: 19 set. 2021.

GUIZZARDI, Giancarlo. **Ontological Foundations for Structural Conceptual Models.** 2005. Tese (Doutorado) – University of Twente, Enschede, The Netherlands. ISSN 1381-3617.

GUIZZARDI, Giancarlo; FALBO, Ricardo; GUIZZARDI, Renata S. S. Grounding Software Domain Ontologies in the Unified Foundational Ontology (UFO): The case of the ODE software process ontology. *In*.

GUIZZARDI, Giancarlo; MELLO, Bobiquins Estêvão. **Conversa no Ontobras 2018.** Universidade Mackenzie, São Paulo: [s.n.], 2018.

GUIZZARDI, Giancarlo; WAGNER, Gerd. Towards Ontological Foundations for Agent Modelling Concepts Using the Unified Foundational Ontology (UFO). *In*: BRESCIANI, Paolo; GIORGINI, Paolo; HENDERSON-SELLERS, Brian;

LOW, Graham; WINIKOFF, Michael (Ed.). **Agent-Oriented Information Systems II**. Riga, Latvia: Springer, Berlin, Heidelberg, jun. 2004. (Lecture Notes in Computer Science), p. 110–124. DOI: <https://doi.org/10.1007/b136434>.

GUIZZARDI, Giancarlo; WAGNER, Gerd; ALMEIDA, João Paulo Andrade; GUIZZARDI, Renata S. S. Towards ontological foundations for conceptual modeling: The unified foundational ontology (UFO) story. **Applied Ontology**, v. 10, n. 3-4, p. 259–271, 2015. DOI: [10.3233/AO-150157](https://doi.org/10.3233/AO-150157). Disponível em: <https://content.iospress.com/articles/applied-ontology/ao157>. Acesso em: 2 mai. 2018.

GUIZZARDI, Giancarlo; WAGNER, Gerd; SINDEREN, Marten van. A Formal Theory of Conceptual Modeling Universals. *In*: PROCEEDINGS of the First International Workshop on Philosophy and Informatics. Cologne (Germany): [s.n.], jan. 2004.

HACOHEN-KERNER, Y.; NISSAN, E. Information retrieval and question answering for assisting readers of the late antique to medieval corpora of the aggadic midrash. **Lecture Notes in Computer Science (including subseries Lecture Notes in Artificial Intelligence and Lecture Notes in Bioinformatics)**, v. 8003, p. 82–102, 2014. Publisher: Springer Verlag. ISSN 03029743. DOI: [10.1007/978-3-642-45327-4_6](https://doi.org/10.1007/978-3-642-45327-4_6). Disponível em: https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84921475102&doi=10.1007%2f978-3-642-45327-4_6&partnerID=40&md5=2bf39163d105da9f352980cb33ee2279.

HAKKOUM, Aimad. **Quran Ontology**. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <http://quranontology.com/>. Acesso em: 27 jul. 2021.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2015. ISBN 978-85-438-0782-9.

HARTONO, Oswin Rahadiyan. **Bible Corpus**. [S.l.: s.n.], 2017. Disponível em: <https://www.kaggle.com/oswinrh/bible>. Acesso em: 8 ago. 2019.

HEIDEGGER, Martin. **Being and Time**. Tradução: John Macquarrie e Edward Robinson. Great Britain: Blackwell Publishers Ltd, 2001.

HEIDEGGER, Martin. **Ontologia (hermenêutica da faticidade)**. Tradução: Renato Kirchner. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. (Coleção Textos Filosóficos). ISBN 978-85-326-4331-5.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução: Márcia Sá Cavalcante Schuback. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. ISBN 978-85-326-3284-5.

HILLEL. **Um dos Pais fundadores do Judaísmo, ano 10**. [S.l.: s.n.].

HOOD, Pamela Michelle. **Aristotle on the category of relation - ProQuest**. 2003. Dissertação – Califórnia, EUA. Disponível em: <https://www.proquest.com/docview/305332663/abstract/B542A515D0A34989PQ/1?accountid=26642>. Acesso em: 1 set. 2021.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. versão impressa e eletrônica. ISBN 978-85-7302-963-5.

IDEAK. **GENESIS THE MIRACLES AND THE PREDICTIONS ACCORDING TO SPIRITISM**. pt-br. [S.l.: s.n.], 2021a. Disponível em: <https://kardecpedia.com/en/study-guide/888/genesis-the-miracles-and-the-predictions-according-to-spiritism>. Acesso em: 24 set. 2021.

IDEAK. **Kardecpedia**. pt-br. [S.l.: s.n.], 2021b. Disponível em: <https://kardecpedia.com>. Acesso em: 27 jul. 2021.

IDEAK. **THE GOSPEL ACCORDING TO SPIRITISM**. pt-br. [S.l.: s.n.], 2021c. Disponível em: <https://kardecpedia.com/en/study-guide/887/the-gospel-according-to-spiritism>. Acesso em: 24 set. 2021.

IDEAK. **THE MEDIUMS' BOOK**. pt-br. [S.l.: s.n.], 2021d. Disponível em: <https://kardecpedia.com/en/study-guide/884/the-mediums-book>. Acesso em: 24 set. 2021.

IDEAK. **The Spirits' Book**. pt-br. [S.l.: s.n.], 2021e. Disponível em: <https://kardecpedia.com/en/study-guide/2/the-spirits-book>. Acesso em: 24 set. 2021.

IHU. **Maria Madalena, de prostituta a apóstola dos apóstolos**. [S.l.: s.n.], 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/577477-maria-madalena-de-prostituta-a-apostola-dos-apostolos>. Acesso em: 19 nov. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE | Censo 2010**. [S.l.: s.n.], 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 14 set. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (IBICT). **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)**. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <http://bdtb.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 25 jul. 2021.

ISMAIL, R.; ABU BAKAR, Z.; ABD RAHMAN, N. Extracting knowledge from english translated quran using NLP pattern. **Jurnal Teknologi**, v. 77, n. 19, p. 67–73, 2015. Publisher: Penerbit UTM Press. ISSN 01279696. DOI: 10.11113/jt.v77.6515. Disponível em:

<https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84949509286&doi=10.11113%2fjt.v77.6515&partnerID=40&md5=76df1c5efbbe65ea1b7d79cdb499a615>.

ISMAIL, R.; RAHMAN, N.A.; BAKAR, Z.A.; MAKHTAR, M. Concepts extraction in ontology learning using language patterns for better accuracy. *In*: 2018 4th International Conference on Computer and Technology Applications, ICCTA 2018. [S.l.]: Institute of Electrical e Electronics Engineers Inc., 2018. P. 122–126. DOI: 10.1109/CATA.2018.8398668. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85050196677&doi=10.1109%2fCATA.2018.8398668&partnerID=40&md5=a7e58e06efab433b857368e7dcd3d1c6>.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976. (Logoteca).

JESUS. **Messias profetizado que originou o Novo Testamento, ano 30**. Jerusalém: [s.n.].

JUNG, Carl Gustav. **Presente e futuro**. Tradução: Márcia de Sá Cavalcante. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. (Obra completa de C. G. Jung, 10/1). ISBN 978-85-326-0639-6.

JUNG, Carl Gustav. **Resposta a Jó**. Tradução: Dom Mateus Ramalho Rocha. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. (Obra Completa de C. G. Jung, 11/4). ISBN 978-85-326-0383-8.

KANANI, Bhavika. **Cosine Similarity - Text Similarity Metric**. en-US. [S.l.: s.n.], set. 2019. Section: Natural Language Processing. Disponível em: <https://studymachinelearning.com/cosine-similarity-text-similarity-metric/>. Acesso em: 9 ago. 2021.

KARDEC, Allan. **A gênese**. Tradução: Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Brasília: FEB, 2013a. v. 5. (Pentateuco Espírita). ISBN 978-85-7328-756-1.

KARDEC, Allan. **Céu e o Inferno (O)**. 2. ed. Brasília: FEB, 2013b. v. 4. (Pentateuco Espírita). ISBN 978-85-7328-755-4.

KARDEC, Allan. **Evangelho segundo o Espiritismo (O)**. 2. ed. Brasília: FEB, 2013c. v. 3. (Pentateuco Espírita). ISBN 978-85-7328-754-7.

KARDEC, Allan. **Instrução prática sobre as manifestações espíritas**. Tradução: Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2011. ISBN 978-85-7328-471-3.

KARDEC, Allan. **Instruções de Allan Kardec ao Movimento Espírita**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Federação Espírita Brasileira, 2010. ISBN 978-85-7328-447-8.

KARDEC, Allan. **Livro dos Espíritos (O)**. 4. ed. Brasília: FEB, 2013d. v. 1. (Pentateuco Espírita). ISBN 978-85-7328-752-3.

KARDEC, Allan. **Livro dos Médiuns (O)**. 2. ed. Brasília: FEB, 2013e. v. 2. (Pentateuco Espírita). ISBN 978-85-7328-753-0.

KARDEC, Allan. **O negro pai César**. pt-br. [S.l.: s.n.], jun. 1859. Disponível em: <https://kardecpedia.com/roteiro-de-estudos/893/revista-espirita-jornal-de-estudos-psicologicos-1859/6892/junho/palestras-familiares-de-alem-tumulo/o-negro-pai-cesar>. Acesso em: 14 jul. 2021.

KARDEC, Allan. **O que é o Espiritismo**. 56. ed. Brasília, DF: FEB, 2013f. Traduzido pela redação de Reformador em 1884. ISBN 978-85-7328-766-0.

KARDEC, Allan. **Obras póstumas**. Tradução: Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 2009. ISBN 978-85-7368-626-7.

KARDEC, Allan. **Que é o Espiritismo (O)**. Tradução: Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Brasília: FEB, 2013g. ISBN 978-85-7328-758-5.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita – Material Completo – FEB**. pt-BR. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em:
<https://www.febnet.org.br/portal/2021/09/02/downloads-material-completo/>.
Acesso em: 17 set. 2021.

KLEIN, Julie Thompson. Typologies of interdisciplinarity The Boundary Work of Definition. *In*: FRODEMAN, Robert; KLEIN, Julie Thompson; PACHECO, Roberto C. S. (Ed.). **The Oxford Handbook of Interdisciplinarity**. Second. New York, NY: Oxford University Press, 2017. P. 21–34. ISBN 978-0-19-873352-2.

KLEIN, Julie Thompson; FRODEMAN, Robert. Interdisciplining Humanities: a historical overview. *In*: FRODEMAN, Robert; KLEIN, Julie Thompson; PACHECO, Roberto C. S. (Ed.). **The Oxford Handbook of Interdisciplinarity**. Second. New York, NY: Oxford University Press, 2017. P. 144–156. ISBN 978-0-19-873352-2.

KLEMM, David E. **The hermeneutical theory of Paul Ricoeur**. London e Toronto: Associated University Presses Inc., 1983. ISBN 0-8387-5041-9. Acesso em: 28 ago. 2021.

KONING, Nicolas; BORSEN, Tom; EMMECHE, Claus. The ethos of post-normal science. **Futures**, n. 91, p. 12–24, 2017. DOI: [10.1016/j.futures.2016.12.004](https://doi.org/10.1016/j.futures.2016.12.004).

KRATHWOHL, David R. A Revision of Bloom's Taxonomy: An Overview. *en*. **Theory Into Practice**, v. 41, n. 4, p. 212–218, nov. 2002. ISSN 0040-5841, 1543-0421. DOI: [10.1207/s15430421tip4104_2](https://doi.org/10.1207/s15430421tip4104_2). Disponível em:
https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1207/s15430421tip4104_2. Acesso em: 14 set. 2021.

KULSHRESTHA, Ria. **Keeping up with the BERTs**. *en*. [S.l.: s.n.], nov. 2020. Disponível em:
<https://towardsdatascience.com/keeping-up-with-the-berts-5b7beb92766>.
Acesso em: 9 ago. 2021.

KÜNG, Hans. Em busca de um “ethos” mundial das religiões universais: questões fundantes da hodierna ética num horizonte global. *In: ÉTICA das grandes religiões e direitos humanos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990. (Ecumenismo). Revista Concilium/228-1990/2. P. 156.

KÜNG, Hans. **Global Ethic Foundation**. de-DE. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.global-ethic.org/>. Acesso em: 16 jul. 2021.

KÜNG, Hans. **Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana**. São Paulo: Paulinas, 1993. (Teologia hoje).

KÜNG, Hans; CONSELHO DO PARLAMENTO DAS RELIGIÕES MUNDIAIS. **Declaração de Ética Mundial**. pt. [S.l.: s.n.], 1993. Disponível em: <https://www.global-ethic.org/declaration-toward-a-global-ethic/>. Acesso em: 18 ago. 2021.

LABORATÓRIO DE ENGENHARIA DO CONHECIMENTO (LEC). **ontoKEM**. Florianópolis, SC: LEC-EGC-UFSC, 2019. Disponível em: http://ontokem.egc.ufsc.br/index.php?option=com_content&view=article&id=50&Itemid=54&lang=pt. Acesso em: 26 jan. 2021.

LENHARDT, Pierre; COLLIN, Matthieu. **A Torá oral dos fariseus: textos da tradição de Israel**. Tradução: Nadyr de Sales Penteado. São Paulo: Paulus, 1997. (Documentos do mundo da Bíblia). ISBN 978-85-349-0643-2.

LÉVI, Éliphas. **As origens da Cabala**. Tradução: Márcio Pugliesi e Norberto de Paula Lima. São Paulo, SP: Pensamento, 2004. ISBN 85-315-0487-2.

LIU, Qi; KUSNER, Matt J.; BLUNSOM, Phil. A Survey on Contextual Embeddings. **arXiv:2003.07278 [cs]**, abr. 2020. arXiv: 2003.07278. Disponível em: <http://arxiv.org/abs/2003.07278>. Acesso em: 30 abr. 2021.

MAATEN, Laurens van der; HINTON, Geoffrey. Visualizing Data using t-SNE. **Journal of Machine Learning Research**, v. 9, n. 86, p. 2579–2605, 2008. ISSN 1533-7928. Disponível em: <http://jmlr.org/papers/v9/vandermaaten08a.html>. Acesso em: 5 mai. 2021.

MAC_DOWELL, João Augusto A. **A gênese da ontologia fundamental de Martin Heidegger: ensaio de caracterização do modo de pensar de Sein und Zeit**. São Paulo: Loyola, 1993. (Coleção Filosofia). ISBN 85-15-00813-0.

MACHADO, Andreia de Bem; FIALHO, Francisco; MOUSSA, Daniela Fanucchi. The four Dimensions of Knowledge: Cognitive, Connectionist, Autopoietic and Integral. Advancing the Understanding Learning. en. **International Journal of Professional Business Review**, v. 1, n. 1, p. 78, jul. 2016. ISSN 2525-3654, 2525-3654. DOI: [10.26668/businessreview/2016.v1i1.10](https://doi.org/10.26668/businessreview/2016.v1i1.10). Disponível em: <http://www.openaccessojournals.com/index.php/JBReview/article/view/10>. Acesso em: 2 jul. 2021.

MACLEAN, D.; MACINTOSH, R.; GRANT, S. Mode 2 Management Research. en. **British Journal of Management**, v. 13, n. 3, p. 189–207, 2002. _eprint: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/1467-8551.00237>. ISSN 1467-8551. DOI: [10.1111/1467-8551.00237](https://doi.org/10.1111/1467-8551.00237). Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-8551.00237>. Acesso em: 24 ago. 2021.

AL-MADINAH AL-MUNAUARAH K.S.A. **Tradução do sentido do Nobre Alcorão para a língua portuguesa**. Tradução: Helmi Nasr. Al-Madinah Al-Munauarah, Arábia Saudita: Complexo Rei Fahd, 1999.

MAIOR, Marcel Souto. **Kardec: a biografia**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2013. ISBN 978-85-01-10067-2.

MATEUS. Evangelho de Mateus. *In*: O Novo Testamento. Tradução: Haroldo Dutra Dias. Brasília: FEB, 2013. P. 25–159. ISBN 978-85-7328-785-1.

MATEUS. O Evangelho segundo Mateus. *In*: BÍBLIA Sagrada. Tradução: João Ferreira de Almeida. Kindle Edition. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Almeida Revista e Atualizada. P. 49234–51476. ISBN 978-85-311-1437-3.

MELLO, Bobiquins Estevão de; RIBEIRO, Claudio de Oliveira. Estratégia de Interações efetivas Transaberes: uma análise com base na Ciência Pós-Normal e no Princípio Pluralista. pt. **PARALELLUS Revista de Estudos de Religião - UNICAP**, v. 12, n. 29, p. 013–033, abr. 2021. Number: 29. ISSN 2178-8162. DOI: [10.25247/paralellus.2021.v12n29.p013-033](https://doi.org/10.25247/paralellus.2021.v12n29.p013-033). Disponível em:

<http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/1873>. Acesso em: 1 jun. 2021.

MELLO, Bobiquins Estêvão de; FIALHO, Francisco Antonio Pereira; SACENTI, Juarez Angelo Piazza. Metodologia para sistema baseado em conhecimento de livro autopoiético. pt. **Anais do Congresso Internacional de Conhecimento e Inovação – ciki**, v. 1, n. 1, p. 14, jul. 2018a. Number: 1. ISSN 2318-5376. Disponível em:

<https://proceeding.ciki.ufsc.br/index.php/ciki/article/view/389>. Acesso em: 15 nov. 2021.

MELLO, Bobiquins Estêvão de; FIALHO, Francisco Antonio Pereira; SOUSA, Richard Perassi Luiz de; LUZ FILHO, Sílvio Serafim da. Interação comunicativa entre agentes humanos e artificiais. **Revista A Palavrada**, v. 1, n. 13, p. 55–66, 2018b. ISSN 2358-0526. Disponível em:

<http://revistaapalavrada.blogspot.com/p/a-decima-segunda-edicao-da-revista.html>. Acesso em: 15 nov. 2021.

MELLO, Bobiquins Estêvão de; FIALHO, Francisco Antonio Pereira; TODESCO, José Leomar. Método para a construção de uma ontologia no domínio dos textos institucionais do Monoteísmo. *In*: ANAIS do VII Congresso Internacional de Conhecimento e Inovação (ciKi). Foz do Iguaçu, PR: CiKi, 2017. P. 6.

MELLO, Bobiquins Estêvão de; GARROTE, Ana Flavia Marinho de Lima; CASTRO, Arleys Pereira Nunes; RODOLFO, Taciano Ares; SILVA, Karina Teodoro Dias da. **Itinerário Nacional de Educação Profissional e Tecnológica**. [S.l.]: SENAI UNIEP, 2014.

MELLO, Bobiquins Estêvão de; TODESCO, José Leomar. Ontologia da linguagem e matriz de conhecimento em sistemas hipermídia adaptativos. pt. **Revista Memorare**, v. 3, n. 3, p. 161–175, dez. 2016. Number: 3. ISSN 2358-0593. DOI: [10.19177/memorare.v3e32016161-175](https://doi.org/10.19177/memorare.v3e32016161-175). Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare_grupep/article/view/4375. Acesso em: 15 nov. 2021.

MERTON, Thomas. **Faith and violence; Christian teaching and Christian practice**. Notre Dame, Indiana, USA: University of Notre Dame Press, 1968. ISBN 978-0-268-00094-3. Disponível em: <http://archive.org/details/faithviolencechr0000mert>. Acesso em: 9 nov. 2021.

MINISTÉRIO DA DEFESA GOVERNO FEDERAL. **Histórico da participação brasileira em missões da ONU**. pt-br. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em:

https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/relacoes-internacionais/copy_of_missoes-de-paz/historico-da-participacao-brasileira-em-missoes-da-onu. Acesso em: 23 ago. 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **CAPES**. pt-br. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em:

<https://www.gov.br/capes/pt-br/capes>. Acesso em: 24 nov. 2021.

MOHAMED, E.H.; SHOKRY, E.M. QSST: A Quranic Semantic Search Tool based on word embedding. **Journal of King Saud University - Computer and Information Sciences**, 2020. Publisher: King Saud bin Abdulaziz University. ISSN 13191578. DOI:

10.1016/j.jksuci.2020.01.004. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85078358562&doi=10.1016%2fj.jksuci.2020.01.004&partnerID=40&md5=61972905e1a1de3dddbf0f8c34878975>.

MOHD YUNUS, M.A.; MUSTAPHA, A.; IQBAL, R.; SAMSUDIN, N.A. An Ontological Approach towards Dialoguebased Information Visualization System: Quran Corpus for Juz' Amma. *In*: MATEC Web of Conferences. [S.l.]: EDP Sciences, 2017. ISSN:

2261236X. DOI: 10.1051/mateconf/201713500070. Disponível em:

<https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85036453069&doi=10.1051%2fmateconf%2f201713500070&partnerID=40&md5=ab134554ab9878222fcba691b58ed34>.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 21. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014a. ISBN 978-85-286-0764-2.

MORIN, Edgar. **Método 1: a natureza da natureza (O)**. 3. ed. Porto Alegre, RS: Sulina, 2013. v. 1. (O Método, 1). ISBN 978-85-205-0307-2.

MORIN, Edgar. **Método 2: a vida da vida (O)**. 5. ed. Porto Alegre, RS: Sulina, 2015. v. 2. (O Método). ISBN 978-85-205-0284-6.

MORIN, Edgar. **Método 3: o conhecimento do conhecimento (O)**. Tradução: Juremir Machado da Silva. 4. ed. Porto Alegre, RS: Sulina, 2012a. v. 3. (O Método). ISBN 978-85-205-0220-4.

MORIN, Edgar. **Método 4: as ideias: habitat, vida, costumes, organização (O)**. Tradução: Juremir Machado da Silva. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011a. v. 4. (O Método, 4). ISBN 978-85-205-0597-7.

MORIN, Edgar. **Método 5: a humanidade da humanidade (O)**. Tradução: Juremir Machado da Silva. 5. ed. Porto Alegre, RS: Sulina, 2012b. v. 5. (O Método). ISBN 978-85-205-0308-9.

MORIN, Edgar. **Método 6: ética (O)**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011b. v. 6. (O Método, 6). ISBN 978-85-205-0604-2.

MORIN, Edgar. **Meus filósofos**. 2ª. Porto Alegre, RS: Sulina, 2014b. ISBN 978-85-205-0674-5.

MORIN, Edgar; ANDRADE, José Maria Tavares de. **Iniciação ao pensamento complexo**. Kindle. Brasil: Amazon, 2015.

MOURA, Heronides; CAMBRUSSI, Morgana. **Uma breve história da linguística**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. (Coleção de Linguística). ISBN 978-85-326-5650-6.

MOURA, Marta Antunes Oliveira (Ed.). **Mediunidade: estudo e prática. Programa 2**. 2. ed. Brasília: FEB, 2015. ISBN 978-85-8485-031-0.

NAYAK, Pandu. **BERT - Understanding searches better than ever before**. en-us. [S.l.: s.n.], out. 2019. Disponível em: <https://blog.google/products/search/search-language-understanding-bert/>. Acesso em: 24 jun. 2021.

NEEFJES, Félix; CALVO, Reynaldo Luiz; ROCHA, Daniel José Fernandes. O monoteísmo (Judaísmo, Cristianismo, Islamismo) religiões intolerantes? pt. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 1, n. 2, p. 17–27, ago. 1997. ISSN 2175-5841. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/411>. Acesso em: 17 set. 2021.

NEMO UFES. **Nemo UFES**. pt-BR. [S.l.: s.n.], 2021. Núcleo de Estudos em Modelagem Conceitual e Ontologias. Disponível em: <https://nemo.inf.ufes.br/>. Acesso em: 21 jun. 2021.

NIKIFOROVA, Anastasija. Smarter Open Government Data for Society 5.0: Are Your Open Data Smart Enough? en. **Sensors**, v. 21, n. 15, p. 5204, jan. 2021. Number: 15 Publisher: Multidisciplinary Digital Publishing Institute. DOI: [10.3390/s21155204](https://doi.org/10.3390/s21155204).

Disponível em: <https://www.mdpi.com/1424-8220/21/15/5204>. Acesso em: 20 ago. 2021.

NONAKA, Ikujiro; HIROSE, Ayano; TAKEDA, Yusaku. 'Meso'-foundations of dynamic capabilities: team-level synthesis and distributed leadership as the source of dynamic creativity. **Global Strategy Journal**, v. 6, p. 168–182, 2016. DOI: [10.1002/gsj.1125](https://doi.org/10.1002/gsj.1125).

NOORDIN, M.F.; SEMBOK, T.M.T.; OTHMAN, R.; GUSMITA, R.H. Constructing an ontology-based and graph-based knowledge representation of English Quran. **Jurnal Teknologi**, v. 78, n. 8-2, p. 35–41, 2016. Publisher: Penerbit UTM Press. ISSN 01279696. DOI: [10.11113/jt.v78.9539](https://doi.org/10.11113/jt.v78.9539). Disponível em:

<https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84988336129&doi=10.11113%2fjt.v78.9539&partnerID=40&md5=205d6e11610dca7879834340300ed9fd>.

O DIA. **Terreiro de umbanda é queimado e depredado em Caxias**. [S.l.: s.n.], jan. 2021. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2021/01/6074383-terreiro-de-umbanda-e-queimado-e-depredado-em-caxias.html>. Acesso em: 13 jul. 2021.

OUDA, Karim. **Quran Smart Semantic Search and Question Answering System**. en. [S.l.: s.n.], 2015. Disponível em: <https://www.qurananalysis.com/>. Acesso em: 27 jul. 2021.

OXFORD UNIVERSITY PRESS. **Oxford Learner's Dictionaries**. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/>. Acesso em: 24 set. 2021.

PACHECO, Roberto Carlos Santos. Coprodução em Ciência, Tecnologia e Inovação: Fundamentos e Visões. In: PEDRO, Joana Maria; FREIRE, Patrícia de Sá (Ed.). **Interdisciplinaridade: Universidade e Inovação Social e Tecnológica**. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2016. P. 21–62.

PAI RODNEY. **O diálogo inter-religioso como estratégia de combate ao racismo**. pt-BR. [S.l.: s.n.], ago. 2019. Section: Diálogos da Fé. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/o-dialogo-inter-religioso-como-estrategia-de-combate-ao-racismo/>. Acesso em: 8 set. 2021.

PANASIEWICZ, Roberlei; ARAGÃO, Gilbraz. Novas fronteiras do pluralismo religioso: apontamentos sobre o pós-religional e o transreligioso. pt. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 13, n. 40, p. 1841–1869, dez. 2015. ISSN 2175-5841. DOI: [10.5752/P.2175-5841.2015v13n40p1841](https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2015v13n40p1841). Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2015v13n40p1841>. Acesso em: 19 set. 2021.

PAOLOBON140. **Lapide a memoria dell’Editto di Milano (anno 313 d.C) affissa in San Giorgio al Palazzo, Milano**. [S.l.: s.n.], dez. 2015. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lapide_Editto_di_Milano_\(anno_313_d.C\)_affissa_in_San_Giorgio_al_Palazzo,_Milano.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lapide_Editto_di_Milano_(anno_313_d.C)_affissa_in_San_Giorgio_al_Palazzo,_Milano.jpg). Acesso em: 18 set. 2021.

PAPA JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte**. [S.l.: s.n.], jan. 2001. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html. Acesso em: 13 jul. 2021.

PELETEIRO FENTANES JR, José Luiz. **Bíblia Online Almeida Revista e Atualizada**. pt-BR. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/ara/index>. Acesso em: 6 ago. 2021.

PETERSEN, Tomás Mayer. **Dois séculos de guerra cristãs: entenda o que foram as Cruzadas**. pt-br. [S.l.: s.n.], 2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2019/10/dois-seculos-de-guerra-cristas-entenda-o-que-foram-cruzadas.html>. Acesso em: 13 jul. 2021.

PETIWALA, A.J.; SIVA SATHYA, S. A multi-agent system to learn literature ontology: An experiment on English Quran corpus. *In*: IAMA 2011 - 2011 2nd International Conference on Intelligent Agent and Multi-Agent Systems. [S.l.: s.n.], 2011. P. 46–51. DOI: [10.1109/IAMA.2011.6049002](https://doi.org/10.1109/IAMA.2011.6049002). Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-80955141256&doi=10.1109%2fIAMA.2011.6049002&partnerID=40&md5=62810ad739964f423256bf36a4441b67>.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Tradução: Monica Baumgarten de Bolle. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. ISBN 9788580575811.

PIRES, José Herculano. **O espírito e o tempo: introdução antropológica ao espiritismo**. 6. ed. Sobradinho, DF: EDICEL, 1991. (Coleção científica EDICEL, 6).

POPA, R.C.; GOGA, N.; GOGA, M. Extracting Knowledge from the Bible: A Comparison between the Old and the New Testament. *In*: 2019 International Conference on Automation, Computational and Technology Management, ICACTM 2019. [S.l.]: Institute of Electrical e Electronics Engineers Inc., 2019. P. 505–510. DOI: [10.1109/ICACTM.2019.8776828](https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85070617477&doi=10.1109%2fICACTM.2019.8776828). Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85070617477&doi=10.1109%2fICACTM.2019.8776828&partnerID=40&md5=479b4dcf3aaa8a2fd60d45926b2fe40e>.

PORTALSER. #024 | 03.09.2021 | **Estudando Êxodo à luz do Espiritismo | com Haroldo Dutra Dias**. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=stXsHomPWkc>. Acesso em: 16 set. 2021.

PPCIR UFJF. **PPCIR Doutorado**. pt-br. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/ppcir/cursos/doutorado/>. Acesso em: 22 jun. 2021.

PPGEGC. **Banco de Teses e Dissertações do EGC**. pt-BR. [S.l.: s.n.], 2021a. Disponível em: <http://btd.egc.ufsc.br/>. Acesso em: 6 jul. 2021.

PPGEGC. **LEC - Laboratório de Engenharia do Conhecimento**. [S.l.: s.n.], 2021b. Disponível em: <http://lec.ufsc.br/>. Acesso em: 4 jul. 2021.

PPGEGC. **NEDECC - Núcleo de Estudos e Desenvolvimentos em Conhecimento e Consciência**. [S.l.: s.n.], 2021c. Disponível em: <https://ppgegc.paginas.ufsc.br/grupos-de-pesquisa/>. Acesso em: 4 jul. 2021.

PPGEGC; SETIC-UFSC. **Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (PPGEGC)**. [S.l.: s.n.], 2021a. Disponível em: <https://ppgegc.paginas.ufsc.br/areas-de-concentracao/>. Acesso em: 21 jun. 2021.

PPGEGC; SETIC-UFSC. **Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (PPGEGC)**. [S.l.: s.n.], 2021b. Disponível em: <https://ppgegc.paginas.ufsc.br/linhas-de-pesquisa/>. Acesso em: 21 jun. 2021.

PPGEGC; SETIC-UFSC. **Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (PPGEGC)**. [S.l.: s.n.], 2021c. Disponível em:

<https://ppgegc.paginas.ufsc.br/planejamento-estrategico/>. Acesso em: 21 jun. 2021.

PPGL; SETIC-UFSC. **Programa de Pós-Graduação em Linguística**. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <https://ppglin.posgrad.ufsc.br/programa/historico/>. Acesso em: 21 jun. 2021.

PROFETA MUHAMMAD. **O Alcorão**. [S.l.]: Autch Editora, 2018. (Religião e Filosofia). Kindle edition.

PROQUEST LLC. **ProQuest Dissertations & Theses Global**. pt. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: https://www.proquest.com/pqdtglobal?_ga=2.114601797.350514001.1627242663-1896404605.1627242663. Acesso em: 25 jul. 2021.

PROVINCIIATTO, Luis Gabriel. A apropriação do conceito "Visão de Mundo" pela filosofia de Martin Heidegger. **Prometheus**, v. 29, janeiro-abril, p. 187–205, 2019. ISSN 2176-5960.

PUTRA, S.J.; HULLIYAH, K.; HAKIEM, N.; ISWARA, R.P.; FIRMANSYAH, A.F. Generating weighted vector for concepts in Indonesian translation of Quran. *In*: ACM International Conference Proceeding Series. [S.l.]: Association for Computing Machinery, 2016. P. 293–297. DOI: 10.1145/3011141.3011218. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85014883496&doi=10.1145%2f3011141.3011218&partnerID=40&md5=da386187eff82402e478f4b82f4c9734>.

QAH, Salha Hassan Muhammed. **An Automatic Similarity Detection Engine Between Sacred Texts Using Text Mining and Similarity Measures**. 2014. Thesis – Rochester Institute of Technology, Rochester, NY, USA. Disponível em: <https://scholarworks.rit.edu/theses/8496/>. Acesso em: 23 jul. 2021.

QURAN.COM. **O Nobre Alcorão**. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <https://quran.com/?locale=pt>. Acesso em: 27 jul. 2021.

RAMOS JÚNIOR, Hélio Santiago. **Uma ontologia para representação do conhecimento jurídico-penal no contexto dos delitos informáticos**. 2008. Dissertação – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

REUBEN, Anthony. **1% da população global detém mesma riqueza dos 99% restantes, diz estudo**. pt-BR. [S.l.: s.n.], jan. 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160118_riqueza_estudo_oxfam_fn. Acesso em: 28 set. 2021.

REUTER, Astrid; USARSKI, Frank. Demarcando as fronteiras da ciência da religião: um esboço com referências à discussão epistemológica na Alemanha. pt. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 21, n. 1, p. 209–229, mai. 2021. ISSN 1677-1222. DOI: [10.23925/1677-1222.2021vol21i1a13](https://doi.org/10.23925/1677-1222.2021vol21i1a13). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/54393>. Acesso em: 19 set. 2021.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações. **Cadernos Teologia Pública**, v. 17, n. 145, p. 58, 2020. ISSN 2446-7650.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. O Princípio Pluralista. **Cadernos Teologia Pública**, v. 14, n. 128, p. 36, 2017. ISSN 2446-7650.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira; ARAGÃO, Gilbraz; PANASIEWICZ, Roberlei. **Grupo de Pesquisa Espiritualidades, Pluralidade e Diálogo**. pt-BR. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <https://espdialogo.wordpress.com/>. Acesso em: 22 jun. 2021.

RICOEUR, Paul. **A hermenêutica bíblica**. Tradução: Paulo Meneses. São Paulo, SP: Loyola, 2006. ISBN 85-15-03423-9.

RICOEUR, Paul. **Escritos e conferências, 3: antropologia filosófica**. Edição: Johann Michel e Jérôme Porée. Tradução: Lara C. Malimpensa. São Paulo: Edições Loyola, 2016. (Humanística, 29). ISBN 978-85-15-04358-3.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica**. Porto, Portugal: Rés, 1988.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. Tradução: Ivone C. Benedetti. 1. ed. São Paulo: WMG Martins Fontes, 2014. ISBN 978-85-7827-897-7.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa 1 A intriga e a narrativa histórica**. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a. v. 1. (Tempo e narrativa). ISBN 978-85-7827-053-7.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa 2 A configuração do tempo na narrativa de ficção**. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b. v. 2. (Tempo e narrativa). ISBN 978-85-7827-052-0.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa 3 O tempo narrado**. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010c. v. 3. (Tempo e narrativa). ISBN 978-85-7827-054-4.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Lisboa: Edições 70, 1987.

ROTTA, Maurício José Ribeiro. **Modelagem do Conhecimento Legal Necessário na Elaboração de Sentenças em Processos na Área de Defesa do Consumidor**. 2013. Dissertação – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SAAD, S.; SALIM, N.; ZAINAL, H.; MUDA, Z. A process for building domain ontology: An experience in developing Solat ontology. *In*: PROCEEDINGS of the 2011 International Conference on Electrical Engineering and Informatics, ICEEI 2011. [S.l.: s.n.], 2011. DOI: [10.1109/ICEEI.2011.6021572](https://doi.org/10.1109/ICEEI.2011.6021572). Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-80054040639&doi=10.1109%2fICEEI.2011.6021572&partnerID=40&md5=d550f23cd44b13eeecb2cf9bf5c954e6>.

SALES, Omar Lucas Perrout Fortes de; ECCO, Clóvis. Ciência da Religião no Brasil: ensaio para a autonomia afirmada e a expansão do horizonte prático de atuação. pt. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 18, n. 3, p. 173–185, dez. 2018. ISSN 1677-1222. DOI: [10.23925/1677-1222.2018vol18i3a11](https://doi.org/10.23925/1677-1222.2018vol18i3a11). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/40723>. Acesso em: 19 set. 2021.

AL-SANASLEH, H.A.; HAMMO, B.H. Building domain ontology: Experiences in developing the prophetic ontology form Quran and Hadith. *In*: AWAJAN A., Shaout A. (Ed.). **Proceedings - 2017 International Conference on New Trends in Computing Sciences, ICTCS 2017**. [S.l.]: Institute of Electrical e Electronics Engineers Inc., 2017. P. 223–228. DOI: [10.1109/ICTCS.2017.35](https://doi.org/10.1109/ICTCS.2017.35). Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85050203128&doi=10.1109%2fICTCS.2017.35&partnerID=40&md5=f2893c539ce48038d40cd0f8b2f82d72>.

SANTA SÉ. **Gregório I, Magno**. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/vatican/pt/holy-father/gregorio-i--magno.html>. Acesso em: 19 nov. 2020.

SCHREIBER, Guus. Knowledge Engineering. *In*: HARMELEN, F.; LIFSCHITZ, V.; PORTER, B. (Ed.). **Handbook of Knowledge Representation**. [S.l.]: Elsevier B.V., 2008. chapter 25, DOI: 10.1016/S1574-6526(07)03025-8. P. 929–946.

SECRETARIA DE ESTADO DE JUSTIÇA E CIDADANIA. **Cerimônia inter-religiosa promove união entre religiões e compromisso pela construção da paz**. pt-BR. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.sejus.df.gov.br/cerimonia-inter-religiosa-promove-uniao-entre-religioes-e-compromisso-pela-construcao-da-paz/>. Acesso em: 8 set. 2021.

SILVA, Tahles do Nascimento da. **Um Modelo Baseado em Ontologia para Suporte a Tarefa Intensiva em Conhecimento de Recomendação**. 2015. Dissertação – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SOARES, Afonso Maria Ligorio; STIGAR, Robson. Perspectivas para o Ensino Religioso: A Ciência da Religião como novo paradigma. pt. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 16, n. 1, p. 137–152, abr. 2016. ISSN 1677-1222. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/28443>. Acesso em: 14 set. 2021.

SOCIEDADE BIBLICA BRITANNICA E ESTRANGEIRA (Ed.). **Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento**. Tradução: João Ferreira D’Almeida. Revista e corrigida. Lisboa London: Lowe e Brydone Ltd., 1955.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Sagrada**. Tradução: João Ferreira Almeida. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Almeida Revista e Atualizada. ISBN 978-85-311-1437-3.

SOMMERMAN, Américo. **Inter ou transdisciplinaridade? : da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre os saberes**. 2. ed. São Paulo, SP: Paulus, 2006. v. 7. (Questões fundamentais da educação). ISBN 978-85-349-2453-5.

SOUSA, Rodrigo Franklin de. O discurso profético da Bíblia Hebraica e a ética contemporânea: novas tendências e aproximações. pt. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 15, n. 47, p. 929–948, set. 2017. ISSN 2175-5841. DOI: 10.5752/P.2175-5841.2017v15n47p929. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2017v15n47p929>. Acesso em: 5 ago. 2021.

SRG SSR. **O preço de manter oculta uma história incômoda.** pt. [S.l.: s.n.], 2018. Disponível em: https://www.swissinfo.ch/por/sociedade/bancos-su%C3%AD%C3%A7os-versus-sobreviventes-do-holocausto_o-pre%C3%A7o-de-manter-oculta-uma-hist%C3%B3ria-inc%C3%B4moda/44321456. Acesso em: 28 set. 2021.

STEIL, Andrea Valéria. **Estado da arte das definições de gestão do conhecimento e seus subsistemas.** Florianópolis, SC, 2007. P. 19. Technical report.

STUDER, Rudi; BENJAMINS, V. Richard; FENSEL, Dieter. Knowledge Engineering: Principles and methods. *In: DATA & Knowledge Engineering.* [S.l.]: Elsevier Science B.V., 1998. v. 25. P. 161–197.

SURE, York; STAAB, Steffen; STUDER, Rudi. Ontology Engineering Methodology. *In: STAAB, Steffen; STUDER, Rudi (Ed.). Handbook on Ontologies.* Second Edition. Berlin Heidelberg: Springer-Verlag, 2009. (International Handbooks on Information Systems). DOI 10.1007/978-3-540-92673-3. P. 135–152.

TAXWEILER, Rutger Nowasky do Nascimento. **Um Modelo Para a Extração de Perfil de Especialista Aplicado às Ferramentas de Expertise Location e Apoio à Gestão do Conhecimento.** 2016. Dissertação – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TEMPLO ISRAELITA BRASILEIRO OHEL YAACOV (Ed.). **Torá - A Lei de Moisés.** Tradução: Meir Matzliah Melamed. rev. e ampl. São Paulo: Sêfer, 2001. ISBN 85-85583-26-6.

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ. **Tradução do Novo Mundo da Bíblia Sagrada.** Cesário Lange, SP: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2018.

TODESCO, José Leomar; GAUTHIER, Fernando Ostuni. **EGC6014: Fundamentos de Engenharia do Conhecimento.** EGC UFSC: [s.n.], 2016.

UFJF. **Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião.** pt-br. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/ppcir/curso/>. Acesso em: 19 set. 2021.

UNIVERSITY OF LEEDS (LRG). **Ontology of Quranic Concepts.** [S.l.: s.n.], 2017. Disponível em: <https://corpus.quran.com/ontology.jsp>. Acesso em: 27 jul. 2021.

USARSKI, Frank. História da Ciência da Religião. pt. **CiberTeologia**, v. 10, n. 47, p. 12, 2013. ISSN 1809-2888. Disponível em: <https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/posgraduacao/programas/cienciadareligiao/usarski-historia-da-ciencia-da-religiao.pdf>.

USMANI, Zeeshan-ul-hassan. **The Holy Quran**. en. [S.l.: s.n.], 2017. Disponível em: <https://kaggle.com/zusmani/the-holy-quran>. Acesso em: 4 mai. 2021.

UTOMO, F.S.; SURYANA, N.; AZMI, M.S. New instances classification framework on Quran ontology applied to question answering system. **Telkomnika (Telecommunication Computing Electronics and Control)**, v. 17, n. 1, p. 139–146, 2019. Publisher: Universitas Ahmad Dahlan. ISSN 16936930. DOI: [10.12928/TELKOMNIKA.v17i1.9794](https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85062281478&doi=10.12928%2fTELKOMNIKA.v17i1.9794). Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85062281478&doi=10.12928%2fTELKOMNIKA.v17i1.9794&partnerID=40&md5=497f292cb822757434a1732541d58729>.

VARGHESE, N.; PUNITHAVALLI, M. Lexical and semantic analysis of sacred texts using machine learning and natural language processing. **International Journal of Scientific and Technology Research**, v. 8, n. 12, p. 3133–3140, 2019. Publisher: International Journal of Scientific and Technology Research. ISSN 22778616. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85076743133&partnerID=40&md5=5dc9bb79cc004bf9983c264cb7b3e318>.

VATICANO. **Catecismo da Igreja Católica**. [S.l.: s.n.], 2021. Parágrafos 683-1065. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/pls2cap3_683-1065_po.html. Acesso em: 29 set. 2021.

VATICANO. **S. Maria Madalena, discípula do Senhor**. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/santo-do-dia/07/22/s--maria-madalena--discipula-do-senhor.html>. Acesso em: 19 nov. 2020.

VIEIRA DE PAULA, Alessandro Viana. Quem é o Espírito de Verdade? pt-BR. **Reformador Revista de Espiritismo Cristão**, Brasília, DF, p. 38–39, 2015. ISSN 1413-1749. Disponível em: <http://www.sistemas.febnet.org.br/acervo/revistas/2015/html5forpc.html?pagina=705>. Acesso em: 6 ago. 2021.

W3C. **OWL - Semantic Web Standards**. en. [S.l.: s.n.], 2012. Disponível em: <https://www.w3.org/OWL/>. Acesso em: 30 ago. 2021.

WAITE, Laura H.; ZUPEC, Jason F.; QUINN, Diane H.; POON, Cathy Y. Revised Bloom's taxonomy as a mentoring framework for successful promotion. **Currents in Pharmacy Teaching and Learning**, v. 12, p. 1379–1382, 2020. ISSN 1877-1297. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.cptl.2020.06.009>.

WELTETHOS INSTITUT. **World Citizen School | Selbstbestimmt lernen für die Gesellschaft**. en-GB. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <https://worldcitizen.school/en/startseite-english/>. Acesso em: 14 set. 2021.

WELTETHOS-INSTITUT. **Education**. en-GB. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <https://weltethos-institut.org/en/education/>. Acesso em: 14 set. 2021.

WIKIMEDIA FOUNDATION INC. **Religious war**. en. [S.l.: s.n.], ago. 2021. Page Version ID: 1038519102. Disponível em: https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Religious_war&oldid=1038519102. Acesso em: 13 ago. 2021.

WIKIPÉDIA. **Destruição de Jerusalém**. pt. [S.l.: s.n.], jul. 2021a. Page Version ID: 61742704. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Destruição de Jerusalém&oldid=61742704](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Destruição_de_Jerusalém&oldid=61742704). Acesso em: 22 set. 2021.

WIKIPÉDIA. **Mesas girantes**. pt. [S.l.: s.n.], ago. 2021b. Page Version ID: 61846237. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Mesas_girantes&oldid=61846237. Acesso em: 17 set. 2021.

WILSON, Leslie Owen. Anderson and Krathwohl Bloom's Taxonomy Revised. en, p. 7, 2016. Disponível em: <http://www0.sun.ac.za/ctlresources/wp-content/uploads/2018/11/Anderson-and-Krathwohl.-2001.-Extract-from-A-taxonomy-for-learning-teaching-and-assessing-a-revised-Blooms-Taxonomy.pdf>. Acesso em: 14 set. 2021.

WOLFRAM RESEARCH INC. **BERT - Wolfram Neural Net Repository**. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <https://resources.wolframcloud.com/NeuralNetRepository/resources/BERT-Trained-on-BookCorpus-and-English-Wikipedia-Data>. Acesso em: 8 ago. 2021.

WOSZEZENKI, Cristiane Raquel. **Modelo para Descoberta de Conhecimento Baseado em Relações Semânticas e Temporais Entre Elementos Textuais**. 2016. Tese de doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

XAVIER, Beatriz. As categorias de Aristóteles e o conhecimento científico. pt. **Pensar - Revista de Ciências Jurídicas**, v. 13, n. 1, p. 57–64, fev. 2008. ISSN 23172150. DOI: [10.5020/2317-2150.2008.v13n1p57](https://doi.org/10.5020/2317-2150.2008.v13n1p57). Disponível em: http://hp.unifor.br/pdfs_notitia/2516.pdf. Acesso em: 1 set. 2021.

XAVIER, Francisco Cândido; EMMANUEL. **A caminho da luz: história da civilização à luz do Espiritismo**. 37. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. ISBN 978-85-7328-555-0.

XAVIER, Francisco Cândido; EMMANUEL. **Paulo e Estêvão: episódios históricos do Cristianismo primitivo**. 45. ed. Brasília, DF: FEB, 2013. (Romances de Emmanuel). ISBN 978-85-7328-696-0.

XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo; ANDRÉ LUIZ. **Evolução em dois mundos**. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. (André Luiz, 11). ISBN 978-85-7328-354-9.

YAHYA, Z.; ABDULLAH, M.T.; AZMAN, A.; KADIR, R.A. Query translation using concepts similarity based on Quran ontology for cross-language information retrieval. **Journal of Computer Science**, v. 9, n. 7, p. 889–897, 2013. ISSN 15493636. DOI: [10.3844/jcssp.2013.889.897](https://doi.org/10.3844/jcssp.2013.889.897). Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84880166941&doi=10.3844%2fjcssp.2013.889.897&partnerID=40&md5=dbb714b0e577fee28c23ed3987104e09>.

YONG, C.Y.; SUDIRMAN, R.; CHEW, K.M.; SALIM, N. Comparison of ontology learning techniques for Qur'anic text. *In*: PROCEEDINGS - 2011 International Conference on Future Computer Sciences and Application, ICFCSA 2011. [S.l.: s.n.], 2011. P. 192–196. DOI: [10.1109/ICFCSA.2011.50](https://doi.org/10.1109/ICFCSA.2011.50). Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-80052139007&doi=10.1109%2fICFCSA.2011.50&partnerID=40&md5=5f4c386018d36b5244094a3a9b72b68d>.

ZURLO, Gina A.; JOHNSON, Todd M.; CROSSING, Peter F. World Christianity and Mission 2021: Questions about the Future. **International Bulletin of Mission Research**, v. 45, n. 1, p. 15–25, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/2396939320966220>.

GLOSSÁRIO

desviante Segundo Edgar Morin, indivíduo que gera inovações e transformações históricas sendo, muitas vezes, perseguidos por isso. Moisés, Jesus, Paulo e Maomé foram desviantes. Copérnico e Galileu foram desviantes em relação à religião e à ciência; Einstein, Fermi, Marie Curie e Watson foram desviantes em relação à maioria de seus colegas ([MORIN, 2012b](#), p. 210) p. [84](#)

dialógica Unidade complexa entre duas lógicas, entidades ou instâncias complementares, concorrentes e antagônica que se alimentam, completam, mas também se opõem e combatem. Distinguir da dialética hegeliana. Em Hegel, as contradições encontram solução, superam-se e suprimem-se numa unidade superior. Na dialógica, os antagonismos permanecem e formam entidades ou fenômenos complexos ([MORIN, 2011b](#), p. 208) p. [80](#), [89](#)

egeciana própria ou relacionada com o EGC — curso de Engenharia e Gestão do Conhecimento. p. [143](#)

moriniana própria ou relacionada a Edgar Morin ou às teorias desenvolvidas por ele. p. [77](#), [97](#)

ricoeuriana própria ou relacionada a Paul Ricoeur ou às teorias desenvolvidas por ele. p. [124](#), [150](#)

Anexos

ANEXO A – DIÁLOGO COM UM PADRE

O texto deste anexo foi transcrito do livro *O que é o Espiritismo*, de Allan Kardec (2013, p. 99–121), a partir do arquivo disponibilizado gratuitamente no *site* da Federação Espírita Brasileira (FEB). A primeira edição no Brasil foi em 1884, a partir do original em francês publicado em Paris, em junho 1859. O formato do primeiro capítulo é o de diálogos, onde Kardec refuta os principais argumentos de um *crítico*, de um *cético* e de um *padre*, diálogo este que segue na sua íntegra, conforme antecipado na [Seção 2.3](#) e na [Seção 6.4.2, Nota de rodapé 33](#).

TERCEIRO DIÁLOGO — O PADRE

Um abade. — Permitir-me-eis, senhor, dirigir-vos, por minha vez, algumas perguntas?

Allan Kardec. — De boa mente, reverendo; mas, antes de responder a elas, creio útil fazer-vos conhecer o terreno em que me devo colocar perante vós. Primeiro que tudo, cumpre-me declarar que não tenho a pretensão de vos converter às nossas ideias. Se desejardes conhecê-las pormenorizadamente, encontrá-las-eis nos livros em que estão expostas; neles podereis estudá-las à vontade e aceitá-las ou rejeitá-las. O Espiritismo tem por fim combater a incredulidade e suas funestas consequências, fornecendo provas patentes da existência da alma e da vida futura; ele se dirige, pois, àqueles que em nada creem *ou que de tudo duvidam*, e o número desses não é pequeno, como muito bem sabeis; os que têm fé religiosa e a quem *esta fé satisfaz*, dele não têm necessidade. Àquele que diz: “Eu creio na autoridade da Igreja e não me afasto dos seus ensinamentos, sem nada buscar além dos seus limites”, o Espiritismo responde que não se impõe a pessoa alguma e que não vem forçar nenhuma convicção. A liberdade de consciência é consequência da liberdade de pensar, que é um dos atributos do homem; e o Espiritismo, se não a respeitasse, estaria em contradição com os seus princípios de liberdade e tolerância. A seus olhos, toda crença, quando sincera e não permita ao homem fazer mal ao próximo, é respeitável, mesmo que seja errônea. Se alguém fosse por sua consciência arrastado a crer, por exemplo, que é o Sol que gira ao redor da Terra, nós lhe diríamos: “Acreditei-o se quiserdes, porque isso não fará que esses dois astros troquem os seus papéis”; mas, assim como não procuramos violentar-vos a consciência, respeitai também a nossa. Se transformardes, porém, uma crença, de si mesma inocente, em instrumento de perseguição, ela então se tornará nociva e pode ser combatida. Tal é, senhor abade, a linha de conduta que tenho seguido com os ministros dos diversos cultos que a mim se têm dirigido. Quando eles me interpelaram sobre alguns pontos da Doutrina, dei-lhes as explicações necessárias,

abstendo-me de discutir certos dogmas de que o Espiritismo não se quer ocupar, por serem todos os homens livres em suas apreciações; nunca, porém, fui procurá-los no propósito de lhes abalar a fé por meio de qualquer pressão. Àquele que nos procura como irmão, nós o acolhemos como tal; ao que nos repele, deixamo-lo em paz. É o conselho que não tenho cessado de dar aos espíritas, porque não concordo com os que se arrogam a missão de converter o clero. Sempre lhes tenho dito: Semeai no campo dos incrédulos, onde há colheita a fazer. O Espiritismo não se impõe, porque, como vo-lo disse — respeita a liberdade de consciência; ele sabe também que toda crença imposta é superficial e não desperta senão as aparências da fé; nunca, porém, a fé sincera. Ele expõe seus princípios aos olhos de todos, de modo a cada um poder formar opinião segura. Os que lhe aceitam os princípios, sacerdotes ou leigos, o fazem livremente e pelos achar racionais; mas nós não ficamos querendo mal aos que se afastam da nossa opinião. Se hoje há luta entre a Igreja e o Espiritismo, nós temos consciência de não havê-la provocado.

Padre. — Se a Igreja, vendo levantar-se uma nova doutrina, cujos princípios, em consciência, julga dever condenar, podeis contestar-lhe o direito de discuti-los e combatê-los, premunindo os fiéis contra o que ela considera erro?

A. K. — De modo algum podemos contestar esse direito, que também reclamamos para nós outros. Se ela se houvesse encerrado nos limites da discussão, nada haveria de melhor; lede, porém, a maioria dos discursos proferidos por seus membros e publicados em nome da religião, os sermões que têm sido pregados, e vereis neles a injúria e a calúnia transbordando por toda parte e os princípios da doutrina sempre indigna e perversamente desfigurados. Do alto do púlpito, não temos sido — os espíritas — qualificados de inimigos da sociedade e da ordem pública, não temos sido anatematizados e rejeitados pela Igreja, sob o pretexto de que é melhor ser incrédulo do que crer-se em Deus e na alma pelos ensinamentos do Espiritismo? Não lamentam muitos, hoje, não se poder atear para os espíritas as fogueiras da Inquisição? Em certas localidades não têm sido assinalados à animadversão de seus concidadãos, a ponto de fazer que sejam nas ruas perseguidos e injuriados? Não se tem imposto a todos os fiéis que os evitem como pestíferos, e impedido que os criados entrem a seu serviço? Muitas mulheres não têm sido aconselhadas a separarem-se de seus maridos, como muitos maridos de suas mulheres, tudo por causa do Espiritismo? Não se têm tirado lugares a empregados, retirado o pão do trabalho a operários e recusado caridade aos necessitados, por serem eles espíritas? Não se têm despedido de alguns hospitais, até cegos, pelo fato de não quererem abjurar sua crença? Dizei-me, senhor abade, será isso uma discussão leal? Os espíritas responderam, porventura, à injúria com a injúria, ao mal com o mal? Não. A tudo opuseram eles sempre a calma e a moderação. A consciência pública já lhes faz a justiça de reconhecer não terem sido eles os agressores.

Padre. — Todo homem sensato deplora esses excessos; mas a Igreja não pode ser responsável pelos abusos cometidos por alguns de seus membros pouco esclarecidos.

A. K. — Convenho; mas, entrarão na classe dos pouco esclarecidos os príncipes da Igreja? Vede a pastoral do bispo de Argel e de alguns outros. Não foi um bispo quem ordenou o auto-de-fé de Barcelona? A autoridade superior eclesiástica não tem todo o poder sobre os seus subordinados? Se ela tolera esses sermões indignos da cadeira evangélica; se ela patrocina a publicação de escritos injuriosos e difamatórios contra uma classe inteira de cidadãos, e se não se opõe às perseguições exercidas em nome da religião, é porque as aprova. Em resumo, a Igreja, repelindo sistematicamente os espíritas que a buscavam, forçou-os a retroceder; pela natureza e violência dos seus ataques ela ampliou a discussão e conduziu-a para um terreno novo. O Espiritismo era apenas uma simples doutrina filosófica; foi a Igreja quem lhe deu maiores proporções, apresentando-o como inimigo formidável; foi ela, enfim, quem o proclamou nova religião. Foi um passo errado, mas a paixão não raciocina melhor.

Um livre pensador. — Há pouco proclamastes a liberdade de pensamento e de consciência, e declarastes que toda crença sincera é respeitável. O materialismo é uma crença como outra qualquer; por que negar-lhe a liberdade que concedeis a todas as outras?

A. K. — Cada um é, certamente, livre de crer no que quiser ou de não crer em coisa alguma; e não toleraríamos mais uma perseguição contra aquele que acredita no nada depois da morte, assim como na promovida contra um cismático de qualquer religião. Combatendo o materialismo, não atacamos os indivíduos, mas sim uma doutrina que, se é inofensiva para a sociedade, quando se encerra no foro íntimo da consciência de pessoas esclarecidas, é uma chaga social, se vier a generalizar-se. A crença de tudo acabar para o homem depois da morte, que toda solidariedade cessa com a extinção da vida corporal, leva-o a considerar como um disparate o sacrifício do seu bem estar presente, em proveito de outrem; donde a máxima: “Cada um por si durante a vida terrena, porque com ela tudo se acaba.” A caridade, a fraternidade, a moral, em suma, ficam sem base alguma, sem nenhuma razão de ser. Para que nos molestarmos, nos constrangermos e nos sujeitarmos a privações hoje, quando amanhã, talvez, já nada sejamos? A negação do futuro, a simples dúvida sobre outra vida, são os maiores estimulantes do egoísmo, origem da maioria dos males da Humanidade. É necessário possuir alta dose de virtude para não seguir a corrente do vício e do crime, quando para isso não se tem outro freio além do da própria força de vontade. O respeito humano pode conter o homem do mundo, mas não contém aquele que não dá importância à opinião pública. A crença na vida futura, mostrando a perpe-

tuidade das relações entre os homens, estabelece entre eles uma solidariedade que não se quebra na tumba; desse modo, essa crença muda o curso das ideias. Se essa crença fosse um simples espantinho, não duraria senão um tempo curto; mas, como a sua realidade é fato adquirido pela experiência, é um dever propagá-la e combater a crença contrária, mesmo no interesse da ordem social. É o que faz o Espiritismo; e o faz com êxito, porque fornece provas, e porque, decididamente, o homem antes quer ter a certeza de viver e poder ser feliz em um mundo melhor, para compensação das misérias deste mundo, do que a de morrer para sempre. O pensamento de ser aniquilado, de ver os filhos e os entes que lhe são mais caros perdidos, sem remissão, sorri a um bem limitado número, acreditei-me; é o motivo do tão pequeno êxito obtido pelos ataques dirigidos contra o Espiritismo, em nome da incredulidade, os quais não lhe produziram o menor abalo.

Padre. — A religião ensina tudo isso; até agora foi suficiente; qual é hoje a necessidade de uma nova doutrina?

A. K. — Se a religião ensina o bastante, por que há tantos incrédulos, religiosamente falando? Ela prega, é verdade; ela nos manda crer, mas há muita gente que não crê por simples afirmação. O Espiritismo prova e faz ver o que a religião ensina em teoria. Além disso, donde vêm essas provas? Da manifestação dos Espíritos. Ora, é provável que os Espíritos só se manifestem com o consentimento de Deus; se, pois, Deus em sua misericórdia envia aos homens esse socorro para afastá-los da incredulidade, é uma impiedade repeli-lo.

Padre. — Não podeis, entretanto, contestar que o Espiritismo não está, em todos os pontos, de acordo com a religião.

A. K. — Ora, senhor abade, todas as religiões dirão a mesma coisa: os protestantes, os judeus, os muçulmanos, tanto quanto os católicos. Se o Espiritismo negasse a existência de Deus, da alma, da sua individualidade e imortalidade, das penas e recompensas futuras, do livre-arbítrio do homem; se ele ensinasse que cada um só deve viver para si, não pensar senão em si, não só seria contrário à religião católica, como a todas as religiões do mundo; ele seria ainda a negação de todas as leis morais, base das sociedades humanas. Longe disso: os Espíritos proclamam um Deus único, soberanamente justo e bom; eles dizem que o homem é livre e responsável por seus atos, recompensado ou punido pelo bem ou pelo mal que houver feito; colocam acima de todas as virtudes a caridade evangélica e a seguinte regra sublime ensinada pelo Cristo: fazer aos outros como queremos que nos seja feito. Não são estes os fundamentos da religião? Essa certeza do futuro, de se ir encontrar aqueles a quem se amou, não será uma consolação? Essa grandiosidade da vida espiritual, que é a nossa essência, comparada às mesquinhas preocupações da vida terrena, não será

própria a elevar a nossa alma e a fortalecer-nos na prática do bem?

Padre. — Concordo que, nas questões gerais, o Espiritismo é conforme às grandes verdades do Cristianismo; dar-se-á, porém, o mesmo em relação aos dogmas? Não contradiz ele alguns princípios que a Igreja nos ensina?

A. K. — O Espiritismo é, antes de tudo, uma ciência, não cogita de questões dogmáticas. Esta ciência tem consequências morais como todas as ciências filosóficas; essas consequências são boas ou más? Pode-se julgá-las pelos princípios gerais que acabo de expor. Algumas pessoas se iludem sobre o verdadeiro caráter do Espiritismo. A questão é de grande importância e merece alguns desenvolvimentos. Façamos primeiro um termo de comparação: a eletricidade, estando na Natureza, existiu em todo tempo e produziu sempre os efeitos que hoje observamos e muitos outros que ainda não conhecemos. Na ignorância da sua verdadeira causa, os homens explicavam esses efeitos de um modo mais ou menos extravagante. A descoberta da eletricidade e de suas propriedades veio lançar por terra um punhado de teorias absurdas, espargindo a luz por sobre mais de um mistério da Natureza. O que fizeram a eletricidade e as ciências físicas para certos fenômenos, o Espiritismo o fez para outros de ordem diferente. O Espiritismo funda-se na existência de um mundo invisível, formado pelos seres incorpóreos que povoam o espaço e que não são mais que as almas daqueles que viveram na Terra, ou em outros globos, nos quais deixaram seus invólucros materiais. São os seres a que chamamos Espíritos, seres que nos cercam e incessantemente exercem sobre os homens, sem que estes o percebam, uma grande influência, e desempenham papel muito ativo no mundo moral, e mesmo, até certo ponto, no físico. O Espiritismo está, pois, em a Natureza e podemos dizer que, numa certa ordem de ideias, é ele uma potência, como a eletricidade o é sob outro ponto de vista, e como ainda a gravitação é uma outra. Os fenômenos, de que o mundo invisível é a fonte, produziram-se em todos os tempos; eis aí por que a história de todos os povos faz deles menção. Somente, em sua ignorância, como se deu com a eletricidade, os homens os atribuíam a causas mais ou menos racionais, e deram, nesse ponto de vista, livre curso à sua imaginação. Mais bem observado depois que se vulgarizou, o Espiritismo vem derramar luz sobre grande número de questões, até hoje insolúveis ou mal compreendidas. Seu verdadeiro caráter é, pois, o de uma ciência e não de uma religião¹; e a prova disso é que ele conta entre os seus aderentes homens de todas as crenças, que por esse fato não renunciaram às suas convicções: católicos fervorosos que não deixam de praticar todos os deveres do seu culto, quando a Igreja os não repele; protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos e mesmo budistas e bramânistas. Ele repousa, por conseguinte, em princípios independentes das questões dogmáticas. Suas consequências morais são todas no sentido do Cristianismo, porque

¹ N.E.: Ver na revista *Reformador* de 1949, p. 217.

de todas as doutrinas é esta a mais esclarecida e pura; razão pela qual, de todas as seitas religiosas do mundo, os cristãos são os mais aptos para compreendê-lo em sua verdadeira essência. Podemos exprobrá-lo por isso? Cada um pode formar de suas opiniões uma religião e interpretar à vontade as religiões conhecidas; mas daí a constituir nova Igreja, a distância é grande.

Padre. — As evocações, entretanto, não são feitas segundo uma fórmula religiosa?

A. K. — Realmente, o sentimento religioso domina nas evocações e em nossas reuniões; mas não temos fórmula sacramental: para os Espíritos o pensamento é tudo e a forma é nada. Nós os chamamos em nome de Deus, porque cremos em Deus e sabemos que nada se faz neste mundo sem sua permissão, e, portanto, que eles não virão sem que Deus o permita; procedemos em nossos trabalhos com calma e recolhimento, porque essa é uma condição necessária para as observações, e, em segundo lugar, porque sabemos o respeito que se deve àqueles que não vivem mais sobre a Terra, qualquer que seja sua condição, feliz ou infeliz, no mundo espiritual; fazemos um apelo aos bons Espíritos, porque, conhecendo que há bons e maus, desejamos que estes últimos não venham tomar parte fraudulentamente nas comunicações que recebemos. Que prova tudo isto? Que não somos ateus, o que não quer dizer que sejamos professos de religião reformada.

Padre. — Pois bem! Que dizem os Espíritos superiores a respeito da religião? Os bons nos devem aconselhar e guiar. Suponhamos que eu não tenha religião alguma e queira escolher uma; se eu lhes pedir para aconselharem-me se devo ser católico, protestante, anglicano, quáquer, judeu, maometano ou mórmon, qual será a resposta deles?

A. K. — Há dois pontos a considerar nas religiões: os princípios gerais, comuns a todas, e os princípios particulares de cada uma delas. Os primeiros são os de que falamos há pouco; estes são proclamados por todos os Espíritos, qualquer que seja a sua classe. Quanto aos segundos, os Espíritos *vulgares*, sem ser maus, podem ter preferências, opiniões; podem preconizar esta ou aquela forma, animar certas práticas, seja por convicção pessoal, seja porque conservaram as ideias da vida terrena, seja por prudência, para não assustar as consciências timoratas. Acreditais, por exemplo, que um Espírito esclarecido, fosse mesmo Fénelon, dirigindo-se a um muçulmano, irá inabilmente dizer-lhe que Maomé é um impostor, e que ele será condenado se não se fizer cristão? Não o fará, porque seria repellido. Em geral, os Espíritos superiores, se a isso não são solicitados por alguma consideração especial, não se preocupam com essas questões de minúcia, eles se limitam a dizer: Deus é bom e justo; não quer senão o bem; a melhor de todas as religiões é aquela que só ensina o que é

conforme à bondade e justiça de Deus; que dá de Deus a maior e a mais sublime ideia e não O rebaixa emprestando-Lhe as fraquezas e as paixões da humanidade; que torna os homens bons e virtuosos e lhes ensina a amarem-se todos como irmãos; que condena todo mal feito ao próximo; que não autoriza a injustiça sob qualquer forma ou pretexto que seja; que nada prescreve de contrário às leis imutáveis da Natureza, porque Deus não se pode contradizer; aquela cujos ministros dão o melhor exemplo de bondade, caridade e moralidade; aquela que procura melhor combater o egoísmo e lisonjear menos o orgulho e a vaidade dos homens; aquela, finalmente, em nome da qual se comete menos mal, porque uma boa religião não pode servir de pretexto a nenhum mal; ela não lhe deve deixar porta alguma aberta, nem diretamente, nem por interpretação. Vede, julgai e escolhei.

Padre. — Creio que certos pontos da doutrina católica são contestados pelos Espíritos que considerais superiores; supondo mesmo que esses princípios sejam errôneos, poderá tal crença, segundo a opinião dos ditos Espíritos, ser prejudicial à salvação daqueles que, errando ou acertando, a consideram artigo de fé e a praticam?

A. K. — Certamente que não, se ela os não desviar da prática do bem, se ela antes os incitar a isso; ao passo que a mais bem fundada crença os prejudicará evidentemente, se lhes fornecer ocasião de fazer o mal, de faltar à caridade com o próximo, se ela os tornar duros e egoístas, por que então não praticam segundo a lei de Deus, e Deus olha mais os pensamentos que os atos. Quem poderá sustentar o contrário? Acreditais, por exemplo, que a fé possa ser proveitosa a um homem que, crendo perfeitamente em Deus, pratique atos inumanos ou contrários à caridade? Não haverá sempre mais culpa naquele que mais meios tinha de esclarecimento?

Padre. — Assim, o católico fervoroso, que escrupulosamente cumpre com os deveres do seu culto, não é censurado pelos Espíritos?

A. K. — Não, se isso é para ele uma questão de consciência, se ele o faz com sinceridade; sim, mil vezes sim, se for hipócrita, se só tiver piedade aparente. Os Espíritos superiores, os encarregados do progresso da Humanidade, declararam-se contra todos os abusos que podem retardar esse progresso, qualquer que seja a natureza deles e quaisquer que sejam os indivíduos ou as classes que deles se aproveitem. Ora, não se pode negar que a religião nem sempre esteve isenta de abusos; se, entre os seus ministros, há muitos que desempenham sua missão com devotamento inteiramente cristão, que a fazem grande, bela e respeitável, convireis que nem todos assim sempre compreenderam a santidade do seu ministério. Os Espíritos combatem o mal, onde quer que ele se ache; mas, assinalar os abusos da religião, será atacá-la? Ela não tem inimigos piores que aqueles que defendem esses abusos, abusos que fazem nascer o pensamento de poder ser ela substituída por outra melhor.

Se a religião corresse qualquer perigo, deveria a responsabilidade cair sobre os que dão dela falsa ideia, transformando-a em arena de paixões humanas e explorando-a em proveito de sua ambição.

Padre. — Dissestes que o Espiritismo não discute os dogmas, e, entretanto, ele admite certos pontos combatidos pela Igreja, tais como, por exemplo, a reencarnação, a aparição do homem na Terra, antes de Adão; nega a eternidade das penas, a existência dos demônios, o purgatório e o fogo do inferno.

A. K. — Já de há muito que esses pontos estão sendo discutidos; não foi o Espiritismo quem os pôs em litígio; são pontos sobre alguns dos quais há controvérsia, mesmo entre os teólogos, e que só o futuro julgará. Um grande princípio domina a todos: a prática do bem, que é a lei superior, a condição *sine qua non* do nosso futuro, como no-lo prova o estado dos Espíritos que conosco se comunicam. Enquanto a luz não se faz para vós sobre essas questões, crede, se o quiserdes, nas chamas e torturas materiais, se julgais que isso impede que pratiqueis o mal; essa crença, porém, não as tornará mais reais se elas não existirem. Acreditais que não temos mais de uma existência corporal, mas isto não impede de renascerdes aqui ou em outra parte, se assim tiver de ser, apesar de o não quererdes; credes que o mundo todo foi criado em seis vezes vinte e quatro horas, mas, apesar disso, a Terra nos apresenta a prova do contrário, escrita em suas camadas geológicas; estais convencido de haver Josué feito parar o Sol, o que não dá lugar a que deixe de ser a Terra que gira; dizeis que a data da vinda do homem à Terra não vai além de 6.000 anos: isto, porém, não priva que os fatos vos contradigam. E que direis se um dia a Geologia demonstrar, por traços patentes, a anterioridade do homem, como já tem demonstrado tantas outras coisas? Crede, pois, em tudo que vos aprouver, mesmo na existência do diabo, se tal crença vos puder tornar bom, humano e caridoso para com os vossos semelhantes. O Espiritismo, como doutrina moral, só impõe uma coisa: a necessidade de fazer o bem e evitar o mal. É uma ciência de observação que, repito, tem consequências morais, que são a confirmação e a prova dos grandes princípios da religião; quanto às questões secundárias, ele as abandona à consciência de cada um. Notai bem, reverendo, que alguns dos pontos divergentes de que acabastes de falar, não são, em princípio, contestados pelo Espiritismo. Se tivésseis lido tudo quanto tenho escrito a respeito, teríeis visto que ele se limita a dar-lhes uma interpretação mais lógica e racional do que a que vulgarmente se lhes dá. É assim, por exemplo, que ele não nega o purgatório; antes, pelo contrário, demonstra sua necessidade e justiça; vai mesmo além: ele o define. O inferno foi descrito como imensa fornalha, mas ele será assim também compreendido pela alta teologia? Evidentemente, não; ela diz muito bem que isto é uma simples figura; que o fogo que ali se consome é um fogo moral, símbolo das maiores dores. Quanto à eternidade das penas, se fosse possível pôr-

se a votos tal questão, para se conhecer a opinião íntima de todos os homens que raciocinam e se acham no caso de compreendê-la, mesmo entre os mais religiosos se veria para que lado penderia a maioria, porque a ideia de uma eternidade de suplícios é a negação da infinita misericórdia de Deus. Eis, demais, o que avança a Doutrina Espírita a tal respeito: A duração do castigo é subordinada ao melhoramento do Espírito culpado. Nenhuma condenação por tempo determinado é pronunciada contra ele. O que Deus exige, para pôr um termo aos sofrimentos, é o arrependimento, a expiação e a *reparação*; em uma palavra, um melhoramento sério e efetivo, uma volta sincera ao bem. O Espírito é assim o árbitro de sua própria sorte; sua pertinácia no mal prolonga-lhe os sofrimentos; seus esforços para fazer o bem os minoram ou abreviam. Sendo a duração da pena subordinada ao arrependimento, o Espírito culpado, que não se arrependesse e nunca se melhorasse, sofreria sempre, e para ele então a pena seria eterna. Essa eternidade de penas deve ser entendida no sentido relativo e não no absoluto. Uma condição inerente à inferioridade do Espírito é não ver o termo da sua situação e crer que há de sofrer sempre — o que é para ele um castigo. Desde que, porém, sua alma se abra ao arrependimento, Deus lhe faz entrever um raio de esperança. Esta doutrina é, por certo, mais conforme à justiça de Deus, que pune, enquanto o culpado persiste no mal, e concede-lhe graça desde que ele volte ao bom caminho. Quem imaginou essa teoria? Seríamos nós? Não; são os Espíritos que a ensinam e provam, pelos exemplos que diariamente nos fornecem. Os Espíritos não negam, pois, as penas futuras, pois que são eles mesmos que nos vêm descrever seus próprios sofrimentos; e este quadro nos toca mais que o das chamas perpétuas, porque tudo nele é perfeitamente lógico. Compreende-se que isto é possível, que assim deve ser, que essa situação é uma consequência natural das coisas; o pensador filósofo pode aceitá-lo, porque nele nada repugna à razão. Eis por que as crenças espíritas têm conduzido ao bem muita gente, mesmo entre os materialistas, aos quais não fazia moça o medo do inferno, como lhes era pintado.

Padre. — Admitindo esse raciocínio, não julgais que o vulgo precisa de imagens mais impressionantes, antes que de uma filosofia que ele não pode compreender?

A. K. — É isso um erro que tem lançado mais de um homem no materialismo, ou, pelo menos, afastado mais de um homem da religião. Chega o momento em que essas imagens não impressionam mais, e então aqueles que não aprofundam as coisas, não aceitando uma parte, rejeitam o todo, porque, dizem eles: se me ensinaram como verdade incontestável um ponto que é falso, se me deram uma imagem, uma figura, pela realidade, quem me afiança que o resto seja verdadeiro? Se, pelo contrário, a razão, crescendo, nada tem a repelir, a fé se fortifica. A religião ganhará sempre em seguir o progresso das ideias; se alguma vez ela corre perigo, é quando os homens querem avançar e ela deseja ficar estacionária. Comete um erro de época quem espera

conduzir os homens de hoje pelo medo do demônio e das torturas eternas.

Padre. — A Igreja, com efeito, reconhece hoje que o inferno material é uma figura; mas isso não exclui a existência dos demônios; sem eles, como explicar a influência do mal, que não pode vir de Deus?

A. K. — O Espiritismo não admite os demônios no sentido vulgar da palavra, porém, sim, os maus Espíritos, que não valem mais do que aqueles e que fazem igualmente o mal, suscitando maus pensamentos; somente ele diz não serem eles seres à parte, criados para o mal e perpetuamente votados a isto, espécie de párias da criação e algozes do gênero humano; são seres atrasados, ainda imperfeitos, mas aos quais Deus reservará o futuro. Nisso concorda o Espiritismo com a Igreja Católica Grega, que admite a conversão de Satã, alusão ao melhoramento dos maus Espíritos. Notai também que a palavra *demônio* não implica a ideia de mau Espírito, que lhe é dada pela acepção moderna, porque a palavra *daimónion*, grega, significa gênio, *inteligência*. Seja como for, hoje ela exprime um Espírito mau. Ora, admitir a comunicação dos maus Espíritos é reconhecer, em princípio, a realidade das manifestações. A questão está em saber se são eles os únicos que se comunicam, como afirma a Igreja para motivar a proibição, feita por ela, de se comunicar com os Espíritos. Aqui, nós invocamos o raciocínio e os fatos. Se os Espíritos, quaisquer que eles sejam, se comunicam, não pode ser senão com a permissão de Deus; é possível que Ele só o tivesse permitido aos maus? Como?! deixando a estes toda a liberdade de virem enganar os homens, Deus poderia impedir que os bons lhes viessem fazer um contrapeso, neutralizar suas doutrinas perniciosas? Crer que seja assim, não seria pôr em dúvida seu poder e bondade, e fazer de Satã um rival da Divindade? A *Bíblia*, o Evangelho, os Padres da Igreja reconhecem perfeitamente a possibilidade das comunicações com o mundo invisível, e desse mundo não estão excluídos os bons; por que, pois, havemos hoje de excluí-los? Além disso, a Igreja, admitindo a autenticidade de certas aparições e comunicações de santos, rejeita assim a ideia de só podermos entrar em relação com os maus Espíritos. Seguramente, quando nos trabalhos obtidos só encontramos coisas boas, quando nos pregam neles a mais pura e sublime moral evangélica, a abnegação, o desinteresse e o amor ao próximo; quando neles se combate o mal, qualquer que seja o aspecto sobre que se mostre, será racional crer que o Espírito maligno assim proceda?

Padre. — O Evangelho ensina que o anjo das trevas, ou Satã, se transforma em anjo de luz para seduzir os homens.

A. K. — Satã, segundo o Espiritismo e a opinião de muitos filósofos cristãos, não é um ser real; é a personificação do Mal, como Saturno era outrora a do Tempo. A Igreja apega-se à letra dessa figura alegórica; é uma questão de opinião que eu

não discutirei. Admitamos, por um instante, que Satã seja um ser real; a Igreja, à força de exagerar seu poder, tendo em vista intimidar, chega a um resultado totalmente contrário, isto é, à destruição, não somente do medo, mas também da crença em tal personagem, segundo o provérbio: Quem muito quer provar, nada prova. Ela o representa como eminentemente fino, sagaz e ardiloso, mas, na questão do Espiritismo, fá-lo desempenhar o papel de louco ou de tolo. Uma vez que seu fim é alimentar de vítimas o inferno e arrebatam almas do poder de Deus, compreende-se que se dirija àqueles que estão no bem para induzi-los ao mal, e, para tal fim, se veja obrigado a transformar-se, segundo belíssima alegoria, em anjo de luz, isto é, que ele hipocritamente simule a virtude; mas, que deixe escapar aqueles que já estavam em suas redes, é o que não se pode compreender. Os que não admitem Deus nem a alma, que desprezam a prece e vivem mergulhados no vício, são dele, quanto é possível ser-se; nada mais lhe resta fazer para sepultá-los no lamaçal; ora, excitá-los a voltar a Deus, a orar, a submeter-se à vontade do Criador, animá-los a renunciar ao mal, mostrando-lhes a felicidade dos escolhidos e a triste sorte que aguarda os maus, seria ato de um simplório, mais estúpido que o de dar liberdade a aves que estejam numa gaiola, com o pensamento de apanhá-las de novo. Há, pois, na doutrina da comunicação exclusiva dos demônios uma contradição que fere todo homem sensato; nunca se persuadirá alguém que os Espíritos que reconduzem a Deus aqueles que o renegavam, ao bem os que praticavam o mal; que consolam os aflitos, dão força e coragem aos fracos; que, pela sublimidade de seus ensinamentos, elevam a alma acima da vida material, sejam auxiliares de Satã, e que, por este motivo, se deva interdizer-nos qualquer relação com o mundo invisível.

Padre. — Se a Igreja proíbe as comunicações com os Espíritos dos mortos, é porque elas são contrárias à religião, como sendo formalmente condenadas pelo Evangelho e por Moisés. Este último, pronunciando a pena de morte contra essas práticas, prova quanto elas são repreensíveis aos olhos de Deus.

A. K. — Peço-vos perdão, mas essa proibição não se encontra em parte alguma do Evangelho; ela se acha somente na lei moisaica. Trata-se de saber se a Igreja coloca a lei moisaica acima da evangélica; assim será, por certo, se ela for mais judaica que cristã. Devemos mesmo notar que, de todas as religiões, é a judaica a que faz menos oposição ao Espiritismo, contra cujas evocações ela não invocou a lei de Moisés, em que se apoiam as seitas cristãs. Se as prescrições bíblicas são o código da fé cristã, por que proíbem a leitura da *Bíblia*? Que diriam se se proibisse a um cidadão o estudo do código das leis do seu país? A proibição feita por Moisés tinha então a sua razão de ser, porque o legislador hebreu queria que o seu povo rompesse com todos os hábitos trazidos do Egito, e de entre os quais o de que tratamos era objeto de abusos. Não se evocava então os mortos pelo respeito e afeição tributados a eles,

nem com o sentimento de piedade, mas, sim, como meio de adivinhar, como objeto de tráfico vergonhoso, explorado pelo charlatanismo e pela superstição; nessas condições, Moisés teve razão de proibi-lo. Se ele pronunciou contra esse abuso uma penalidade severa, é que eram precisos meios rigorosos para conter esse povo indisciplinado; também quanto à pena de morte, era pródiga a sua legislação. É, pois, um erro apoiar-se na severidade do castigo para provar-se o grau de culpabilidade da evocação dos mortos. Se a interdição da evocação aos mortos vem do próprio Deus, como a Igreja pretende, deve também ser Deus quem marcou a pena de morte contra os delinquentes. Esta pena passa a ter uma origem tão sagrada como a interdição; neste caso, por que não a conservam também? Todas as leis de Moisés são promulgadas em nome e por ordem de Deus; se creem que Deus seja o autor delas, por que não as observam ainda? Se a lei de Moisés é para a Igreja um artigo de fé sobre um ponto, por que deixa de sê-lo sobre os outros todos? Por que recorrem a ela naquilo de que precisam, e repelem-na no que não julgam conveniente? Qual o motivo de não seguirem todas as suas prescrições, entre outras a da circuncisão, a que Jesus se sujeitou e que não aboliu? Havia na lei moisaica duas partes: 1^a, a lei de Deus, resumida nas tábuas do Sinai; lei que foi conservada porque é divina, e o Cristo não fez mais que desenvolvê-la; 2^a, a lei civil ou disciplinar, apropriada aos costumes do tempo, e que o Cristo aboliu. Hoje as circunstâncias são outras, e a proibição de Moisés já não tem razão de ser. Além disso, se a Igreja proíbe a evocação dos Espíritos, poderá também impedir que eles venham sem ser chamados? Não estamos vendo diariamente manifestações de todos os gêneros, entre pessoas que nunca se ocuparam com o Espiritismo? e antes de ele ser divulgado não se davam tantas delas? Outra contradição: Se Moisés proibiu evocar os Espíritos dos mortos, é uma prova de que eles podem vir; do contrário essa interdição seria inútil. Se, em seu tempo, podiam eles entrar em relação com os homens, ainda hoje o podem, e, se são Espíritos de mortos, não são exclusivamente demônios. Antes de tudo, devemos ser lógicos.

Padre. — A Igreja não nega que bons Espíritos possam comunicar-se, pois reconhece que os santos também se têm manifestado; ela, porém, não considera bons aqueles que vêm contradizer seus princípios imutáveis. Os Espíritos ensinam, é verdade, que há penas e recompensas futuras, porém, de modo diverso do que ela ensina; só ela pode julgar o que eles pregam e, portanto, distinguir os bons dos maus.

A. K. — Eis a magna questão. Galileu foi acusado de heresia e de ser inspirado pelo demônio, porque vinha revelar uma lei da Natureza, provando o erro de uma crença julgada inatacável, e, então, foi condenado e excomungado. Se os Espíritos tivessem, sobre todos os pontos, abundado no sentido exclusivo da Igreja, se eles não proclamassem a liberdade de consciência e não condenassem certos abusos, teriam sido todos bem-vindos e não os qualificariam de demônios. Tal é também a razão

por que todas as religiões, os muçulmanos como os católicos, crendo-se na posse exclusiva da verdade absoluta, olham como obra do demônio qualquer doutrina que não é inteiramente ortodoxa, do seu ponto de vista. Ora, os Espíritos vêm, não derrubar a religião, mas, como Galileu, revelar-nos novas leis da Natureza. Se alguns pontos de fé sofrem com isto, é porque, como na velha crença de girar o Sol ao redor da Terra, estão em contradição com essas leis. A questão está em saber se um artigo de fé pode anular uma lei natural, que é obra de Deus; e se, sendo essa lei reconhecida, não será mais racional adaptar a interpretação do dogma a ela, do que atribuí-la ao demônio.

Padre. — Deixemos a questão dos demônios; bem sei que ela é diversamente interpretada pelos teólogos; porém, o sistema da reencarnação parece-me mais difícil de conciliar com os dogmas, pois que ele não é mais que a renovação da metempsicose de Pitágoras.

A. K. — Não é esta a ocasião própria de discutir uma questão que exige tão longos desenvolvimentos: vós a encontrareis tratada em *O Livro dos Espíritos* e em *O Evangelho segundo o Espiritismo* (vede *O Livro dos Espíritos*, no 166 e seg., 222 e seg. e 1.010; *O Evangelho*, caps. IV e V); não acrescentarei senão duas palavras. A metempsicose dos antigos consistia na transmigração da alma do homem nos animais, o que implica uma degradação. Demais, essa doutrina não era o que vulgarmente se crê. A transmigração pelos corpos dos animais não era considerada como condição inerente à natureza da alma humana, mas como punição temporária; é assim que se admitia que as almas dos assassinos iam habitar os corpos dos animais ferozes, para neles receberem castigos; as dos impudicos, os porcos e javalis; as dos inconstantes e estouvados, os das aves; as dos preguiçosos e ignorantes, os dos animais aquáticos. Depois de alguns milhares de anos, mais ou menos, conforme a culpabilidade, a alma, saindo dessa espécie de prisão, voltava à humanidade. A encarnação animal não era, pois, uma condição absoluta; ela, como se vê, aliava-se à encarnação humana, e a prova é que a punição dos homens tímidos consistia em passar a corpos de mulheres, expostas ao desprezo e às injúrias. (Vede *Pluralidade das existências da alma*, por Pezzani.) Era uma espécie de espantinho para os simples, antes que um artigo de fé para os filósofos. Assim como dizemos às crianças: “Se fordes más, o lobo vos comerá”, os antigos diziam aos criminosos: “Vós vos tornareis em lobos”, e hoje se diz: “O diabo vos agarrará e levará para o inferno”. A pluralidade das existências, segundo o Espiritismo, difere essencialmente da metempsicose, em não admitir aquele a encarnação da alma humana nos corpos de animais, mesmo como castigo. Os Espíritos ensinam que a alma não retrograda, mas progride sempre. Suas diferentes existências corpóreas se cumprem na humanidade, sendo cada uma um passo que a alma dá na senda do progresso intelectual e moral; o que é coisa muito diversa

da metempsicose. Não podendo adquirir um desenvolvimento completo em uma só existência, muitas vezes abreviada por causas acidentais, Deus lhe permite continuar, em nova encarnação, o que ela não pôde acabar em outra, ou recomeçar o que fez errado. A expiação na vida corporal consiste nas tribulações que nela sofremos. Quanto à questão de saber se a pluralidade das existências da alma é ou não contrária a certos dogmas da Igreja, limito-me a dizer o seguinte: Ou a reencarnação existe, ou não; se existe, é uma lei da Natureza. Para provar que ela não existe, seria necessário demonstrar que vai de encontro, não aos dogmas, mas a essas leis, e que há outra mais clara e logicamente melhor que ela, explicando as questões que só ela pode resolver. Além disso, é fácil demonstrar que certos dogmas encontram nela sanção racional, hoje aceitos por aqueles que os repeliam outrora, por falta de compreensão. Não se trata, pois, de destruir, mas de interpretar; é o que pela força das coisas será feito mais tarde. Aqueles que não queiram aceitar a interpretação ficam perfeitamente livres, como ainda hoje o são, de crer que é o Sol que gira ao redor da Terra. A ideia da pluralidade das existências se vulgariza com pasmosa rapidez, em razão de sua extrema lógica e conformidade com a justiça de Deus. Quando ela for reconhecida como verdade natural e aceita por todos, que fará a Igreja? Em resumo: a reencarnação não é um sistema imaginado para satisfação das necessidades de um ideal, nem uma opinião pessoal; é ou não um fato. *Se está demonstrado que certos efeitos existentes são materialmente impossíveis sem a reencarnação, é preciso admitirmos que eles são a consequência desta; logo, se está em a Natureza, não pode ser anulada por uma opinião contrária.*

Padre. — Segundo os Espíritos, quem não crê neles nem nas suas manifestações, deve ser menos aquinhoado na vida futura?

A. K. — Se esta crença fosse indispensável à salvação dos homens, que seria daqueles que, desde o começo do mundo, não tiveram possibilidade de possuí-la, bem como daqueles que, durante ainda muito tempo, morrerão sem tê-la? Poderá Deus cerrar-lhes as portas do futuro? Não; os Espíritos que nos instruem não são assim tão pouco lógicos; eles nos dizem: Deus é soberanamente justo e bom, não faz a sorte futura do homem subordinar-se a condições alheias à vontade deste; eles não nos pregam que fora do Espiritismo não possa haver salvação, mas sim, como o Cristo: *Fora da caridade não há salvação.*

Padre. — Permitti-me, então, dizer-vos que, desde que os Espíritos só ensinam os princípios de moral encontrados no Evangelho, não vejo qual possa ser a utilidade do Espiritismo, visto como antes que este viesse e hoje, sem ser por ele, podíamos e podemos alcançar a salvação. Não seria o mesmo se os Espíritos viessem ensinar algumas grandes verdades novas, alguns desses princípios que mudam a face do

mundo, como fez o Cristo. Ao menos o Cristo era só, sua doutrina era única, ao passo que os Espíritos se contam por milhares e se contradizem, uns dizendo que é branco o que outros afirmam ser negro; do que resulta que, já desde o começo, seus partidários formam muitas seitas. Não seria melhor deixarmos os Espíritos tranquilos e contentarmo-nos com o que já temos?

A. K. — Errais, meu amigo, em não sair do vosso ponto de vista e em considerar sempre a Igreja como o único critério dos conhecimentos humanos. Se o Cristo disse a verdade, o Espiritismo não podia dizer outra coisa, e em vez de por isso apedrejá-lo, deve-se acolhê-lo como poderoso auxiliar, que vem confirmar, por todas as vozes de Além-Túmulo, as verdades fundamentais da religião, combatidas pela incredulidade. Que o materialismo o combata, explica-se facilmente; mas que a Igreja se ligue ao materialismo contra ele, é um fato menos concebível. Igualmente inconsequente é ela quando qualifica de demoníaco um ensino que se apoia sobre a mesma autoridade e que proclama a missão divina do fundador do Cristianismo. O Cristo teria dito, teria revelado tudo? Não; visto que ele próprio disse: “Eu teria ainda muitas coisas a dizer-vos, mas vós não podeis compreendê-las, é por isso que eu vos falo em parábolas.” O Espiritismo vem hoje, época em que o homem está maduro para compreendê-lo, completar e explicar o que o Cristo propositadamente não fez senão tocar, ou não disse senão sob a forma alegórica. Direis, sem dúvida, que à Igreja competia dar essa explicação. Mas, qual delas? a romana, a grega ou a protestante? Como não estão elas de acordo, cada uma explicaria a seu modo e reivindicaria o privilégio de dar essa explicação. Qual delas conseguiria arrebanhar todos os dissidentes? Deus, que é sábio, prevendo que os homens iriam nela enxertar suas paixões e prejuízos, não lhes quis confiar o cuidado desta nova revelação: deu-a aos Espíritos, seus mensageiros, que a proclamaram por todos os pontos do globo, fora dos limites particulares de qualquer culto, a fim de que ela possa aplicar-se a todos, e nenhum a transforme em objeto de exploração. Por outro lado, os diversos cultos cristãos não se terão, em coisa alguma, apartado do caminho traçado pelo Cristo? Seus preceitos de moral serão escrupulosamente observados? Não se lhe têm desnaturado as palavras, a fim de que possam servir de apoio à ambição e às paixões humanas, quando elas lealmente condenam isso? Ora, o Espiritismo, pela voz dos Espíritos enviados de Deus, vem chamar, à estrita observância de seus preceitos, aqueles que dela se arredam; será por isso que o qualificam de obra satânica? Vós vos iludis dando o nome de *seitas* a algumas divergências de opiniões relativas aos fenômenos espíritas. Não é de admirar que no começo de uma ciência, quando ainda as observações eram incompletas para muitos, tenham surgido teorias contraditórias; essas teorias, porém, repousam sobre pontos de minúcias e não sobre o princípio fundamental. Podem constituir *escolas* que expliquem certos fatos a seu modo, porém, não são seitas, como não o são os diferentes sistemas que dividem os sábios nas ciências exatas: em medicina, em física etc. Riscas, pois, a

palavra seita, que é imprópria ao nosso caso. A quantas seitas não tem o Cristianismo dado nascimento, desde a sua origem? Por que não teve bastante poder a palavra do Cristo para impor silêncio a todas as controvérsias? Por que é ela suscetível de interpretações que ainda hoje dividem os cristãos em diferentes igrejas, pretendendo todas elas possuir exclusivamente a verdade necessária à salvação, detestando-se intimamente e anatematizando-se em nome do seu divino Mestre, que não pregou senão o amor e a caridade? Fraqueza dos homens, direis vós. Seja; então, como quereis que o Espiritismo triunfe subitamente dessa fraqueza, transforme a Humanidade como por encanto? Vamos à questão da utilidade. Dizeis que o Espiritismo nada revela de novo. É um erro: ele ensina, ao contrário, muito àqueles que não se limitam a um estudo superficial. Não fizesse ele mais que substituir a máxima: *Fora da caridade não há salvação*, que reúne os homens, àquela: *Fora da Igreja não há salvação*, que os divide, para que a sua vinda marcasse uma nova era à Humanidade. Dissestes que se podia passar sem ele; concordo, como também se podia passar sem muitas das descobertas científicas. Os homens certamente viviam bem, antes da descoberta de todos os novos planetas, antes que se tivesse calculado os eclipses, antes que se conhecesse o mundo microscópico e cem outras coisas; o camponês para viver e fazer germinar o trigo, não tem necessidade de saber o que é um cometa, e, entretanto, ninguém nega que todas essas coisas alargam o círculo das ideias e nos fazem compreender melhor as leis da Natureza. Ora, o mundo dos Espíritos é uma dessas leis que o Espiritismo nos faz conhecer; ele nos ensina a influência que esse mundo exerce sobre o corpóreo. Suponhamos que a isso se limitasse a sua utilidade, já não seria muito a revelação de tal potência? Vejamos, agora, a sua influência moral. Admitamos que ele nada ensine, sob este ponto de vista; qual o maior inimigo da religião? O materialismo, porque o materialista não crê em coisa alguma; ora, o Espiritismo é a negação do materialismo, que já não tem razão de ser. Não é mais pelo raciocínio, pela fé cega que se diz ao materialista que nem tudo se acaba com o corpo; é pelos fatos que se lhe mostram visíveis e palpáveis. Não será isso um pequeno serviço prestado à humanidade e à religião? Porém não é ainda tudo: a certeza da vida futura, o quadro vivo daqueles que nos precederam nela, mostram a necessidade do bem e as consequências inevitáveis do mal. Eis por que, sem ser uma religião, o Espiritismo se prende essencialmente às ideias religiosas, desenvolve-as naqueles que não as possuem, fortifica-as nos que as têm incertas. A religião encontra, pois, um apoio nele, não para as pessoas de vistas estreitas, que a veem integralmente na doutrina do fogo eterno, na letra mais que no espírito, mas para aqueles que a veem segundo a grandeza e a majestade de Deus. Em uma palavra, o Espiritismo engrandece e eleva as ideias; combate os abusos engendrados pelo egoísmo, a cobiça, a ambição; mas quem terá a coragem de defendê-los e se declararem seus campeões? Se ele não é indispensável à salvação, facilita-a firmando-nos no caminho do bem. Além disso, que homem sensato ousará

avançar que a falta de ortodoxia é mais repreensível, aos olhos de Deus, que o ateísmo ou o materialismo? Apresento claramente as questões seguintes, a quantos combatem o Espiritismo, sob o ponto de vista de suas consequências religiosas:

1ª Quem terá melhor quinhão na vida futura — aquele que não crê em coisa alguma, ou aquele que, crente das verdades gerais, não admite certas partes do dogma?

2ª O protestante e o cismático serão confundidos na mesma reprovação que o ateu e o materialista?

3ª O que não é ortodoxo, no rigor da palavra, mas faz o bem que pode, que é bom e indulgente para com o próximo, leal em suas relações sociais, deve contar menos com a salvação, do que aquele que crê em tudo, mas é duro, egoísta e baldo de caridade?

4ª Qual terá mais valor aos olhos de Deus: a prática das virtudes cristãs sem a dos deveres da ortodoxia, ou a destes últimos sem a da moral?

Respondi, senhor abade, às questões e objeções que me dirigistes, mas, como vo-lo disse no começo, sem intenção alguma preconcebida de conduzir-vos às nossas ideias e de mudar as vossas convicções, limitando-me tão-somente a fazer-vos encarar o Espiritismo sob seu verdadeiro aspecto. Se não tivésseis vindo, eu não vos teria ido procurar. Não quer isto dizer que desprezásemos a vossa adesão aos nossos princípios, caso ela se verificasse; longe disso; julgamo-nos sempre felizes pelas aquisições que fazemos, as quais têm para nós tanto maior valor quanto mais livres e voluntárias são. Não só não temos o direito de exercer constrangimento sobre quem quer que seja, como também sentiríamos escrúpulo em ir perturbar a consciência dos que, tendo crenças que os satisfazem, não venham espontaneamente ao nosso encontro. Dissemos que o melhor meio de se esclarecer sobre o Espiritismo é estudarem previamente a teoria; os fatos virão depois, naturalmente, e serão facilmente compreendidos, qualquer que seja a ordem em que as circunstâncias os façam vir. As nossas publicações são feitas no intuito de favorecer esse estudo; eis aqui a ordem que aconselhamos. A primeira leitura a fazer-se é a deste resumo, que apresenta o conjunto e os pontos mais salientes da ciência; com isso, pois, já se pode fazer dela uma ideia e ficar-se convencido de que, no fundo, existe algo de sério. Nesta rápida exposição esforçamo-nos por indicar os pontos sobre que particularmente se deve fixar a atenção do observador. A ignorância dos princípios fundamentais é a causa das falsas apreciações da maioria daqueles que querem julgar o que não compreendem, ou que se baseiam em ideias preconcebidas. Se desta leitura nascer o desejo de continuar, deve-se ler *O Livro dos Espíritos*, onde os princípios da doutrina estão completamente

desenvolvidos; depois, *O Livro dos Médiuns*, para a parte experimental, destinado a servir de guia aos que desejarem operar por si mesmos, como aos que quiserem bem compreender os fenômenos. Vêm depois as diversas obras onde são desenvolvidas as aplicações e as consequências da doutrina, como: *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno ou a justiça divina segundo o espiritismo* etc.

ÍNDICE REMISSIVO

3A Institute, 105

Aderência, 35

Adonai, 53

Alan Turing, 131

Alcorão, 51

Alegações, 35

Arimã, 58

astah, 135

Autoanálise, 88

Autocrítica, 88

Bíblia, 51

C.G. Jung, 100

Chave indexadora, 55

ciKi, 49

compreensão, 89

conceitualização, 132

Congresso Internacional Locarno, 93

Contradições, 68

Cântico dos Cânticos, 108

Dialógica, 79

Eloim, 53

Endurants, 135

Ente, 119

Escrituralidade, 52

Expressões-limite, 173

Fazeres, 99

Filósofos, 95

GitHub, 162

Guerra santa, 67

Identificador, 55

Indústria 4.0, 96

Inteligência Artificial, 131

Javé, 53

Jeová, 53

Johannes Duns Scotus, 119

John McCarthy, 131

João Evangelista, 108

Kaggle data set, 58

McM, 161

Memorare, 49

MIT, 131

Ocultismo, 45

Ontobras, 49

OntoM, 161

Oromaz, 58

Pai César, 45

Papa João Paulo II, 44

Paralellus, 49

Parliament of the World's Religions, 70

Parábolas, 173

Perdurants, 135

Poderes, 99

PPGEGC, 35, 46

René Descartes, 78

Sistema, 81

Site OntoM.org, 162

Sociedade 5.0, 96

Tanakh, 51

Teilhard de Chardin, 81

Torá, 53

Três pilares da TD, 93

UNISUL, 49